

# GEOgrafias de SUZANNE DAVEAU

MARIA FERNANDA ALEGRIA

COLABORAÇÃO

FRANÇOISE RENTZSCH

SYLVIE RIMBERT

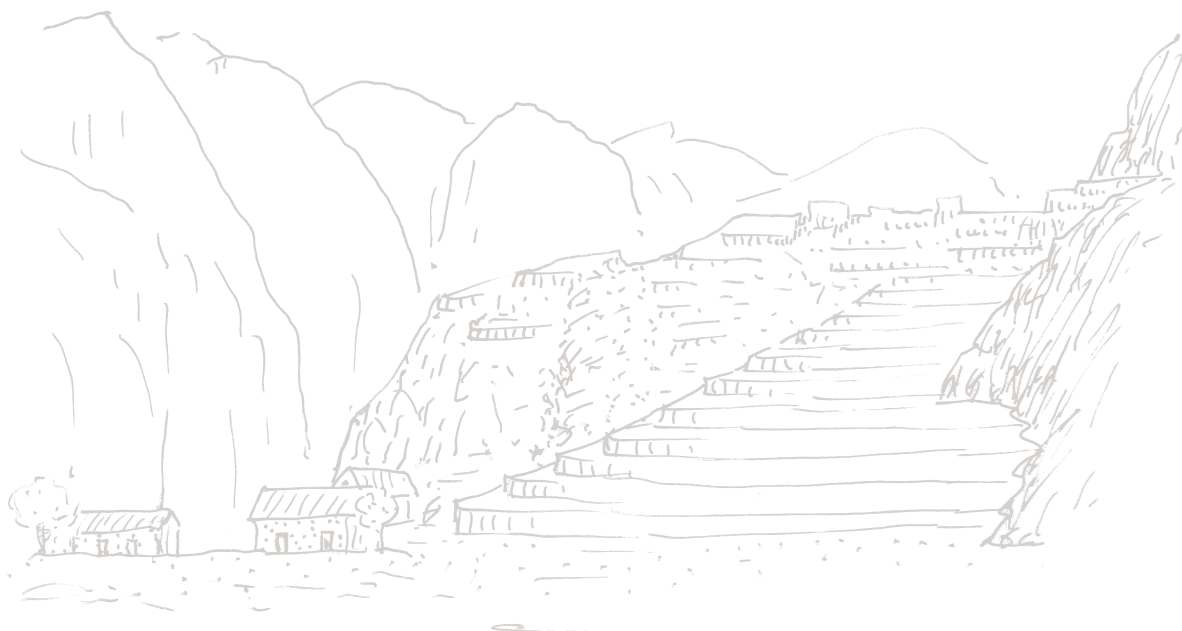
BODO FREUND

JOÃO CARLOS GARCIA



Centro de Estudos Geográficos  
Lisboa, 2015

# GEOgrafias de SUZANNE DAVEAU





# **GEO**grafias de **SUZANNE DAVEAU**

**Maria Fernanda Alegria**

COLABORAÇÃO

Françoise Rentzsch

Sylvie Rimbert

Bodo Freund

João Carlos Garcia

**Centro de Estudos Geográficos  
Lisboa, 2015**

**TÍTULO**

GEOgrafias de SUZANNE DAVEAU

**AUTOR**

Maria Fernanda Alegria

**COLABORAÇÃO**

Françoise Rentzsch; Sylvie Rimbart; Bodo Freund; João Carlos Garcia

**FOTOGRAFIAS**

Suzanne Daveau, depositadas na Fototeca do Centro de Estudos Geográficos e arquivo pessoal

**DESIGN E PAGINAÇÃO**

José Domingues

**CAPA**

Sofia Alegria Silva

**IMPRESSÃO**

GRECA

**EDIÇÃO**

Centro de Estudos Geográficos  
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território  
Universidade de Lisboa  
<http://www.ceg.ul.pt>

APOIO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

**ISBN** 978-972-636-252-4

**DEPÓSITO LEGAL** 394 571/15

**TIRAGEM** 500 exemplares

Capa e página 1:

Ollantaytombo, Perú, 2005 (desenho de Suzanne Daveau)



<b>Introdução</b> . . . . .	00
-----------------------------	----

## **AS GRANDES ETAPAS DE VIDA**

### **I. França: família e formação**

1. Infância e juventude . . . . .	00
2. Os anos de formação . . . . .	00

### **II. O ciclo africano**

1. Os primeiros anos em África . . . . .	00
2. Senegal: docência e investigação . . . . .	00
3. Pesquisas noutros países africanos . . . . .	00

### **III. Portugal: investigação e ensino**

1. De África para a Europa . . . . .	00
2. A vida científica na Universidade de Lisboa . . . . .	00
3. V. Lobos: pesquisa pessoal e dedicada a O. Ribeiro . . . . .	00

### **Anexos**

1. Publicações de Suzanne Daveau . . . . .	00
2. Cronologia das principais viagens . . . . .	00
3. Alguns esboços de campo . . . . .	00

<b>A GEOGRAFIA VISTA POR SUZANNE DAVEAU</b> . . . . .	00
---	----

## **OLHARES**

<b>Recordações da nossa infância</b> . . . . .	00
FRANÇOISE RENTZSCH	

<b>Cafe-Geo em Belleville</b> . . . . .	00
SYLVIE RIMBERT	

<b>Cinquenta anos de encontros (...)</b> . . . . .	00
BODO FREUND	

<b>Os mapas antigos de Suzanne Daveau</b> . . . . .	00
JOÃO CARLOS GARCIA	

<b>Índice de figuras</b> . . . . .	00
------------------------------------	----

## AGRADECIMENTOS

Entre as pessoas que das mais diversas formas me ajudaram na preparação desta obra quero deixar o meu reconhecimento especial à Professora Suzanne Daveau, por me facilitar generosamente a consulta de muitos documentos e aos convidados que colaboraram neste livro: Françoise Rentzsch, a irmã, Sylvie Rimbart, amiga dos tempos em que ambas frequentavam a Sorbonne, Bodo Freund, que conheceu o casal Daveau-Ribeiro em Lisboa na década de 1960 e não mais os esqueceu e João Carlos Garcia, o seu erudito e amigo discípulo. Outras pessoas, de forma generosa, ajudaram-me também. M. Manuela Alegria Silva, Jorge Silva e Sofia Alegria Silva, respectivamente irmã, cunhado e sobrinha. Também um obrigado especial a M. da Graça Almeida e a Rute Vieira. À Direcção do CEG, e do IGOT e ao Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian fica o apreço pelo apoio à edição.

MARIA FERNANDA ALEGRIA

# Introdução

“Não há ciência, não há progresso no conhecimento sem amor, sem paixão, sem identificação mais ou menos profunda do investigador com o objecto de estudo, mesmo quando se trata de um tema aparentemente desprovido de vida, como a evolução de uma vertente ou a génese de um aguaceiro. Pode-se, talvez, aplicar rotineiramente uma técnica com pura objectividade, não se pode com certeza, descobrir algo de novo sem que o investigador se implique por completo no tema que tenta elucidar.”

SUZANNE DAVEAU, 1998: 61

Uma cientista que completa 90 anos em Julho de 2015 tem naturalmente uma história diversificada, que originou representações distintas nas pessoas com quem conviveu ao longo da vida. Seja qual for a imagem construída por cada um, vale a pena reavivar essa memória, não só pelo valor de Suzanne Daveau como investigadora – cuja modéstia não tem facilitado o seu reconhecimento público –, como pela generosidade que manifesta para com quem a ela recorre. Se os seus escritos são conhecidos, há facetas quase ignoradas da sua vida como geógrafa, que aqui se procuram de alguma forma desvendar. Entre elas o inestimável valor do seu espólio fotográfico, conservado na fototeca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (CEG), alguns dos seus mapas, bem como desenhos e pinturas, quase desconhecidos no exterior do seu meio familiar próximo<sup>1</sup>.

Nascida em Paris em 1925, Suzanne Daveau passou a considerar Portugal o seu “novo País” quando em 1965 aqui se instalou. Nessa altura tinha já um percurso profissional de reconhecido mérito. De facto, depois de se licenciar em Geografia na Sorbonne (1947), trabalhou vários anos em França. Obtido o doutoramento (1957), o gosto de conhecer o Mundo levou-a a aceitar um lugar na Universidade de Dakar, no Senegal, onde ficaria até 1964. A saída de África deveu-se ao desejo de se aproximar de Orlando Ribeiro, que tinha conhecido em 1960 num Congresso da União Geográfica Internacional na Suécia.

Em Portugal o nome de Suzanne Daveau tem estado indissociavelmente ligado ao de Orlando Ribeiro. O etnólogo Manuel Viegas Guerreiro, amigo do casal, dizia

<sup>1</sup> É curioso assinalar que a obra fotográfica de Orlando Ribeiro só nos anos 90 foi divulgada no exterior da Universidade, por iniciativa de Jorge Gaspar e de M. Teresa Siza. O catálogo *Orlando Ribeiro. Finisterra. Encontros de Fotografia* (1994), na sequência da exposição realizada em Coimbra, tem textos introdutórios de M. Teresa Siza “Finisterra. Imagens de Orlando Ribeiro”, de Jorge Gaspar “O olhar do Geógrafo” e de Suzanne Daveau “As andanças de Orlando Ribeiro”. Também parte das peças gráficas de Suzanne Daveau constituirão uma agradável surpresa, mesmo para a comunidade geográfica

num texto no número 63 de *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia* (1997), publicado depois de ela ter deixado de leccionar como Professora Catedrática Convidada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: “A sombra agigantada de seu marido vai-a apagando um pouco, mesmo sem ele querer, e quer queiramos quer não”. Esta frase, de um etnólogo e colega no Departamento de Geografia, diz quase tudo sobre a forte influência de Orlando Ribeiro (1911-1997) sobre os geógrafos portugueses, incluindo a esposa, que ficou um pouco apagada atrás dessa figura ímpar “mesmo sem ele querer” e, pode afirmar-se, porque ela assim quis, embora mantendo forte autonomia científica.

Se a maior parte das numerosas publicações de cada um são difundidas em nome individual, boa parte das que foram assinadas conjuntamente são fruto do trabalho de Suzanne Daveau, sobretudo as publicadas após o acidente de saúde sofrido por Orlando Ribeiro em 1986, isto é, há quase 30 anos. Deste labor desinteressado da esposa quase não se fala. Diga-se em boa verdade, que poucos o conhecem. Por isso vale a pena consultar a lista de publicações da geógrafa posteriores ao falecimento de Orlando Ribeiro (1997), para se verificar... como ele continuou a publicar depois desse ano (Anexo 1).

Fosse francesa ou portuguesa, a mulher tinha, ou devia ter, lugar subalterno face ao homem – mesmo neste século em boa parte do mundo, incluindo alguns países da Europa. A “condição feminina” atravessou-se várias vezes no percurso profissional de Suzanne Daveau. Segundo ela, venceu esses obstáculos porque trabalhou para isso. Ultrapassou-os porque mereceu, não por ser do sexo feminino. Nunca quis aceitar que o facto de ser mulher a inferiorizasse.

Mas o que teria empurrado uma geógrafa parisiense a vir para Portugal em meados dos anos 60 e instalar-se aqui definitivamente? Como e porquê se escolhe viver num país pobre, sob um regime ditatorial, isolado do Mundo e da florescente Europa na sequência do fim da Segunda Grande Guerra? Porque abandonou ela África, um continente que amava e onde tinha um lugar seguro e bem remunerado na Universidade de Dakar? Claro que a resposta não podia deixar de ser Orlando Ribeiro. Um sábio geógrafo sem dúvida, mas sobretudo o amor da sua vida.

O que fez ela profissionalmente, antes de passar a viver com esse grande vulto da ciência portuguesa, e o que fez depois, ao instalar-se num país atrasado e isolado, com costumes de antanho, para ela desconhecido até na língua? Como se adaptou a um Portugal que acabava de começar uma guerra colonial em África, onde ela tinha vivido com tanto gosto e liberdade para trabalhar, num país (Senegal) que acabava de adquirir a independência de França, seu país natal? E como conseguiu superar – se é que superou –, essa sombra agigantada do marido?

Este livro foi construído por alguém que nunca foi sua aluna em disciplinas da licenciatura em Geografia na Universidade de Lisboa. Apesar disso aproveitei do seu saber no decurso de tantos anos e em tão múltiplas circunstâncias, que considerei meu dever prestar-lhe esta homenagem nos seus 90 anos – o que fiz com muito

gosto. Embora outros o pudessem fazer com mais qualidade, não tiveram a ousadia, o tempo ou a vontade, de se abalançar a isso. Há que lembrar que muitos geógrafos seus amigos lhe tinham já prestado homenagem, ao colaborarem no número 63 de *Finisterra. Revista portuguesa de Geografia* (1997), preparado em sua honra após a reforma (1993), ou juntando-se a ela em iniciativas posteriores. Lembro, entre outras, a preciosa ajuda da Directora da Biblioteca Nacional de Portugal, Doutora Inês Cordeiro, e da Dr.<sup>a</sup> Maria Joaquina Feijão, aí responsável pelas áreas de Cartografia e Iconografia, na construção do sítio [www.orlando-ribeiro.info](http://www.orlando-ribeiro.info). Sem o empenho e profissionalismo destas duas pessoas, que se tornariam suas amigas, a divulgação mundial da vida profissional de Orlando Ribeiro não teria sido possível com a qualidade científica e estética que apresenta.

A imagem que guardo da Professora Suzanne Daveau, quando pelos anos 1967-68 a conheci, é bastante diferente da de hoje. Para mim e os meus colegas de então era uma senhora “francesa”, muito activa, sábia e exigente, que falava mal português, esposa de Orlando Ribeiro, professor que todos respeitávamos e de quem tínhamos algum receio<sup>2</sup>. Cruzava-me ocasionalmente com ela nos corredores do CEG, mas não ousava aproximar-me. Essa timidez era comum a muitos alunos. Um professor universitário estrangeiro estava para nós num limiar quase inacessível.

Nos anos 50 e 60 os estrangeiros, particularmente os universitários, eram vistos em Portugal como privilegiados e tratados deferentemente. Olhávamo-los como habitantes de países ricos, com regimes democráticos, que podiam falar abertamente do que quisessem onde quer que fosse, deslocar-se para onde desejassem, ler os livros que entendessem sem saber o que era “estar no índice”, ver os filmes que houvesse sem censura, etc. Recorde-se que uma mulher só podia sair de Portugal com licença do marido e que eram poucas as famílias que podiam permitir-se ir ao estrangeiro – muito menos aí instalar-se livremente ou passar férias.

Portanto, Suzanne Daveau era para nós uma privilegiada, e um tanto distante ... por culpa nossa. Dominávamos razoavelmente o francês, mas praticávamo-lo oralmente tão pouco, que aproximarmo-nos dela era uma aventura. Se, nesses tempos, isso podia constituir justificação para um certo acanhamento, nos dias de hoje ela considera estranho que haja quem a tenha como inacessível, ou distante. Convenhamos que tem razão, atendendo à sua simplicidade e à generosidade para com quem dela se aproxima. Vale por isso recordar uma frase do poeta italiano Giacomo Leopardi (1738-1837): “É curioso ver que quase todos os homens de grande valor têm maneiras simples; e que quase sempre as maneiras simples são tomadas como indício de pouco valor.”

<sup>2</sup> Sendo Orlando Ribeiro uma pessoa habitualmente afável, com quem era muito agradável conviver e ir para o campo, podia ocasionalmente mostrar vivamente a sua fúria. O episódio da cadeira que, num desses dias, voou pela janela era famoso e, ao mesmo tempo, um tanto intimidante.

Deve ter sido no trabalho de campo que muitos de nós aprendemos a estabelecer com ela uma relação próxima, além de proveitosa. No início dos anos 70 orientou vários estágios, os mais importantes dos quais nos Verões de 1970 e 1971 na Cordilheira Central, dando continuidade às investigações aí iniciadas na década de 40 por Orlando Ribeiro e Pierre Birot<sup>3</sup>. Foram Verões interessantes porque aprendemos muito e, ao mesmo tempo, bastante cheios. O dia começava cedo e acabava tarde, preenchido com longas caminhadas por colinas e vales que não conhecíamos, sendo preciso que nos orientássemos por conta própria com os mapas topográficos na escala de 1:25.000 e as cartas geológicas que existissem a escalas menos pormenorizadas. Para nós, ainda alunos e com pouca experiência de campo, era uma autêntica aventura.

Divididos em grupos, os alunos tinham tarefas específicas, numa dada porção da serra: fazer o levantamento geológico do espaço atribuído, com base na observação local e nos levantamentos que existissem. Fazíamos também recolha de amostras de rochas e de sedimentos e assinalávamos os locais que nos levantassem dúvidas. Num sítio previamente acordado, todos nos encontrávamos a dada hora para o almoço: uma merenda preparada na pensão da Lousã onde estávamos instalados, nem sempre muito saborosa, numa pausa demasiado rápida para os nossos hábitos. O calor intenso tornava os dias mais cansativos. Chegávamos à pensão ao fim do dia, para um duche e o jantar. O banho devia ser rápido, de acordo com os conselhos do idoso casal proprietário da pensão: “não façam como os caixeiros-viajantes que ficam com a água a correr enquanto se ensaboam”. Quanto ao jantar, foi preciso recebermos um dia a visita da então Assistente Teresa Barata Salgueiro, para que os donos da casa a ouvissem dizer com determinação: “A comida é pouca para quem é jovem e anda todo o dia na serra. Por favor reforcem as quantidades”.

A dura experiência de campo de Suzanne Daveau em África fez-nos por vezes “passar as passas do Algarve”, quando não podíamos tomar café às horas que queríamos (muitas ao longo do dia), quando o almoço tinha de ser tomado a correr, quando nas íngremes vertentes perdíamos o fôlego para a acompanhar, pois não podíamos atrasar-nos por muito calor ou chuva que houvesse. Mas temos de reconhecer que os seus duros hábitos africanos se foram suavizando e as cedências aos hábitos portugueses foram aumentando.

Estas proveitosas experiências de campo teriam continuidade para alguns alunos em campos geográficos distintos, de que é exemplo um “Seminário Livre de Cartografia”, leccionado em 1976-77. Eramos apenas meia dúzia, mas muito interessados. Esse curso deu frutos: Maria Helena Dias, uma dessas alunas, futura Assistente, seria a responsável durante vários anos pelo ensino de disciplinas de

<sup>3</sup> Na sequência destes estágios apresentei a dissertação de licenciatura sobre a bacia da Lousã, estudando a ocupação do solo com um método que o geógrafo alemão Bodo Freund havia utilizado no Minho.

Cartografia no Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e faria o primeiro doutoramento em Portugal nessa área.

Outros alunos desse Seminário seguiriam vias distintas: Maria João Alcoforado, depois de começar por se dedicar à Geomorfologia, acabou por optar pela Climatologia. Fez a tese de doutoramento nesta área e criou um numeroso e sólido grupo de investigação climática no seio do CEG. Eu própria, impulsionada pela Professora, comecei a trabalhar sobre antigos mapas de Portugal, acompanhada também pelo Comandante Avelino Teixeira da Mota, mas acabaria por fazer uma tese sobre os começos do caminho-de-ferro em Portugal. Todos os alunos mencionados teriam Suzanne Daveau como orientadora das respectivas teses de doutoramento, nalguns casos em colaboração com outros investigadores, nacionais ou estrangeiros. No meu caso foi o Professor Carlos Alberto Medeiros, com quem muito aprendi, não só durante a preparação do doutoramento, como mais tarde quando com ele colaborei enquanto Director da revista *Finisterra*.

Suzanne Daveau criou outros amigos e discípulos. João Carlos Garcia tornar-se-ia docente de Geografia na Universidade do Porto, onde começaria por leccionar cadeiras de “Expressão Gráfica”. Dedicar-se-ia mais tarde à História da Geografia e à História da Cartografia, acompanhando de perto as investigações da sua mestra nesses campos. É graças à sua competência e curiosidade científica que essas áreas de pesquisa geográfica têm hoje reconhecimento internacional.

A propósito das ligações aos seus colaboradores, vale lembrar quanta liberdade ela lhes deixava na escolha dos temas das suas pesquisas. Que é exigente, não se pode duvidar; que o seu rigor nem sempre seja bem recebido é compreensível. Mas ninguém pode negar que tem um espírito aberto e livre, desejosa de que todos possam usufruir dessa liberdade.

Outra característica, porventura desconhecida de muitos, tem a ver com a sua grande abertura à inovação. No fim dos anos 80, quando os computadores pessoais se começavam a generalizar, ela foi uma das geógrafas que mais cedo adoptou essa ferramenta de trabalho. Enquanto muitos jovens ainda mostravam algum receio por essas tão misteriosas quanto úteis maquinas, Suzanne Daveau, que em 1985 atingia os 60 anos, apressou-se a instalar em sua casa um computador “Amstrad”, que passou a utilizar com regularidade. Algo de semelhante se tinha passado com a fotografia aérea, a que ela já recorria antes de vir para Portugal, e que ajudou aqui a divulgar entre professores e alunos. O mesmo aconteceria a meio da década de 70 com a teledeteccção. Ela foi porventura a primeira geógrafa em Portugal a adquirir em França formação específica nesse campo e uma das primeiras a utilizá-la nas suas investigações, logo a partir de 1975. Outros inovadores métodos de análise e de apresentação de resultados foram também por ela divulgados em Portugal: as termo-isopletas, para registar e interpretar dados climáticos, os blocos-diagrama, para ajudar a visualizar as formas da superfície terrestre, a utilização do carbono 14 para melhores datações em estudos de Paleogeografia, sem esquecer os estereoscópios,

para visualização em 3D das fotografias aéreas, cujo uso generalizou, bem como a Cartografia, cujo ensino sistemático introduziu neste país, e de que fez excelente utilização nas suas publicações.

Além de cientista interessada pelo que é novo, Suzanne Daveau é de uma enorme generosidade. Embora resida em Portugal desde 1965, continua a ir com regularidade a Paris. Isso não a impede de emprestar frequentemente a sua casa de Belleville (20º bairro parisiense) às mais diversas pessoas. Este precioso espaço tem sido ponto de apoio para muitos portugueses que querem visitar esta cidade, ou aí estudar, por períodos mais ou menos longos, às vezes anos.

A *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia* é uma referência entre as prestigiadas revistas científicas portuguesas. Criada em 1966 por Orlando Ribeiro, Ilídio do Amaral e Suzanne Daveau, deve muito ao empenho, rigor e persistência desta, sobretudo nos primeiros anos da sua longa existência: 50 anos e 100 números em 2015<sup>4</sup>. Uma publicação científica desta natureza precisa de esforços de natureza distinta, não só científicos, para manter qualidade e regularidade de edição. Foi ela quem ajudou alguns dos futuros directores (Jorge Gaspar, Carlos Alberto Medeiros e Maria João Alcoforado) e colaboradores a preparar textos, figuras e quadros, a rever artigos, a contactar com os autores para fazerem alterações tidas como indispensáveis. Conjuntamente com o saudoso Dr. António Machado Guerreiro, secretário da revista por longos anos, ajudaram a formar os futuros dirigentes e ensinaram-lhes a ser rigorosos.

O texto que se segue foi construído com base em múltiplos documentos escritos, generosamente colocados à minha disposição – alguns dos quais inéditos – em muitas conversas que decorreram na sua residência em Vale de Lobos e noutros locais e, inevitavelmente, em recordações que nem sempre são fieis àquilo que se costuma chamar realidade. A memória assenta em factos construídos, tidos como certos para a pessoa que os relata, num dado momento e em certas circunstâncias. Isto não é justificação para eventuais erros e imprecisões, mas apenas o desejo de partilhar a consciência de que o “real” está sujeito a “interpretações”, que podem não se ajustar à memória construída por outras pessoas.

Os anos que Suzanne Daveau passou em França, antes e depois de escolher o caminho da Geografia, são tratados, no capítulo I. Faz-se uma curta história da família e da sua formação académica, desde a escola primária ao doutoramento.

A descoberta de África e a apaixonante experiência nesse continente são desenvolvidas no capítulo II. Infelizmente já não sobrevive nenhum dos amigos e colegas da Universidade de Dakar para ajudar a recordar a sua vivência africana. A abundante ilustração fotográfica, feita por ela própria, depositada na Fototeca do CEG, tenta de algum modo colmatar essa lacuna e constitui, ao mesmo tempo, um precioso testemunho histórico. Em conversas posteriores sobre este período, respondendo à

<sup>4</sup> No número 100 de *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, a publicar em 2015, faz-se a história desta revista desde o seu primeiro número.

estranheza que lhe manifestei sobre a escassez de informações a seu próprio respeito, perante a dureza de vida que as imagens traduzem, retorquiu: “Mas eu estava muito feliz; não tinha de que me queixar. Começava a conhecer um mundo desconhecido, como sempre tinha aspirado fazer”. Quando lhe perguntei se não sentia a falta das comodidades a que estava habituada, a resposta foi pronta: “eu não estava habituada a uma vida confortável; não se esqueça que tinha vivido a guerra e que o período que se seguiu foi também bastante duro.” É verdade. Embora muitos portugueses tivessem uma vida difícil, até com períodos de fome, a guerra de 1939-45 não se desenrolou neste território.

Após a sua fixação em Portugal (1965), capítulo III, a informação é mais abundante. Recordar-se a incerteza do período posterior à saída de Dakar, os cerca de 30 anos de docência na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e, paralelamente, os múltiplos temas de investigações. Depois, o período posterior a 1993, quando deixou de leccionar, durante o qual, além das pesquisas pessoais que continuou a desenvolver, se dedicou ainda mais à divulgação da obra de Orlando Ribeiro.

Na parte seguinte é a própria que nos diz alguma coisa sobre o seu modo de pensar a Geografia, ao dispor-se a responder a algumas perguntas. Para terminar apresenta-se o contributo da irmã, Françoise Daveau (agora Françoise Rentzsch) e de geógrafos amigos de nacionalidades distintas.

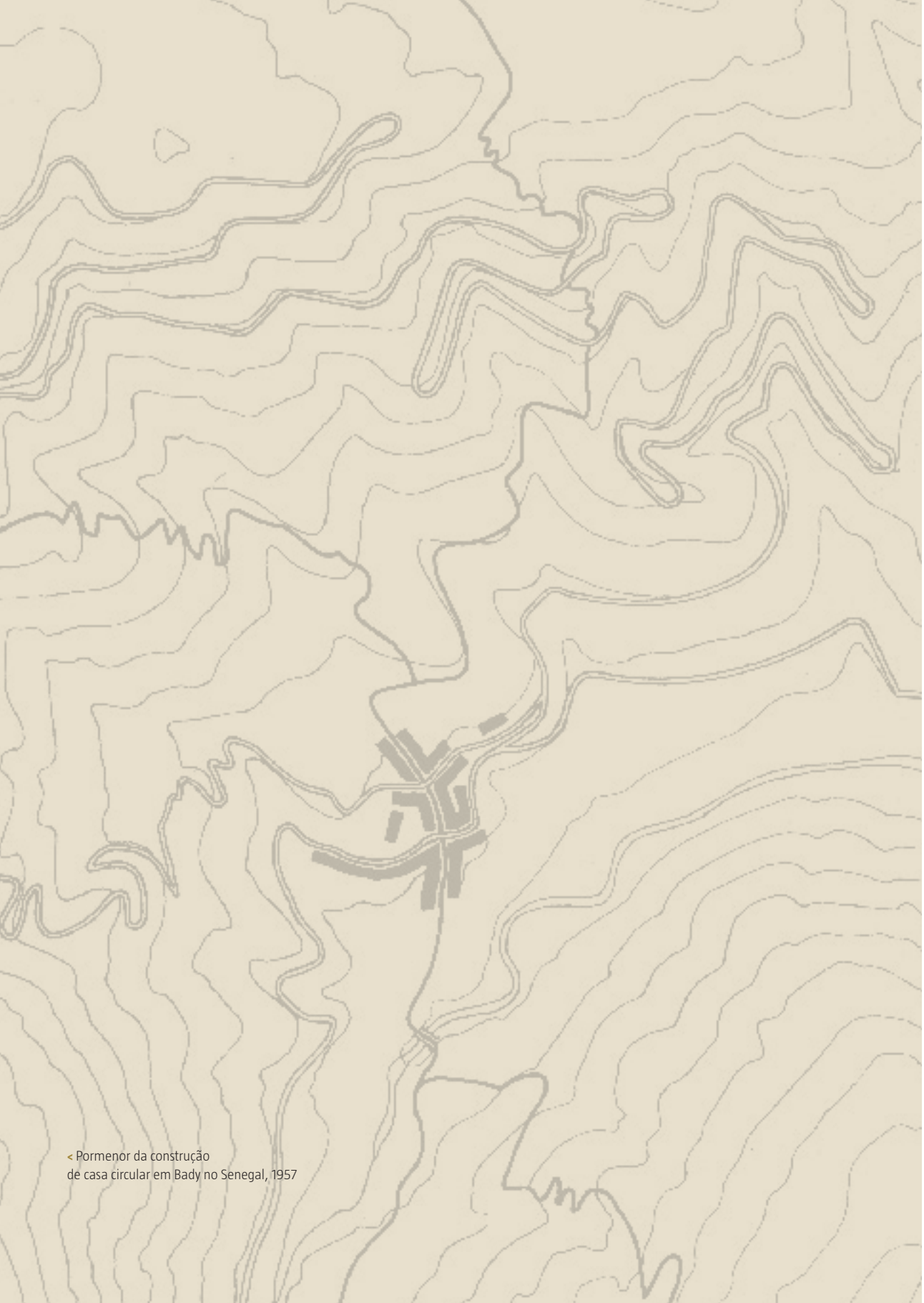
O primeiro testemunho ajuda-nos a conhecer a infância dos 4 irmãos antes da Segunda Guerra Mundial – que começou quando Suzanne Daveau tinha apenas 13 anos – e durante o doloroso período em que França viveu sob a ocupação alemã. A geógrafa Sylvie Rimbert, sua companheira na Universidade, preparou um curioso e bem ilustrado testemunho histórico-geográfico, sobre o bairro parisiense de Belleville, onde residia a família. A seguir temos a colaboração de Bodo Freund, que a conheceu pouco depois de ela ter chegado a Portugal, mostrando a visão de um alemão sobre o Portugal que conheceu nos anos 60 e 70. Será essa a memória que os portugueses guardam? João Carlos Garcia, que a tem acompanhado até ao presente, deixa comentários específicos às multifacetadas investigações da sua mestra sobre os antigos mapas.

Fica um relato ilustrado da vida científica de Suzanne Daveau, que aos 90 anos continua a desenvolver um trabalho incessante. Que viva muitos outros, com o mesmo prazer e alegria que mostra em 2015.



# As grandes etapas de vida





< Pormenor da construção  
de casa circular em Bady no Senegal, 1957

# I. França: família e formação

## 1. Paris: infância e juventude

Suzanne Daveau nasceu em Paris a 13 de Julho de 1925, na Rue de Belleville do 20.º bairro, num prédio que pertencia à família desde o fim do Segundo Império, quando em 1868 o bisavô materno, Léon Robert, aí se instalou como droguista<sup>1</sup>. Um texto memorialístico inédito escrito por Denise Robert, sua mãe, permite conhecer com bastante pormenor os ascendentes do lado materno. Os esboços juntos mostram os locais familiares da mãe, e aqueles onde ela fazia visitas ocasionais ou férias, parte delas com o marido e os 4 filhos<sup>2</sup>.

No século XIX o bairro onde habitavam os Daveau era excêntrico, tendo ficado ligado a Paris do ponto de vista administrativo em 1860. Área popular, acolheu muitos emigrantes da Europa Central e Oriental, além de Arménios, durante toda a primeira metade do século XX. Este bairro, agora próximo do centro de Paris pela distância e pelos excelentes transportes, continua a ver chegar pessoas de várias nacionalidades, que se foram misturando com naturais franceses. Tem uma vida intensa e animada, com a Rue de Belleville a concentrar boa parte do comércio.

Do lado paterno a família provém de Argenteuil, um pequeno aglomerado situado 20 km a NW de Paris, sendo possível recuar na genealogia familiar até ao século XVII. Esta é uma área com colinas cobertas de vinhedos e hortas na planície aluvial do Sena, cuja produção é destinada a Paris. O bisavô era um dos produtores de vinho locais. O mais novo dos seus filhos, o avô de Suzanne Daveau, foi bancário. O pai, Henri Daveau (1894-1980) conheceria a mãe, Denise Robert (1896-1996), através de um tio que era também droguista. Entre os filhos desse tio houve um com particular interesse para Portugal, Jules Daveau (1852-1929), pois trabalhou no Jardim Botânico da Escola Politécnica em Lisboa durante mais de uma década<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> A maior parte deste capítulo foi construída com base num texto não publicado, preparado para os colaboradores do número 63 da *Finisterra* (1997): “Notes sur l’enseignement, la recherche et l’Afrique, dans ma vie pré et extra-portugaise” e nas anotações ilustradas sobre a 2.ª Grande Guerra, preparadas por Suzanne Daveau e pela irmã, Françoise. Apoiou-se também das numerosas conversas em Vale de Lobos, onde reside.

<sup>2</sup> O mapa de Paris provém de V. Brunhes (1921) *La Géographie de l’Histoire*, F. Alcon, Paris, onde os números foram assinalados por Suzanne Daveau.

<sup>3</sup> Jules Daveau, um dos numerosos filhos que acederam ao ensino secundário, foi recordado por Suzanne Daveau no artigo “Jules Daveau. Sa vie et son œuvre géobotanique”, *Revista de Biologia*, 12 (3-4), Lisboa, 1983: 367-384. Orlando Ribeiro já lhe tinha dedicado um texto, publicado no *Diário de Notícias* de 8 de Julho de 1980.



FIG. 1 Lugares de França frequentados pela mãe, Denise Robert, e sua família (esboço de Suzanne Daveau)



FIG. 2 Limites de Paris em 1911. Fonte: V. Brunhes, 1921



FIG. 3 Vinhedos de Argenteuil em 1788. Fonte: S. Daveau, 1983

A drogaria do avô materno ficaria na família, através dos pais de Suzanne Daveau. O prédio onde ela foi instalada continuaria a ser a residência dos Daveau até aos dias de hoje. A filha de um droguista do 20.º bairro parisiense não poderia imaginar que viria a casar com o filho de um droguista ... lisboeta!

A família próxima era constituída pela mãe, Denise Robert, o pai, Henri Louis Daveau, e três irmãos. O mais velho, Pierre (1922-1944), morreria na Alemanha, em consequência da guerra, em condições a seguir mencionadas. Depois do nascimento de Suzanne Daveau seguiu-se a irmã Françoise (1927- ) e Bernard (1930-1992).

Família modesta mas com interesses e hábitos diferentes dos de uma família por-

tuguesa da classe média. O pai era radioamador e, como a esposa, gostava de caminhar na floresta, particularmente nos Alpes. No álbum que Denise Robert organizou são muitas as informações sobre os hábitos familiares e numerosas as fotografias das férias nos Alpes, ou em florestas mais próximas de Paris como Fontainebleau. Pierre lia com gosto, fazia teatro e desenhava<sup>4</sup>. Bernard, o filho mais novo, tornar-se-ia

<sup>4</sup> Tentou ser bancário, mas optou pela drogaria, que lhe deixava tempo para os seus interesses artísticos.



FIG. 4 Áreas parisienses que Denise Robert frequentava:

1. Belleville; 2. Pl. de la Chapelle; 3. Montmartre; 4. Etoile; 5. St. Denis; 6. Argenteuil; 7. Ivry

engenheiro. Françoise lia, costurava e, como os irmãos e os pais, fazia fotografia. Esta era uma prática habitual entre eles, desde que o avô materno, Léon Robert, transmitiu esse gosto à filha Denise, que instalou em casa uma câmara escura e incutiu nos filhos o mesmo interesse.

De facto, no fim da escola primária, isto é pelos 11 anos, as crianças recebiam uma máquina fotográfica, que as ajudou a desenvolver o interesse por descobrir o país, o gosto pelas viagens, particularmente a montanha. Suzanne Daveau como geógrafa faria bom uso desse presente. O gosto pela fotografia permite-nos hoje “ver” a família nos primeiros anos do século XX. Visitar jardins e exposições em Paris, passar as férias escolares fora de casa, viajar de carro, ir à praia, desenhar, pintar, acampar, eram actividades habituais entre os Daveau.



FIG. 5 Os pais de Suzanne Daveau em Belleville, 1911

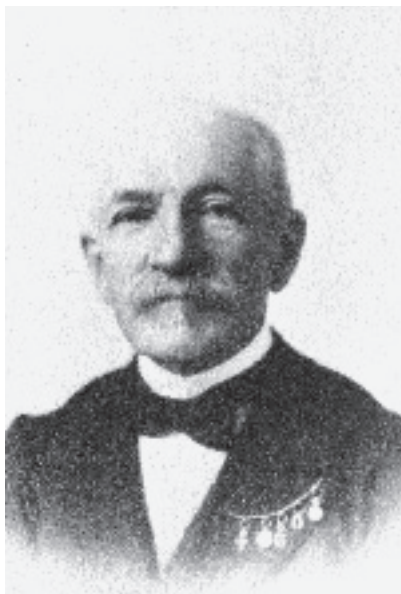


FIG. 6 O tio Jules Daveau



FIG. 7 Papel timbrado da drogaria da família Daveau

Depois da escola infantil, que começou a frequentar em 1927, quando tinha apenas 2 anos, foi com 5 anos (1930) para uma escola primária de raparigas no bairro onde vivia – em França, como em Portugal, o ensino era separado por sexos – na Rue des Pyrénées, próximo de casa, com professores excelentes. Foi muito boa aluna (a melhor entre 65 no fim do 1.º ano) e adorava a escola. A primeira perspectiva profissional foi tornar-se professora do ensino primário (actual 1.º ciclo em Portugal), ideia que os pais aceitaram bem. Terminado o ensino primário, conseguiu por con-



FIG. 8 Denise Robert  
passeando na neve



<  
FIG. 9 Locais nos Alpes frequentados  
pela mãe, Denise Robert: F. Foncine;  
Ch. Chamonix; A. Aoste; Z.: Zermatt

∨  
FIG. 10 Suzanne, Pierre e  
François Daveau



curso uma bolsa da cidade de Paris (1937-41) e continuou a estudar na Escola Paul Bert, uma das quatro “Escolas Primárias Superiores” da capital, que preparava para o concurso para a Escola Normal de Professores, equivalente em Portugal à “Escola do Magistério”.

A organização do ensino em França era diferente da que existia então em Portugal. Depois do ensino infantil e do primário, obtinha-se o certificado de estudos primários. A seguir havia duas escolhas possíveis: o Liceu (3 anos), reservado aos alunos de famílias com mais posses, ou a Escola Primária Superior, também com 3 anos. Terminados esses 3 anos de formação, os alunos que tinham frequentado a Escola Primária Superior obtinham o que era designado por “brevet” ou, se queriam continuar, apresentavam-se a concurso para ingressar na “Ecole Normal d’Institutrices”. Para se terminar a formação para professor era exigido um ano de formação pedagógica, a que se seguiam 3 meses a leccionar numa escola.

Acabado o ensino primário, Suzanne Daveau foi portanto para a Escola Primária Superior. O 1.º ano decorreu sem problemas, embora a transição não fosse fácil, já que tinha de fazer um longo trajecto de metro, de Belleville para Montparnasse. Além disso, como as suas colegas eram todas boas alunas, ela já não era a aluna excepcional que tinha sido na primária. Quando estava no 2.º ano começou a guerra e teve de sair de Paris. O 3.º ano seria feito de novo nesta cidade.

O começo da guerra, em Setembro de 1939, veio de facto alterar todos os planos. Os pais consideraram prudente levar os filhos para casa dos tios, em Saint Florentin, 150 km a SE de Paris. Durante o ano de 1939-40 frequentaria aí a escola. Na Primavera, verificando-se que a “drôle de guerre”<sup>5</sup> se prolongava regressaram a Paris, poucos dias antes do avanço alemão. A estadia em Belleville seria no entanto de curta duração. Voltariam a Saint Florentin e, logo a seguir, fugiriam mais para Sul, para a região do Limousin (Samöens), conseguindo escapar aos bombardeamentos.

O avanço dos alemães obrigou ao êxodo da maioria dos parisienses, entre eles da família Daveau. Seria uma longa e penosa fuga, sem destino certo. Muitas horas para percorrer poucos quilómetros, incerteza quanto ao local onde conseguiriam pernoitar, longas horas no carro em filas intermináveis, incerteza de encontrar combustível. Atravessar pontes era uma aventura, pois muitas tinham sido minadas, o que era desconhecido por quase todos os que fugiam. Uma delas seria destruída por bombardeamentos, pouco tempo depois de a família Daveau a ter atravessado. Conseguiram encontrar pouso numa velha casa, situada cerca de 20 km a Norte de Limoges, em Rilhac-Rançon. Era a casa dos Corbeaux, que os proprietários emprestaram à família, embora não os conhecessem. Generosidade que a guerra propiciou.

<sup>5</sup> Designação pela qual ficou conhecido o período entre Setembro de 1939, quando a França e o Reino Unido declararam guerra à Alemanha, e Maio de 1940, que marca o início da invasão alemã. Nesses meses, ambos os lados se preparavam para as futuras batalhas sem haver verdadeiros combates.



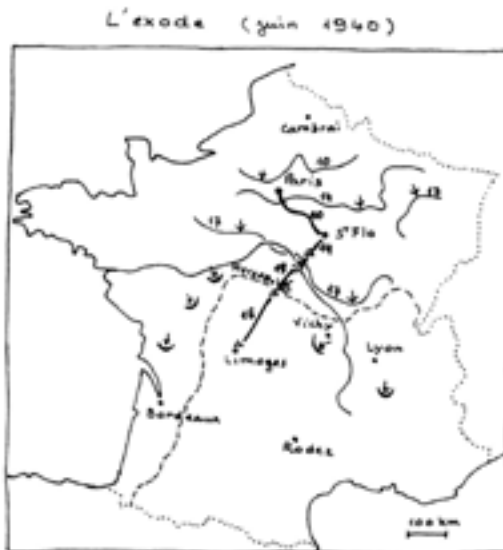
FIG. 11 A família Daveau na praia em Batz, 1938

12. Classe.		Nom de l'élève: <i>Daveau</i>										<i>Juzanne</i>		Cours préparatoire & années.			
MOIS	Calcul	Orthographe	Grammaire	Arithmétique	Science	Histoire	Geographie	Travaux manuels	Éducation civique	Éducation physique	Éducation musicale	Observations	Vues de l'école	Vues des parents			
Octobre	9	9	9	9	9	10	1					0 1	72	très bien	9 1/2	<i>[Signature]</i>	
Classement du mois: - sur élèves: <i>Juzanne sur 10: 9</i>																	
Novembre	10	9 1/2	10	10	9	10	9					2 0	85 1/2		9 1/2	<i>[Signature]</i>	
Classement du mois: - sur élèves: <i>Juzanne sur 10: 9 1/2</i>																	
Décembre	10	10	9 1/2	10	9	10	9					0 0	93	<i>In case long stay in town (with 1st day absent)</i>	9 1/2	<i>[Signature]</i>	
Classement du mois: - sur 22 élèves: <i>Juzanne sur 10: 9 1/2</i>																	
Janvier	10	10	9 1/2	10	9	10	9					0 0	88 1/2		9 1/2	<i>[Signature]</i>	
Classement du mois: - sur élèves: <i>Juzanne sur 10: 9 1/2</i>																	
Février	10	10	9 1/2	10	9 1/2	10	9					0 0	97	très bien	9 1/2	<i>[Signature]</i>	
Classement du mois: sur élèves: <i>Juzanne sur 10: 9 1/2</i>																	
Mars	10	10	10	9 1/2	9 1/2	10	9 1/2					0 0	92 1/2		9 1/2	<i>[Signature]</i>	
Classement du mois: - sur 34 élèves: <i>Juzanne sur 10: 9 1/2</i>																	
Avril	10	10	9 1/2	10	9 1/2	10	9					0 0	84 1/2		9 1/2	<i>[Signature]</i>	
Classement du mois: - sur élèves: <i>Juzanne sur 10: 9 1/2</i>																	
Mai	10	10	9 1/2	9 1/2	10	9 1/2	10					0 0	81		9 1/2	<i>[Signature]</i>	
Classement du mois: - sur élèves: <i>Juzanne sur 10: 9 1/2</i>																	
Juin	10	10	10	10	10	10	9					0 0	96 1/2		9 1/2	<i>[Signature]</i>	
Classement du mois: - sur 63 élèves: <i>Juzanne sur 10: 9 1/2</i>																	
Juillet	10	10	9 1/2	9 1/2	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10
Classement général de fin d'année: 1 <sup>er</sup> sur 63 élèves.																	
												1 115	9 1/2	<i>[Signature]</i>			

FIG. 12 Caderneta escolar com as notas do fim do 1.º ano da escola primária, 1930-31



FIG. 13 Percurso de Paris a Samöens, refúgio durante a guerra (esboço de Suzanne Daveau)



Avance allemande (10-22 juin) 10-13 14-16 17-19 22-24

Trajet de la famille Paris -> St-Etienne -> Chagny -> Samöens

Durée (10-14 juin) 4 nuits passées dans des grottes et la maison sur pont de Coëbeaux

Ligne de démarcation entre les zones dites "libres" et "occupées"

FIG. 14 Esboço do êxodo em 1940 feito por Suzanne Daveau

Afastada de tudo, quase em ruínas e sem móveis, a casa dos Coebeaux foi o refúgio da família. Enquanto aí permaneceram sobreviveram como puderam, ajudando nos trabalhos do campo, fazendo desenhos e aguarelas para ocupar o tempo. Pouco a pouco os parisienses foram regressando às suas casas. Entre eles os Daveau, desejosos de organizar a sua vida em Belleville e de se reunirem ao pai, que só ocasionalmente podia estar com eles. Na realidade todos estavam convencidos que a guerra tinha acabado, ou que iria cessar em breve.

Apesar das condições psicológicas e materiais cada vez mais difíceis, a ideia de se tornar professora persistia. Durante o ano lectivo de 1940-41, Suzanne Daveau frequentou portanto a escola Paul Bert (no 14.º bairro, Montparnasse), suportando a distância de casa, a dura ocupação nazi, a falta de electricidade e até de esperança, apenas mitigada pelas curtas emissões da BBC. No fim desse ano lectivo decidi candidatar-se à Escola Normal de Professores, o que em princípio só seria possível depois de mais um ano. Contra todas as expectativas, foi admitida e conseguiu uma bolsa da “École Normale d’Institutrices de la Seine”, que devia durar entre 1941 e 1945. A frequência dessa escola ficaria gorada. O governo de Vichy<sup>6</sup> tinha suprimido

<sup>6</sup> Na sequência da invasão nazi de 1939, a França foi obrigada a capitular um ano depois, ficando o país dividido em duas áreas: a costa do Atlântico Norte e Paris foram ocupadas pelos alemães, enquanto o restante

as Escolas Normais de Professores, considerando que elas eram ninhos de comunistas. Sem poder frequentar as instituições de formação de professores, os anos seguintes decorreram no Liceu Jules Ferry.

Esta inesperada alteração de planos, que parecia constituir um grande desaire, acabaria por ser benéfica. Embora tivesse frequentado a Escola Primária Superior, escolhida pelas famílias modestas, podia agora frequentar o Liceu, opção dos mais afortunados do ponto de vista económico. Durante os três anos lectivos de 1941-42 a 1943-44, num contexto de guerra cada vez mais difícil, teve no Liceu excelentes professores, que disputavam entre si os modestos e interessados alunos que lhes chegavam da Escola Normal Superior, os quais, tendo conseguido superar dois difíceis concursos (um para ingressar na Escola Normal Superior, outro para serem admitidos no Liceu), tinham uma sólida formação de base. Foi então, ao frequentar o Liceu Jules Ferry, que começou a pensar ir para a Universidade.

No ano lectivo de 1945-46, com o fim da guerra, voltaram a abrir as Escolas Normais. Suzanne Daveau foi então frequentar o 4.º ano, para receber uma formação pedagógica intensiva, que em condições normais teria sido distribuída ao longo do curso. Seguiu então cursos excessivamente teóricos, complementados por estágios em escolas, orientados por professores ainda ressentidos com o fim das “suas” Escolas Normais. Por isso eles olhavam desconfiados para os alunos que lhes chegavam com um “verniz secundário”, como depreciativamente diziam. Esse ano lectivo, demasiado teórico e dogmático, tornou ainda mais forte o seu desejo de ir para a Universidade. Mais tarde, acabou por reconhecer que a formação pedagógica desse ano lectivo lhe foi útil.

Para poder ser considerada professora tinha de leccionar durante três meses. Aceitou, por isso, ser professora em Pantin, nos arredores do Nordeste de Paris,

território ficava sob um suposto regime livre, com sede em Vichy, liderado pelo Marechal Philippe Pétain. Este construiu na realidade um regime colaboracionista com os nazis, que perduraria cerca de 4 anos.



FIG. 15 O despido quarto das crianças na casa dos Corbeaux em Rilhac-Rançon



FIG. 16 A cozinha da casa dos Corbeaux pintada por Suzanne Daveau

de Outubro a Dezembro de 1945, tendo como alunas adolescentes pobres, pouco interessadas, muitas delas quase com 14 anos, idade em que já poderiam abandonar a escola. “Nessa altura [finais de 1945] estava muito desinteressada pelo ensino. Sendo ao mesmo tempo muito tímida e muito independente, repugnava-me a ideia de impor às crianças ou adolescentes a minha própria maneira de encarar a vida. Tinha vontade de correr mundo, de viajar e, já então, de fazer pesquisa (...) ainda que, evidentemente, não tivesse os meios materiais para concretizar esses sonhos” (S. Daveau, 1997, inédito).

Tinha decidido que depois destes meses de ensino pediria licença. Ia interromper a profissão de docente do ensino primário, invocando “conveniência pessoal”. Esse pedido foi-lhe recusado, o que não a fez desistir do propósito de ir para a Faculdade, e apresentou a demissão<sup>7</sup>. A decisão de ir para a Universidade estava tomada e não seria abandonada.

Em França existia a tradição de a 5.<sup>a</sup> feira ser um dia livre para os estudantes do Ensino Primário Superior, eventualmente para receberem formação religiosa. Querendo inscrever-se na Sorbonne, para um curso universitário de Geografia, ou de Ciências Naturais (outra opção que ponderou), escolheu Geografia porque as aulas principais eram leccionadas à 5.<sup>a</sup> feira e tinham horário mais favorável. Os horários das aulas acabaram por condicionar o seu futuro profissional.

A carreira universitária de geógrafo era obtida no Instituto de Geografia. O grau de licenciado conseguia-se ao fim de 2 anos. Seguia-se um ano de mestrado, no fim do qual se apresentava uma espécie de dissertação (Suzanne Daveau estudou *Le Pays D'Othe*). Alguns estudantes prosseguiam com a agregação, um concurso que impunha respeito, e que poucos estudantes concluíam (entre 100 passavam no geral menos de 10). Incluía 3 provas distintas: (i) um tema escrito, escolhido a partir de 2 propostos, que era redigido num período de 4 a 5 horas; (ii) uma prova oral, sobre um tema do programa que o júri, com 7 membros, escolhia; (iii) a preparação e apresentação de uma lição sobre um assunto, fora do programa obrigatório, extraído de um amplo conjunto de itens, muito sucintamente apresentados, a desenvolver durante 7 horas<sup>8</sup>. No ano em que fez a agregação, seria a segunda entre os que foram aprovados.

A vida sob a dominação alemã foi muito penosa – o que é mal conhecido pela maioria dos portugueses, que escaparam ao flagelo da Segunda Grande Guerra. Para obter alguma comida, de má qualidade, passavam-se longas horas em intermináveis filas. Mesmo o pão era mau e escasso. As escolas forneciam biscoitos vitaminados em quantidades reduzidas. Podiam comprar-se “les plats cuisinés”, espécie de “cal-

<sup>7</sup> Embora, em princípio, tal decisão a obrigasse a devolver o montante recebido como bolseira isso não lhe foi pedido.

<sup>8</sup> Suzanne Daveau extraiu de uma caixa, com pequenos papéis dobrados, o título “La Chaîne Penine”. Começou por pensar que se tratava dos Apeninos italianos mas, felizmente, lembrou-se que na Grã-Bretanha havia uma Cadeia Penina, cuja importância era enorme já que, sendo uma área rica em carvão, facilitou a industrialização britânica.

do” para enganar a fome, um líquido cinzento e granuloso, onde mal se adivinhava um conteúdo sólido, ou um patê de peixe, feito de peles e vísceras, ainda mais intragável. Em casa, a mãe Denise fazia indispensáveis economias de gaz, já que ele era fornecido apenas cerca de uma hora por dia. Para cozinhar alguma coisa usava uma caixa, forrada com cartões e jornais velhos, a “marmite norvégienne”, onde apenas cabia uma caçarola. Era aí que acabava de cozer a sopa, ou o que houvesse, numa panela que previamente tinha estado pouco tempo no fogão. A electricidade tinha horários restritos. Aquecimento era um luxo impossível. Só a água não faltou em Paris durante a guerra.

Quer de dia quer de noite podiam soar alertas. Viam-se paraquedas abrirem-se sobre os telhados. Os judeus, identificáveis pela estrela amarela, foram desaparecendo das redondezas. A chamada “Razia do Velódromo de Inverno”, em francês “le rafle du Vélodrome d’Hiver”, mais conhecida como “rafle du Vel’ d’Hiv”, aconteceu em 16 e 17 de Junho de 1942. Foi o maior aprisionamento de judeus, jamais feito em França – quase 13.000, na maioria mulheres e crianças, transferidos depois para o campo de deportação de Drancy, e daí para Auschwitz. Entretanto, afixavam-se cartazes no metro com os nomes dos fuzilados. Essas notícias eram reproduzidas na imprensa. Ficava assim o aviso: há que obedecer aos alemães, para não se ter a mesma sorte.

Felizmente Paris seria libertada em Agosto de 1945, depois de penosos anos e duros confrontos nos meses que antecederam a libertação. Suzanne Daveau escre-

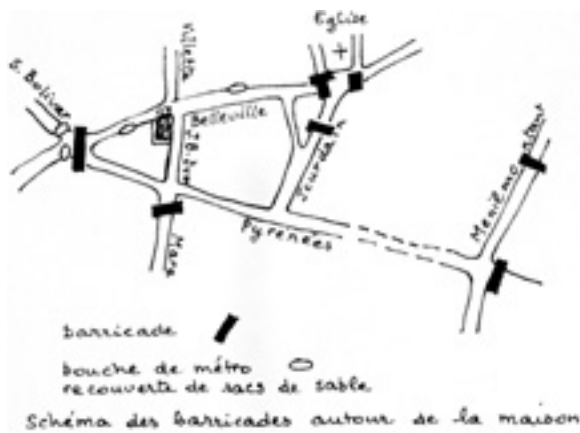


FIG. 17 Barricadas perto da residência familiar (esboço de Suzanne Daveau)



FIG. 18 Depois da libertação de Paris, aguardando Charles de Gaulle



FIG. 19 Pierre Daveau com 21 anos

veu um diário relativo aos dias 18 a 25 de Agosto de 1945 que precederam a entrada dos aliados em Paris. Tudo faltava – electricidade, pão, velas etc. – mas ao mesmo tempo tudo mexia – tanques, tiros, aviões, incêndios. Ruídos esperançosos ou ameaçadores levavam as pessoas às janelas.

A partir de 20 de Agosto os bons sinais acumulam-se: são poucos os alemães que se avistam. Abatem-se árvores para impedir a sua passagem. No dia 23 há notícia da presença de americanos em Champigny, em Grenoble, perto de Bordéus... No dia 24 a rádio inglesa anuncia a chegada da divisão Leclerc às portas de Paris. Simbolicamente entra primeiro uma coluna francesa. Há esperança. No dia 25 é a libertação. Americanos cansados desfilam de carro pelas ruas. Às 16:30 a rádio anuncia que os alemães se renderam. É a festa.

Apesar das grandes dificuldades que os parisienses viveram após a retirada dos alemães – escasseava ou faltava quase tudo, pois a desorganização era maior do que durante a longa presença alemã – a esperança regressava. Havia um futuro a construir. Só que alguns não regressaram, como o irmão Pierre.

Pierre Daveau, que tinha completado 21 anos em 1943, foi recrutado em Março desse ano para o S.T.O. (Serviço de Trabalho Obrigatório) em Berlim, onde transportava o correio das estações de comboio para as estações postais. Um dia tentou ajudar um prisioneiro de guerra francês a sair da estação – o que marcou o início do seu calvário e da sua prematura morte. Embora tivesse sido libertado no próprio dia em que ajudou o compatriota – o que permitiu à família tomar conhecimento do breve período de prisão – foi encarcerado de novo poucos dias depois. Na prisão teve uma vida penosa (mais de 50 horas de trabalho semanal), passou um mês em trabalhos forçados e, depois de adoecer com tuberculose, acabou por falecer no dia 29 de Julho de 1944. A família, atormentada com os bombardeamentos sobre Berlim, com notícias muito escassas e tardiamente chegadas ao destino, só soube da sua morte a 5 de Outubro de 1944. Alguns meses depois souberam das difíceis últimas semanas de vida de Pierre, na enfermaria da prisão Tegel, em Berlim, através do companheiro, Robert Barthelet, um habitante do Jura e único sobrevivente entre os 4 jovens franceses doentes aí assistidos.

## 2. Os anos de formação

Poucos meses após o fim da guerra (Janeiro de 1946) Suzanne Daveau começou a preparar dois dos quatro certificados necessários para obter a licenciatura em Geografia, que acabava de se tornar independente da História: um em Geografia geral, outro em Geografia regional. O excessivo número de alunos para a lotação das salas – muitos não conseguiam sequer entrar –, as aulas “práticas” mais no título do que na realidade, a falta de muita coisa e sobretudo de livros, tornavam o ensino demasiado teórico e pouco acessível. Consultar o *Traité de Géographie Physique* de Emmanuel de Martonne<sup>9</sup>, por exemplo, só lhe foi possível porque uma colega conseguiu obter esse precioso livro numa biblioteca de província, e lho emprestou por alguns dias. Dos professores de então recorda André Cholley, de Geografia geral (coadjuvado nas aulas práticas por Jean Tricart<sup>10</sup>, que então fazia pesquisas em Geografia rural) e, sobretudo, Georges Chabot<sup>11</sup>, responsável pela Geografia regional, que lhes ensinava a preparar esboços cartográficos. Além da Cartografia, tema que continua a interessá-la, foi com Chabot que fez a primeira saída de campo ao Jura, local da sua futura tese de doutoramento, nessa altura nem imaginada.

Para se licenciar em Geografia além da Geografia geral e regional precisava de concluir as disciplinas de História moderna e contemporânea, e também a de Cartografia. Apresentou-se ao exame da primeira logo em Outubro de 1946. Graças à boa formação geral recebida no secundário, obteve a classificação de “Très Bien”. Durante o ano lectivo de 1946-47 estudou Cartografia, disciplina que concluiu sem dificuldade. O perfil que se reproduz, desenhado por Suzanne Daveau em 1946, na primeira viagem da família depois da guerra, ilustra a sua excelente preparação. Inscreveu-se também em Etnologia, que não era obrigatória, com aulas no Museu do Homem. Acabou por reprovar nesta disciplina, o que a decepcionou. Ainda que o conteúdo fosse disperso e desorganizado, ela proporcionou-lhe uma ampla pers-

<sup>9</sup> Emmanuel de Martonne (1873-1955), recordado por Orlando Ribeiro num longo artigo publicado na *Finisterra*, n.º. 16 (1973), foi o chefe da Geografia francesa depois do desaparecimento de Vidal de La Blanche. Eleito Presidente da UGI em Amesterdão, 1938. Com formação francesa e alemã, tem uma vasta obra científica. O seu livro mais conhecido, com numerosas edições, em França e noutros países, é o *Traité de Géographie Physique* (ou apenas o *Traité*, tal era a sua importância), obra fundamental escrita em linguagem clara e bem ilustrada.

<sup>10</sup> Jean Tricart (1920-2003), fez o doutoramento na Sorbonne, em Paris, sob a direcção de André Cholley. Leccionou depois na Universidade de Strasbourg, onde em 1956 fundou o Centro de Geografia Aplicada. Foi um dos renovadores da Geografia física em França. A sua obra mais polémica tem o título “La Géographie, ça sert, d’abord, à faire la guerre” publicada em 1976 na revista *Herodote*, de que Tricart foi fundador.

<sup>11</sup> Georges Chabot (1890-1975) foi adjunto do geógrafo Emmanuel de Martonne no comité de estudos da Conferência de Paz de 1919, a qual, após a Primeira Grande Guerra, fez propostas de alterações de fronteiras. Foi professor em liceus de Estrasburgo e de Paris e fez o doutoramento sobre o relevo dos planaltos do Jura. Leccionou em Dijon e na Sorbonne. Sucederia a André Choley na direcção do Instituto de Geografia da Universidade de Paris (1956-1960). Fez trabalho de campo em diversos países europeus, e em França no Jura e na Bourgogne. Especialista em Geografia urbana, reformou-se em 1960 tendo mantido sempre uma vida activa. O seu último livro foi *Vocabulaire de géographie urbaine* (1971).

pectiva sobre as regiões tropicais e o contacto com colegas, que na altura não sonhava que vir a encontrar bem longe de Paris.

Em Junho de 1947 tinha os dois certificados exigidos para a licenciatura e Chabot desafiou-a a preparar a agregação. Essa hipótese era financeiramente complicada. Além disso, tinha decidido que o Verão seria dedicado a reunir a documentação necessária para obter o Diploma de Estudos Superiores (DES), ou seja, o mestrado. Escolheu como região de estudo a área de Othe, próximo de Saint Florentin, onde tinha nascido o avô materno e onde continuavam a residir familiares que a tinham acolhido no início da guerra.

Atendendo a que entretanto só podia obter emprego como *surveillante* num liceu muito longe de Paris, combinou com os pais que, como alternativa, passaria a ajudar na drogaria. No primeiro ano de preparação do DES o trabalho ultrapassava às vezes as 40 horas semanais, conjugando o melhor possível as vendas na drogaria com o estudo. No segundo ano a mãe substituiu-a sempre que pode na drogaria, o que lhe permitiu frequentar algumas aulas. Este esforço, bem como a dispersão por tarefas muito diferentes, obrigaram-na a tornar-se metódica, a abstrair-se dos barulhos envolventes e a conseguir concentrar-se no estudo, numa habitação acanhada para 6 adultos. Em 1948 obteve o DES com uma monografia sobre a região de Othe – *Un pays de côte: la bordure sud-est du Pays d’Othe* – e candidatou-se logo à agregação em Geografia.

A agregação tem uma história curiosa, que, como tantas outras, me contou numa das muitas conversas. Quem estudou no tempo em que as escolas tinham separação por sexos não estranhará muito que apenas os rapazes se pudessem candidatar à agregação em Geografia, existente desde 1943, enquanto as raparigas só tinham a hipótese de se “agregar” em História e Geografia. Estranha discriminação, ainda mais surpreendente se se tiver em conta que na agregação em Geografia ficavam reservados dois lugares para raparigas, desde que ... elas tivessem nota superior à do concorrente masculino pior classificado. Foi o caso de Suzanne Daveau que, ficando em segundo lugar, fez a agregação em Geografia em 1949.

Como jovem agregada foi colocada nos Alpes do Sul, no ano lectivo de 1949-50, no liceu para raparigas da pequena cidade de Gap, nessa altura com cerca de 17.000 habitantes, longe de tudo o que lhe era familiar. Gap era então o local para onde se enviavam professores doentes. No liceu onde leccionou, que acabava de substituir um anterior colégio, jamais tinha sido vista uma professora da capital e muito menos uma agregada. A recepção foi reservada, quase fria. No entanto, rapidamente se aperceberam de que a nova professora não representava nenhum perigo e que era até uma pessoa simples, contradizendo a opinião que tinham formado dos parisienses.

Sendo agregada em Geografia foi-lhe distribuída apenas esta disciplina, o que significou um horário disperso<sup>12</sup>, com numerosas turmas e muito cheias. Os con-

<sup>12</sup> O horário era de apenas 15 horas lectivas semanais, um privilégio reservado aos agregados.

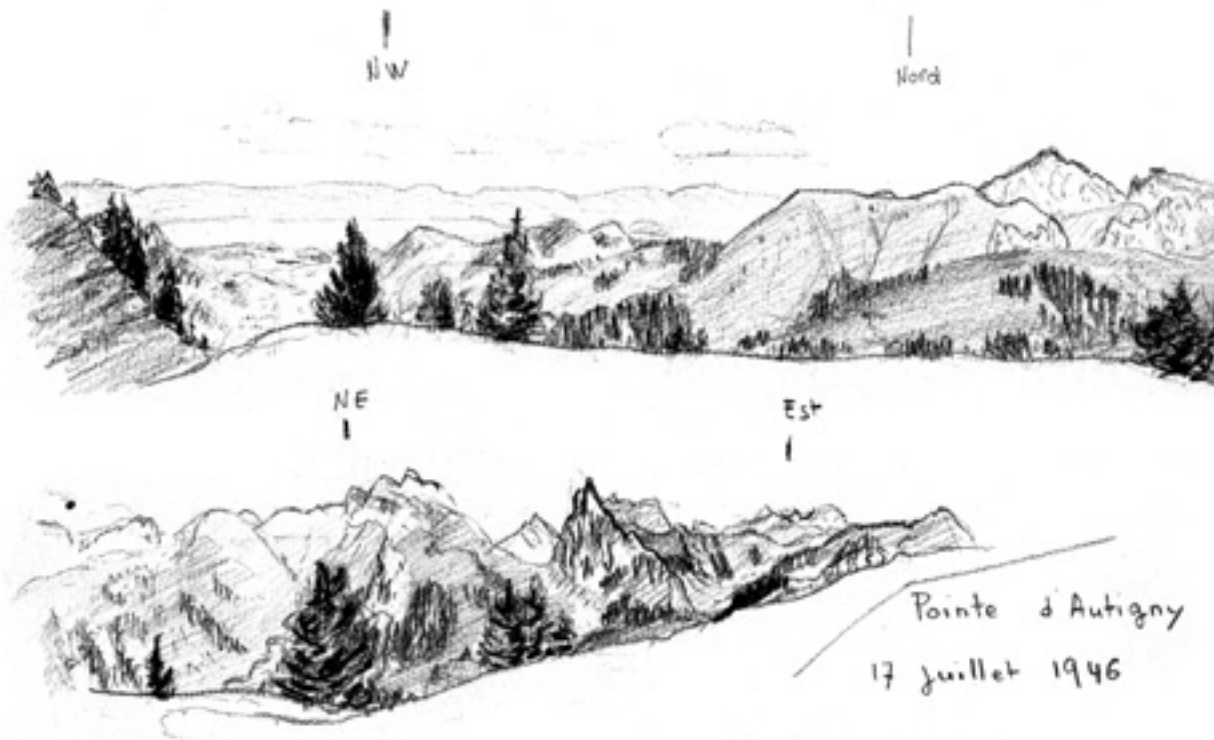


FIG. 20 Perfil de Autigny na Suíça, realizado por Suzanne Daveau em 1946. A parte inferior continua o desenho de cima

tactos com os alunos eram por isso difíceis, apesar de tentar usar métodos activos, em grande parte apoiados nos ensinamentos de Célestin Freinet (1896-1966). Essa metodologia resultou apenas nalgumas turmas. A falta de experiência docente, o desinteresse de alguns jovens, parte dos quais vivia em regime de internato, não deixaram recordações particularmente felizes a esta jovem professora. Para essa desilusão contribuiu ainda a saudade da vida movimentada de Paris (acabada de libertar) a que estava habituada, a escassez de actividades culturais, a falta dos amigos e de dinheiro, ainda que tenha guardado boas memórias dos “300 dias de sol por ano” e da neve nas montanhas próximas. Para se entreter, passeava e foi desenvolvendo o gosto pelo desenho e a pintura, que já ocasionalmente praticava.

Se Gap lhe pareceu uma cidade um tanto aborrecida, de onde saiu logo que pode, há que reconhecer que essa escolha fora em parte sua, já que viver uns tempos nos Alpes lhe parecera agradável. Ir para essa montanha era uma tradição familiar. Viver aí perto permitia-lhe reviver esses velhos hábitos. Embora nunca tivesse pensado fazer uma tese, a solidão do lugar e o pouco interesse dos alunos contribuiu para que a ideia se comesçasse a desenvolver. Folheando um atlas lembrou-se das férias passadas no Jura e pôs a hipótese de estudar o papel de fronteira dessa montanha entre a França e a Suíça. A ideia foi discutida com Georges Chabot, que concordou, pelo que se candidatou a um lugar no liceu de Lons-le-Somier, no limite ocidental do Jura.



FIG. 21 Paisagem argilosa de Gap, pintada por Suzanne Daveau em 1950



FIG. 22 Localização de Gap e de Besançon locais de trabalho de Suzanne Daveau

Tendo surgido então, inesperadamente, um lugar de assistente em Besançon, Universidade onde a Geografia era muito recente e que tinha a localização ideal para preparar uma tese sobre o Jura, Chabot propôs a Louis Gachon, responsável por essa licenciatura, o nome de Suzanne Daveau. Este antigo professor primário aceitou a sugestão, não sem reticências, como mais tarde confessaria. Esta candidata fora aceite porque... nenhum rapaz se tinha apresentado a concurso. Mais uma vez, a malfadada diferenciação de tratamento entre sexos!

Como Louis Gachon estava muito tempo ausente da Universidade, já que continuava a residir em Clermont Ferrand, fazendo semanalmente o trajeto entre a sua casa e Besançon, Suzanne Daveau pode usufruir de grande liberdade, ainda que tivesse de leccionar várias disciplinas. Ensinando a leitura de cartas geológicas, tema que Gachon não dominava, aproveitou os contactos com dois bons geólogos que renovavam o conhecimento do Jura, Maurice Dreyfuss (1906-1975) e Louis Glangeaud (1903-1986).

A obrigação de leccionar temas muito diversos obrigou-a a estudar várias matérias. Entre elas esteve a Geografia rural, que interessava particularmente a Louis Gachon, atendendo à sua origem campesina. A aprendizagem que ele ajudou a consolidar, e alguma paciência da jovem assistente, contribuíram para que as relações entre eles se fossem estreitando. A docência universitária parecia-lhe bem mais fácil do que a experiência com jovens adolescentes na escola em Pantin, de Outubro a Dezembro de 1945. A Universidade de Besançon bem podia ser o seu local de trabalho nos próximos anos.

No entanto, o intenso esforço feito, tanto no começo da preparação da tese sobre o Jura, como nas muitas aulas dadas em Besançon durante os anos lectivos de 1950-51 e 1951-52, fizeram com que Suzanne Daveau adoecesse. O cansaço que então sentiu nunca chegou a ser explicado, embora tivesse deixado marcas duradouras. Os meses seguintes tinham de incluir uma parte de descanso.

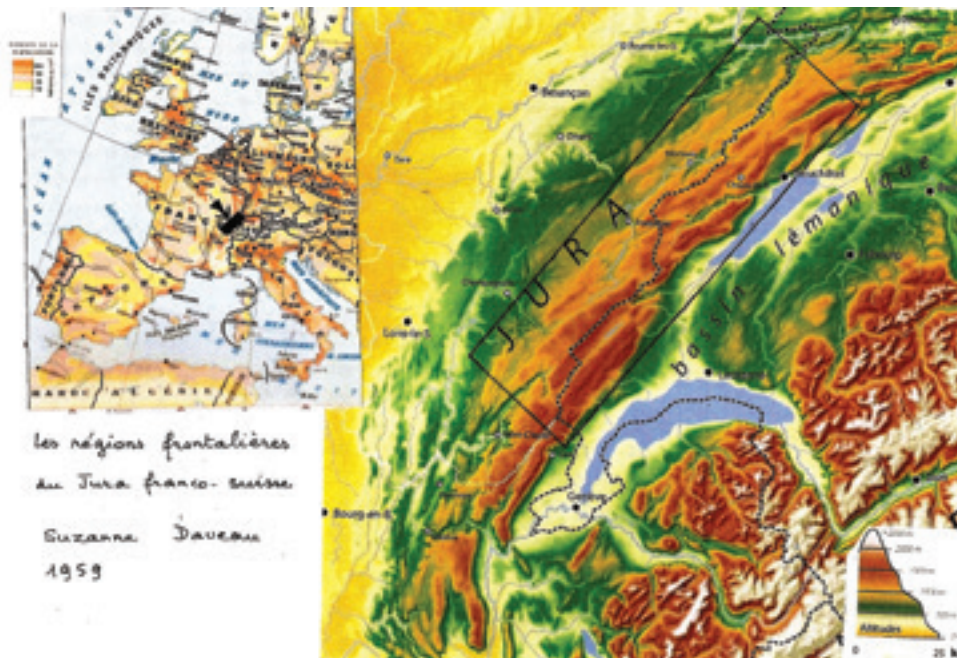


FIG. 23 Localização do Jura na fronteira franco-suíça, preparado por Suzanne Daveau

Era hábito em França, organizarem-se excursões anuais, entre os geógrafos universitários, nas quais participava sempre que podia. Em 1946 integrou uma excursão à Alsácia, em 1947 visitou Forez (Departamento do Loire, próximo de Lyon), em 1948 participou na excursão interuniversitária à Bretanha e, no Verão de 1951, integrou a Excursão Anual Interuniversitária aos Pireneus. Nesta visita encontrou três professores portugueses, que tinham sido convidados na sequência do Congresso Internacional de Geografia da União Geográfica Internacional, realizado em 1949 em Lisboa: Raquel Soeiro de Brito<sup>13</sup>, Mariano Feio<sup>14</sup> e...Orlando Ribeiro. Lembra-se bem de Mariano Feio, porque este fez então inquéritos aos participantes, diri-

<sup>13</sup> Raquel Soeiro de Brito foi discípula do Professor Orlando Ribeiro desde os primeiros anos de fundação do CEG, onde em 1948 começou a trabalhar como bolsreira. Doutorou-se em Geografia pela Universidade de Lisboa, com a tese *A Ilha de São Miguel: Estudo Geográfico*. Foi docente na Faculdade de Letras de Lisboa em 1952 e, partir de 1959, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (ISCSPU). Foi co-fundadora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde criou os departamentos de Antropologia (1977) e de Geografia e Planeamento Regional (1980). Nesta Faculdade exerceu funções dos mais variados tipos. Desenvolveu investigações variadas, parte das quais nas antigas províncias ultramarinas.

<sup>14</sup> Mariano Feio (1914-2001) era licenciado em Engenharia pelo Instituto Superior Técnico, mas dedicou-se a muitas outras áreas científicas, entre as quais a Geografia (doutorou-se em Geografia física na Universidade de Lisboa), a Geologia e a Paleontologia, áreas que aprofundou em Berlim. Foi Professor na Universidade Federal de Paraíba, na de Évora e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Tem obras publicadas em domínios tão variados como a Geomorfologia de Portugal e das regiões tropicais, a Agronomia e até a Filosofia. Interessado pelos temas agrícolas, doou uma das suas herdades à Escola Superior Agrária de Beja, onde realizou muitas experimentações.



FIG. 24 Suzann Daveau no Jura em 1952

gidos às suas convicções e práticas religiosas. Como ele vinha do católico Portugal, os alunos evitavam responder às suas perguntas. A jovem Suzanne Daveau, que se sentia melhor no autocarro onde seguiam os alunos do que no dos professores (onde devia ir), foi convidada a viajar no autocarro destes. Acabou por descobrir, bastante mais tarde, que Mariano Feio, tal como ela, não era católico e muito menos praticante. Quanto a Orlando Ribeiro, com quem se cruzaria de novo na Suécia em 1960, só uma fotografia lhe recordaria a sua presença nessa excursão de 1951, durante a qual não chegaram a conversar. Como há pouco confessou: “ainda bem que o meu encontro com Orlando Ribeiro se deu mais tarde. Em 1951 a diferença de idades era grande e eu era demasiado jovem.”

Entretanto ficara vago o lugar de adido cultural francês em Ceilão, procurando-se alguém com a agregação. Conhecer novos espaços era um dos grandes sonhos de Suzanne Daveau, que decidiu candidatar-

-se. Por razões administrativas complexas acabou por não ir para Ceilão e viu-se sem trabalho na Universidade. Inesperadamente vagou um lugar de professor de Liceu, em Lille. Mas ir para esta cidade não era fácil. Contrafeita, acabou por trabalhar no Liceu de Lille no ano lectivo de 1952-53, sem deixar de se interessar pelo Jura. O antigo professor e director de tese, Georges Chabot, veio de novo em seu auxílio e conseguiu obter um destacamento no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) como *attachée de recherches*, o que lhe garantiu a liberdade necessária para continuar a investigação sobre o Jura, a partir de 1953.

Seguiram-se 4 anos de intensas pesquisas para a tese. E começou logo a publicar sobre temas regionais do Jura<sup>15</sup>, ainda antes de terminado o doutoramento, em 1957. Trabalhou por períodos mais ou menos longos em cidades francesas e suíças, a recolher documentação em arquivos e a descobrir a montanha, alojando-se em pequenas localidades rurais.

De início os reconhecimentos eram feitos de motorizada, puxada à mão nas encostas mais íngremes – o que quer dizer frequentemente. Em 1955 conseguiu com-

<sup>15</sup> Ver *Finisterra* 63, 1997.



FIG. 25 Participantes na excursão à Alsácia, 1946



FIG. 26 Suzanne Daveau à esquerda numa excursão em Libault, 1947



FIG. 27 Participantes na excursão interuniversitária à Bretanha de 1948. Suzanne Daveau está no primeiro plano à esquerda e Sylvie Rimbert ao centro



FIG. 28 Suzanne Daveau (no último plano) com amigas em Chamonix, 1957

prar um Citroën. No Jura, a comodidade de viajar de carro foi devidamente apreciada, principalmente durante os rigorosos invernos, nas frequentes deslocações entre as cinco circunscrições administrativas que a tese abrangia<sup>16</sup>.

Contrariando a imagem, ainda hoje disseminada, de que Suzanne Daveau é principalmente uma geógrafa física, o seu doutoramento foi em Geografia humana, como indica o título: *Les régions frontalières de la montagne jurassienne. Étude de Géographie Humaine*<sup>17</sup>. O seu percurso posterior e as obras que publicou mostram que praticou, e

<sup>16</sup> Em Portugal daria preferência ao Renault 4L. Quem foi sua aluna em Lisboa, recordar-se-á do modo quase carinhoso como falava do seu Renault que considerava “quase como um jeep”, por ser alto e seguro.

<sup>17</sup> As quase 600 páginas da obra, que incluem uma perspectiva histórica, quase sempre a partir do século XVII, quando France Comté se tornou francês, estão organizadas em cinco partes. Na primeira apresentam-se as condições naturais (relevo, vegetação, clima), a história da ocupação humana e as vicissitudes de fixação da fronteira. Depois analisa-se a distribuição e os movimentos da população (2.ª parte) a agricultura e o pastoreio (3.ª), a indústria (4.ª) e, por fim, a circulação, o turismo e as cidades, bem como aspectos políticos e religiosos. Numerosos mapas sintetizam, de forma clara, conteúdos importantes e há um útil apêndice fotográfico.



FIG. 29 Pintura da costa da Bretanha por Suzanne Daveau

prática, uma Geografia que tanto inclui aspectos humanos como físicos. Do seu ponto de vista, prática Geografia. *Tout court*.

Uma característica particularmente importante desta tese provém do facto de ela ser o primeiro doutoramento em Geografia sobre o papel de uma fronteira. As fronteiras devem parte da sua especificidade ao facto de a vida ser aí muito marcada por aspectos de clandestinidade. Para se conhecer essa realidade, que é escondida, é preciso ganhar a confiança das pessoas, de modo a conseguirem-se testemunhos válidos, o que era então muito difícil, dado a fronteira separar um país recentemente ocupado pelos alemães, de outro que tinha ficado neutro. Nessa faixa desenrolaram-se muitos dramas de que ninguém gostava de falar.

Um certo secretismo, difícil de superar, contribuiu para que a autora privilegiasse, de futuro, aspectos históricos conservados em arquivos, com fontes... escritas. Além disso teve de compatibilizar informação de arquivos de países diferentes, com suporte cadastral mais ou menos antigo. Apesar das dificuldades conseguiu realizar uma minuciosa pesquisa, apurar informação variada, sem perder de vista o essencial.

Na altura em que Suzanne Daveau estudou esta montanha ela era densamente habitada, mesmo a altitudes superiores aos 700 m, com uma economia desenvolvida, centrada principalmente na criação de gado e na indústria. A fronteira não impediu o seu desenvolvimento, até porque no Jura se cruzam vias comerciais de longa distância, que ligam o Noroeste da Europa ao Mediterrâneo. O fecho da fronteira durante a guerra de 1939-45 e o reforço da vigilância e da legislação levaram a uma diferen-



FIG. 30 Suzanne Daveau no Jura, estudando depósitos de vertente da Aiguille, 1957

ciação progressivamente mais acentuada a favor da parte suíça. Como Sylvie Rimbert assinalou<sup>18</sup>, a localização das cidades de Genève e de Basileia, que podia constituir um entrave ao desenvolvimento do ponto de vista regional, foi benéfica no plano internacional, exactamente por serem como que enclaves dentro de um país neutro, o que motivou a instalação de numerosos organismos internacionais, sobretudo em Genève.

Em França, o doutoramento exigia então, além da tese principal, neste caso sobre o Jura, a preparação de uma tese complementar com um tema distinto. Com uma espécie de “comissão de serviço” aproveitou a primavera de 1954 para descobrir o Sahara até ao Hoggar, integrada numa viagem organizada pelo Touring Club de França. Essa viagem marcou o começo da sua paixão por África. A ideia de preparar a segunda tese sobre a geomorfologia do vale do Loing, a SE de Paris, foi abandonada. Seria em África que prepararia a tese complementar.

Mais uma vez teve Georges Chabot a seu lado. Com o apoio deste e de Charles Robequain conseguiu uma bolsa do Instituto Francês da África Negra (IFAN), situado em Dakar, então dirigido por Théodore Monod (1902-2002), naturalista e humanista francês conhecedor dos desertos africanos, para estudar a escarpa gresosa de Bandiagara, nos confins do Sudão (actual Mali) e do Alto Volta (actual Burkina Faso).

<sup>18</sup> Sylvie Rimbert (1965) – “Frontières et influences urbaines dans le ‘Dreiländerrecke’”, *Regio basiliensis*, VI (1), Bâle, p. 37-57 e (1966) – “L’attraction de Genève. Quelques aspects fonctionnels d’une ville frontalière et internationale”, *Regio basiliensis*, VII (1), Bâle, p. 41-63.

A partir do início de 1956, Suzanne Daveau passaria 6 meses na África Ocidental Francesa (AOF), sendo apoiada por Jean Dresch, que considerou que as escarpas mereciam ser estudadas e dirigiu a tese<sup>19</sup>. Este era então professor na Sorbonne e, de facto, um dos poucos investigadores com alguma experiência da África negra, além da sua tese sobre Marrocos.

Antes de começar o trabalho de campo, na passagem por Dakar conheceu Paul Pélissier (1921-2010)<sup>20</sup>, investigador do IFAN, que estava então a criar a licenciatura em Geografia na futura Universidade de Dakar. Além de Pélissier, que seria seu companheiro de trabalho e amigo nessa Universidade, encontrou nos vários centros de estudo do IFAN antigos colegas da disciplina de Etnologia leccionada no Museu do Homem<sup>21</sup>.

Suzanne Daveau conseguiu terminar as duas teses então exigidas para o doutoramento na primavera de 1957, uma em Geografia humana, sobre a fronteira franco-suíça, outra em Geografia física, sobre a escarpa de Bandiagara, e cumprir assim um desejo de Georges Chabot, que passou a assumir como seu: “uma tese tem de ser rapidamente concluída”. Ela precisou de cerca de 5 anos, o que, para terminar dois trabalhos de fôlego em campos geográficos distintos, um em França outro no Mali, constituiu porventura um recorde.

<sup>19</sup> Jean Dresch (1905-1994) fez a tese de doutoramento sobre o Atlas marroquino em 1930. Professor na Sorbonne desde 1945 dirigiu o Instituto de Geografia de Paris entre 1960 e 1970. Foi Vice-presidente da UGI entre 1968 e 1980. Foi recebido no CEG em 1975.

<sup>20</sup> Paul Pélissier (1921 -1994) utilizava o trabalho de campo como ferramenta de pesquisa, mesmo em áreas inóspitas. Depois de ensinar em liceus franceses foi em 1950 para o IFAN, na AOF, onde ficou até 1953, quando foi convidado a fundar a Universidade de Dakar. Fez a tese de doutoramento sobre as sociedades rurais do Senegal *Les paysans du Sénégal: les civilisations agraires du Cayor à la Casamance*. Depois de regressar a França (1961) continuou a deslocar-se a África em missões diversas. A partir de 1964 desenvolveu actividade sobretudo no ORSTOM. Foi impulsor de uma Geografia pelo desenvolvimento, tendo trabalhado no Senegal, Costa do Marfim, Benin, Madagascar e Guiné. Excelente professor, antigos alunos e colegas publicaram em sua homenagem uma obra colectiva: *Tropiques. Lieux et Liens* (1989).

<sup>21</sup> Entre eles Paul et Brasseur (em Bamako), Georges Savonnet (Ouagadougou), Hiernaux (Conacry), Charles Toupet (Dakar).

## II. O ciclo africano

### 1. Os primeiros anos em África

A excursão ao Sahara em 1954 foi a primeira grande viagem de Suzanne Daveau que, no final, aproveitou para conhecer a Argélia. Uma das áreas então visitadas foi o Hoggar, cadeia montanhosa de origem vulcânica, vasto espaço de deserto pedregoso (ou seja um “reg”) no centro do Sahara, terra do povo tuaregue. A paisagem árida que as imagens mostram, com solos duros e pouca areia, era então praticamente desconhecida dos europeus. A cidade de Ghardhaia, cerca de 1.000 km a norte do Hoggar, onde Suzanne Daveau colheu algumas imagens, mudou de tal forma que é hoje Património da Humanidade:

Foi essa viagem que marcou o início da paixão de Suzanne Daveau por África, sem imaginar ainda que passaria ali uma parte importante da sua vida (ver em § 2., mapa com os espaços visitados e estudados). Em 1956 o interesse em conhecer melhor este continente torna-se realidade, com a bolsa do IFAN, para investigar a escarpa de Bandiagara, no Mali, como parte complementar do doutoramento na Sorbonne. Vai então a África, desta vez sozinha, com esse objectivo específico.

Antes de iniciar a pesquisa sobre Bandiagara, onde permaneceria 6 meses, Suzanne Daveau passou por Dakar e começou a descoberta da então África Ocidental Francesa (AOF). Essa primeira exploração, do vale do Senegal e do leste do país, foi feita na companhia de Amadou Mathar M’Bow, antigo colega na Sorbonne, na altura responsável pela educação básica no Senegal, e já então colaborador da UNESCO. M’Bow era um empenhado professor, ao mesmo tempo simples e afável, que viria a ser importante personalidade, no seu país e no mundo<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Amadou-Mathar M’Bow (1921-) sempre se interessou por questões educativas, tanto no seu país como no Mundo. Começou a trabalhar para a UNESCO em 1953 e acabou por se tornar Director Geral desta organização por um longo período: 1974 a 1987. Entre 1953 e 1974 ocupou vários cargos, entre os quais o de Ministro por um curto período, voltando a seguir à função docente, desta vez numa escola do ensino secundário no sul da Mauritânia, o que muito surpreendeu os seus contemporâneos já que não era hábito alguém passar de cargos políticos para funções que se podem considerar modestas. Durante a guerra de 1939-45 foi voluntário no exército francês. Só depois de terminada a Guerra estudaria Geografia na Sorbonne. Não esqueceria as suas origens modestas: “Oui, j’ai grandi avec l’Afrique, souffert de sa souffrance, vécu ses angoisses, assumé ses espoirs. J’en ai reçu une éducation faite de volonté d’enracinement au milieu traditionnel (...). Je n’oublierai pas non plus l’expérience que j’ai acquise depuis le jour où, par une matinée de novembre 1929, je fus conduit à l’école régionale de Louga par un père qui ne savait pas le français, mais qui avait senti que, si la continuité avec soi était essentielle, il fallait aussi établir la continuité avec le monde (...) La Sorbonne fut aussi une aventure riche et passionnante. (Amadou-Mathar M’Bow, 1982, “L’Afrique telle qu’elle change”, in *Le temps des peuples*, Ed. Robert Lafforet: 184-185).

Essa viagem exploratória deu-lhe uma perspectiva global do Senegal e permitiu-lhe tomar contacto com a rudeza das condições naturais, bem como com a complexa realidade humana, conhecida de perto por M'Bow, que tinha consciência das ambiguidades do estatuto colonial. Foi na sua companhia que Suzanne Daveau começou a familiarizar-se com a miséria e dura vivência africana<sup>2</sup>.

Durante esse percurso, começado em Janeiro de 1956, quando as condições de clima eram mais propícias, a jovem geógrafa tomou apontamentos de viagem – o que muitos de nós porventura não fazemos ao percorrer regiões desconhecidas. Essas notas dão uma imagem pessoal directa da África de então, sem os constrangimentos de um texto para publicação. Ficam as ideias essenciais desse registo onde, surpreendentemente – ou talvez não – não há uma observação sobre si própria, e são raras as indicações sobre aquilo que mais a perturbou, ou chocou, apesar de viajar em condições muito diferentes das que conhecia na Europa. Os registos fotográficos dessas deslocações num meio árido, com habitantes pobres mas hospitaleiros que tinham formas de organizar a vida desconhecidas da maioria dos europeus, ajudam a construir a vivência nessa antiga colónia francesa.

A primeira etapa, entre Dakar e Saint Louis, foi feita de combóio, numa paisagem “bastante desoladora”, onde se viam poucos campos cultivados. Nas gares, o ambiente era contrastante – como que de festa, com pessoas sorridentes e curiosas. Em Saint Louis (que foi capital do Senegal até 1902, quando passou para Dakar, e capital da Mauritânia entre 1920 e 1957), cidade costeira situada na foz do rio Senegal, “muitos trabalhos, mas poucas concretizações urbanísticas, excepto o edifício do Instituto Francês da África Negra (IFAN) cujas funções seriam transferidas para Dakar. O bairro dos pescadores era “miserável”, de acordo com os registos de Suzanne Daveau.

A partir de Saint Louis a deslocação foi feita em Land-Rover, por caminhos que mal mereciam a designação de estradas. Eram trilhos apenas transitáveis, que se adivinhavam porque não tinham vegetação. Visitaram então Tambacounda, Kolda, Ferlo, Dembakéné e outros locais. A hospitalidade era “simples, natural, total”. Fazia-se uso das casas de colegas e amigos de M'Bow, nas aldeias onde se dormia, como se fosse a própria residência: comia-se e bebia-se, fazia-se a higiene indispensável e, no fim, deixavam-se apenas umas palavras de agradecimento.

Os hábitos de alguns dos senegaleses eram então mais ou menos ocidentalizados e o aspecto das pessoas variado, muitas vezes com crianças curiosas, educadas mas tímidas, à volta dos visitantes. Um balanço, ainda que provisório, deste primeiro contacto com o Senegal ficou registado por Suzanne Daveau: uma sociedade onde coexistiam, sem conflitos, de um lado camponeses bastante pobres e, do outro, funcionários administrativos com melhores condições de vida. O convívio entre europeus e

<sup>2</sup> Como a maior parte dos amigos e colegas africanos de Suzanne Daveau já morreram, também este capítulo foi construído com base em textos, grande parte deles inéditos, em informações obtidas em Vale de Lobos e em fotografias conservadas na fototeca do CEG.



FIG. 1 O autocarro dos excursionistas ao Sahara em 1954



>  
FIG. 2 Acampamento no Hoggar em 1954, vendo-se à esquerda a traseira do autocarro



FIG. 3 O pedregoso Hoggar e na base as tendas dos viajantes, 1954



FIG. 4 Imagem de Ghardhaia em 1954



FIG. 5 Edifício do IFAN em Saint Louis, 1956



FIG. 6 Bairro dos pescadores em Saint Louis



FIG. 7 M'Bow na companhia de senegaleses, 1956



FIG. 8 Habitantes de Dembaréné em 1956

africanos era pacífico. Os africanos tinham para com os europeus um olhar indulgente e vice-versa. Uns e outros respeitavam os costumes e as formas de convivência dos outros, embora estas nem sempre fossem apreciadas. Não se esqueça que se estava em 1956, antes de se iniciarem os movimentos independentistas na África Ocidental.

Vem a propósito um episódio que Suzanne Daveau me contou há pouco tempo, aliás bastante estranho para um europeu. Os africanos consideram pouco educado que, quando dois europeus se encontram, comecem rapidamente a falar sobre o assunto que os levou a esse encontro, dedicando apenas uns instantes a cumprimentos, que não passam de olá, bom dia, como está. Para eles esse comportamento revela falta de educação. O que deve ser feito é perguntar, sempre de forma sorridente e amável, como está a pessoa ou o amigo, a família, os seus animais, ou outros pertences. O objectivo do encontro deve ser precedido de uma conversa que revele agrado pelo encontro, interesse pela vida do outro. Isso não é perda de tempo; pelo contrário, é saber usar bem o tempo.

Não sendo este o modo de pensar e agir dos europeus, Suzanne Daveau foi aprendendo... com os erros que cometeu. Um dia, no regresso de uma viagem de estudo com três dos seus estudantes africanos, chegaram a uma estação de caminho-de-ferro onde devia estar um vagão, antecipadamente reservado para transportar para Dakar o carro onde tinham viajado. Dirigiram-se ao chefe da estação, que lhes disse não haver nenhum vagão disponível. A reacção imediata da professora europeia foi dizer alto e bom som: “C’est pas sérieux!”. O responsável pela estação olhou-a estupefacto com a falta de respeito. Felizmente os alunos fize-



FIG. 9 Aldeia de Dembaréné, Senegal oriental, 1956

ram um sinal a Suzanne Daveau para se afastar, rápida e silenciosamente. Ela assim fez. A solução, nesta e noutras situações semelhantes, era esperar calmamente. Não era delicado mostrar imediatamente desagrado perante um funcionário, que se considerava importante e prezava a sua função de chefe de estação. A situação havia de resolver-se. E, de facto, assim aconteceu. Algum tempo depois – quanto, pouco interessa – foi retirado um vagão de outro comboio e o carro fez nele a viagem de regresso, como estava programado. Depois desta forma de agir impulsiva aprendeu que tinha de manter a calma, de ser paciente, de respeitar a forma de pensar e de agir dos africanos.

Na viagem seguinte, desta vez sozinha, entre Dakar, Bamako e Ouaga (Ouagadougou<sup>3</sup>), onde existia um centro do IFAN, conheceu a áreas de Bandiagara onde iria trabalhar muitos meses. Sobre esta região as notas de viagem são mais pormenorizadas.

O contacto com os Dogon foi estabelecido nessa viagem. A área onde eles vivem é atravessada pela escarpa de Bandiagara, a leste de Mopti, no Mali. Esta extensa escarpa de arenitos, com mais de 100 km de extensão, que atinge os 500 metros de desnível, foi um local de refúgio para este povo africano, na tentativa de escaparem à conversão ao islamismo e, ao mesmo tempo, uma escolha deliberada pela pre-

<sup>3</sup> Ouagadougou, a capital do Alto Volta entre 1919 e 1932, é a capital do Burkina Faso desde 1984 (antes Alto Volta). Tem perto de 1,5 milhões de habitantes e é uma cidade muito antiga, ocupada pelos franceses a partir de 1896.



FIG. 10 Celeiros de Bandiagara com telhado cónico, Mali 1956



FIG. 11 Festa Dogon vendo-se ao fundo europeus, 1956



FIG. 12 Subida ao telhado da casa do falecido que se homenageia, 1956

sença de água na base da escarpa. A alta parede oferecia boa protecção e camuflava as suas casas, construídas com uma mistura de argila, palha e excrementos de animais, bem integradas na paisagem e quase invisíveis ao longe.

Os Dogon foram estudados por uma equipa de etnólogos, chefiados por Marcel Griaule (1898-1956), que deu a conhecer a visão do mundo e a cosmologia dos Dogon, através de um livro de divulgação *Dieu d'Eau*, publicado em 1948 e depois reeditado. Este professor da disciplina de Etnologia, que Suzanne Daveau tinha frequentado em Paris em 1947, mostrou aos europeus que os Dogon eram um povo com uma cultura e concepção do mundo própria, desconhecida até então.

As suas belíssimas esculturas, que tentam esconder dos turistas pelo seu significado simbólico, são hoje muito apreciadas<sup>4</sup>. Como muitos outros povos africanos gostam de organizar festas e de dançar. Nas imagens pode ver-se o terreiro onde se dança, local interdito às mulheres. Tanto elas como as crianças podem apenas observar os dançarinos, a partir do topo das casas que rodeiam o terreiro onde elas se desenrolam, sem nelas poderem participar. Pode ver-se também o ritual da subida ao telhado da casa da pessoa que faleceu, em honra

<sup>4</sup> Em Lisboa, houve em 2010 uma exposição de arte africana, com o riquíssimo espólio de José de Guimarães, onde as impressionantes esculturas dos Dogon ocuparam parte da mostra. Também em Paris, em Julho de 2011, foi apresentada no Musée du Quai Branly a exposição “DOGON”, com um catálogo excelentemente ilustrado onde se diz: “La Falaise de Bandiagara, haute de trois à quatre cents mètres, court sur près de deux cents de kilomètres, l'ensemble du pays Dogon”.

da qual se realizaram as danças. Numa das imagens vêem-se alguns europeus no plano de fundo. Nessa altura eles ainda podiam assistir às danças, sem as reservas que o turismo acabaria por criar.

Grande parte da estadia em África em 1956 foi passada a percorrer a área da tese, entre Ouagadougou, Bandiagara e Mopti, quase sempre sem meio de transporte próprio. Ocasionalmente pode fazer deslocações de carro, utilizando um veículo que estava à disposição de uma colega, encarregada de fazer inquéritos às populações que seriam afectadas por uma barragem, a construir no rio Sourou, no Alto Volta. Teve também a ajuda de um centro do IFAN situado em Ouagadougou, dirigido por Georges Savonnet, um geógrafo e antigo colega da Sorbonne. Essas viagens, feitas a pé, em carro emprestado, em auto-stop, ou recorrendo a bicicletas, permitiram-lhe conhecer bem a região e familiarizar-se com a vida no mato. As saídas eram feitas ao raiar do dia, antes de o calor apertar. Mas não só as elevadas temperaturas dificultavam os percursos na área em estudo: a vegetação espinhosa provocava frequentes furos nos pneus, que a obrigavam a empurrar a bicicleta, por duros e às vezes longos percursos.

Foi nessas deslocações que aprendeu sozinha a fazer geomorfologia, disciplina de que apenas tinha recebido formação teórica, em boa parte a partir do clássico manual de Emmanuel de Martonne, *Traité de Géographie Physique*<sup>5</sup>. Na geomorfologia da África Ocidental, então praticamente desconhecida, ela percebeu que se aplicavam bem as teorias cíclicas davisianas<sup>6</sup> – remodeladas nos anos 1950 e 1960 por Walther Penck<sup>7</sup>



FIG. 13 Um grupo de rapazes Dogon em Bandiagara, 1956



FIG. 14 Construção de casa circular em Bady no Senegal, 1957

<sup>5</sup> As ideias davisianas de Emmanuel De Martonne foram combatidas por J. Tricart, um apaixonado pelo periglacialismo, com quem Suzanne Daveau tinha feito algumas excursões nos arredores de Paris.

<sup>6</sup> Obra de W. M. Davis (1899) *The geographical cycle*.

<sup>7</sup> Walter Penck (1888-1923) foi um geólogo e geomorfólogo que descobriu que o processo de levantamento (uplift) e de erosão ocorrem em simultâneo, levando à revisão do ciclo de erosão de Charles Darwin, de 1899, que no essencial defendia que a superfície terrestre evolui segundo ciclos definidos, até atingir o equilíbrio.



FIG. 15 Aspecto da escarpa de Bandiagara, 1956



FIG. 16 Suzanne Daveau com acompanhantes em Bandiagara

e por Lester King<sup>8</sup> – já que a grande escarpa de Bandiagara separava duas superfícies de aplanção bem escalonadas. Qualquer geomorfólogo, que conhece os “ossos do ofício”, se surpreende com essa impressionante aprendizagem autónoma, de que os futuros alunos colheriam benefícios.

A tese de doutoramento foi defendida em 1957, e em 1959 o IFAN publicou o seu estudo sobre a escarpa de Bandiagara<sup>9</sup>. Pouco depois foi convidada por Paul Pélissier<sup>10</sup> (1921-1994) a leccionar na Universidade de Dakar, que a França acabava de criar, e que precisava de alguém com o doutoramento, que ele próprio ainda estava a preparar sobre os camponeses do Senegal. Era convidada a leccionar num continente mal conhecido que a seduzia, numa Universidade acabada de criar, junto de amigos que apreciava, como Paul Pélissier, num ambiente humano acolhedor e com um bom vencimento. A ideia foi recebida com entusiasmo por Suzanne Daveau e naturalmente aceite.

<sup>8</sup> Lester Charles King (1907-1989), geólogo, nascido na Grã-Bretanha, trabalhou sobretudo na África do Sul e na Nova Zelândia.

<sup>9</sup> Suzanne Daveau (1959) – *Recherches Morphologiques sur la Région de Bandiagara*, Mémoires de l'institut Français d'Afrique Noire (56), Dakar.

<sup>10</sup> A interessante entrevista que Paul Pélissier concedeu em 2007 a Jean Marie Théodat da DOAC (Direction de Open Acess, revue.org. <http://echogeo.revues.org/>) permite perceber o seu profundo conhecimento da AOF, onde permaneceu 11 anos, a partir de 1950, e nos 30 anos que se seguiram ao seu regresso a França, nas numerosas deslocações a países desse continente e a outras colónias francesas. No número 13 da Revista *EchoGéo* (2010), publicado após a sua morte, “Autour de Paul Pélissier. Entretiens en forme d'hommage”, os colegas Jean-Louis Chaléard, Alain Dubresson, Michel Lesourd, Jean-Luc Piermay e Jean-Pierre Raison, dão um caloroso testemunho da convivência com ele.

## 2. Senegal: docência e investigação

A candidatura a professora da Universidade de Dakar, apresentada na Primavera de 1957, logo depois de concluído o doutoramento, foi imediatamente aceite. Em Outubro desse ano Suzanne Daveau começou o serviço docente nessa Universidade, agora chamada Cheikh Anta Diop<sup>11</sup>, de onde sairia em Setembro de 1964. Oito anos de docência em África, a que se seguiram outros de investigação, com diversas pesquisas e publicações.

O local onde se situava a Universidade, na península junto ao mar, era muito agradável, tal como o ambiente entre colegas, quase todos jovens dinâmicos, interessados pelo trabalho que desenvolviam. A somar ao belo sítio e ao ambiente acolhedor, um delicioso clima durante o Inverno, e condições materiais excepcionais, já que, além de um bom salário, os professores dispunham de residência. Este nível de vida privilegiado era naturalmente apreciado. A maior parte dos estudantes eram antigos bolseiros franceses, muitos dos quais de origem modesta, quase todos jovens negros (raras raparigas brancas, parte delas filhas de funcionários ou de militares), provenientes dos vastos territórios da África Ocidental Francesa (AOF).

Em Geografia Suzanne Daveau colaborou estreitamente não só com Paul Péliissier, mas também com Assane Seck (1919-2012), geógrafo senegalês que estava a preparar a tese sobre a cidade de Dakar, então a capital da AOG. Estando os dois professores mais empenhados na Geografia humana, o ensino da Geografia física ficou a cargo de Suzanne Daveau. Essa distribuição de serviço lectivo acabou por resultar em investigações preferencialmente dirigidas aos aspectos físicos, pois todos sentiam necessidade de criar e fazer crescer a informa-

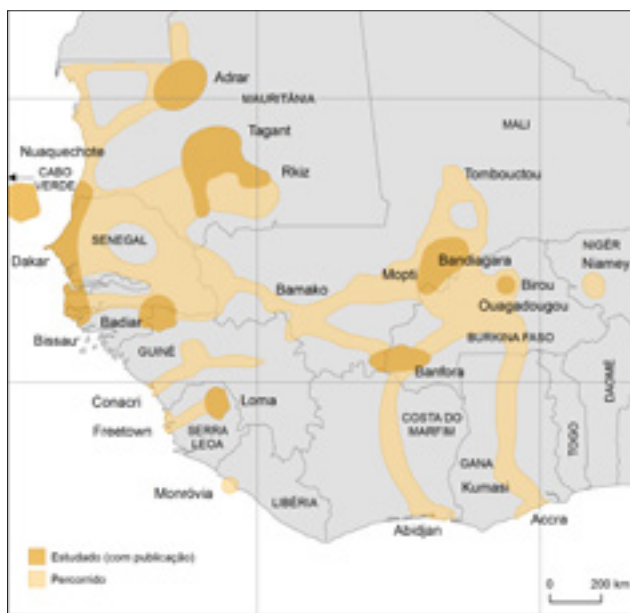


FIG. 17 Locais percorridos e estudados por Suzanne Daveau na AOF (esboço da própria)

<sup>11</sup> Cheikh Anta Diop (1923-1986) historiador e antropólogo senegalês estudou as origens do homem e da cultura africana pré-colonial. Defendeu que a cultura do Egipto não tem apenas base mediterrânea, mas também africana. Esta teoria foi de início mal recebida (a tese que apresentou em Paris em 1951 foi recusada), mas acabou por ser difundida e aceite (nova apresentação da tese em 1960, desta vez aprovada). Escreveu o capítulo acerca das origens dos egípcios na *História Geral de África* da UNESCO. Dedicou-se ainda à Matemática, à Física, à Filosofia e à Linguística. Desenvolveu intensa actividade política no Senegal, a partir de 1960, sempre em oposição a Leopold Senghor, tendo sido várias vezes preso.



FIG. 18 Aldeia piscatória de Cayar, perto de Dakar, 1958

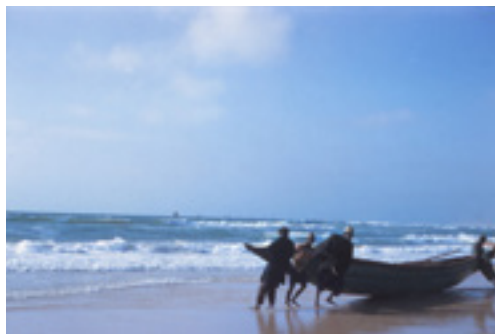


FIG. 19 Pescadores regressam do mar, 1958



FIG. 20 Vista aérea da Península de Dakar, 1960



FIG. 21 Aspecto da Universidade de Dakar em 1964

ção sobre a AOF, nos mais variados aspectos. Os professores não queriam que o ensino na Universidade de Dakar fosse uma versão mais ou menos africanizada do que se praticava em França. Conhecer as múltiplas facetas do continente, trabalhar no campo, fazer crescer a bibliografia a partir de pesquisas directas, eram necessidades sentidas para que o ensino não se limitasse a copiar o modelo metropolitano<sup>12</sup>.

A investigação em Geografia física não constituiu, portanto, uma escolha pessoal; foi fruto das circunstâncias. Ficaram a seu cargo as disciplinas mais ligadas à natureza, o que teve a ver com a distribuição de serviço docente, mas também com o facto de Suzanne Daveau considerar que era difícil praticar Geografia humana sem dominar as línguas locais<sup>13</sup>. Mas o interesse por variados campos da Geografia permane-

<sup>12</sup> O livro de Jacques Richar Molard (1949, 1952, 1.ª e 2.ª ed.) – *Afrique Occidentale Française*. Ed. Berger-Levrault, Paris, era particamente o único sobre a Geografia da AOF utilizado na Universidade de Dakar. O seu autor, morreu aos 35 anos (1913-1951) num acidente de montanha, no Maciço de Nimba. Molard tinha sido adjunto de Théodore Monot no IFAN e teria continuado as suas pesquisas em África, não fora a doença da sua jovem esposa, que o obrigou a regressar a França.

<sup>13</sup> Paul Pélissier tinha de se servir de um intérprete para inquirir ou se aproximar dos povos que estudava, o qual nem sempre fazia uma tradução correcta. As palavras que ele dominava, ajudavam-no de algum modo a decifrar o sentido da comunicação estabelecida. Ele próprio reconheceu essas dificuldades na entrevista já mencionada que concedeu em 2007 a Jean Marie Théodat: “Un point important : le problème de la langue, particulièrement difficile en Afrique. Au Sénégal, j’avais à faire avec 5 ou 6 langues, dont aucune n’était dominante (c’est de moins en moins vrai aujourd’hui où le Wolof tend à l’emporter avec

ceu. A sua vida científica foi na altura enriquecida pelo contacto próximo com o historiador Jean Devisse (1919-1996)<sup>14</sup>, a participação em campanhas de investigação arqueológica que ele dirigia no sítio provável da antiga cidade de Aoudaghost na Mauritânia Ocidental e, ainda, com o estreito convívio que estabeleceu, sobretudo durante os períodos de trabalho de campo, com etnólogos, sociólogos, linguistas, agrónomos, naturalistas, geólogos e pessoas de outras áreas científicas. A curiosidade e interesses de Suzanne Daveau não se cingiam aos aspectos geográficos de África.

*Exploração do Senegal* – Todos os anos era organizada no Inverno uma grande excursão com os alunos que, no testemunho de Paul Pélissier, fazia parte integrante da formação em Geografia, por iniciativa dele e de Suzanne Daveau. Era uma iniciação à observação directa e aos inquéritos junto de habitantes das áreas percorridas, para alguns alunos algo abrupta e até inóspita. Para essa visita, habitualmente de uma semana, era necessário tudo levar de Dakar: camas, cobertores, alimentos, fogões a petróleo, utensílios de cozinha, filtros em cerâmica para a água, medicamentos essenciais. Tendas não havia; dormia-se ao ar livre. A água era filtrada todas as noites em bivaques. Tudo era novo para muitos jovens e até para Suzanne Daveau nas primeiras viagens: palhotas muito bem cuidadas, interessantes celeiros com telhados em cone, crianças a cuidar de outras mais pequenas, curiosos vestuários coloridos, abruptas vertentes cultivadas, areias, capas lateríticas, diversidade faunística...

A descoberta do multifacetado Senegal e dos confins da Guiné e da Mauritânia Oriental foi feita nessas condições precárias. Nalgumas excursões aconteceram episódios curiosos, de alguns dos quais ficaram registos<sup>15</sup>. Em Fevereiro de 1959, guiados



FIG. 22 Partida para uma excursão com alunos da Universidade de Dakar, 1957



FIG. 23 Excursão com alunos e Pélissier, 1959



FIG. 24 Casamance, casa de feiticeiro, 1958

l'urbanisation.) On se débrouillait grâce aux instituteurs, à leurs élèves, aux missionnaires et surtout aux anciens combattants.

<sup>14</sup> O historiador Jean Devisse (1919-1996) tem numerosos trabalhos dedicados à alta Idade Média e desde que se instalou em Dakar também à África negra.

<sup>15</sup> “Aux origines de l'Université de Dakar. Quelques souvenirs de mes années dakaroises avec Assane Seck”, *Mélanges offertes au Professeur Assane Seck*. N.E.A.S, Dakar, 2010, p.63-70.



FIG. 25 Pélissier ensina os rapazes a descascar batatas numa excursão em 1956



FIG. 27 Celeiros no Senegal do Sul, 1958



FIG. 28 Raparigas trabalham no campo, 1958



FIG. 26 O duro trabalho de preparação do solo para o arroz, 1956



FIG. 29 Mulheres com arroz à cabeça em aldeia mandinga de Casamance, 1958

por Paul Pélissier na descoberta da maravilhosa Casamance e do Senegal oriental, foram as raparigas e Suzanne Daveau que na primeira noite prepararam o jantar. No dia seguinte elas declaram-se em greve. Era a vez dos rapazes. Estes não sabiam cozinhar – nem mesmo abrir uma lata de conservas, segundo Suzanne Daveau – e consideravam indigno que isso lhes fosse pedido. Valeu a autoridade da professora e a inflexibilidade das jovens meninas. Pélissier viu-se obrigado a ajudar os rapazes a fritar batatas e, porventura, a abrir algumas latas de conservas. No fim saíram-se bem, já que há o registo das caras sorridentes dos rapazes a descascar batatas e, segundo Suzanne Daveau, “as batatas estavam deliciosas”.

Foi durante essas excursões que puderam observar, talvez pela primeira vez, diferentes e duros modos de vida, parte dos quais na bela região de Casamance: a difícil



FIG. 30 Casa Basil em Casamance, 1958



FIG. 31 Moendo o cereal numa aldeia mandinga em Casamance, 1960



FIG. 32 Piroga com bicicletas no Rio Songrourou, Casamance 1960

exploração do solo, o tipo de construções, os modos de transporte, os hábitos religiosos e outros costumes.

Como o Director da Universidade era da área da literatura, aceitava mal que as saídas de campo se fizessem durante o período lectivo, no Inverno, quando o clima era mais favorável e não havia inundações a cortar estradas e caminhos, pois essas ausências obrigavam alunos e professores a deslocarem as aulas. Por isso Suzanne Daveau fazia o trabalho de campo, nas áreas que pretendia estudar, durante as Férias do Natal e da Páscoa, ou mesmo no fim do ano lectivo, adiando o regresso a França e sujeitando-se a situações climáticas nem sempre favoráveis, em condições globais que o colega Paul Pélissier considerou “severas, austeras, mesmo rudes”.

### 3. Pesquisas noutros países africanos

Como a vida tradicional se mantinha viva nas cidades de África, e sobretudo no mato, Suzanne Daveau foi a primeira europeia que as mulheres africanas conheceram nalgumas das aldeias visitadas. A curiosidade sobre esta senhora era enorme, às vezes com algum espanto à mistura já que – surpresa! – não sabia fiar.

Tendo estudado a região de Bandiagara no Mali, fez um plano de pesquisas sobre as grandes escarpas gresosas que interrompem a monótona continuidade dos planaltos da África Ocidental, desde o deserto do Sahara até ao limite Norte da Floresta Equatorial. O trabalho de campo decorreu à medida das disponibilidades de tempo e, também, aproveitando de deslocações para presidir a júris, ou a convite de colegas que preparavam teses ou faziam outras pesquisas.



FIG. 33 Locais visitados por Suzanne Daveau no continente africano

O mapa mostra os países de África que Suzanne Daveau estudou ou visitou, a maior parte durante os anos em que viveu em Dakar e trabalhou na AOF. São excepção os países da orla mediterrânica, visitados depois do ano 2000 (Anexo 2). As notas que se seguem sobre cada país são necessariamente curtas, sempre que possível ilustradas com as fotografias que Suzanne Daveau então tirou, as quais ajudam a tornar mais vivas as informações, sobretudo para quem não conhece esses territórios.

*Burkina Faso: Banfora* – No ano lectivo de 1958-59 começou a estudar a escarpa de Banfora, no Sul do Alto Volta. No ano seguinte fez aí nova expedição, na companhia de uma jovem estudante francesa, desta vez já com o seu Citroën “dois cavalos”, enviado de combóio de Dakar até Bamako. No Burkina Faso, tanto quanto no Mali, onde tinha estudado a escarpa de Bandiagara, as condições de vida eram difíceis: aldeias pobres, água escassa, mercados com pouca variedade de alimentos, caminhos quase inexistentes, calor e seca. A rudeza das condições naturais era atenuada pela presença de belas raparigas.

Nesta segunda viagem a Banfora aconteceu mais um dos episódios por que Suzanne Daveau passou em África. No regresso, quando se aproximavam do vale do Níger perto da barragem de Sansanding, partiu-se o eixo da frente do Citroën, em consequência dos numerosos choques e solavancos que tinha suportado nos dias anteriores. Por sorte, a aluna que a acompanhava era sobrinha do comandante das forças militares francesas estacionadas em Segou, onde tinham pernoitado na véspera. Esse oficial francês decidiu, por



FIG. 34 Mulheres a desfilar o algodão e a fiar no Senegal oriental, 1963

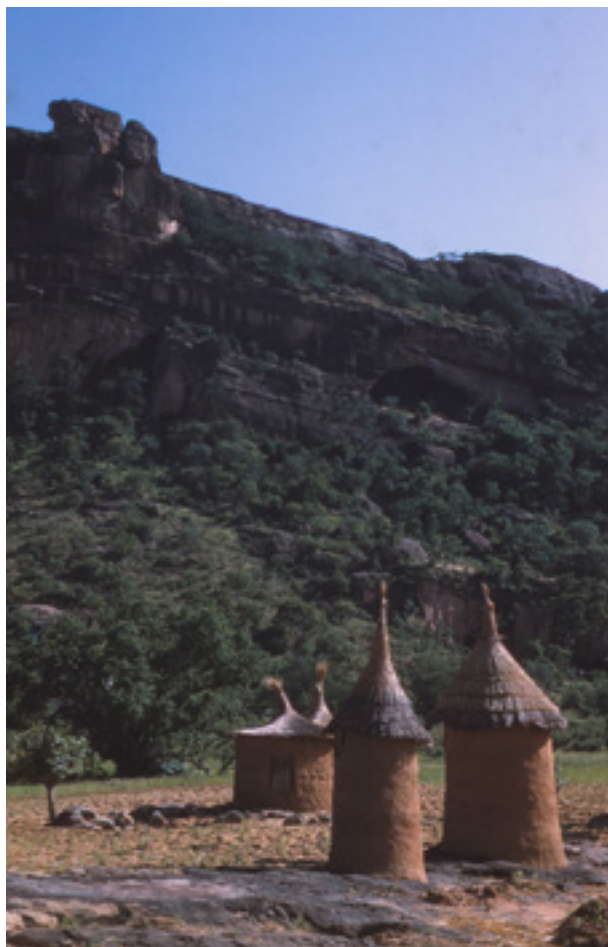


FIG. 35 Aldeia Kerkon no Burkina Faso na base da escarpa de Banfora, 1959



**FIG. 36** Suzanne Daveau em Banfora no topo de uma escarpa em Banfora



**FIG. 38** Raparigas do Burkina Faso a transportar sorgo para a aldeia, 1959



**FIG. 39** Mercado onde se faz comida para venda no Burkina Faso, Banfora, 1959



**FIG. 37** Numa excursão ao Assabe em 1960 vê-se atrás, com chapéu, a jovem francesa que acompanhou Susanne Daveau a Banfora



**FIG. 40** Aldeia de Bancumana na região de Segou no Níger, 1959

precaução, enviar um jeep a acompanhá-las de longe. Na sequência da avaria viram surpreendentemente chegar um jeep, que as transportou até ao quartel dos militares. A reparação do carro foi rápida, a despeito da data festiva (14 de Julho). Conseguiram apanhar a tempo o comboio para Dakar, e Suzanne Daveau ocupar o lugar reservado no avião para Paris, que saía no dia seguinte. Nesse ano de 1960 ela foi portanto obrigada a festejar o 14 de Julho com militares, o que lhe permitiu reconhecer que “o seu antimilitarismo era demasiado preconceituoso”.

*Guiné portuguesa e Guiné Conakri* – A primeira viagem exploratória na Guiné seria feita sozinha, em 1955, antes de regressar a França. Começou por se hospedar na casa de um colega da Universidade, para depois atravessar o país durante 4 ou 5 dias, subindo o Futa Djalon até à outra margem do rio Níger. No planalto do Futa Djalon encontravam-se então muitos europeus, usufruindo do clima ameno de altitude. Reconheceu grande parte dessa área na companhia de um padeiro, que fazia numerosas deslocações para a entrega de pão fresco aos europeus. Mais tarde, entre Fevereiro e Março de 1959, Suzanne Daveau estudaria a região de Badiar, na agora chamada



FIG. 41 Casas cónicas em Badiar com espaço exterior abrigado do sol e sebes para o gado, Guiné 1959



FIG. 42 Caçador da Guiné Conakri, 1963

Guiné Conakri. A permanência nesta região fronteiriça, uma viagem de comboio, de Conakri a Kouroussi e outras incursões na Guiné, durante a permanência de Suzanne Daveau na Universidade de Dakar, permitir-lhe-iam preparar com conhecimento do espaço o caderno de campo relativo às anotações de Orlando Ribeiro na Guiné de 1935, e sobretudo de 1947, editado em 2010<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> Philip Havik; Suzanne Daveau (2010) – *Cadernos de Campo. Orlando Ribeiro. Guiné 1947*, Centro de Estudos Africanos, Universidade do Porto, Humus.

*Ghana* – Em Abril de 1959 Suzanne Daveau atravessaria o Ghana, para participar no Encontro dos Africanistas Ocidentais em Lagos. Neste país o ambiente diferia bastante daquele que ela conhecia no Senegal, no Mali, no Burkina Faso e na Mauritânia. Deixava-se o meio tropical seco e passava-se à floresta tropical húmida. Uma estrada atravessava o país, constituindo como que uma coluna vertebral que permitia o transporte do que era possível levar do litoral até à fronteira com o Burkina Faso. No litoral ficava Accra, a capital, e em Legon, perto desta, a Universidade, que visitou.

Para além do vigor da floresta, as imagens dão conta do duro trabalho de descarregar os navios, que tinham de ficar ao largo antes de o porto ter sido construído, sendo necessárias muitas pessoas e numerosas embarcações para transportar para o continente toda a mercadoria dos navios. Memórias que poucos conservarão e muitos mais desconhecem...



**FIG. 43** Desembarque de mercadorias dos navios que se vêem ao fundo, antes de construído o porto, Ghana 1959



**FIG. 44** Estrada através da floresta tropical no Ghana, 1959



**FIG. 45** Na estrada do Burkina Faso para o litoral do Ghana, transporte de um barco escavado num só tronco, 1959

*Mali, região de Kayes* – No final de 1959 as explorações geográficas de Suzanne Daveau passaram para a região de Kayes, no Mali, acompanhada por três estudantes africanos, num Land-Rover que entretanto o Departamento de Geografia da Universidade de Dakar tinha comprado. Os costumes não eram muito diferentes dos que tinha conhecido em Bandiagara: o mesmo tipo de aldeias, costumes, distrações. Na imagem, homens distraíndo-se a jogar uma espécie de xadrez, onde o tabuleiro foi substituído por furos no chão. Com imaginação inventa-se o que faz falta.

Há que reconhecer que a maior parte do trabalho em África decorreu numa época bem diferente da que em breve se viveria nalguns países. A transição da situação colonial para a independência fazia-se então na AOF suavemente, sem conflitos, num ambiente de esperança, aliás favorecido pelos recentes anos de chuva. Quase não havia fome, a pobreza não era desesperante, as terras agricultadas aumentavam à custa da floresta e alargava-se a rede de estradas. Embora este período de euforia



FIG. 46 Aldeia de Somona no Mali, 1959



FIG. 47 Homens a jogar uma espécie de xadrez, com peças improvisadas e furos no chão



FIG. 48 Mulheres a trabalhar numa horta, Mali, 1959

tivesse durado pouco tempo, Suzanne Daveau teve a sorte de o viver. Percorreu tranquilamente a África negra que quis explorar, gozando de uma espécie de imunidade de que beneficiavam então os europeus, e principalmente uma senhora que se aventurava sozinha pelo interior, escalava vertentes, por muito íngremes que fossem, pernoitava perto deles, suportava o calor e a falta de água. É bom lembrar que ela soube respeitar costumes e valores dos habitantes. Talvez essa experiência africana tenha contribuído para algumas das facetas que hoje lhe conhecemos, como a tolerância e a simplicidade, as quais nem sempre se encontram entre professores catedráticos.

De facto, Suzanne Daveau viveu em África num importante período de transição. Na sequência da Segunda Grande Guerra e do conflito da Argélia (1952-56), começaram a verificar-se certas movimentações dos países que integravam a AOF. A maior parte das importantes decisões, no sentido de se autonomizarem da metrópole, e mesmo de adquirirem a independência, foram então tomadas sem conflitos, como aconteceria alguns anos depois com as antigas colónias portuguesas. Nesse caminho para a independência confrontaram-se duas correntes principais: por um lado os que defendiam um corte completo e imediato com a França e, por outro, os que preferiam que a separação fosse gradual<sup>17</sup>.

Após a proclamação da independência do Ghana (1957), houve a tentativa de criação da Federação do Mali, que começou por contar com 4 candidaturas (Alto Volta, Dahomé, Senegal e Mali), mas acabou por se concretizar apenas entre o Senegal e o Mali. A vida desta confederação seria efémera (1959-60), já que o Mali, com Modibo Keita<sup>18</sup>, saiu pouco depois da Federação. O Senegal, dirigido por Leopold Senghor (1906-2001)<sup>19</sup>, tornar-se-ia independente em 1960, quando Suzanne Daveau estava num Congresso na Suécia. Logo a seguir a esse ano, e num período curto, a antiga AOF daria lugar a oito novos estados<sup>20</sup>.

*Mauritânia, 1960-67* – A partir de 1960 Suzanne Daveau passou a trabalhar sobretudo na Mauritânia, não só por ser mais acessível com o Land Rover a partir de Dakar, como por ter aí o apoio de geólogos do “Bureau de Recherches Géologiques et Minières” (BRGM). Além disso “as escarpas eram magníficas”, como confessou. Nessas pesquisas pode contar com a ajuda de Pierre Michel, antigo geomorfólogo do BRGM, que preparava a tese sobre as bacias do Senegal e da Gâmbia, e que tinha então começado a trabalhar na Universidade de Dakar<sup>21</sup>.

<sup>17</sup> Eis o ponto de vista de Paul Pélessier, na entrevista de 2007, a respeito do caminho para a independência: “J’étais comme mes collègues sénégalais et la grande majorité des enseignants français à l’Université de Dakar, en faveur de l’indépendance. Mais nous étions fédéralistes, c’est-à-dire pour l’indépendance de l’AOF. ‘L’unité d’abord, l’indépendance suivra ! Le Brésil plutôt que l’Amérique espagnole’, ce credo était partagé par beaucoup d’intellectuels africains qui redoutaient la ‘balkanisation’, comme Senghor. Mais d’autres étaient contre, notamment Houphouët-Boigny qui ne voulait pas que la Côte d’Ivoire soit ‘la vache à lait’ des autres territoires. Notre vision était fédéraliste car Dakar était la seule université francophone au Sud du Sahara. Nos étudiants venaient de toute l’AOF et même au-delà. Ce melting-pot nous paraissait si précieux que nous avons lancé l’idée que le campus demeure un territoire fédéral. C’était une utopie, chaque territoire devenu indépendant voulant avoir son université comme son armée, sa justice, etc. »

<sup>18</sup> Modibo Keita (1915-1977) foi o 1.º Presidente da República do Mali (1960-1968). Defensor do socialismo africano, foi acompanhado por políticos pró nacionalistas como ele. Morreu em Bamako, envenenado pelos seus sequestradores.

<sup>19</sup> Leopold Senghor foi presidente do Senegal entre 1960 e 1980. Licenciado na Sorbonne, foi o primeiro africano a completar aí a licenciatura. Preso 2 anos durante a guerra num campo de concentração nazi, tornar-se-ia deputado na Assembleia Nacional Francesa (1948-1958). Defensor do socialismo, manteve a cooperação política com a França após a independência do Senegal. Além de político, foi um escritor e poeta reconhecido, eleito para a Academia Francesa de Letras em 1983.

<sup>20</sup> Mamadou Alpha Diallou (2011) – *A construção do Estado do Senegal e a integração na África Ocidental: os problemas da Gâmbia, de Casamance e da integração regional*, Porto Alegre.

<sup>21</sup> Suzanne Daveau fez uma apreciação da tese de Pierre Michel em 1974.



FIG. 49 Vista do Adrar na Mauritânia, 1958

O Departamento de História tinha sido também reforçado com a colaboração do historiador Jean Devisse, especialista da Alta Idade Média a quem já nos referimos, que iria desencadear uma verdadeira revolução na História africana, com as escavações em Aoudaghost, no Sul da Mauritânia, uma cidade das caravanas descrita por geógrafos árabes medievais. Suzanne Daveau participou na primeira expedição, realizada no ano lectivo de 1960-61, tendo a partir de então passado a trabalhar regularmente nesse país.

Os muitos anos de pesquisa na Mauritânia, que continuaram depois de ter deixado a Universidade de Dakar (1964), permitiram a Suzanne Daveau reunir um grande e diversificado conjunto de imagens sobre este país, onde trabalhou fundamentalmente em duas áreas, assinaladas no mapa: o Adrar a Norte e, mais a Sul, o Tagant, onde dominam areias e “regs”, entre o Sahara e o Sahel, isto é, na



FIG. 50 Partida para uma expedição arqueológica a Tegdahoust, 1963



FIG. 51 Jean Devisse carregando o camião numa expedição à Mauritânia em 1960



FIG. 52 Dunas no Tagant na Mauritània em 1965



FIG. 53 Aldeia na região de Assaba na Mauritània, 1960



FIG. 54 Um burro carrega materiais de construção no Tangant, 1963



FIG. 55 O gado aguarda pacientemente a vez de beber em Tuidermi, Mauritània, 1965

extensa faixa de transição entre o inóspito deserto a Norte e o mato da ressequida savana a Sul.

A Mauritània era então, segundo Suzanne Daveau, um país humanamente mais difícil do que os da África negra, e onde nem sempre se sentiu em segurança entre os nómadas que percorriam o deserto e o Sahel.

Depois de algum tempo, acabou por lhes dedicar um profundo respeito. As imagens mostram alguns aspectos da vida quotidiana e das difíceis condições de vida: tendas com materiais e utensílios escassos, longas horas de espera e longos percursos para dar de beber ao gado, condições precárias de transporte dos bens e materiais mais essenciais.

As investigações na Mauritània, iniciadas em 1960, levaram-na a ficar responsável pelo projecto de pesquisa do Centre Nationale de la Recherche Scientifique (CNRS) intitulado “Recherche Coopérative sur Programme” (RCP), n.º 72, que agregava geógrafos, geólogos e um palinólogo, com o objectivo de estudarem o Quaternário a SW do Sahara. Só os longos períodos depressivos de Orlando Ribeiro, de quem era obrigada a afastar-se sem qualquer possibilidade de comunicação por longos períodos, a obrigaram a abandonar a direcção deste projecto a partir de 1967.



FIG. 56 Estocolmo, na Suécia em 1960



FIG. 57 Honningsvåg na Noruega, 1960



FIG. 58 Fábrica de papel de Kemir na Finlândia, 1960

*Uma importante viagem à Suécia, 1960* – Numa excursão à parte central da Suécia, realizada antes do Congresso Internacional de Geografia de 1960 em Estocolmo, conheceu o geógrafo português, de quem já tinha ouvido falar, e que também amava África – Orlando Ribeiro. A simpatia imediata deu lugar a algo mais forte. Mas como superar tantos obstáculos que os separavam? A distância, um Portugal colonialista que em breve se ia envolver em guerra com as colónias, particularmente a Guiné tão próxima do Senegal, sem esquecer que Orlando Ribeiro não tinha ainda obtido o divórcio, tudo dificultava a união.

Esta viagem à Europa do Norte, para além da importância que teve na vida pessoal de Suzanne Daveau, mostra bem como ela continuava atenta ao que passava na Geografia a nível internacional. Pode então ter um contacto com três países nórdicos, Suécia, Noruega e Finlândia, dos quais registou imagens naturalmente muito diferentes das do ambiente onde vivia na altura. África era, de momento, o seu local de trabalho mas, para Suzanne Daveau, estudar Geografia significava tentar entender relações com espaços próximos ou distantes. Conhecer novos países, diferentes hábitos, culturas, paisagens, continuava a ser um desejo e mesmo uma necessidade.

*Angola e Moçambique, 1961* – Durante algum tempo, as poucas possibilidades de contactos entre Suzanne Daveau e Orlando Ribeiro cingiram-se a encontros esporádicos, em Portugal ou em França. Em 1961 Suzanne Daveau recebeu porém uma boa notícia: era convidada a participar na Missão Geográfica a Angola e Moçambique, que Orlando Ribeiro tinha organizado com Alfredo Fernandes Martins, geógrafo da Universidade de Coimbra. Ainda hoje se surpreende que tenha conseguido, quase instantaneamente, o indispensável visto do Ministério dos Negócios Estrangeiros,



FIG. 59 O porto de Moçâmedes (actual Namibe), Angola 1961



FIG. 60 *Welwitschia Mirabilis*, espécie que só existe no deserto do Namibe, Angola

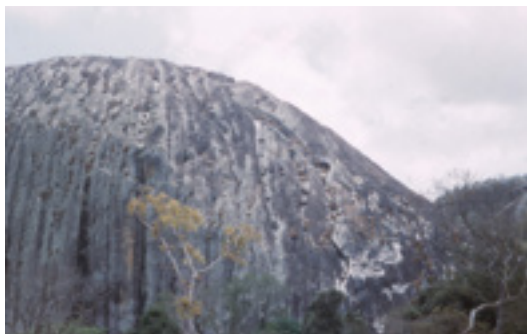


FIG. 61 Inselberg na região de Nampula em Moçambique, 1961



FIG. 62 Uma rua arborizada na Ilha de Moçambique, 1961

informação que até a Embaixada de Portugal em Paris recebeu com estranheza e, ainda mais, o responsável da agência da TAP em Paris, que se prestou a acompanhá-la ao aeroporto – porventura convencido de que acompanhava alguém muito importante. De facto, este devia ser um dos raros bilhetes de avião para Angola, vendido na altura pela agência de Paris.

Após o encontro com Orlando Ribeiro, no aeroporto de Sá da Bandeira (actual Lubango), partiram para Moçâmedes (actual Namibe) no litoral. Essa viagem foi feita num carro que se serviu da via do caminho-de-ferro como estrada, já que a frequência de comboios era esporádica. No percurso puderam admirar a enorme escarpa de grés da Humpata. Depois partiram para o deserto de Namibe onde viram a esplên-

dida *Welwitschia Mirabilis*<sup>22</sup>. A seguir partiram para Moçambique. De início, Alfredo Fernandes Martins parece ter tido receio da potencial concorrência desta jovem geógrafa francesa. Dias depois, ultrapassada essa suspeita, visitaram os numerosos e admiráveis inselbergues da região de Nampula, no Norte do país, que conseguiram também sobrevoar. As límpidas águas do Oceano Índico e os belos corais, próximo da Ilha de Moçambique, tornaram inesquecível esta primeira viagem ao hemisfério Sul. Visitaram também parte da província de Niassa, adjacente à de Nampula, ten-



FIG. 63 Aldeia de Vila Cabral, Moçambique, 1961

do ficado registos de Vila Cabral (actual Lichinga), entre outras povoações. Lourenço Marques (agora Maputo) foi outro dos locais visitados.

Esta viagem, bem como a leitura de textos portugueses traduzidos que entretanto tinha iniciado, despertaram o seu interesse pelas descobertas, interesse que perduraria. As primeiras publicações relativas a essas explorações foram, aliás, sobre a Ilha de S. Tomé (1962) e a Geografia da Expansão Portuguesa (1963). Seguir-se-iam outras pesquisas, apoiadas em novas viagens. Angola e Moçambique seriam de novo visitadas por Suzanne Daveau, respectivamente em 1969 e 1973, e Cabo Verde em 1985, na companhia de Orlando Ribeiro, a última grande viagem do geógrafo.

<sup>22</sup> A *Welwitschia Mirabilis* deve o nome ao botânico austríaco Friedrich Welwitsch (1806-1872), que estudou a flora de Angola, a convite do governo português. Esta planta, hoje ameaçada, que só existe no deserto do Namibe consegue sobreviver à secura graças à profunda raiz e às longas folhas que conseguem absorver a água do orvalho. Admite-se que algumas destas plantas possam atingir os 1.000 anos

Depois da deslocação a Angola e a Moçambique em 1961, Suzanne Daveau manteve-se na Universidade de Dakar até 1964, continuando as investigações sobre a África Ocidental, particularmente a Mauritânia e o Burkina Faso, como mostram as publicações dos anos seguintes. Em 1962-63 beneficiou de um destacamento concedido pelo CNRS como directora de investigação e ficou na Mauritânia, no Adrar, por um longo período durante esse Inverno, tendo estado também no Tagant e no Assabe.

*Serra Leoa, Montes Loma, 1963* – O ano lectivo de 1962-63, em destacamento no CNRS, foi passado em investigações na Mauritânia, mas aproveitou também esse ano sem funções lectivas para se reunir a uma expedição aos Montes Loma, na Serra Leoa, durante os meses de Maio e Junho. Essa viagem foi organizada por Maxime Lamotte (1920-2007), um zoólogo especializado na genética, pioneiro dos estudos ecológicos e interessado pela Geografia, que convidou Suzanne Daveau a acompanhá-los. Ela passou portanto do deserto para a floresta tropical de montanha, dois meios bem contrastantes.

Nessa deslocação ao interior da Serra Leoa, os investigadores tinham partido de França, mas Suzanne Daveau só se juntou ao grupo uns dias depois, uma vez que viera passar uns dias a Lisboa. Chegada a Freetown, a capital, foi de *taxi-brousse* até onde



FIG. 64 Maxime Lamotte, à esquerda, na aldeia de Bénékoro da Serra Leoa, 1963



FIG. 65 Os carregadores da bagagem na deslocação aos Montes Loma



FIG. 66 Aldeia de Keimadougou na Serra Leoa, 1953



FIG. 67 Perto do rio Denkalé na Serra Leoa, 1963

as estradas permitiam a circulação por carro. A partir do fim do percurso em automóvel tinha de fazer pelo menos dois dias a pé, na companhia de guias previamente indicados por Lamotte.

A viagem a pé foi dura, pela distância, pelos difíceis caminhos, pelo calor, pelo isolamento: ela e um muito jovem guia, cuja língua lhe era desconhecida, que transportava a sua pequena mala. A certa altura Suzanne Daveau reparou que tinha a acompanhá-la não um guia, mas duas jovens “meninas” à volta dos 12 anos. Estranhou, mas seguiu viagem com elas, já que não havia escolha.

No decurso do percurso deu-se conta do seu engano: estava na verdade a ser acompanhada por dois rapazes que, como ainda não tinham atingido a puberdade, não estavam ainda iniciados e vestiam como raparigas, de acordo com os costumes da região.

Outra surpresa a esperava nesse percurso solitário pelo interior da Serra Leoa. Pernoitando onde Lamotte havia deixado indicações da sua passagem, chegou ao fim do dia a uma remota aldeia, bem cansada de uma viagem sob um sol arrasador. Os habitantes acolheram a estranha visitante com muita curiosidade e instalaram-na na casa onde se faziam as reuniões da aldeia. No centro estava uma cama desdobrável, deixada pelos investigadores europeus que ali tinham passado uns dias antes. Ao lado, um enorme tacho de arroz, amavelmente cozinhado para ela pelos habitantes – que não conseguiu comer devido ao excessivo cansaço – e um tentador jarro com água. Reunida à volta da cama, toda a população esperava para ver... como era, e o que fazia, uma europeia que viajava sozinha. Era pelo menos intrigante. Sem saber como comunicar com tantas pessoas que a observavam, Suzanne Daveau resolveu deitar-se e fingir que dormia. Era a vez de ela tentar perceber como reagiriam ao seu (simulado) sono. Depois de uns 15 minutos sem que nada se passasse, os aldeãos acharam que o melhor era regressarem às suas casas e deixaram-na em paz. Só então se dispôs a beber a desejada água, que entretanto se enchera de formigas. Teve de usar o pano mais limpo que conseguiu para a filtrar, e finalmente beber em sossego um pouco de água antes de dormir.

*Marrocos* – Embora o essencial do trabalho de Suzanne Daveau em África se tenha desenrolado na antiga AOF, ela visitou outros países, além da Argélia, de Angola e de Moçambique aos quais já nos referimos. Em 1960 conheceu Marrocos com os seus alunos, numa excursão memorável organizada por Jean Devisse, em que foram recebidos por Mohamed V. Voltou a este país um ano mais tarde, desta vez sem os alunos. O contraste entre as luxuosas instalações do palácio real e as aldeias ficou registado, bem como a diversidade e beleza da natureza, tanto do litoral como do Atlas. Aqui as aldeias localizam-se quase sempre perto de “oueds”<sup>23</sup>, onde é possível praticar



FIG. 68 Os Montes Loma vistos de Keimadugu, 1963

<sup>23</sup> Cursos de água com regimes irregulares, frequentes em regiões endorreicas.



FIG. 69 Meninos na aldeia de Ait Oufilla no médio Atlas, 1960



FIG. 70 O Palácio Real marroquino em Fez, 1960



FIG. 71 Aldeia de Zaouia Sidi Abbelali na encosta sul do Atlas, 1960

<

FIG. 72 Garganta em formações calcárias no Atlas marroquino

alguma agricultura. Outros países africanos que Suzanne Daveau visitou são indicados no anexo 2.

Em resumo, durante a permanência em África (ver mapa) e, mais tarde, trabalhando material que havia reuni-

do, e outro que ia recolhendo sobre as descobertas e explorações dos portugueses, Suzanne Daveau tratou de assuntos muito variados<sup>24</sup>: (i) as relações dos camponeses com o meio natural e, particularmente, como sobrevivem aos longos períodos sem chuva e se adaptam a condições morfológicas adversas para a agricultura, como é o caso das escarpas; (ii) o pastoreio, o comércio e o nomadismo no Sahel; (iii) inven-

<sup>24</sup> Alguns deles reunidos no livro *À descoberta da África Ocidental. Ambiente natural e sociedades*, 1999.

tários arqueológicos; (iv) reconstituição de itinerários históricos; (v) pesquisas sobre o clima no passado; (vi) análise de textos sobre África, elaborados por pessoas com interesses variados, ou de mapas de certas áreas às quais foram feitas menções no tempo das descobertas: Duarte Pacheco Pereira, João Rodrigues, João de Barros, D. João de Castro, entre outros.

Uma característica muito particular da obra científica de Suzanne Daveau reside na importância das ilustrações, sempre claras, úteis e relacionadas com o texto. Não são peças para embelezar a escrita. São fotografias, mapas, gráficos, esboços, tão importantes como o texto escrito, e directamente ligadas a ele. Para ela é importante que as figuras sejam esclarecedoras e bem concebidas e que, além disso, tenham a melhor localização: próximo do local onde são referidas (ou deviam ser), com a dimensão adequada e sempre que possível em página ímpar. Muitas vezes elaboradas por ela, foram outras vezes excelentemente preparadas para que um desenhador as terminasse, quando mais tarde teve acesso a esse luxo. No anexo 3 reproduzem-se desenhos, que ilustram aspectos que lhe chamaram a atenção nalgumas das suas viagens.

A larga experiência africana de Suzanne Daveau e o seu empenho em que os resultados do trabalho científico não se circunscrevessem ao meio universitário levou-a a publicar em 1970 um interessante texto: “Recherches de Géographie humaine en Afrique tropicale (analyse de six ouvrages récents)”. Atendendo ao interesse desta síntese, publicada pelo I.F.A.N., ela foi editada no mesmo ano pela revista parisiense *L'Information Géographique* 34 (1).

Esta apresentação e análise de 6 extensas teses de doutoramento (no conjunto mais de 8.000 páginas) de investigadores franceses, publicadas entre 1963 e 1968, relativas a enormes espaços da África Ocidental (entre 8.000 km<sup>2</sup>, a mais pequena, e quase 600.000 km<sup>2</sup> a mais extensa, com a maioria entre 75.000 e 100.000 km<sup>2</sup>, ou seja, aproximadamente a área de Portugal) é feita de forma criativa. Sem longas e monótonas descrições de capítulos, partes e temas, procura-se antes uma comparação de perspectivas, de pontos de vista e de tipos de enquadramento, nuns casos com prevalência histórica noutros de tipo ambiental – o que se deve às personalidades e características dos autores. Claro que esta síntese só seria possível para alguém que conhece os espaços estudados, na altura ainda mal explorados do ponto de vista geográfico. Mas Suzanne Daveau vai mais longe. A propósito destas “obras-primas”, como lhes chama, discute questões geográficas importantes, que extravasam o conteúdo de cada tese. São de destacar 3 aspectos:

(i) *Perspectivas sobre a Geografia*. De maneira nem sempre explícita, discutem-se pontos de vista diferentes sobre a Geografia, tanto dos autores das teses como de quem

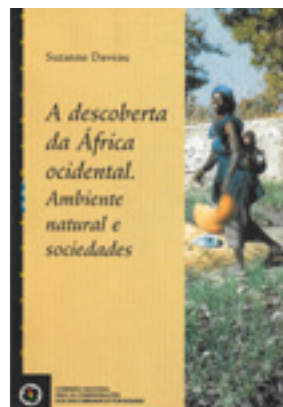


FIG. 73 Capa do livro de Suzanne Daveau sobre a África Ocidental

as apresenta. A escola geográfica francesa era nos anos 1960 (estas pesquisas situam-se entre 1963 a 1968) considerada de tipo “regional”. Ora “aucune de ces thèses ne se présente comme une étude de Géographie regional”. São seis estudos com diferentes abordagens, de extensos espaços ainda mal conhecidos, que levaram os autores a sucessivas tentativas, a ensaios diversos, tanto de individualização de áreas a estudar, como de escolha de temas e de perspectivas e, também, de métodos de análise. Cada um seguiu vias diferentes, de acordo com as características naturais e humanas das áreas das respectivas teses. Apesar dessa diversidade há temas comuns que merecem destaque: os tipos de sociedades rurais (essencialmente dois, ligados a distintas bases naturais e climáticas: savanas e florestas); a complexidade da explicação para as desigualdades de repartição da população; o papel da diversidade étnica e das respectivas formas de organização social e política e, enfim, as transformações devidas à colonização. A propósito desta vale a pena destacar que já então havia consciência de que a África estava em grande transformação e que o impacto europeu já tinha tido, e viria a ter no futuro, consequências diferentes.

(ii) *A apressada aceitação de novos conceitos*. O conceito de subdesenvolvimento, então em voga, pode ser paradigma de outras modas, anteriores e recentes. Utilizamos por vezes esses conceitos de forma acrítica, às vezes tão só porque um famoso autor contemporâneo os defendeu, e mal ou bem os utilizou. Neste caso Suzanne Daveau destaca que os seis autores das teses recusaram a aplicação do conceito de subdesenvolvimento, que Yves Lacoste tinha contribuído para difundir, e cuja aplicação se revelou quase impossível. Como é referido, se “on nuance en reconnaissant une grande variété de types de région sous-développées, on vide le concept de la plus grande partie de son sens et de son efficacité”. A diversidade existe, não é uma invenção e tem de ser tida em conta.

Retomando ideias de Jean Péliissier, lembra-se que a pesquisa fundamental, indissociável da aplicação, é a etapa inicial para se compreenderem os factores de inércia que entram no processo de desenvolvimento dos camponeses da África Negra. Não são conceitos teóricos, desligados da realidade, que fazem avançar a ciência.

(iii) *A necessidade de difusão dos trabalhos científicos*. A enorme extensão das 6 teses (a mais pequena ultrapassa as 300 páginas e as maiores cerca de 1.000 páginas) torna-as praticamente ilegíveis para a maioria das pessoas. Por isso Suzanne Daveau sugere que, tal como Pierre Gourou extraiu da sua tese sobre os camponeses do Delta de Tonquim uma síntese que foi quase um *best-seller* “La terre et l’homme en Extrême-Orient”, os autores preparem sínteses (*digests*), ou apresentem alguns dos temas trabalhados que interessem ao grande público, para que a ciência se democratize e se não feche sobre si. A consciência do valor prático da pesquisa fundamental, e da necessidade de dar a conhecer a um vasto público o avanço dos conhecimentos, será uma constante no percurso científico de Suzanne Daveau.

# III. Portugal: investigação e ensino

## 1. De África para a Europa

Em 1964 Suzanne Daveau deixou a Universidade de Dakar e voltou à Europa. O regresso deveu-se à vontade de se aproximar de Orlando Ribeiro e também ao afastamento de algumas das pessoas com as quais tinha trabalhado com mais agrado em Dakar. O grupo desfazia-se progressivamente, pelas mais diversas razões: pessoais, científicas, políticas.

Saída de Dakar, conseguiu um lugar como professora na Universidade de Besançon, no ano lectivo de 1964-1965, vencendo um intrincado imbróglgio administrativo, e retomou a investigação sobre o Jura. Durante esse Inverno, em que nevou muito e a Primavera foi chuvosa, pouco conseguiu fazer, para além de um estudo sumário sobre os vales dos planaltos calcários, publicado em 1965.

Sempre que podia, tentava estar com Orlando Ribeiro. Os curtos momentos de encontro eram porém demasiado espaçados no tempo e longos os períodos de separação. Entretanto tinha começado a conhecer Portugal, em deslocações com o geógrafo por diversas regiões do país. Continuava a aprender português, aprendizagem iniciada em Dakar num curso leccionado por um professor brasileiro, também lendo livros e procurando exprimir-se nesta língua. Mas como organizar um futuro em conjunto? As dificuldades eram muitas e pareciam então insuperáveis.

Em 1965 Orlando Ribeiro obteve o divórcio e decidiram casar. A vida de Suzanne Daveau sofreu nesse ano uma reviravolta tão grande como a que tinha acontecido em 1946, quando decidiu não ser professora primária e tornar-se geógrafa. Desta vez deixava o amado continente africano, também França e a sua família (com a qual na realidade já não vivia regularmente desde 1949) e vinha para Portugal, onde não tinha trabalho, nem amigos ou familiares. Uma nova aventura aos 40 anos,



FIG. 1 Trabalhando na cultura do arroz no vale do Sorraia, 1965

quando já devia poder aproveitar de estabilidade, de um lar e um lugar profissional estável. Em vez disso, em Setembro de 1965 instalava-se num país que vivia sob uma ditadura e continuava uma guerra colonial.

No Verão de 1965 fez uma viagem ao Brasil (Rio de Janeiro, Ceará e Baía), que lhe permitiu comparar a Geografia desse país tropical com a da África Ocidental, e também aos Estados Unidos, por ocasião de um Congresso da União Internacional para o Estudo do Quaternário (INQUA). No fim desse Verão casou com Orlando Ribeiro e instalou-se em Portugal, que começou logo a explorar. Ele tinha entretanto solicitado para Suzanne Daveau um lugar como Professora de Geografia na Universidade



FIG. 2 O Aqueduto das Águas Livres na área de Alcântara, 1964



FIG. 3 O porto de Sines, 1965



FIG. 4 Vista dos telhados da baixa de Lisboa, 1963

de Lisboa, financiado pela NATO, mas alguns professores influentes da Faculdade de Letras conseguiram movimentar-se para impedir que ela ficasse com esse posto. Embora já tivesse serviço lectivo atribuído, viu-se inesperadamente sem trabalho. Orlando Ribeiro era na verdade a pessoa a desconsiderar, já que pensava pela sua cabeça e não se coibia de dizer o que entendia, o que o tornava incómodo nalguns meios. A esposa foi então a vítima de intrigas universitárias a que era totalmente alheia. Como é nela habitual, descobriu o lado positivo da situação que lhe fora criada. Podia aprender português calmamente, procurar casa, descobrir Portugal e fazer trabalho de campo com os jovens e promissores assistentes de Geografia da Universidade de Lisboa.

Suzanne Daveau começou logo a viajar pelo País. Os seus cadernos de campo, bem como as muitas imagens que recolheu, dão a conhecer alguns dos aspectos que então mais a interessaram. Da sua excelente colecção de fotografias, conservada na Fototeca do CEG, seleccionaram-se algumas, que podem ser surpreendentes mesmo para quem nasceu neste país. Portugal transformou-se muito. Mudou a fisionomia de cidades, vilas e aldeias, de algumas das quais se mostram imagens, alteraram-se modos de deslocação, formas de trabalho, tipos de habitações, costumes, modos de estar, enfim, o aspecto geral do território. Para ela um mundo novo, ainda que encontrasse afinidades com o meio africano; para quem cá vivia nessa época, memórias porventura esquecidas, que as imagens ajudam a reviver.



FIG. 5 Vista da Ribeira no Porto, 1965



Em 1966 a Fundação Calouste Gulbenkian passou a financiar a estadia de Suzanne Daveau, como Directora de Investigação. Foi então possível obter um destacamento de França para Portugal, conservando uma ligação administrativa ao seu país natal, na condição de pagar para a futura reforma a mesma quantia que os seus colegas franceses, os quais, como se imagina, tinham vencimentos muito superiores aos docentes universitários portugueses. Essa decisão implicou que, para assegurar uma futura reforma, abdicasse durante vários anos de cerca de um quarto do que a Fundação Calouste Gulbenkian lhe pagava. Sem saber se conseguiria um lugar estável como professora em Portugal, país que começava a conhecer, descontou para uma longínqua aposentação, a suportar pelo governo francês. O risco existia mas foi deliberadamente aceite: vivia com o seu marido em Lisboa como desejava, a cidade que ele amava e onde trabalhava.

No ano lectivo de 1967-68 Orlando Ribeiro foi convidado a leccionar na Sorbonne. Suzanne Daveau procurou então um lugar como professora na Universidade de Reims, onde ensinou nesse ano. O conturbado fim do ano lectivo, com as agitações de Maio de 68,

**FIG. 6** Cabeçudos, no Alentejo, com Orlando Ribeiro, 1965

**FIG. 7** Vista de Elvas, 1966

**FIG. 8** Uma rua de Campo Maior, 1966

**FIG. 9** Campo florido no vale do Sorraia, 1965

**FIG. 10** Socalcos em Monchique, 1964



FIG. 11 Loriga, na Serra da Estrela, 1966

decepcionaram tanto o geógrafo, que ele decidiu não continuar em Paris no ano lectivo seguinte, como estava previsto. Regressaram portanto a Portugal, onde só em 1970 ela conseguiu um lugar como Professora Catedrática Convidada na Universidade de Lisboa, com vencimento pago pela administração francesa. Iniciou então a sua mais duradoura época de trabalho numa Universidade: de 1970 até à reforma em 1993.

Instalada em Portugal, Suzanne Daveau continuou as investigações sobre África, particularmente através da direcção do projecto RCP 72, do CNRS relativo ao Quaternário na Mauritânia. Voltou por isso a esse país, onde já tinha estado em 1958, 1960, 1961, 1962 e 1964. No Inverno de 1965-66 teve a companhia da geógrafa brasileira Regina Mouzinho, mas em 1966-67, desta vez sem companhia, trabalhou meses seguidos no Adrar e no Tangant, sob difíceis condições. Essas ausências mais ou menos longas de Lisboa perturbavam Orlando Ribeiro, que sofria de fortes depressões, e inquietavam a esposa, pois nessas campanhas africanas não tinha qualquer contacto com Portugal. Na Mauritânia ela ficava, de facto, totalmente isolada do resto do mundo, já que o único meio de comunicação era o telégrafo, cujo funcionamento era mais ou menos fantasioso.

Com muita pena sua, como confessou, passou a direcção do projecto a um colega, o geólogo Pierre Eluard, mantendo contactos com os investigadores que nele trabalha-



FIG. 12 Suzanne Daveau na Serra da Estrela em 1966

vam<sup>1</sup>. Em Dezembro de 1967 teve o gosto de levar Orlando Ribeiro ao Congresso de Pré-História, realizado nesse ano em Dakar, e mostrar-lhe pessoalmente a área que estudara na Mauritânia. Fez então uma quase despedida de África, e realmente um adeus à África Ocidental Francesa.

Voltaria a África em 1969, numa interessante excursão a Angola, organizada pelo Professor Ilídio do Amaral, seu colega na Universidade de Lisboa e, a pedido deste, em 1973 a Moçambique, para ajudar Maria Eugénia Moreira, jovem assistente em Lourenço Marques, nos trabalhos de campo para a sua tese de doutoramento sobre a bacia do Rio Umbeluzi. Na sequência desta viagem tornar-se-ia co-

-orientadora da tese, que a autora defenderia com êxito na Universidade de Lisboa em 1979. Outra visita teria lugar em 1985, por convite do Presidente da República de Cabo Verde a Orlando Ribeiro, em reconhecimento pelos seus antigos estudos sobre essas ilhas.

Vivendo em Portugal, país que Suzanne Daveau considera “impregnado” de África, o mundo tropical continuou a interessá-la. Em 1973 publicou com Orlando Ribeiro uma obra de síntese *La Zone Intertropicale Humide*, editada por Armand Colin. Leu também velhas crónicas dos descobrimentos portugueses, onde detectou factos que tinham passado despercebidos aos que não tinham tido, como ela, uma vivência directa dos locais descritos. O seu interesse pelos descobrimentos e as descrições dos corógrafos iniciou-se cedo: o primeiro estudo sobre o tema remonta a 1963, ainda antes de viver em Portugal. Desde que aqui se instalou aumentaram muito as suas publicações sobre o seu novo país, escritas de início em francês e, a partir de 1966, também em português.

<sup>1</sup> O projecto ressentiu-se da ausência de Suzanne que, sendo geógrafa, conseguia um excelente diálogo com investigadores de outras áreas. As investigações previstas acabaram por só em parte se concretizar.

## 2. A vida científica na Universidade de Lisboa

Após a saída da Universidade de Dakar em 1964, Suzanne Daveau viveu 6 anos intensos e diversificados, até 1970, ano em se instalou em Vale de Lobos, pequena localidade no concelho de Sintra. Iniciava nesse ano um longo período relativamente estável, tanto do ponto de vista pessoal como profissional. Os problemas maiores terão sido as profundas depressões de Orlando Ribeiro, que a impediam de fazer trabalho de campo, pois não queria deixá-lo sem o conforto da sua companhia. Quando em 1986 o geógrafo sofreu um AVC, pode dizer-se que a esposa prescindiu totalmente de ir trabalhar para o campo, durante os 10 anos em que ele sobreviveu, doente e incapacitado de sair de casa.

A sua vida como geógrafa tem tocado campos muito variados. Foi autónoma da do marido, embora trabalhassem muitas vezes em conjunto, como as respectivas publicações mostram. O facto de pesquisarem e publicarem em temas distintos não os impedia de dialogarem, e às vezes até de discutirem convictamente os respectivos pontos de vista. Dialogar não obrigava nenhum deles a concordar com o outro; discordar não era opor-se, ou estar contra. Cada um acompanhava com interesse os trabalhos do outro e ajudavam-se mutuamente. Em 1984, na cerimónia do doutoramento *honoris causa* concedido pela Universidade de Coimbra a Orlando Ribeiro, a propósito dos textos assinados pelo casal, ele proferiu uma frase muito ao seu jeito: “Publicamos trabalhos onde se não descobrem as costuras”.

A modéstia de Suzanne Daveau e o facto de ser mulher não facilitaram o seu reconhecimento como a mais importante geógrafa do século XX em Portugal. Embora tivesse recebido três doutoramentos *honoris causa*, o seu mérito não foi suficientemente enaltecido. Porventura por ser mulher numa sociedade dominada por homens.

No número 63 de *Finisterra* (1997), o etnólogo e amigo Manuel Viegas Guerreiro deixou, num registo certo, o que os geógrafos não tinham tido ainda expressado: “Empenha-se Suzanne até o impensável, em proclamar quanto aprendeu a conhecer Portugal com Orlando Ribeiro e quanto ele lhe dilatou a visão geográfica do mundo, o que não impediu, já se vê, que a sua vocação e formação de origem seguisse a



FIG. 13 Autocarro de emigrantes, Melgaço, 1976



FIG. 14 Casas de granito, Lamas, S.º Antão, 1974



FIG. 15 Rua comercial em Viseu



FIG. 16 Cabo de S. Vicente, 1983

via que lhe era própria. (...) E a sombra agigantada de seu marido vai-a apagando um pouco, mesmo sem ele querer, e quer queiramos quer não” (p. 91-92). Para Viegas Guerreiro, ela investigou de forma autónoma e criativa, de acordo com os seus interesses científicos, mas brilhou menos do que devia por circunstâncias culturais.

Vivendo em Portugal – o seu “novo país”, como o designa – as suas investigações dirigiram-se naturalmente para este território e espaços a ele ligados. Os primeiros locais de trabalho, no Jura e em África, não foram totalmente abandonados mas, a partir de 1970, Portugal, a Península Ibérica e áreas próximas passaram a estar no centro das suas pesquisas (Anexo 1), trazendo à Geografia portuguesa novos campos de investigação, inovação metodológica, rigor e seriedade.

As áreas de trabalho de Suzanne Daveau foram muito variadas. É por isso um tanto artificial incluir as suas publicações num dado campo específico, pois os seus textos focam frequentemente assuntos variados, com afinidades entre si. Também as imagens que recolheu nas frequentes deslocações pelo País revelam a diversidade de interesses.

De acordo com as suas próprias palavras estudou temas (i) que a interessaram, qualquer que fosse o âmbito espacial ou a etiqueta que lhe colocassem na nomenclatura científica; (ii) sobre os quais houvesse documentação suficiente e acessível (tendo presente as dificuldades sentidas ao estudar o Jura); (iii) que ainda não tivessem despertado estudos suficientemente aprofundados; (iv) que se adequassem à sua maneira de ser e às suas características pessoais (dando como exemplo que a pouca memória a impediu de ir mais longe no estudo da vegetação); (v) que faziam falta no ensino da Geografia.

Por facilidade de apresentação individualizaram-se certas áreas de trabalho, de que as principais, mais ou menos em sequência cronológica, teriam sido: a Geomorfologia, com os diversos campos que ela incluía antes de alguns deles adquirirem mais individualidade (casos da Biogeografia, da Biohidrologia, do estudo do Quaternário e das épocas glaciárias, dos riscos e da perigosidade geomorfológica),

a Climatologia, a Cartografia e a História da Geografia, sem esquecer as sínteses geográficas, presentes em diversas fases da sua carreira, bem como o empenho na difusão de obras recentes, novas investigações e técnicas, frequentemente através da revista *Finisterra*<sup>2</sup>.

*Geomorfologia* – Neste campo Suzanne Daveau não se limitou a continuar as importantes investigações de Orlando Ribeiro, pois trouxe novos métodos de pesquisa e formou muitos jovens, docentes e investigadores. Pode dizer-se ainda que, como geógrafa, foi pioneira em Portugal no estudo das formas de relevo submersas, como mostra a figura relativa à margem atlântica da Península Ibérica. Trouxe também para este país métodos de pesquisa desconhecidos, ou pouco praticados nas investigações geomorfológicas, e novas técnicas de apresentação de resultados de que são exemplo os blocos diagrama, o perfil projectado, a fotografia aérea e a teledetecção, a palinologia.

Uma das suas grandes preocupações prende-se com a transmissão do saber, não só geográfico mas científico em geral. A. Galopim de Carvalho, geólogo que ela admira, pela solidez do seu saber e empenho na divulgação científica, confessava que, quando ainda jovem se começou a interessar pela difusão dos conhecimentos geológicos, os seus pares o consideravam, digamos, um pouco “estranho”. Suzanne Daveau foi sempre exigente com a qualidade e o rigor da



FIG. 17 A margem atlântica da Península Ibérica

<sup>2</sup> Poder-se-á estranhar que não se tenha mencionado a Geografia regional, que os geógrafos portugueses ligam imediatamente a França e aos franceses, mas, atendendo ao âmbito desses estudos, ficaram inseridos na rubrica “obras de síntese”. Se foi acertado ou não, os leitores farão o seu juízo depois de conhecerem as obras aí reunidas e de consultarem, na segunda parte do livro, as concepções da autora sobre a Geografia regional.

disseminação do conhecimento científico, que poucos praticam, talvez por a considerarem menos desafiadora e prestigiante.

Os blocos-diagrama são esquemas interpretativos do aspecto da superfície terrestre numa determinada área, já utilizados por Emmanuel de Martonne e, em Portugal, por outros geógrafos como Pierre Birot (1950, 1959). Suzanne Daveau divul-



FIG. 18 Bloco diagrama da Torres Vedras

gou o seu uso, mesmo fora do meio geográfico, particularmente entre arqueólogos, tendo explicado minuciosamente o processo de construção e os seus vários tipos (1980 e 1982). Quanto à fotografia aérea, que começara a tornar-se acessível em Portugal nos finais da década de 1960, além de ter contribuído para ampliar a coleção de fotografias

aéreas do CEG, ela foi uma das pessoas que mais divulgou o seu uso. A teledetecção, por sua vez, deve-lhe o estímulo para ser utilizada entre os geógrafos, após o estágio que realizou em França em 1979.

As mais importantes teses de doutoramento em Geomorfologia, defendidas na Universidade de Lisboa, a partir da década de 1960, foram por ela orientadas. Antes, já Mariano Feio, impulsionado por Orlando Ribeiro, tinha realizado inovadoras investigações sobre o relevo do Sul de Portugal. Ilídio do Amaral foi outro importante precursor neste campo, particularmente sobre Angola<sup>3</sup>. Suzanne Daveau foi a continuadora do trabalho destes geomorfólogos, por vezes em colaboração estreita com o seu doutorando, António de Brum Ferreira, o primeiro a apresentar uma tese de Geomorfologia em Portugal sobre as montanhas da Beira sob sua orientação (1978).

Nos anos seguintes foram defendidas outras teses de doutoramento, em Geomorfologia e áreas afins, por ela orientadas, sobretudo na Universidade de Lisboa, mas também noutras instituições académicas. Maria Eugénia Moreira (1979, com co-orientação de Ilídio do Amaral), Ana Ramos Pereira (1991), Catarina Ramos (1994, em Biohidrologia), Maria Virgínia Henriques (1996, na Universidade de Évora, em colaboração com Maria Eugénia Moreira), Luís Zêzere (1998, em colaboração com António de Brum Ferreira).

<sup>3</sup> Dedicou-se depois a outras áreas, nomeadamente à Geografia Urbana, e exerceu cargos de cariz político-administrativo: Director do Instituto Nacional de Investigação Científica, membro da Academia das Ciências de Lisboa, Reitor da Universidade de Lisboa, Investigador do Instituto Nacional de Investigação Científica Tropical, entre outros.



FIG. 19 Vertente na Serra da Lousa, área pesquisada nos anos 70

Quando a investigação no CEG foi organizada em “Linhas de Acção” ela foi a primeira a dirigir a “Linha de Acção n.º 3, Geografia Física”, durante o período 1976-1981. A organização científica deste organismo alterou-se posteriormente, com a criação de novos grupos de investigação, alguns dos quais antigos discípulos seus passaram a dirigir: casos de António de Brum Ferreira em Geomorfologia e de Ana Ramos Pereira, esta mais dedicada à Geomorfologia do litoral. Maria Eugénia Moreira passaria a orientar os investigadores empenhados no desenvolvimento de Biogeografia<sup>4</sup>. Maria João Alcoforado dirigiria as investigações sobre o Clima e a sua História, Catarina Ramos continuaria pesquisas em Biohidrologia, interrompidas desde os trabalhos de Mariano Feio e João Carlos Garcia acompanharia e prosseguiria estudos de História da Geografia e da Cartografia.

A separação entre Geografia física e humana e a precoce especialização dos investigadores nunca foi do seu agrado. Em *Estudos do Quaternário* fica resumida num parágrafo a sua posição: “A caracterização da evolução geomorfológica actual e recente aparece, cada vez mais, como um passo prévio e indispensável a qualquer projecto de implantação ou de reformulação das obras humanas. As preocupações ditas ‘ecológicas’, a tomada de consciência recente dos ‘riscos’ inerentes às intervenções ambientais do Homem confirmaram que o estudo da evolução do relevo, longe de ser um exercício puramente académico<sup>5</sup>, é uma base imprescindível para qualquer intervenção técnica na paisagem (auto-estradas, portos, barragens...), de tal forma

<sup>4</sup> Após a sua reforma, Carlos Neto deu continuidade ao trabalho de Maria Eugénia Moreira.

<sup>5</sup> Para Suzanne Daveau a expressão “saber académico” significa desligado de aplicação à vida real.

que a sua realização não se torne nociva, mas que ela seja, pelo contrário, capaz de actuar e durar, sem romper o equilíbrio natural das formas” (S. Daveau, 2000: 10). Desenvolveu também temas de pesquisa desconhecidos, ou pouco praticados em Portugal. O estudo da evolução das vertentes por exemplo, de que tinha larga experiência em África, mas também investigações sobre o Quaternário e as formas glaciárias e peri-glaciárias herdadas.

*Climatologia* – Se em Portugal já havia tradição de estudos geomorfológicos, no clima eram ainda pouco aprofundados, em grande parte pela insuficiência da documentação disponível. Só depois da criação do *Serviço Meteorológico Nacional* em 1946, e do impulso que lhe deu o seu primeiro director Amorim Ferreira<sup>6</sup>, haveria alguma informação sobre a diversidade climática regional em Portugal. Até ser publicado o importante fascículo XIII sobre o Clima de Portugal, com as normais de 1931 a 1960, pouco se sabia sobre a diversidade regional do clima. Orlando Ribeiro, que colaborou estreitamente com Amorim Ferreira, fez o melhor aproveitamento possível da escassa informação existente.

A crescente disponibilidade de dados, bem como a sua maior densidade e melhor distribuição espacial, permitiram a Suzanne Daveau desenvolver pesquisas inovadoras, sendo a sua primeira grande obra o livro<sup>7</sup> *Répartition et Rythme des Précipitations au Portugal* (1977). Ela foi de facto pioneira na realização de estudos sobre o clima de Portugal com propósitos práticos, a pedido da Direcção Geral do Planeamento Urbanístico, entregando em 1980 uma versão policopiada, editada em 1985 pelo CEG com algumas alterações e o título *Mapas Climáticos de Portugal. Nevoeiro e Nebulosidade. Contrastes Térmicos*. Deve-se-lhe também a divulgação de técnicas específicas de tratamento de dados climáticos, de que são exemplo as termo-isopletas, já utilizadas por Carl Troll<sup>8</sup>.

Também nesta área formou muitos dos actuais investigadores. Dirigiu as dissertações de mestrado de Catarina Ramos e de Eduardo Ventura (com António de Brum Ferreira), respectivamente sobre o Anticiclone dos Açores e as precipitações no Sul de

<sup>6</sup> Herculano Amorim Ferreira (1895-1974) foi professor catedrático de Física da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, e director do Instituto Geofísico da Universidade de Lisboa (1937-1963). Encarregado de reestruturar os serviços de meteorologia e de geofísica, criou o Serviço Meteorológico Nacional, de que foi o primeiro director (1946-1965). Sendo pioneiro na investigação climatológica em Portugal, promoveu a publicação dos vários fascículos das normais climatológicas (1931-1960), de que o fascículo XIII era dedicado ao Clima de Portugal. Conforme convencionado pela Organização Meteorológica Mundial (OMM), o clima é caracterizado pelos valores médios dos vários elementos climáticos, chamando-se “normais climatológicas” os apuramentos estatísticos referentes a períodos de 30 anos. Esta foi uma das iniciativas que mais contribuíram para caracterizar a diversidade regional do clima de Portugal, até então praticamente desconhecida.

<sup>7</sup> O estudo da precipitação estava relativamente facilitado pela ampla distribuição de udómetros pelo território, mas os dados sobre a temperatura eram muito mais escassos.

<sup>8</sup> Carl Troll (1899-1975) foi um geógrafo alemão interessado por vários ramos do conhecimento científico, entre eles a Geologia, a Química, a Biologia e a Ecologia. Professor universitário em Munique, Berlim e Bona, utilizou técnicas de investigação geográficas inovadoras como a fotografia aérea e meios para a interpretação do clima, de que são exemplo as termo-isopletas e os mapas climáticos sazonais. Foi Presidente da UGI entre 1960 e 1964.

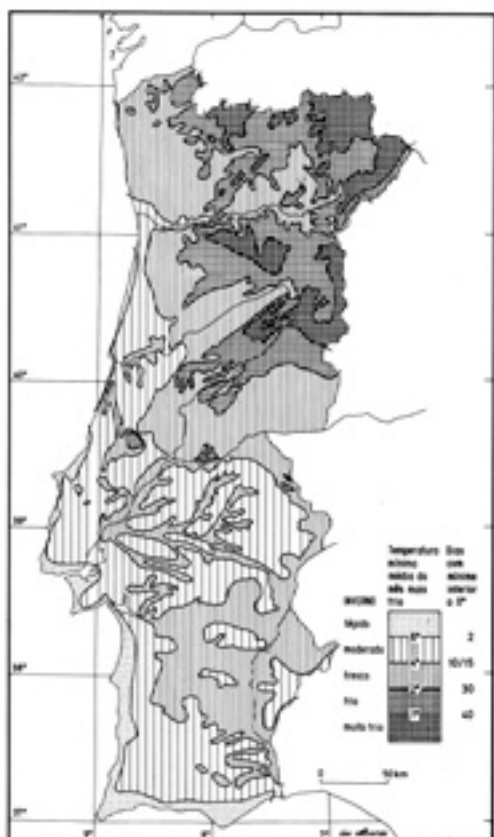


FIG. 20 Tipos de Inverno

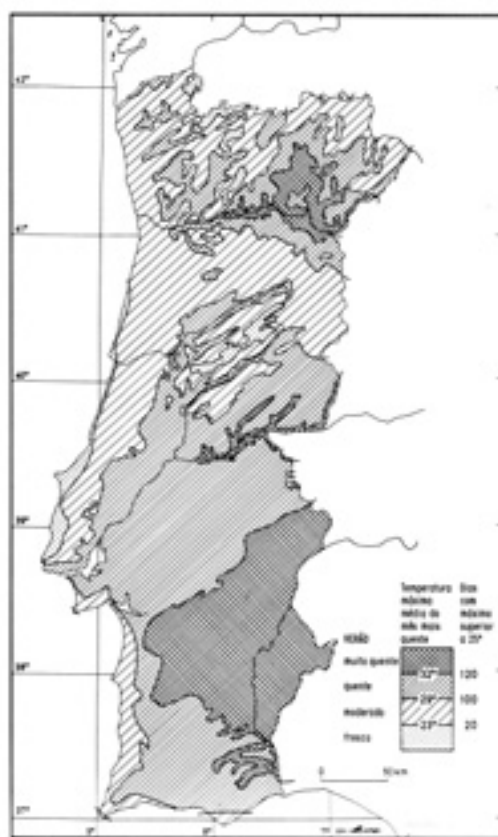


FIG. 21 Tipos de Verão

Portugal (1985), e a tese de doutoramento de Maria João Alcoforado sobre o clima da região de Lisboa (1988).

Deve-se a Maria João Alcoforado a criação no CEG de um numeroso e profícuo grupo de trabalho sobre estudos climáticos internacionalmente reconhecido, depois de ter sido incentivada a adquirir formação no estrangeiro, neste caso na Alemanha. Esta é uma faceta que não tem sido suficientemente destacada. Foi primeiro por incentivo de Orlando Ribeiro que muitos dos actuais geógrafos universitários aprofundaram a sua formação lá fora, na Suécia, Reino Unido, Alemanha, França, Espanha, Estados Unidos. É o caso de Jorge Gaspar, Carlos Alberto Medeiros e António de Brum Ferreira (os três contemporâneos), Isabel Medeiros, Carminda Cavaco, Teresa Barata Salgueiro e Paula Lema. Suzanne Daveau dá continuidade a esse estímulo para se completar a formação fora de Portugal com Maria João Alcoforado, que vai para a Alemanha com intenção de aprofundar os conhecimentos geomorfológicos e acaba por se dedicar à Climatologia. Também Vanda Gama e Costa, Conceição Coelho, Maria Helena Dias, João Carlos Garcia e Maria Fernanda Alegria foram por ela aconselhados a aprender em universidades estrangeiras. Esses estágios



Não só na História da Cartografia Suzanne Daveau desenvolveu importantes estudos. A própria actualização da Cartografia deve-lhe quase tudo em Portugal, sobretudo na década de 1970, a começar pela inclusão na licenciatura em Geografia na Universidade de Lisboa, de uma cadeira de Expressão Gráfica (1977-78), com outras designações em anos posteriores. Além desta disciplina, leccionou seminários livres, frequentados por alguns dos seus futuros colaboradores. Foi também pioneira no estudo das modernas séries cartográficas portuguesas, na introdução das imagens de satélite e da teledeteção na investigação geográfica em Portugal e na divulgação de novas técnicas de apresentação gráfica da informação.

*História da Geografia e Geografia Histórica* – Estes temas passaram a ocupá-la mais a partir de meados dos anos 1980, se excluirmos os estudos de natureza arqueológica e cingirmos o seu âmbito espacial a Portugal e regiões próximas, além de espaços que os descobrimentos deram a conhecer ao mundo<sup>9</sup>. O primeiro grande trabalho sobre Portugal neste âmbito, em conjunto com uma discípula, Júlia Galego (1986), foi o *Numeramento de 1527-1532. Tratamento cartográfico* que, como o título indica, podia ser também incluído na rubrica Cartografia (as classificações temáticas colocam, como se vê, problemas de selecção da rubrica mais adequada). A respeito



FIG. 25 Igreja românica, em Alfaiate, 1967

da situação das investigações nestes campos foi em 1986 expressa a seguinte ideia: “quando a *Academia das Ciências de Lisboa* promoveu, na altura do seu segundo centenário, um inquérito sobre *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, Orlando Ribeiro e eu verificamos que ‘A história da Geografia em Portugal [era] domínio ainda pouco explorado, sobretudo no que respeita ao conhecimento do próprio território’ (S. Daveau, O. Ribeiro, 1986). Sobre o tema destacava-se na altura apenas o texto de J. Romero Magalhães sobre as descrições geográficas de Portugal, 1500-1650.

À Geografia histórica Suzanne Daveau dedicou cerca de meia centena de textos, cobrindo aspectos diversificados: estudo da obra de importantes cientistas, não exclusivamente geógrafos, de navegadores, de instituições, bem como a análise da

<sup>9</sup> Sem esquecer a sua tese de doutoramento sobre o Jura, referida no Capítulo I, e o seu primeiro trabalho sobre a descoberta do clima de África, na sequência das explorações marítimas portuguesas (1969), nem o importante estudo de Romero de Magalhães *As descrições geográficas de Portugal, 1500-1650*.



FIG. 26 Casas de Montemuro, 1981

evolução de determinados campos da Geografia e de ciências próximas. Orientou as teses de doutoramento de Maria Fernanda Alegria (1987), sobre o começo do caminho-de-ferro em Portugal<sup>10</sup> e de João Carlos Garcia (1996), sobre a navegação no Guadiana na segunda metade do século XIX<sup>11</sup>, isto é, durante o ciclo do minério.

*Outras ciências* – Não só os geógrafos puderam beneficiar dos amplos conhecimentos. Historiadores, arqueólogos, geólogos e botânicos aproveitaram também do seu saber. José Mattoso, notável e fecundo historiador com quem ela colaborou por diversas vezes, disse a propósito das suas pesquisas em Geografia histórica, que foi com ela que esse campo do saber ganhou clareza e rigor e qualifica de “verdadeiramente preciosos” os seus estudos nesse domínio (*Finisterra*, 63, 1997: 67).

Sobre as suas ligações à Arqueologia ela própria refere: “Foi com Victor Gonçalves que teci em Portugal as primeiras relações concretas de colaboração entre Geografia e Arqueologia ao falar, a pedido dele, da evolução do ambiente geográfico em Portugal ao longo dos tempos pré-históricos, no quadro de um encontro informal de jovens arqueólogos. Publicado em 1980 na *Clio*, este pequeno texto de divulgação ia adquirir uma ressonância imprevista<sup>12</sup>”. O próprio Victor Gonçalves, no número 63 de *Finisterra*

<sup>10</sup> Com co-orientação de Carlos Alberto Medeiros.

<sup>11</sup> *A navegação no baixo Guadiana durante o ciclo do minério (1950-1965)*. Este importante estudo nunca foi publicado na íntegra, mas o autor apresentou aspectos específicos desta investigação em diversos colóquios.

<sup>12</sup> Destes encontros entre arqueólogos e geógrafos resultaram relações frutíferas em grande parte através da Professora Ana Ramos Pereira.



FIG. 27 Na Sª da Lousã abrindo caminho para o jeep



FIG. 28 Garganta na livraria do Mondego

mostra o seu apreço: “Suzanne Daveau trouxe-nos os blocos-diagramas, como forma de visionar o espaço de uma forma que só os ortofotomapas superariam, e ainda assim numa outra direcção” (p. 73). Pode dizer-se que ela divulgou em Portugal as imagens agora chamadas “3D”, antes de esta forma de tratamento das formas ser possível com computadores. Na segunda década do século XXI existem muitas outras ferramentas – imagens de satélites com fins distintos, motores de pesquisa como o Google Earth, imagens de radar, de “drones”, etc. – porventura demasiadas e insuficientemente utilizadas.

Foram muitos os geólogos que trabalharam com Suzanne Daveau e apreciaram a sua argúcia na interpretação da evolução das formas. Lembro apenas dois dos mais próximos: A. Galopim de Carvalho e A. Ferreira Soares. Galopim de Carvalho foi convidado a terminar o texto do seu doutoramento sobre *A Bacia Terciária do Tejo* em Vale de Lobos, na residência do casal, onde ficou “em retiro forçado”. A sua colaboração no ensino da Geologia, e sobretudo da Sedimentologia, no Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa foi duradoura e inestimável. Publicaram em conjunto alguns trabalhos, sobretudo sobre a Cordilheira Central e a região da Lousã.

Quanto a A. Ferreira Soares, ele próprio diz que o primeiro encontro com o casal foi na Serra da Lousã: “no silêncio dormente e fresco da Serra, no pátio alagado por sombras, construímos caminhos de observação para respostas a questões levantadas ao entendimento das bacias da Lousã e Arganil...”. Os



FIG. 29 Pormenor de uma latada a NW de Guimarães



FIG. 30 Plataforma de abrasão no Magoito

estudos iniciados em 1938 por Orlando Ribeiro e Pierre Birot na Cordilheira Central, e particularmente na Serra da Lousã, foram na realidade continuados quase exclusivamente pela geógrafa (ainda que a publicação principal fosse assinada pelos três) o que obrigou a muitas caminhadas e desencadeou longas conversas, particularmente com A. Ferreira Soares.

*O trabalho de campo* – Se há aspecto a destacar no conjunto da obra de Suzanne Daveau é a investigação com base em observações de campo. Praticou-a para assegurar o rigor das suas próprias pesquisas e mostrou o seu valor a muitos dos seus alunos. Claro que antes e depois dela houve quem utilizasse esta forma de pesquisa. No entanto, ela foi uma das professoras que mais e melhor uso dela fez, particularmente no ensino. Ninguém pode esquecer como ela sabia levar os alunos a lerem a diversidade da paisagem, a ver o que olhos não treinados deixavam passar, a descobrir relações que só se viam com a sua ajuda.

Esta geógrafa, que sempre se interessou pela diversidade de campos que importam a esta ciência, não se considera uma especialista de um dado campo da Geografia, mas uma investigadora do que homem faz no planeta onde habita. Algumas das belas imagens que registou nas suas viagens de Norte a Sul de Portugal, a maior parte dos anos 60, 70 e 80, constituem preciosos testemunhos de um passado recente, e traduzem a perspicácia do seu olhar sobre o território. Aldeias perdidas nas serras, algumas das quais já desaparecidas, diferentes estilos arquitectónicos, a animação de ruas citadinas, casas em granito rasando ruas desertas, belos recantos do litoral,

constituem agora preciosos documentos históricos.

*Obras de síntese e de divulgação científica* – Geomorfologia com os campos de estudo que a designação cobria, Climatologia, Cartografia, Geografia Histórica e História da Geografia, Geografia Regional, foram os seus mais importantes campos de investigação e docência. Não se podem porém esquecer as suas excelentes sínteses, particularmente sobre a Geografia portuguesa. Os 4 importantes volumes da *Geografia de Portugal* (1987, 1988, 1989 e 1991) permitiram-lhe organizar

a seguir um livro dirigido a um público mais vasto, *Portugal Geográfico* (1995). Para a autora este é o seu estudo mais pessoal – eu diria original – e o que expressa melhor a sua visão da Geografia. Acredita que este livro pode ter confundido alguns leitores, porque não espartilhou a sua visão geográfica do País. Para muitos leitores o seu mais importante livro de síntese e de divulgação é *O Ambiente Geográfico Natural. Aspectos Fundamentais* (1976, 1.<sup>a</sup> ed.; 1990, 2.<sup>a</sup> ed.; 1996, 3.<sup>a</sup> ed.), base indispensável a quantos estudam o planeta Terra. Numa linguagem simples, rigorosa e clara apresenta-nos a diversidade ambiental do local que habitamos.

As preocupações com a divulgação do saber têm sido constantes. Do seu ponto de vista, a Ciência não deve fechar-se sobre si própria, precisa de se abrir à sociedade, de forma simples e rigorosa. Dois qualificativos nem sempre fáceis de conciliar quando se trata de divulgar ciência, que ela conseguiu pôr em prática através de resenhas de livros recentes, de sínteses bibliográficas, de apresentação de pessoas com investiga-



FIG. 31 Suzanne Daveau com João Garcia e Luís Amaral em Trás-os-Montes 1986(?)



FIG. 32 Capa de Portugal Geográfico



FIG. 33 Capa do livro Douro de Portugal | – O sabor da Terra



FIG. 34 Capa de Ambiente Geográfico Natural

ção de mérito, em Geografia ou em ciências próximas, de divulgação de novas técnicas e metodologias, seja de pesquisa seja de apresentação de resultados. Os exemplos são numerosos. Os 13 volumes de *Portugal – o Sabor da Terra* (1997), preparados em conjunto com José Mattoso e Duarte Belo (publicados num só volume em 2010), são mais um exemplo de dedicação à divulgação do conhecimento do nosso país.

Procurar hoje um autor ou uma obra está à distância de um clique. As formas de pesquisa modificaram-se radicalmente nos últimos decénios. Muitos lembrar-se-ão que precisaram de passar muitas horas em bibliotecas, a consultar livros e a registar em fichas manuscritas as notas essenciais dessas leituras, de fazer consultas a bibliografias geográficas que demoravam anos a ser preparadas, largos meses e às vezes anos a serem editadas, de esperar com mais ou menos ânsia que chegasse o próximo livro de um dado autor ou o número seguinte de uma revista. Agora tudo é diferente. Por isso se lembra que a representante em Portugal da *Bibliographie Géographique Internationale* foi Suzanne Daveau que, no fim de cada ano civil, pedia encarecidamente aos investigadores do CEG que lhe remetessem informação recente e útil para ali ser incluída. Também o 2.º volume da *Bibliografia Geográfica de Portugal* foi por ela preparado, conjuntamente com Ilídio do Amaral<sup>13</sup>.

Em 2011 as suas preocupações com a divulgação do saber foram assim expressas: “A nossa ciência estava com efeito, a sofrer na altura [no pós guerra], uma mutação profunda, dividindo-se por especializações temáticas, que a linguagem técnica forjada por cada uma ia tornar rapidamente estanques, por ser de difícil compreensão pelos colegas diversamente orientados. Novas ideologias socioeconómicas estavam proliferando, na mesma altura, cada uma convencida que ia reunir em breve, sob a própria bandeira, todos os geógrafos válidos, pela absorção ou desaparecimento das modalidades científicas julgadas perversas ou ultrapassadas. (...) estava a constituir-se e a alargar-se muito o público potencialmente interessado nas publicações geográficas. (...) Mas a linguagem abstrusa, cada vez mais usada pelos membros das múltiplas “seitas” em que se tinha fragmentado a sociedade dos geógrafos, tinha tornado, e continua a tornar, a maior parte das suas publicações praticamente ininteligíveis e, logo, pouco apelativas para o grande público. A não difusão actual dos nossos trabalhos, entre os numerosos leitores que estariam, *a priori*, interessados nos resultados da recente e activa investigação geográfica, constitui um facto deveras aflitivo.” (S. Daveau, 2011: 78).

As suas publicações para divulgação de importantes estudos recentes, as suas múltiplas relações de trabalho com praticantes de outras ciências, são provas do seu empenho em que a Geografia se abra ao mundo, com utilidade para os cidadãos que habitam este Planeta. Também a ajuda que prestou, e presta, a todos os que a procuram – geógrafos, arqueólogos, historiadores, geólogos, botânicos, filósofos, jornalistas, fotógrafos, pintores, cineastas –, mostram a sua generosidade e abertura de espírito.

<sup>13</sup> O volume I (1948), foi preparado por H. Lautensach e Mariano Feio; o volume II (1947-1974) saiu em 1982.

Não se pode ainda esquecer o empenho de Suzanne Daveau na criação em 1966 de *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, em conjunto com Orlando Ribeiro e Ilídio do Amaral, publicação que completará 50 anos e 100 números em 2015. Ela foi o seu esteio nos primeiros números, sobretudo a partir de 1968, atendendo aos inúmeros cargos e funções do seu marido e aos afazeres e deslocações de Ilídio do Amaral. Foi com ela e o saudoso António Machado Guerreiro que eu e outros investigadores do CEG aprendemos a preparar um texto para edição e, mais tarde, a rever artigos de outros autores. Esta geógrafa ajudou a criar esta revista científica e é ainda hoje uma das suas colaboradoras mais assíduas, seja através da publicação de artigos com resultados das suas investigações, seja através de resenhas de livros recentes, ou colaborando na revisão e apreciação de textos submetidos para publicação e, enfim, na tradução de resumos para francês. Na difícil arte de fazer resumos, em que ela é perita, alguns discípulos tiveram a sorte de se iniciarem com ela nessa aprendizagem.

*O ensino* – Ainda que sumariamente há que lembrar o ensino que Suzanne Daveau praticou em Universidades portuguesas, francesas e africanas (*Finisterra*, 63, 1997). Num conjunto de 25 disciplinas ou seminários de que foi responsável, destacam-se os numerosos anos dedicados ao ensino da Geografia regional, da Geografia física e da Geomorfologia, além da introdução de novos campos de estudo, de que são exemplo a Teledeteção, a Expressão Gráfica e Cartográfica em Geografia, o Estudo do Quaternário. Campos muito diversos, que ela preparou com o cuidado e rigor que todos lhe reconhecemos, em muitos dos quais deixou discípulos.

Quando falamos de preparação cuidada referimo-nos a dois aspectos complementares: a pessoal e a que facultava aos seus alunos. Reunia sistematicamente informação variada, de apoio às disciplinas que leccionava, modestamente chamados “Cadernos de Documentos”, que incluíam textos, esquemas, extractos de mapas, exercícios práticos, bibliografia essencial. Recorde-se que muita dessa informação era manuscrita, sem recurso a meios que hoje nos parecem indispensáveis. Os textos escreviam-se à mão, as ilustrações eram desenhadas pelo professor.

Nem só os alunos de Geografia aproveitaram do seu saber. Os investigadores já licenciados sempre tiveram o seu apoio, quer durante a elaboração de teses, fosse de licenciatura ou de doutoramento, quer no trabalho de campo ou na escrita das dissertações ou, ainda, na preparação de artigos para edição. Também não podem ser esquecidos os vários seminários livres que Suzanne Daveau orientou, os



FIG. 35 Caderno de Documentos de Geografia Regional I, 1979

## O relevo de Portugal

1. O relevo de uma região descreve-se através das mapas hipométricos (em curvas de nível ou isótipas). Três exemplos, as figuras 1, 2 e 4.

2. O relevo subaéreo é inseparável do relevo submarino vizinho, cada vez melhor conhecido (fig. 1).

3. O relevo de Portugal pode ser descrito à escala do País (a figura 4 mostra o contraste entre o Norte e o Sul), mas não pode ser entendido isoladamente, por ser parte de uma unidade de ordem superior, a Península Ibérica (figs. 2 e 3).

4. Explicação do relevo: os contrastes de altitude (volumen do relevo) e o formosa das formas ou modelado resultam da interferência de três factores:

- os momentos tectónicos recentes (levantamento ou abaixamento),
- a estrutura (natureza e disposição das rochas),
- as formas e fases de evolução da erosão (e deposição).

FIG. 36 Página manuscrita sobre o relevo no Caderno de Documentos de Geografia Física, 1984-85



FIG. 37 Tipos de modelado e relevo, no Caderno de Documentos de Geografia Física, 1983

docentes estrangeiros que trouxe a Portugal para participarem em colóquios e estágios de natureza diversa. E, ainda, o estímulo que sempre deu aos mais jovens, ou aos mais indecisos, para que tivessem coragem de prosseguir as pesquisas que os interessavam.

Na Universidade de Porto a abertura da licenciatura em Geografia foi possível graças ao esforço de Rosa Fernanda Moreira da Silva. Recordo as primeiras conversas a esse respeito, aquando de um dos estágios de campo na Lousã na década de 1970, em que pude observar o empenho do casal para que ela assumisse esse compromisso, apoiando-a afectiva e profissionalmente. Suzanne Daveau e outros docentes das Universidades de Coimbra e de Lisboa, como Ilídio do Amaral, auxiliaram, de facto, a criação desta licenciatura no Porto responsabilizando-se por algumas disciplinas nos primeiros anos. Em 1977-78 foi ela quem leccionou Geografia Regional; noutros anos participou em colóquios e seminários, orientou teses e estágios de campo.

Jorge Gaspar, que era Director do CEG quando em 1997 foi editado um número da revista *Finisterra* em sua homenagem lembra o “seu contributo para reforçar os laços entre a pequena comunidade dos geógrafos portugueses. Não direi que ela promoveu o apaziguamento, porque não existiam guerras, mas decerto contribuiu para activar encontros e reencontros, tendo desempenhado um papel importante na construção daquilo que é talvez uma das facetas mais positivas da Geografia Portuguesa no plano universitário: a cooperação continuada, dentro do excelente relacionamento entre os vários departamentos de Geografia das universidades portuguesas” (p. 8)

*Outras funções* – Esta tão sábia quanto modesta geógrafa, sentiu-se compelida a exercer alguns cargos e funções que... não escolheria, se essa opção lhe tivesse sido facultada. Refiro-me particularmente a postos de direcção e a algumas funções de natureza administrativa. A lista de todas as Instituições científicas e profissionais com as quais colaborou, os diferentes cargos que exerceu no CNRS, no CEG e noutras instituições está listada no n.º 63 de *Finisterra* (1997).

A participação em reuniões científicas, em Portugal e no estrangeiro, foi constante ao longo da vida. Só recentemente se tem tornado mais irregular, em parte por dificuldades de audição. Até há poucos anos Suzanne Daveau era presença habitual nessas reuniões, apresentando resultados das suas pesquisas, colaborando na organização, integrando as comissões científicas, dirigindo secções, animando debates.

Lembra-se, por fim, que esta geógrafa foi sucessivamente agraciada, no Senegal com o grau de “Chevalier de l’Ordre du Mérite Sénégalais” (1964), em França com o de “Chevalier de l’Ordre National du Mérite” (1981), em Portugal com o de “Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada” (2002). É “Doutora *Honoris Causa* pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa” (1997), Universidade de Coimbra (1998) e Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001). Nas duas últimas instituições foi a primeira geógrafa a receber esse título.

### 3. Vale de Lobos: pesquisa pessoal e dedicada a Orlando Ribeiro

Chegar à reforma significa para muitos, mesmo docentes universitários, o início de um merecido descanso. Suzanne Daveau, porém, quando em 1993 se aposentou, continuou a trabalhar vigorosamente na edição de novos textos. Entre 1986 e 1996 passou no entanto anos difíceis, por razões familiares. Orlando Ribeiro sofreu um AVC em 1986, falecendo dez anos depois. Denise Robert, a mãe, que sempre tinha residido em Paris e não falava português, passou a viver em Vale de Lobos os últimos anos de vida e morreu em 1996, alguns meses antes de fazer 100 anos. A filha era praticamente a única pessoa com quem podia falar. Se as doenças dos dois familiares mais próximos a impediram de viajar, permitiram-lhe no entanto investigar, acompanhar as pesquisas de antigos alunos e colegas e publicar muitos textos. Dadas as circunstâncias, os temas de trabalho alteraram-se.

*Divulgação da obra de Orlando Ribeiro* – Como o trabalho de campo lhe estava praticamente interdito, a partir de 1986 passou a dedicar-se à divulgação da obra do seu marido, quer reeditando antigos textos, quer preparando outros nunca publicados. Além disso, fez tudo o que pode para que essa obra fosse conhecida: exposições, conferências, publicações com os editores habituais, entre os quais a Fundação Calouste Gulbenkian e a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, bem como escolha de novas casas editoriais, sem esquecer a edição da biobibliografia de Orlando Ribeiro em inglês, língua em que ele não costumava publicar (Anexo 1). Novos livros e edição de antigas obras têm ocupado a sua vida, quase tão intensamente como quando leccionava.

Orlando Ribeiro deixou em testamento que todo o seu espólio científico fosse legado ao Centro de Estudos Geográficos, por ele fundado em 1943. Tinha intenção de assim preservar a sua obra e facultar a sua consulta a todos os interessados, mediante regras por ele especificadas. As condições para essa concretização mudaram no entanto de tal modo, após o seu falecimento, que esses propósitos se tornaram quase impossíveis de respeitar. Por isso, após longos anos de complexas negociações, acabou por ser aceite que o espólio que fora legado ao CEG ficasse à guarda do “Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea” da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), dirigido por Fátima Lopes (S. Daveau, 2008).

Outra importante iniciativa foi a criação de um sítio na Internet dedicado à vida de Orlando Ribeiro ([www.orlandoribeiro.pt](http://www.orlandoribeiro.pt)). Para a sua concepção é justo referir o precioso apoio, não apenas científico e técnico mas também estético, da Doutora Inês Cordeiro, agora Directora da BNP, e da Dr.<sup>a</sup> Maria Joaquina Feijão aí responsável pela área de Cartografia. O longo trabalho de tratar o espólio deveu-se à Dr.<sup>a</sup> Joaquina David do *Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea*. Em 2004 foi aberta ao público uma primeira versão do sítio, bem concebido e de fácil utilização. Posteriormente fizeram-se algumas actualizações, e melhoraram-se certos aspectos técnicos. A última versão ficou pronta em 2011, quando se comemorou o centenário do nascimento do geógrafo, marcado por muitas outras iniciativas.



FIG. 38 Catálogo da Exposição Comemorativa do nascimento de Orlando Ribeiro, BNP, 2011

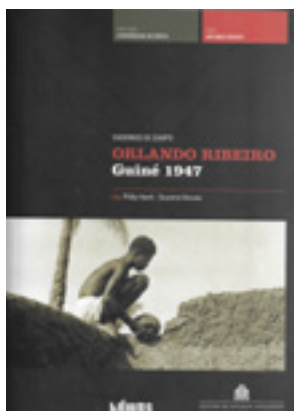


FIG. 39 Orlando Ribeiro, Caderno de campo da Guiné, 2010



FIG. 40 Correspondência entre Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro, 2011

Preservar e difundir a obra do seu marido revestiu diversas formas. Alguns dos mais famosos textos de Orlando Ribeiro foram recentemente reeditados, a maioria com cuidada preparação e apresentação da esposa. É o caso do seu livro mais conhecido *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (Letra Livre, *fac-simile* da 1.<sup>a</sup> ed., 2011)<sup>14</sup>, com uma versão em italiano, por iniciativa de Federico Bertolazzi, *Portogallo, il Mediterraneo e l'Atlantico* (UniversItalia, 2012). Também foram reeditados *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição* (Fundação Calouste Gulbenkian, 2011), *Geografia e Civilização* (Letra Livre, *fac-simile* da 1.<sup>a</sup> ed., 2013)<sup>15</sup>, *Opúsculos Geográficos* (Fundação Calouste Gulbenkian, 2015, 3.<sup>a</sup> edição, em 3 tomos), *A Colonização de Angola e o seu Fracasso* (Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2.<sup>a</sup> ed., 2014)<sup>16</sup>. O excelente catálogo da exposição comemorativa do centenário do nascimento, realizada em 2011 na BNP, com o título *Orlando Ribeiro (1911-1997). Ponto de Partida, Lugar de Encontro*, reúne um conjunto de 8 testemunhos de cientistas e amigos, convidados por Suzanne Daveau a deixarem as suas impressões sobre as principais fases e diversidade de interesses da sua vida. Este volume regista aspectos importantes da obra do geógrafo.

As iniciativas foram mais longe, ao darem a conhecer textos inéditos. Dois dos cadernos de campo africanos foram já editados: *Cadernos de Campo de Orlando Ribeiro. Guiné 1947* (Humus, 2010) e *Cadernos de Campo de Orlando Ribeiro. Moçambique 1960-1963* (Humus, 2013). No primeiro, a organização e estudos ficaram a cargo de



FIG. 41 Orlando Ribeiro, Universidade, Ciência e Cidadania, 2014

<sup>14</sup> Antes desta tinha havido já 7 edições desta obra.

<sup>15</sup> Com 3 edições anteriores.

<sup>16</sup> Embora estes livros sejam sobejamente conhecidos, pode aceder-se à apresentação de cada um no sítio [www.orlandoribeiro.pt](http://www.orlandoribeiro.pt)

Suzanne Daveau e Philip Havik; no segundo, de João Sarmento e Eduardo Brito-Henriques. Nesta colecção, que se espera tenha continuidade, reproduzem-se em *fac-simile* e também em letra de imprensa os cadernos de campo do geógrafo, ilustrados com imagens, e apresentam-se as áreas em estudo por investigadores familiarizados com esses territórios.

Por iniciativa da geógrafa foi publicado em 2011 um volume de correspondência: *Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro. Encontros Epistolares (1931-1941)*, com edição conjunta do Museu Nacional de Arqueologia e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Fica aqui registado o apreço do jovem geógrafo pelo velho sábio, bem como o intenso convívio que manteve com este mestre e amigo nos últimos 11 anos de vida deste.

Orlando Ribeiro e a sua obra eram já bem conhecidos em Portugal, e mesmo em França, mas faltava uma síntese bibliográfica em inglês, já que ele escreveu pouco nessa língua. O convite para que esse texto fosse integrado na série *Geographers Bibliographical Studies* (2013) não podia ter tido melhor acolhimento.

Os interesses de Orlando Ribeiro exteriores à Geografia foram diversificados, mas faltavam sínteses sobre a obra não geográfica. Com o cuidado e paciência que se lhe reconhece, Suzanne Daveau reuniu num grosso volume, editado em 2014 pela Fundação Calouste Gulbenkian: *Orlando Ribeiro. Universidade, Ciência e Cidadania*. As apresentações de cada capítulo fornecem um excelente enquadramento. Há mais novidades para breve. Orlando Ribeiro teve contactos com cientistas de campos muito diversificados: geólogos, antropólogos, botânicos, historiadores, filósofos, médicos, linguistas, romancistas, músicos, poetas, etc. A alguns deles – mestres, colegas ou discípulos – o geógrafo dedicou longos artigos, a outros textos mais ou menos curtos. Escreveu sobre as próprias pessoas, ou sobre aspectos das respectivas obras, que darão lugar a dois volumes, pacientemente preparados pela esposa, a publicar em breve pela Fundação Calouste Gulbenkian.

*Investigação pessoal* – Ao mesmo tempo que se empenhava desta maneira intensa na difusão da obra do seu marido, conseguia ainda tempo e energia para prosseguir com as suas próprias pesquisas. A par de curtos textos de natureza diversa, publicados em revistas ou em capítulos de livros, preparou recentemente 4 importantes obras, sobre assuntos distintos, algumas delas em colaboração com pessoas de outros domínios do saber.

A primeira foi um conjunto de 13 livros, sobre diferentes regiões portuguesas, em colaboração com o historiador José Mattoso e o fotógrafo Duarte Belo, aquando da Exposição de 1998 em Lisboa, a que já se fez referência. O bom acolhimento desta iniciativa do Círculo de Leitores levou à preparação posterior de uma síntese, num só volume, com o título *Portugal. O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões* (2010).

Um dos seus temas de investigação tem sido a História da Cartografia portuguesa, em particular a Cartografia terrestre. Nesta área publicou recentemente três importantes estudos. Em 2007, após uma espera de mais de 6 anos saiu finalmente

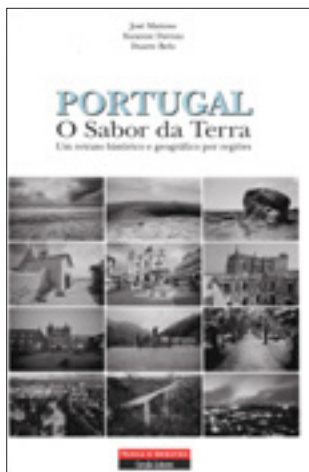


FIG. 42 Portugal – o Sabor da Terra, 2010



FIG. 43 O relevo de Portugal, 2004



FIG. 44 O Códice de Hamburgo, 2010

o Volume 3, Parte I, da coleção *The History of Cartography*, dedicado à Cartografia europeia, com o título *European Cartography in the Renaissance*, no qual o capítulo “History of Portuguese Cartography” foi redigido por M. Fernanda Alegria, Suzanne Daveau, João C. Garcia, e Francesc Relano. A demora desta publicação, e as descobertas que entretanto ela tinha levado a cabo, levaram os autores a editar outro livro sobre o tema, *História da Cartografia Portuguesa. Séculos XV a XVII* (2012). Mais uma vez, as grandes novidades deste livro estão na Cartografia terrestre.

Outra grande obra sobre a Cartografia de Portugal tem o título *Um antigo mapa de Portugal (c. 1525). Reconstituição a partir do Códice de Hamburgo*, editado em 2010, após quase 10 anos de investigações. Eis algumas das palavras que Bodo Freund escreveu, na prestigiada revista *Imago Mundi* (2011, p. 113-114) a propósito deste livro: “The second chapter is mainly dedicated to deciphering how positions were fixed. The system seems to be unique because neither a precedent nor a successor document of this type is known (...). Having found out how to read the two fractions, Daveau then investigated the manner in which the latitudes and longitudes were measured in the lost map (...) The missing map was made some decades before the map of Álvaro Seco (late 1550s<sup>17</sup>) and the Portuguese part of the Atlas del Escorial (c. 1550 or c. 1580-c. 1585)”. Este é um livro deveras notável, a muitos títulos. A autora conseguiu decifrar o sistema de notação das coordenadas geográficas do códice, que outros cientistas já tinham tentado sem sucesso. Além disso, com enorme paciência e muito trabalho, reconstituiu o desaparecido mapa em que o códice se baseia. Este livro encerra ainda outras novidades, relativas ao autor, à data e ao ambiente em que mapa e códice foram concebidos.

<sup>17</sup> Na realidade 1561.

Conceber textos de divulgação tem sido preocupação constante. Na apresentação de *O relevo de Portugal. Grandes unidades regionais*, editado pela Associação Portuguesa de Geomorfólogos em 2004, que ela organizou em conjunto com Mariano Feio, expressa assim as suas ideias a este respeito: “o correcto conhecimento do relevo terrestre é cada vez mais indispensável para tornar eficaz qualquer empreendimento humano” (...) e “é muito recente a tomada de consciência dos múltiplos erros que se cometeram, com consequências às vezes dramáticas” (p. 5). “As desastrosas e irreparáveis destruições de sítios com ímpar beleza como a ‘Livraria do Mondego’, a montante de Coimbra, ou a garganta do Rio Trancão, perto de Loures, pela implantação cega e absurda de vias rápidas em sítios de grande vulnerabilidade e instabilidade, podiam ter sido evitadas se os responsáveis tivessem tido um mínimo de sensibilidade e de informação geomorfológica. É imperioso dever dos investigadores difundir rapidamente, e de modo acessível, os conhecimentos que vão adquirindo” (p. 7). Presentemente está a colaborar com investigadores do CEG, a convite de Gonçalo Vieira, num livro de ampla divulgação sobre tipos de relevo terrestre, por iniciativa de uma editora inglesa. Este geógrafo, bem conhecido do grande público, a desenvolver importantes pesquisas na Antárctida e cujos trabalhos iniciais nas Serras da Peneda e Gerês acompanhou, quis registar o apreço que sentia pela antiga professora, atribuindo ao “drone”, adquirido em 2014 pelo seu núcleo de investigação, o nome de Suzanne Daveau.

*Cômputo geral* – O número total de textos editados por Suzanne Daveau ultrapassa já os 300. Os gráficos mostram as publicações por grandes áreas, bem como os temas principais, agregados em 7 conjuntos – Geomorfologia, Geografia Histórica e História da Geografia, Geografia Geral, Climatologia, Geografia Humana e Regional e Diversos. Relativas a espaços geográficos diferentes, foram acompanhando os locais onde sucessivamente exerceu actividade académica: França, depois África e,

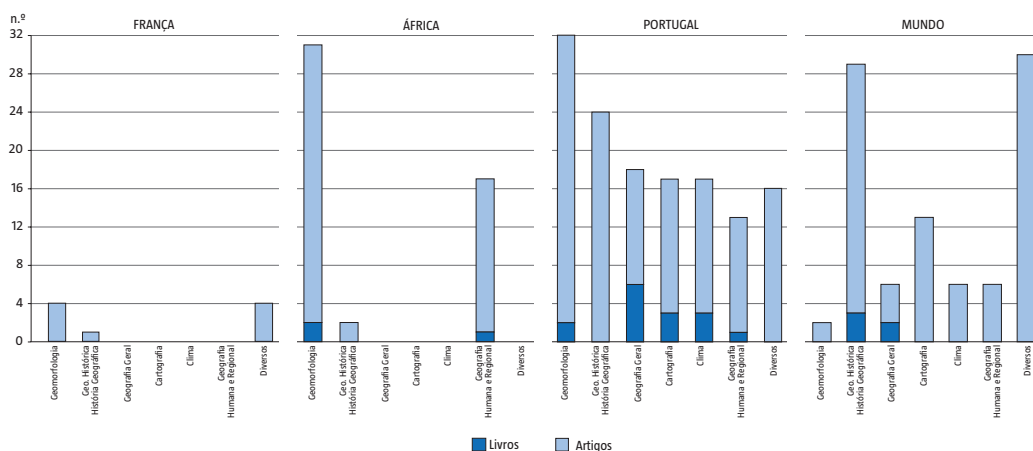


FIG. 45 Temas de investigações de Suzanne Daveau nas regiões onde trabalhou (1950-2013)

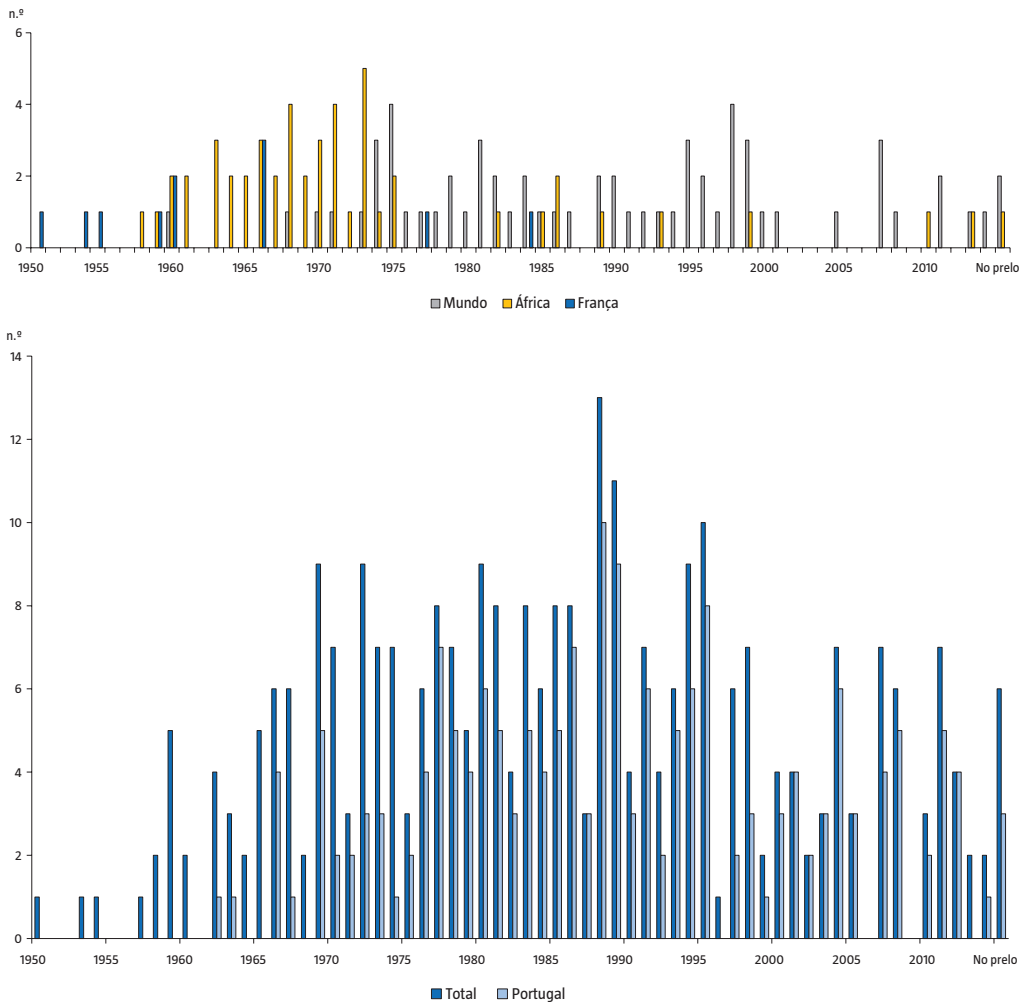


FIG. 46 Número de publicações de Suzanne Daveau por grandes áreas (1950-2014)

finalmente, Portugal. Pode verificar-se que os espaços estudados nos primeiros anos de vida científica continuaram presentes ao longo da carreira, embora com menor peso à medida que os anos a distanciavam das épocas em que aí tinha trabalhado.

As publicações posteriores a 1997 repartem-se de forma equilibrada por três grandes áreas: as dedicadas à obra de Orlando Ribeiro, as consagradas à História da Geografia e da Cartografia e um grupo “Diversos”, que inclui, resenhas, homenagens a personalidades, reedições de textos, etc.

*Viagens recentes* – A liberdade para viajar foi de novo aproveitada a partir de 1997, quando deixou de ter a companhia de sua mãe e do marido (Anexo 2). Manteve o costume de tomar notas e de fazer esboços do que observava (Anexo 3). Deixam-se imagens de viagens a 3 continentes: Perú, na América do Sul no Verão de 2005, Tibete,



FIG. 47 Na descida da Ilha de Tarquina no Lago Titicata um grupo de crianças observa a Professora a desenhar, 2005



FIG. 48 Suzanne Daveau toma notas no Perú, enquanto Christine-de-Roo, a observa curiosa, 2005

na Ásia também em 2005, e finalmente à Líbia em 2008, antes portanto dos conflitos que impedem agora qualquer deslocação a este país.

Em 2005 visitei com ela o Perú, num périplo organizado pelo Museu Nacional de Arqueologia. Como se observa, a geógrafa desfruta da viagem sem deixar de tomar notas, esteja em pleno campo ou no coração de cidades. Os amigos que a acompanham, ou os habitantes do país visitado observam curiosos os esboços que vai desenhando.

O ano de 2008 foi o da sua última grande viagem, segundo confessaria depois. Acompanhei-a nessa deslocação, organizada também pelo Museu Nacional de Arqueologia, que foi para mim uma descoberta inesquecível, já que estive então pela



FIG. 49 Em Monsarraz com a irmã Françoise em 2012



FIG. 50 Suzanne Daveau perto de Ghadames, na Líbia, 2008

primeira vez no imenso deserto do Sahara. De dia, as imensas dunas, as *barkanes*, sugeriam um extenso mar de areia com sombras fantásticas; à noite, o céu brilhava, iluminado por milhares de estrelas, nas quais apetecia tocar tão perto elas pareciam. Olhávamos para elas a olho nu, mas parecia que dispúnhamos de excelentes binóculos por tão próximas parecerem. Visitámos serenamente um imenso país africano, numa exploração memorável, hoje impossível de concretizar, já que a paz é aí por enquanto uma miragem. Se o deserto é inesquecível, também os imponentes vestígios arqueológicos, alguns sobranceiros ao Mediterrâneo.

Apesar da idade, Suzanne Daveau desloca-se por Portugal sempre que pode. Viaja por prazer, para descobrir as mudanças que vão ocorrendo e a diferente organização social que as paisagens reflectem. Por vezes acompanha familiares e amigos na descoberta da região saloia próxima da casa onde vive. Normalmente é ela quem conduz nesses passeios, embora evite deslocar-se no seu carro para o interior da cidade de Lisboa.



FIG. 51 Com um grupo de amigos na sua residência em Vale de Lobos, 2012

*Vale de Lobos* – Muito da sua vida é passada nos últimos anos quase exclusivamente na sua residência, onde trabalha, recebe amigos e continua a apoiar quem a ela recorre. Há quem fique surpreendido com a rapidez e profundidade das suas respostas, em temas tão variados como a Botânica, a Geomorfologia, a Cartografia passada e recente, a História da nossa ciência, características e acontecimentos da actualidade.



FIG. 52 Na varanda da casa de Vale de Lobos com Sylvie Rimbart, 2013

De vez em quando proporciona em Vale de Lobos encontros com antigos alunos e amigos, alguns dos quais sem esta iniciativa passariam anos sem se ver. São momentos para conversar, no jardim ou à volta de uma mesa recheada de petiscos e... de mesas onde são expostas as suas últimas edições.

Desfruta o espírito e o corpo, matam-se saudades, conhecem-se novidades. É assim, de modo simples e afável, que a Professora Suzanne Daveau recebe aos 90 anos os seus amigos. Esperamos poder continuar a aproveitar do seu saber, simplicidade e generosidade.

## ANEXO 1

# Publicações de Suzanne Daveau posteriores a 1997

(Até 1997 ver *Finisterra*, 63: 11-44, ou <http://www.ceg.ul.pt> Foram acrescentadas as obras aí não indicadas. A negrito as publicações de divulgação da obra de Orlando Ribeiro)

### 1965

“Bibliographie pratique pour l’étude du relief en Afrique occidentale”, *Revue de Géographie de l’Afrique Occidentale*, 1-2: 229-233.

### 1979

[Intervenção], *Colóquio sobre Educação e Ciências Humanas na África de Língua Portuguesa*, 20-22 Janeiro 1975, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: 121-123.

### 1996

“The Sorraia Valey. Topics for a guide visit”, in *Fifth European Intensive Course on Applied Geomorphology*, Lisbon-Algarve, 17-24 June: 185-189.

### 1997

“Novas observações acerca da glaciação da Serra da Estrela” (com A. de Brum Ferreira, N. Ferreira, G. Telles Vieira), *Estudos do Quaternário*, APEQ, Lisboa: 41-51.

“Os tipos de tempo em Coimbra (Dez. 1663 – Set. 1665), nas cartas do Padre António Vieira”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 64: 109-115.

“A primeira tradução portuguesa da Descrição das Índias Orientais por Linschoten (1596)”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 64: 127-128.

### 1998

“Bibliografia científica de Orlando Ribeiro”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, XXXI (61), C.E.G. Lisboa: 87-97.

“Apresentação” in *A Ilha do Fogo e as suas Erupções* (Orlando Ribeiro, 3.<sup>a</sup> ed.), Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa: 7-10.

“O novo conhecimento geográfico do mundo”, in *Gravura e Conhecimento do Mundo* (Joaquim Oliveira Caetano, org.), BNP, Lisboa: 125-197.

“Tropicalidade e Geografia Física”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 66: 153-155.

“A água e o homem na Amazônia”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 66: 159-160.

“Vinte e cinco anos de Geografia universitária no Porto”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 66: 167-168.

*Portugal Geográfico*, 2.<sup>a</sup> ed., João Sá da Costa, Lisboa.

*O Ambiente geográfico natural*, 4.<sup>a</sup> ed., João Sá da Costa, Lisboa.

*O Sabor da Terra* [13 vol.]: *Trás-os-Montes; Minho; Douro; Beira Litoral; Beira Alta; Beira Baixa; Estremadura; Ribatejo; Alto Alentejo; Baixo Alentejo; Algarve; Região Metropolitana do Porto; Região Metropolitana de Lisboa*, Círculo de Leitores, Lisboa (com José Mattoso e Duarte Belo).

“A Terra dos Homens. Uma palavra carregada de sentidos”, *Cadernos de Geografia*, 17, Coimbra: 61-64.

## 1999

“Os geógrafos portugueses e a Arqueologia”, *O Arqueólogo Português*, IV, 11-12, 1993-95 [1999]: 339-351.

“O concerto das velhas sociedades”, in *Notícias do Milénio*, Grupo Lusomundo, Lisboa: 52-55.

“A Missão de Geografia da Índia na obra científica de Orlando Ribeiro”; in *Goa em 1956. Relatório ao Governo (Orlando Ribeiro)*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos, Lisboa: 25-36.

“Pierre Danserau em Portugal”, in *Ecologia Humana. Ética e Educação. A Mensagem de Pierre Danserau* (Paulo Freira Vieira, Maurício Andrés Ribeiro, org.), Porto Alegre, Florianópolis: 629-637.

*A Descoberta da África Ocidental. Ambiente Natural e Sociedades*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa.

“Geomorfologia” in *Notícia Explicativa da Folha 38-B Setúbal*, Instituto Geológico e Mineiro, Lisboa: 6-15.

## 2000

“A propósito das ‘pinturas’ do litoral marroquino incluídas no Esmeraldo de Situ Orbis”, *Mare Liberum*, 18-19, Lisboa: 79-132 [1999-2000].

“A rede hidrográfica no mapa de Portugal de Fernando Álvaro Seco (1560)”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 69: 11-38.

“Notícias da Arqueologia”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 69: 163-166.

“La réédition d’un classique de Géographie régionale amazonienne”, *Annales de Géographie*, 614/615, Paris: 559.

“Manuel Viegas Guerreiro, amigo e mestre de geógrafos”, *Stilus. Revista de Cultura Regional*, 3, Faro: 43-52.

*Portugal Geográfico*, 3ª ed., João Sá da Costa, Lisboa.

“La Géographie Humaine de Pierre Gourou” in *Un Géographe dans son siècle. Actualité de Pierre Gourou* (H. Nicolai, P. Péliissier, J. P. Raison, dir.), Karthala, Paris: 61-65.

“Fases históricas e perspectivas actuais do estudo do Quaternário em Portugal”, *Estudo do Quaternário*, 3, Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário (APEQ), Lisboa: 5-14.

## 2001

“À propos de la première carte chorographique du Portugal”, *Comunicação XIX Congresso Internacional de Historia de la Cartografía*, Madrid, CD-Rom.

“A descrição territorial do Numeramento de 1527-32”, *Penelope*, 25, Lisboa: 7-39.

“Mariano Feio geógrafo e amigo”, *Ler História*, 40, Lisboa: 186-188.

“Lembrança agradecida”, in *Poiética do Mundo. Homenagem a Joaquim Cerqueira Gonçalves*. Departamento de Filosofia e Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa, Ed. Colibri: 19-21 (com Orlando Ribeiro).

“Uma carreira científica rica e invulgar”, *Homenagem (in honorium) ao Professor Doutor Gaspar Soares de Carvalho*, Braga: 37-42.

## 2002

“O conteúdo geográfico da Descrição do Reino de Portugal”, in *Duarte Nunes do Leão. Descrição do Reino de Portugal*, Centro de História da Universidade de Lisboa: 63-92.

“A obra geográfica de Mariano Feio” *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 73: 101-107.

“Discurso de agradecimento”, *Doutoramento Honoris Causa da Profª Doutora Suzanne Daveau*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto: 2.

“O Lápis” (in I Margarida ed., *A riscar uma ideia*), Jardim Ed., Museu Nacional de História Natural, Jardim Botânico, Lisboa.

“O espólio científico do Professor Orlando Ribeiro”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 73: 133-137.

## 2003

“A obra de Gaspar Barreiros: alguns aspectos geográficos”, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 27, Lisboa: 97-127.

“Conhecimento actual da representação corográfica de Portugal no século XVI” *In Olhar o Mundo. Ler o Território. Uma viagem pelos mapas [Coleção Nabais Conde]*, Coimbra: 33-37.

“Caminhos e fronteira na Serra da Peneda. Alguns exemplos nos séculos XV e XVI e na actualidade”, *Geografia. Revista da Faculdade de Letras*, 19, Porto: 81-96.

“Voyage à Madagascar (du 14 au 28 Septembre 2003)”, *La Géographie, Acta Geographica*, 1511, Paris: 83-88 (com Michel Dagnault).

## 2004

“Les Géographies du Portugal écrites en français (XIX<sup>e</sup> et XX<sup>e</sup> siècles)”, *Sud-Ouest Européen. Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest*, 18, Toulouse: 5-12 (n<sup>o</sup> spécial, Portugal, Hommage à François Guichard).

“Um novo Sítio na Internet, dedicado a Orlando Ribeiro”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 78: 123-124.

“Apresentação e Apêndices”, in *A Arrábida. Esboço Geográfico* (Orlando Ribeiro, 3.<sup>a</sup> ed.), Fundação Oriente/Câmara Municipal de Sesimbra: 11-14 e 107-141.

*O relevo de Portugal. Grandes Unidades Regionais*. Associação Portuguesa de Geomorfólogos, vol. II, Coimbra (S.Daveau e M. Feio, org.).

“Apresentação. Setenta anos de Investigação geomorfológica”, in *O relevo de Portugal. Grandes Unidades Regionais*. Associação Portuguesa de Geomorfólogos, vol. II, Coimbra: 5-8.

“O Alto Alentejo e a Beira Baixa”, in *O relevo de Portugal. Grandes Unidades Regionais*. Associação Portuguesa de Geomorfólogos, vol. II, Coimbra: 33-47 (com M. Feio e A. Martins).

“A Estremadura” in *O relevo de Portugal. Grandes Unidades Regionais*. Associação Portuguesa de Geomorfólogos, vol. II, Coimbra: 61-74.

“A Cordilheira Central” in *O relevo de Portugal. Grandes Unidades Regionais*. Associação Portuguesa de Geomorfólogos, vol. II, Coimbra: 75-96.

“Prefácio” in *Risco Dendrocaustológico em Mapas* (Luciano Lourenço), Núcleo de Investigação científica de Incêndios Florestais, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra: 7-8.

“Portugal e Marrocos. Geografia da fachada atlântica subtropical do Velho Mundo”, in *Relações Luso-marroquinas, 230 anos, in Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, 17-18, Instituto Camões, Lisboa: 42-54.

“Prefácio” in *Geomorfologia do NW da Península Ibérica* (M. A. Araújo, A. Gomes, ed.), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto: 7-11.

## 2005

“Tectonic control of the Tejo river fluvial incision during the late Cenozoic, in Ródão – Central Portugal (Atlantic Iberian Border)”, *Geomorphology*, 64, Elsevier: 271-298. (com P. Proença da Cunha, A. Antunes Martins e P. F. Friend).

“Présentation” in *Géographie du Golfe Ibero-Marrocin* (J. R. Vanney, Loic Ménanteau), Instituto Hidrográfico, Lisboa, Casa Velásquez, Madrid: 7.

“Leite de Vasconcellos, Orlando Ribeiro e a casa rural portuguesa”, in *Formas Constructivas elementares* (Orlando Ribeiro), Museu do Canteiro, Alcains: 16-25.

“A região de Sintra e Cascais vista pelos geógrafos” in *Cascais há 5.000 anos* (V. S. Gonçalves), Câmara Municipal de Cascais, Cascais: 16-25.

“Em memória do Prof. Antonio López Gómez”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 80: 43-45.

“Uma contribuição notável para a Geografia da Colonização”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 79: 29-33.

## 2007

“Portuguese Cartography in the Renaissance”, in *The History of Cartography*, Vol. 3, Part I (David Woodward, org.), University of Chicago Press, Chicago: 975-1068 (com M. Fernanda Alegria, João C. Garcia, Francesc Relañó).

“O Fragmento do Mapa de Portugal da Real Academia de la Historia de Madrid”, in *História e Desenvolvimento das Ciências em Portugal*, Academia das Ciências, Lisboa, 2: 1041-1060 [2007-2008].

“Planeamento e difusão das obras de Orlando Ribeiro”, in *Geophilia – O Sentir e os Sentidos da Geografia*, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa: 171-183.

“La Géographie, ça peut survivre à la guerre. Correspondance entre Jean Gottmann et Orlando Ribeiro”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 83: 5-21.

“Uma Geografia do Golfo Ibero-Marroquino”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 83: 129-131.

## 2008

“Baixo Mondego/Bacia da Lousã”, *A Terra: Conflitos e Ordem. Homenagem ao Prof. Ferreira Soares*, Coimbra: 53-59.

“Coup d’œil sur la pratique de la Géographie selon un important ouvrage récent”, *Sud-Ouest Européen*, 25, Toulouse: 11-23.

“Anotações n.º 1, 4 e 140” in *Paul Choffat na Geologia Portuguesa, II* (R. Bordalo da Rocha, J. Pau, J. C. Kullberg, M. Luisa Ribeiro, ed.), Lisboa: 80-81, 119.

“A Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro e a homenagem ao seu titular”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 85: 9-18.

“Os anos de formação de Orlando Ribeiro”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 85: 19-34.

“O investigador, o Professor Universitário e o Director do Centro de Estudos Geográficos”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 85: 85-93.

“O Espólio Científico do Professor Orlando Ribeiro”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 85: 123-138.

“Contribuição para a biobibliografia de António Machado Guerreiro”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 85: 111-114 (com Carlos Alberto Medeiros).

“As múltiplas tarefas que o amanuense António Machado Guerreiro desempenhava no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 85: 125-128.

## 2010

“José Leite de Vasconcelos na História e na Lenda” Orlando Ribeiro (S. Daveau ed.), *O Arqueólogo Português*, IV 26: 55-68.

*Um antigo mapa de Portugal (c. 1525). Reconstituição a partir do Códice de Hamburgo*. Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.

*Cadernos de Campo. Orlando Ribeiro. Guiné 1947*, Centro de Estudos Africanos, Humus, Porto (com Philip Havik).

*Portugal. O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*, 2.ª ed., Círculo de Leitores, Temas e Debates, Lisboa (com José Mattoso e Duarte Belo).

## 2011

*Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro. Encontros Epistolares (1931-1941)*. Suplemento 7 de *O Arqueólogo Português*, Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa (com M. Fernanda Alegria e João Carlos Garcia).

*Orlando Ribeiro (1911-1997). Ponto de partida, lugar de encontro. Catálogo*. Biblioteca Nacional de Portugal, IGOT-CEG, Lisboa (em colaboração com M. Joaquina Feijão, M. Fernanda Alegria, João Carlos Garcia).

“Introdução” *Orlando Ribeiro (1911-1997). Ponto de partida, lugar de encontro. Catálogo*. Biblioteca Nacional de Portugal, IGOT-CEG, Lisboa: 13-18.

“Características e acesso ao Legado científico do Prof. Orlando Ribeiro” in *Orlando Ribeiro (1911-1997). Ponto de partida, lugar de encontro. Catálogo*. Biblioteca Nacional de Portugal, IGOT-CEG, Lisboa: 169-173 (com Fátima Lopes).

“Como transmitir aos jovens investigadores a história recente da nossa ciência”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 92: 77-82.

“Apresentação” [*Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Orlando Ribeiro*], Letra Livre, Lisboa: 7-13.

“Apresentação da 3.<sup>a</sup> edição” [*Mediterrâneo Ambiente e Tradição. Orlando Ribeiro*], Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: 11-17.

“Prefácio” in *O Gerês: de Bouro a Barroso. Singularidades patrimoniais e dinâmicas territoriais* (Rosa Fernanda Moreira da Silva), Edições Afrontamento, Porto: 5.

## 2012

*História da Cartografia Portuguesa. Séculos XV a XVII*, Fio da Palavra, Porto (com M. Fernanda Alegria, João Carlos Garcia, Francesc Relano).

“Prefácio” in *O Ensino da Geografia (Orlando Ribeiro)*, Porto Editora, Porto: 4-5.

“Technique d’élaboration d’une carte chorographique du Portugal du début du XVI<sup>e</sup> siècle”, *Cartes et Géomatique, Revue du Comité Français de Cartographie*, 214, Paris : 7-18.

“Apresentação da 3.<sup>a</sup> edição” *Portogallo, il Mediterraneo e l’Atlantico* (a cura di Federico Bertolazzi), UniversItalia, Roma: 9-16.

“Aux origines de l’Université de Dakar: Quelques souvenirs de mes années dakoisés avec Assane Seck”, in *Mélanges offertes au Professeur Assane Seck*, Les Nouvelles Editions Africaines du Sénégal, Dakar, 2010 [2012]: 7-18.

“Prefácio”, in *Estudo Etnogeográfico de Plantas Mediciniais da América Latina* (Isabel Maria Madaleno), Altheia, Lisboa. 7-9.

## 2013

“Orlando Ribeiro (1911-1997)”, in *Geographers Biobibliographical Studies* (Hayden Lorimer and Charles W. J. Withers ed.), vol. 31, Bloomsbury, London: 30-55.

“Enquadramento. O caderno de campo de Moçambique de Orlando Ribeiro e o seu contexto”, in *Cadernos de Campo Orlando Ribeiro. Moçambique 1960-1963*, (org. João Sarmento e Eduardo Brito Henriques), Humus Centro de Estudos Africanos, Porto: 13-33.

*Universidade, Ciência e Cidadania. Orlando Ribeiro*. (Organização e apresentações S. Daveau), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

“Da história da Geografia Portuguesa como instrumento da sua necessária renovação constante”, *Inforgo*, 25, Associação Portuguesa de Geógrafos, Lisboa: 7-18.

## 2014

“Apresentação da segunda edição” in *A Colonização de Angola e o seu Fracasso*. Orlando Ribeiro, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa: 9-16.

## 2015

*Opúsculos Geográficos. Orlando Ribeiro*, 2.<sup>a</sup> ed., 3 Tomos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

## No prelo

*Mestres, Colegas e Discípulos* (I, II), ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

## ANEXO 2

# Cronologia das principais viagens

(Residente em França até 1956, no Senegal e em França de 1957 a 1965, em Portugal desde 1965)

- 1946 – Excursão da “Union Géographique de la Faculté de Letres” (UGFL), Alsácia e Jura (com Georges Chabot)
- 1947 – Excursão UGFL, Forez
- 1948 – Excursão Interuniversitária, Bretanha, e excursão UGFL, Provença
- 1951 – Excursão Interuniversitária, Pirenéus
- 1952 – Inglaterra e Escócia
- 1954 – Argélia e Norte do Sahara
- 1956 – África Ocidental: Senegal, Mali, Burkina Faso, Guiné-Conakri
- 1957 – Senegal Oriental e Guiné-Conakri; Estágio de glaciologia, Saint-Sorlin (Alpes)
- 1958 – Mauritânia, Níger, Burkina Faso, Costa do Marfim
- 1959 – Senegal Oriental, Guiné-Conakri, Burkina Faso, Ghana, Mali
- 1960 – Mauritânia, Senegal Oriental e Meridional, Marrocos, Suécia, Finlândia, Noruega
- 1961 – Mauritânia, Marrocos, Costa do Marfim, Burkina Faso, Angola, Moçambique
- 1962 – Bretanha, Mauritânia, Marrocos
- 1963 – Serra Leoa
- 1964 – Mauritânia
- 1965 – Mauritânia, Itália, E.U.A.
- 1966 – Mauritânia, México
- 1967 – Mauritânia
- 1968 – Bélgica, Holanda, Espanha
- 1969 – Angola, Canadá
- 1970 – Marrocos
- 1971 – Itália
- 1973 – Moçambique, Canárias
- 1975 – Madeira
- 1976 – Itália
- 1979 – Alemanha
- 1985 – Cabo Verde
- 1989 – Alemanha
- 1998 – Cabo Verde e Brasil
- 2000 – Egipto e Mali
- 2002 – Arménia
- 2003 – Açores e Madagáscar
- 2004 – Chile
- 2005 – Perú e Tibete
- 2006 – Irão
- 2008 – Líbia
- 2010 – Jura franco-suíço

## ANEXO 3

# Esboços de viagem de Suzanne Daveau

As imagens acompanharam desde cedo a vida de Suzanne Daveau. Quando fez 12 anos recebeu uma máquina fotográfica de presente, pois a mãe, Denise Robert, tinha herdado de seu pai o gosto pela fotografia e transmitiu-o aos filhos. A fotografia começou por ser a forma de registo de Suzanne Daveau, em passeios familiares. Nas viagens de estudo durante a licenciatura, concluída em 1947, passou a acompanhar as fotografias com desenhos das paisagens. O perfil da Pointe d'Autigny na Suíça, de 1946, que se reproduziu, é notável, até porque nem sequer tinha terminado a licenciatura. Nas viagens de estudo tomava apontamentos escritos rápidos, acompanhados de pequenos desenhos, que constituíam como que lembretes interpretativos, constituindo no geral a fotografia o principal documento. Durante quase todas as suas viagens agregou portanto fotografia, texto e desenho, que se completavam entre si. Ocasionalmente pintava paisagens.

A partir do início dos anos 1980 a fotografia quase desapareceu dos seus registos. Tendo verificado que não conseguia classificar a enorme colecção que ela e seu marido haviam reunido, passou a usar sobretudo textos curtos e desenhos, que por vezes retomava e completava mais tarde. Do seu uso da fotografia e, ocasionalmente, da pintura ficaram já registos nos capítulos anteriores. Ficam agora exemplos de desenhos, uns feitos no local rapidamente, outros posteriormente retocados, para melhor expressarem a sua interpretação. Muitos dos que se reproduzem foram extraídos de cadernos de campo, com papel de má qualidade, às vezes quadriculado, onde até se adivinham textos escritos no verso da folha. Em qualquer caso, com grande economia de traço, mas bem colocado, consegue-se “ver” a paisagem figurada.



FIG. 1 Desenho de campo de Monument Valley, Estados Unidos, 1965



FIG. 2 Esboço da área de Calecute, Angola, 1969

10.4.2000

Karnak



FIG. 3 Karnak, Egipto, 2000



FIG. 4 Fotografia e esboço de Karmrakat na Arménia, 2002



FIG. 5 Cúpula de gelo, glaciar e lago de Grey, Chile, 2004

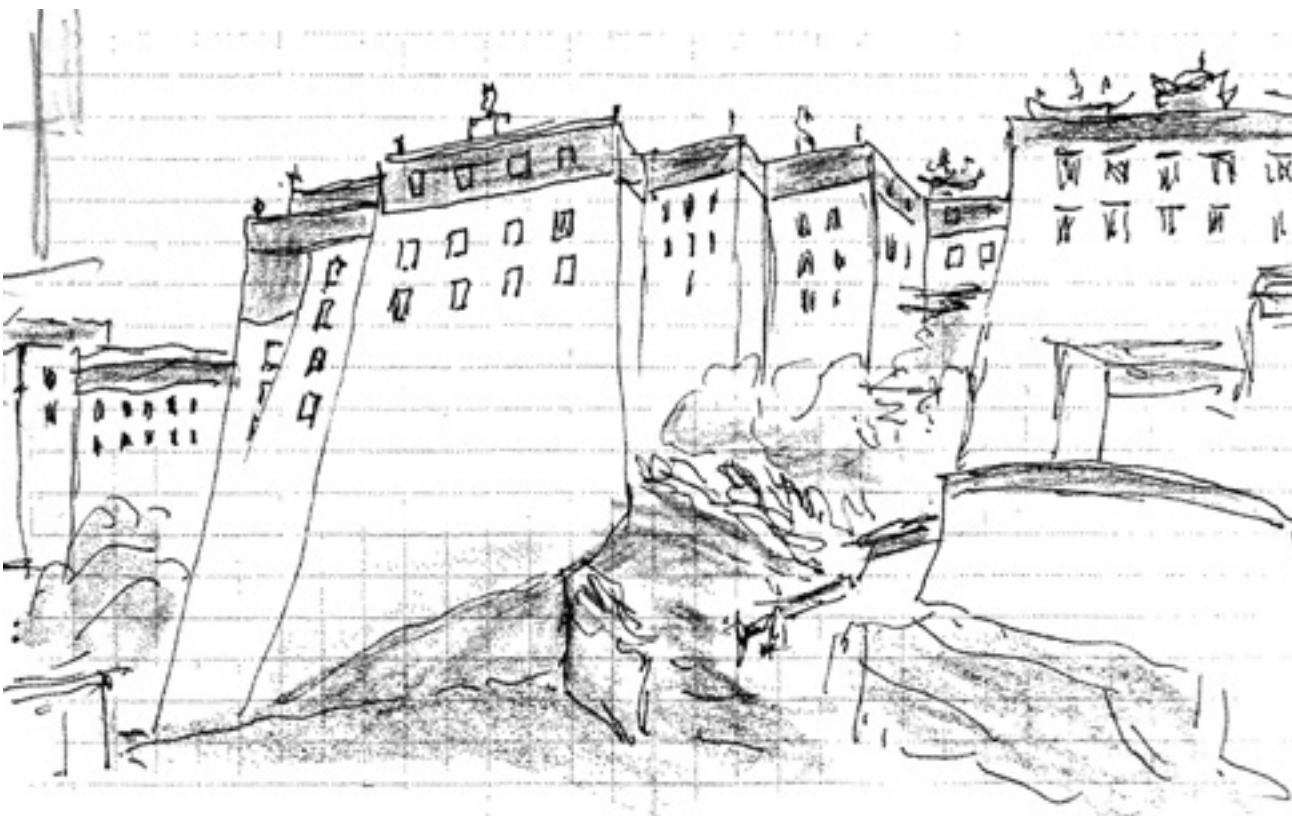


FIG. 6 O Potala em Lhasa no Tibete, 2005



FIG. 7 Casas tibetanas trapezoidais, 2005



FIG. 8 O mosteiro de Terdon no fundo de uma garganta, Tibete, 2005



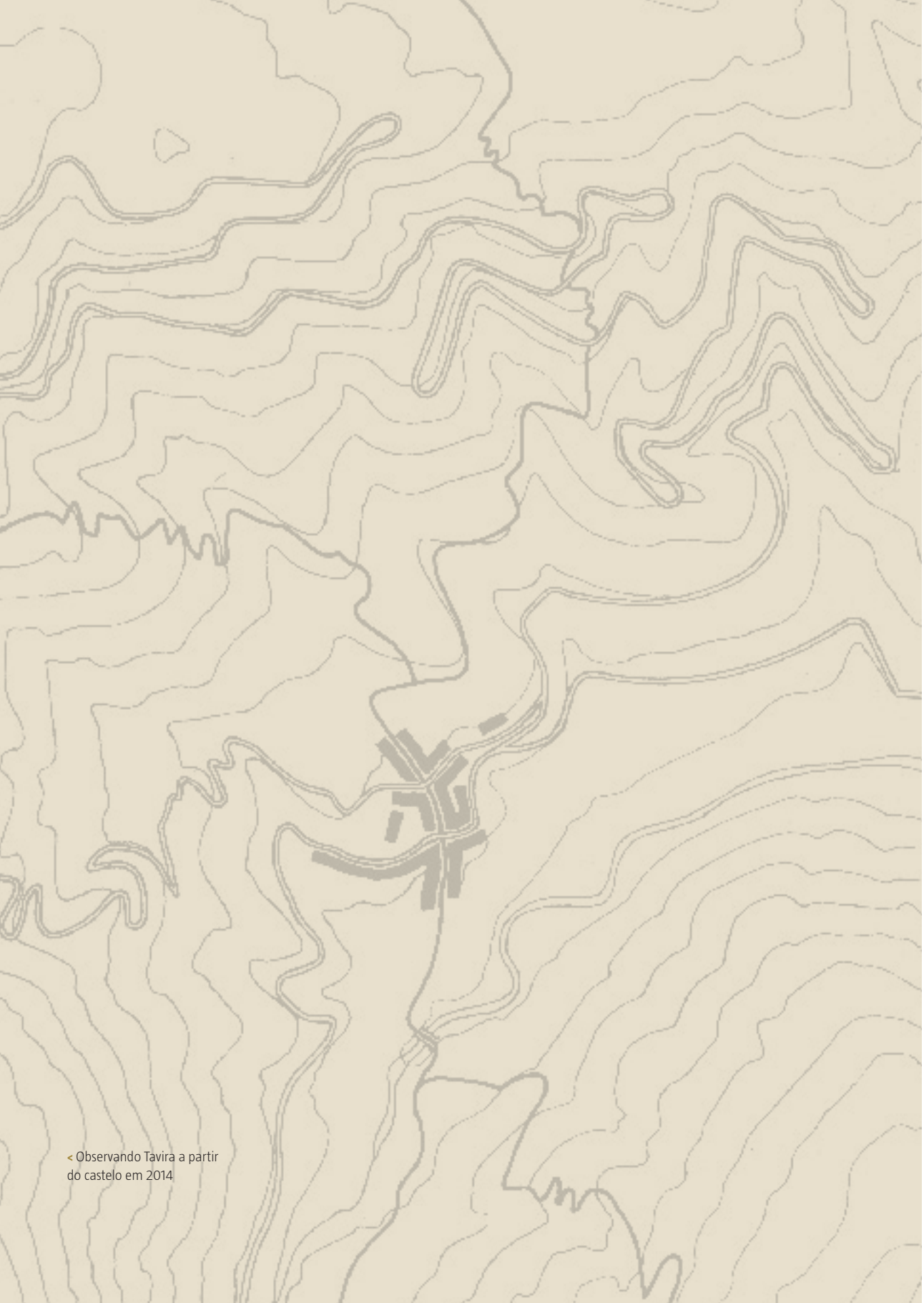
FIG. 9 Machu-Pichu no Perú, 2005



FIG. 10 Ollantaytombo, Perú, 2005



**A Geografia vista  
por Suzanne Daveau**



< Observando Tavira a partir  
do castelo em 2014

Ao pensar na estrutura deste livro considereí desejável dar a conhecer certos aspectos do pensamento geográfico de Suzanne Daveau, Essa intenção tinha porém de ser de comedida, pois o objectivo principal era ilustrar um pouco da sua história, vista por mim própria e por familiares, ou colegas contemporâneos. Além disso, tinha consciência de que não era fácil solicitar a alguém que expressasse as próprias ideias sobre a Geografia. É uma reflexão demorada, que pode tornar-se incómoda. Exige grande disponibilidade, não só de tempo como de espírito, que tinha algum acanhamento em solicitar a uma pessoa com quase 90 anos. Conhecendo, porém, a sua generosidade, a vontade de ser útil, a sua sólida formação e, ao mesmo tempo, a convicção com que defende os seus pontos de vista, apostei em trazer a público algumas das suas ideias sobre a Geografia. Haverá quem fique surpreendido com algumas das suas respostas, bem como a extraordinária solidez e profundidade com que suporta as suas convicções. Tendo começado por sentir alguma hesitação nesta colaboração, uma vez aceite Suzanne Daveau não precisou de muitos dias para apresentar por escrito o que pensava.

Reproduzem-se primeiro as perguntas colocadas e a seguir as repostas, nas quais apenas foram introduzidas pequenas alterações formais.

Eis as questões:

1. A chamada “escola regional francesa” tem sido bastante atacada, mas a Professora tem um ponto de vista crítico sobre a visão um tanto depreciativa dessa escola, que é agora quase ignorada. Quer explicar a importância que lhe atribui e como tem sido ela interpretada?
2. Muitos geógrafos consideram que a principal função da Geografia é o ordenamento do território, como se depreende das designações de Institutos, de Licenciaturas e Mestrados em várias Universidades portuguesas. Como encara esta evolução recente da Geografia?
3. Os problemas do mundo actual são muitos, de natureza variada e espalhados por todo o lado. Quais terão sido os principais contributos da Geografia para os entender e ajudar a resolver?
4. A sua vida profissional tocou campos geográficos muito variados e em espaços distintos. Quais teriam sido os seus principais contributos para a afirmação da Geografia ao longo da sua vida profissional?
5. Orlando Ribeiro teve forte influência na Geografia portuguesa a partir dos anos 1930, mas a Professora continuou a ter grande independência na sua própria obra geográfica, embora mantendo constante diálogo. Quais teriam sido os aspectos em que dele mais se distanciou?

## 1. Geografia Regional

A “Escola geográfica francesa”, geralmente considerada como promotora da chamada *Geografia regional*, é hoje tida como *ultrapassada, arcaica e sem interesse*. Parece-me que esta opinião brotou a partir dos anos 60 do século passado<sup>1</sup>, amplificando-se a seguir, quando surgiram, uma depois da outra, uma série de “Escolas” novas, de duração bastante variável. Se os primeiros contestatários tinham ainda um conhecimento razoável da dita Escola francesa, por terem sido formados por mestres da geração anterior, parece-me evidente que os geógrafos actuais não sabem praticamente nada dela e falam apenas por “ouvir dizer”. Quando me ocorre perguntar a jovens geógrafos que obras deste tipo terão lido, a resposta é quase sempre: “nenhuma”. Eu tenho, evidentemente, um melhor conhecimento desta “Escola”, por ter sido aluna de vários discípulos directos de De Martonne e Demangeon, os quais não contestavam ainda o ensino recebido, e colega de numerosos geógrafos da minha geração, de formação em boa parte parecida. Convém esclarecer primeiro vários aspectos:

I. Terá mesmo existido uma “Escola geográfica francesa”? Não há dúvida que ela existiu e que floresceu. Foi pensada e desenvolvida sobretudo por Vidal de La Blache (1845-1918), historiador de formação, especialista de história antiga, que ficou encarregado de desenvolver o ensino universitário da Geografia em França a seguir ao descalabro de 1871, primeiro na Universidade de Nancy<sup>2</sup>. Ele foi então informar-se perto dos célebres colegas alemães, e começou por criar eficazes instrumentos de ensino, a nível primário e secundário (mapas murais, atlas) e a nível universitário (fundou em 1891 os *Annales de Géographie* e formou numerosos discípulos). Ele publicou uma obra pessoal diversificada, da qual se destacam o *Tableau géographique de la France* (uma introdução a uma *Histoire de France*, de Lavisse) e *Principes de Géographie humaine*, uma importante colectânea póstuma.

II. Terão os *discípulos directos* de Vidal, praticado todos a *Geografia regional*? Para apreciar isto, vou considerar principalmente os *assuntos das teses de doutoramento* que defenderam. A ideia hoje corrente é que estas teses teriam sido todas (ou em grande parte) concebidas segundo um mesmo modelo. Escolher-se-ia um espaço definido por aspectos físicos – ou seja, uma “região natural” –, de que se descreveria sucessivamente o relevo, o clima, a vegetação, o povoamento, as actividades económicas e as relações com o exterior. Se este esquema simplista foi provavelmente adoptado

<sup>1</sup> Ou mesmo antes : ao publicar, em 1949, a sua tese de doutoramento tratando de La Grande Limagne, célebre e fértil unidade natural do centro da França, Max Derruau (1920-2004) escrevia já, paradoxalmente: « la vieille formule des études régionales parait incapable d’apporter la moindre nouveauté [sur] le territoire métropolitain français. » !? Sobre este assunto, pode ver-se Paul Claval, *História da Geografia* (tradução de José Braga Costa), Ed. 70, Lisboa, 2006.

<sup>2</sup> Sanguin, *Vidal de La Blache*, Belin, Paris, 1993 : 109.

por numerosos investigadores na fase primeira das suas investigações<sup>3</sup> e mantido na fase final de redacção por alguns discípulos providos de menos personalidade, ele está longe de corresponder à arquitectura das “grandes teses”, devidas aos melhores discípulos. Na Introdução à 2.<sup>a</sup> edição do Inquérito de Geografia Regional (1947) Orlando Ribeiro diz: “Mais tarde, o autor serviu-se do inquérito entre alunos e viu que prestava útil concurso na preparação de estudinhos de geografia regional [sendo] um plano de trabalho por onde o principiante se pode regular na colheita e ordenamento dos materiais.”

A tese geralmente tida como tendo servido de modelo às que lhe sucederam, é a de Albert Demangeon (1872-1940), *La Plaine Picarde* (1905). O primeiro capítulo é consagrado a discutir “les limites d’une région géographique”, concluindo que “sa personnalité géographique éclate de toutes parts, fondée sur l’unité de sa nature physique [une plaine crayeuse] et consolidée par les œuvres de ses habitants.” A sucessão dos capítulos vai dos traços físicos aos humanos : structure du sol, matériaux du sol, climat, hydrographie, géographie agricole, industries, relations économiques, l’établissement humain, la population, les divisions territoriales. Mas é curioso ver que, nas edições de 1916 e 1925, que confirmam a influência durável que teve esta obra, o título muda : *La Picardie et les régions voisines, Artois, Cambrésis, Beauvaisis*, a mostrar que o seu autor via, afinal, mais nos factos humanos (históricos e área de influência das cidades) que nos factos naturais, a base da divisão espacial adoptada como suporte da sua investigação.

III. *Evolução das teses dedicadas ao estudo de um espaço regional.* Aparecem primeiro algumas grandes teses puramente “regionais” como, em 1906, *Étude géographique de la Plaine Flamande, en France, Belgique et Hollande*, por Raoul Blanchard (1877-1965), notando-se, aliás, que a sua obra seguinte é: *Grenoble. Etude de Géographie urbaine*, em 1911<sup>4</sup>.

Em 1938 Max Sorre trata de “Les Pyrénées méditerranéennes, étude de géographie **biologique**”, estando no júri Flahault<sup>5</sup> (botânico de Montpellier) e Emmanuel de Martonne. Em 1917, René Musset (1881-1977) apresentou *Le Bas-Maine*, um pequeno espaço do oeste da França, com designação histórica e sem limites físicos nítidos, que lhe pareceu representativo dos “pays de bocage”. Em 1931, André Gibert (1893-1985)

<sup>3</sup> Sobre esta técnica de investigação, ver em particular a introdução de Orlando Ribeiro à 2.<sup>a</sup> edição (1947) do seu *Inquérito de Geografia Regional* (1938). O Inquérito tinha sido originalmente concebido para juntar documentação sobre “duas regiões bem diferentes, embora estreitamente relacionadas: as montanhas da Cordilheira Central e os planaltos da Beira Baixa”, que Orlando Ribeiro pensava estudar na tese então projetada.

<sup>4</sup> Blanchard irá, muito em breve, fundar uma nova “Escola”, em Grenoble, que será a grande rival da Escola parisiense e que se especializará no estudo da região alpina, em diversos aspectos: obras de Philippe Arbos (1882-1956) sobre *La Vie pastorale dans les Alpes françaises* (1922), de Ernest Bénévent (1883-1967) sobre *Le Climat des Alpes françaises* (1926), de Maurice Pardé (1893-1972), sobre *Le Régime du Rhône* (1925), uma outra maneira de conceber a Geografia regional, por grandes temas.

<sup>5</sup> Flahault dirigia o Jardim Botânico de Montpellier quando Jules Daveau, meu tio-avô, aí trabalhou.

descreveu *La Porte de Bourgogne et d'Alsace*, um corredor de ligação entre duas grandes entidades regionais históricas, ou seja, um pequeno espaço com forte personalidade mas sem outra unidade que a função de circulação. Roger Dion (1896-1961) apresentará em 1933 uma brilhante tese sobre *Le Val de Loire*, de novo um eixo de circulação, de grande significado cultural e histórico, com o subtítulo *Étude de Géographie régionale*. Eu própria, irei mais tarde escolher um espaço cuidadosamente delimitado, a faixa que acompanha dos dois lados o trecho da fronteira franco-suíça situado na montanha do Jura, para analisar a influência desta fronteira sobre a vida dos habitantes (*Les massifs frontaliers...*, uma tese defendida em 1957 e publicada em 1959). Portanto, todos estes autores continuaram a sentir a necessidade de *enraizar* espacialmente os seus estudos, mas sem conservar o esquema elementar da “monografia regional”, nem considerar que a delimitação espacial tinha, forçosamente, uma base “natural”.

IV. Na realidade, a maioria dos discípulos de Vidal e, sobretudo, De Martonne e de Demangeon, irão muito cedo *escolher assuntos quer de Geografia humana, quer de Geografia física* (nesta altura, quase unicamente de *Geomorfologia*, com excepção de Max Sorre e da “Escola de Grenoble”). São, aliás, estes dois Mestres que, desde que se encontraram lado a lado no *Institut de Géographie de la rue Saint Jacques*, em Paris, (De Martonne em 1909, Demangeon em 1911), decidiram partilhar a tarefa de orientação dos jovens investigadores, e para isso, *cortaram ao meio a Geografia*<sup>6</sup>, numa decisão que considero ter tido consequências muito nefastas, porque, a partir deste momento e até hoje, a Geografia perdeu a especificidade claramente definida por Vidal de La Blache: “uma *ciência dos lugares*, não dos homens” e, podíamos acrescentar “não dos lugares falsamente considerados como escapando à atuação humana”<sup>7</sup>. A partir desta *partição* entre Geografia humana e física, que se irá sempre acentuando, a Geografia, que tinha conseguido emancipar-se da História no fim do século XIX, ficou cada vez mais na dependência, quer das Ciências naturais quer das Ciências humanas, sendo o Geógrafo geralmente considerado como um Geólogo, ou um Climatólogo, ou um Sociólogo ... de categoria inferior, pela sua insuficiente especialização.

V. Vemos assim, por exemplo, Philippe Arbos (1882-1956) defender em 1923 a já citada tese sobre *La Vie Pastorale dans les Alpes Françaises*, que teve o cuidado de subintitular de *Etude de Géographie Humaine*<sup>8</sup>, Jules Sion (1879-1940) tratar de *Les Paysans de la Normandie orientale*, desde 1909, inventando assim uma formulação (e uma orientação) que terão longa e brilhante descendência. Lembre-se em particular a tese

<sup>6</sup> Ver o testemunho de Orlando Ribeiro em *Universidade, Ciência e Cidadania*, 2013: 48-56 e 115.

<sup>7</sup> Se se podia pensar, ainda há alguns decénios, que havia na Terra espaços “virgens”, esta é uma noção hoje em geral recusada.

<sup>8</sup> Na realidade, como decorre do que se disse na nota 4, Philippe Arbos foi mais discípulo de Blanchard que de De Martonne.

de Pierre Gourou (1900-1999), *Les Paysans du Delta Tonkinois*, em 1936, e a de Paul Péliissier (1922-2010) *Les Paysans du Sénégal*, em 1967. Nota-se que a *orientação rural* de muitas das investigações devidas a geógrafos franceses se explica naturalmente pela persistência tardia, mesmo em França, do predomínio das sociedades camponesas. Esta orientação será vigorosamente contestada pelos mais jovens... na exacta altura em que uma urbanização rápida transformou profundamente as sociedades em estudo. Se Roger Brunet (1931-) defendeu ainda em 1965 uma tese chamada *Les Campagnes Toulousaines*, o próprio título mostra que ele dava já grande importância ao papel da cidade na organização dos seus arredores.

VI. Sobre o problema particular da evolução da investigação geográfica na África tropical nos anos 1950-1960, pode ver-se o meu artigo de 1970, reeditado em 2003<sup>9</sup>. No numeroso grupo de geógrafos que foram, a seguir, orientados por Paul Péliissier e Gilles Sautter (1920-1998), no quadro do ORSTOM (Office de la Recherche Scientifique et Technique d'Outremer), verificou-se uma evolução parecida da que foi notada em França, apenas um pouco mais tardia. Tinham-se multiplicado primeiro os estudos visando as sociedades rurais, o que será contestado pelos mais jovens na própria altura em que as cidades africanas começam o seu rapidíssimo desenvolvimento. Mas, já em 1970, Assane Seck (1919-2012) tinha defendido uma tese sobre *Dakar, Métropole Ouest-Africaine*.

VII. Ao mesmo tempo que apareciam numerosas teses de doutoramento subintituladas *Étude de Géographie humaine*, surgiam outras sobre *Temas geomorfológicos*. Se este ramo da Geografia física se desenvolveu muito antes dos outros ramos – climático, hidrográfico ou botânico –, é porque as investigações em *Geologia* tinham feito grandes progressos, de modo que, pelo menos em França, os geógrafos usufruíam já de uma boa e completa cobertura cartográfica, topográfica e geológica de pormenor. Citam-se alguns exemplos. Em 1927, Georges Chabot (1890-1975) defendia uma tese sobre o relevo de *Les Plateaux du Jura central*, propondo uma explicação da sua génese que os geólogos iriam redescobrir e desenvolver 25 anos mais tarde, reconhecendo o que lhe deviam; o que não impediu Chabot de publicar, em 1941, um pequeno livro inovador sobre *La Bourgogne*, outro, em 1948, sobre *Les Villes* e uma *Géographie Régionale de la France* em 1966. Considero-me muito feliz por ter tido a originalidade e a coragem de escolher como orientador este grande, mas demasiado modesto, geógrafo. Em 1929, Henri Baulig (1877-1962) defendia uma famosa tese sobre *Le Plateau central de la France*, onde propunha uma teoria nova sobre a evolução geomorfológica das plataformas estáveis, o que não o impediu de publicar, em 1935-36, os dois volumes da *Géographie Universelle* consagrados aos Estados Unidos,

<sup>9</sup> Suzanne Daveau, *Recherches de géographie humaine en Afrique tropicale, L'Information Géographique*, 34,1, Paris, 1970 : 25-34; *Bulletin de l'IFAN*, B, 32, Dakar, 1970 : 310-332; *L'Afrique*, Baillière, Paris, 2003.

recebendo por isso a medalha de ouro da American Geographical Society. Jean Dresch (1905-1994) defenderá, em 1941, uma tese sobre a *Evolution du Relief dans le Massif Central du Haut Atlas*, em Marrocos, sem deixar por isso de se interessar e de publicar sobre assuntos de Geografia humana ou regional<sup>10</sup>. Quanto a Pierre Birot (1909-1984), um geomorfólogo considerado como puro (a sua tese, de 1937, intitula-se *Recherches sur la morphologie des Pyrénées orientales...*), ele será o autor, em 1950, da mais arguta, fina e bem escrita *Geografia de Portugal*<sup>11</sup>, uma pequena obra prima, infelizmente mediocrementemente traduzida para português.

VIII. Outra ideia corrente, mas que me parece também bastante contestável, seria a ligação quase obrigatória em geral feita entre estas duas noções: *Geografia regional* e *Escola francesa de Geografia*. Ora, se houve realmente um período muito brilhante de produção de estudos “regionais” da parte dos geógrafos franceses – entre os quais, além das teses de doutoramento acima citadas, se contam parte dos volumes da *Géographie Universelle* (1927-1948) concebida por Vidal<sup>12</sup> –, não se pode esquecer que os seus promotores, em particular Vidal de La Blache e De Martonne, se consideravam discípulos dos *geógrafos alemães*, mesmo quando as relações entre os dois países eram tragicamente difíceis. Do valor desta escola alemã, os geógrafos portugueses têm um bom exemplo, de fácil acesso: as obras de Hermann Lautensach, autor de uma notável *Geografia de Portugal* (1932-37, 1987-91), de outra da *Coreia* (1945) e ainda de outra da *Península Ibérica* (1964, 1967). Note-se também que, a nível mundial, algumas das mais relevantes obras de *Geografia Regional* foram devidas a geógrafos de língua inglesa: citarei apenas duas delas, muito famosas: *Latin América* (1942, 1959) de Preston E. James (1899-1986)<sup>13</sup> e *India and Pakistan* (1954, 1957) de O. H. K. Spate (1911-2000).

*Concluindo:*

1. O numeroso e diversificado grupo de geógrafos que se formaram em Paris, no fim do século XIX e até aos anos 50 do século XX, à volta de Vidal de La Blache, Emmanuel de Martonne e Albert Demangeon, adquiriu uma formação básica muito sólida, mas perfeitamente aberta a todas as inovações, quer técnicas quer conceptuais.

<sup>10</sup> Sobre o desenvolvimento mais tardio das investigações em Climatologia e Hidrologia, haveria muito a dizer..., bem como sobre o fraco desenvolvimento persistente da Biogeografia ...

<sup>11</sup> *Le Portugal. Étude de Géographie régionale*, Armand Colin, Paris, 1950.

<sup>12</sup> Em especial, Demangeon, *Les Iles Britanniques* (tomo I, 1923), Jules Sion, *L'Asie des Moussons* (tomo IX, 1928-29), Baulig, *L'Amérique septentrionale* (tomo XIII, 1935), enquanto o tomo VI (dedicado a La France, dividido em 3 volumes e apenas publicados durante a guerra), separava já a Geografia física, escrita por de Martonne e a Geografia humana, por Demangeon.

<sup>13</sup> Ver também a recensão de S. Daveau, *Finisterra*, 15, 1973: 141-144.

2. Enveredaram rapidamente por caminhos diversificados, tanto mais que a presença do vasto Império colonial francês facilitava, para os mais empreendedores, a escolha de campos de investigação novos e aliantes.<sup>14</sup> Também tiveram forte influência sobre o desenvolvimento da Geografia no Brasil, em Espanha (Barcelona) e...em Portugal.
3. Estes geógrafos conservaram, até tarde, o feliz hábito de fazer assentar as suas diversificadas pesquisas sobre o “trabalho de campo”, ou seja, sobre a *leitura e a decifração da paisagem*, este rico depositário de feições localmente acumuladas e entrecruzadas ao longo do tempo – que são tanto os testemunhos do passado como as marcas do actual funcionamento do complexo agenciamento de componentes ambientais e humanas, que se observa em qualquer lugar.

## 2. Será o Ordenamento do Território a principal função da Geografia?

Parece-me útil esclarecer primeiro alguns aspectos da *terminologia*, por ela ser terrivelmente confusa. Será um território a mesma coisa que uma região? Ou, senão, qual é a diferença? Penso que um território é uma região, quer dizer “um certo espaço terrestre, provido de uma unidade (ou personalidade) de tipo qualquer”, mas quando considerada principalmente do ponto de vista da sua *organização pelo homem*. Neste caso, o território coincidiria com o que se costuma chamar uma região *histórica* ou, sendo considerada no presente ou em relação ao futuro, uma região *administrativa*, e/ou *económica*.

A palavra *ordenamento* pode ser tomada no presente, como o estado actual de ligação entre as diversas componentes do *território* mas ela é geralmente usada para designar as *propostas*, feitas com vista a *modificar* aquelas componentes, em princípio para melhorar o seu arranjo geral, outras vezes para atingir, em boas condições de funcionamento, um fim mais específico: a abertura de uma autoestrada, a construção de um porto ou de uma barragem...

Quando se fala da *função* da Geografia, parece-me que hoje se considera sobretudo um aspecto prático, ou seja, a eficácia que terá o seu ensino para a obtenção de *um emprego* por quem o recebeu. Há alguns decénios as pessoas providas de uma licenciatura em Geografia, ou em História e Geografia, tinham, em Portugal, o *ensino secundário* como quase única possibilidade de emprego. Foi a reforma da organização administrativa regional, em 1976, que lhes abriu realmente novas possibilidades de trabalho, nos serviços administrativos das regiões, dos distritos, de municípios e de algumas freguesias. Daí resultou a criação, em 1987, da *Associação Portuguesa de Geógrafos*, paralelamente à da *Associação de Professores de Geografia*. Antes disso,

<sup>14</sup> Um livro importante é o de Paul Claval *Histoire de la Géographie française de 1870 à nos jours*, Nathan, Paris, 1998.

apenas os raríssimos professores universitários de Geografia tinham sido ocasionalmente consultados, a nível regional ou nacional, pelas entidades responsáveis. Orlando Ribeiro contou, nos seus textos memorialísticos<sup>15</sup>, as más experiências que teve, quando começou a ensinar na Universidade de Coimbra, em 1941, em relação às *aplicações* da Geografia. Mas é bom lembrar que, *dez anos antes*, Amorim Girão já tinha sido solicitado pelo governo para dar um parecer sobre a *reorganização regional do país*, publicando em 1930 e 1933<sup>16</sup> um relatório, que será a base da criação, em 1936, dos actuais distritos.

Qual será, portanto, a *função da Geografia*? Parece-me indispensável distinguir dois aspectos neste problema: 1. Como estará actualmente a ser *ensinada* a Geografia nos diversos níveis do ensino 2. Como estará ela a ser *aplicada* – para tentar apreciar a adequação do ensino à sua prática pelos ex-alunos. Quanto à *denominação* dos Institutos, é outro problema, que abordarei a seguir.

O *ensino da Geografia* é hoje ministrado, em Portugal, a *todos os jovens adolescentes*, estando a este nível, ligado, bem ou mal, ao da História. Esperemos que assim continue e, se possível, que a articulação entre as duas disciplinas melhore. Este ensino tem um papel fundamental de formação humana e cívica, que situa o jovem na sua própria sociedade e no conjunto da humanidade, e lhe apresenta o quadro em que se move e age, desde a pequena região em que vive até ao conjunto do planeta. No mundo actual, em que a apreensão individual do espaço e do tempo está a sofrer mudanças drásticas, parece-me que a continuação e o aprofundar deste tipo de ensino é indispensável, bem como uma reflexão constante para o melhorar e adaptar. Uma falha politicamente muito grave foi a falta de previsão, pelas autoridades responsáveis, da recente evolução demográfica em Portugal e o resultante estancamento de recrutamento e renovação dos professores de Geografia no ensino secundário, o que não facilita a adaptação desejável dos temas e modos de ensino às novas realidades! Um tema que merecia ser aprofundado.

Sobre a *aplicação* da Geografia como ela está a ser ensinada a *nível universitário*, já se disse que, actualmente em Portugal, os diplomados em Geografia encontram quase unicamente emprego em diversas organizações administrativas, com âmbitos espaciais vários – além dos raros lugares disponíveis no ensino superior. É portanto muito razoável que as Universidades tomem em conta este facto – tentando prever se a situação actual será, ou não, perdurável. Além desta desejável previsão, o grande problema é saber *qual é* o tipo de ensino mais adaptado àquele género de emprego.

Ignoro largamente que tipo de ensino geográfico é presentemente dado nas diversas universidades portuguesas. Só posso, portanto, sugerir algumas reflexões muito gerais. Sem deixar de dar uma indispensável *cultura geral* – nas escalas mundial,

<sup>15</sup> Reproduzidos e comentados em *Universidade, Ciência, Cidadania*, 2013: 48-57.

<sup>16</sup> *Esboço duma Carta Regional de Portugal*, Coimbra Editora, 1930; 2ª edição refundida e aumentada, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1933.

européia e portuguesa –, os cursos universitários de Geografia deveriam, a meu ver, transmitir sobretudo uma *formação prática e concreta*, que permitisse aos jovens *o uso das técnicas mais modernas de observação à distância* do Homem na Terra (digamos, para simplificar, dos SIG...), mas sem deixar por isso de aprender a incorporar criticamente, e a confrontar os dados assim obtidos de modo *indirecto*, com a *observação própria e directa* (tanto pela *leitura das paisagens como pelos inquéritos aos habitantes*), com os ensinamentos contidos nas obras anteriormente realizadas (ter um bom conhecimento e saber utilizar a *bibliografia existente*).

Quanto à *mudança de designação* das Instituições e dos Diplomas, ela resulta com certeza de uma tentativa de adaptação a novas condições. Mas como estas são provavelmente tão transitórias como as modalidades da áspera rivalidade que dividiu, desde que nasceram, as numerosíssimas variantes das Ciências ditas Humanas ou Sociais (para as quais a Geografia foi infelizmente empurrada pela Unesco, em 1976<sup>17</sup>), o muito infeliz abandono da palavra *Geografia* parece-me resultar de uma visão a curto prazo, tão pouco refletida e pelo menos tão perigosa como o erro que De Martonne e Demangeon cometeram nos anos 1930, ao partir ao meio a Geografia (física e humana). Será, talvez, infelizmente, uma espécie de suicídio, com consequências nefastas, rápidas e irreversíveis.

O único remédio parece-me ser a redescoberta por jovens – de preferência orgulhosamente munidos do respeitável, e durante séculos respeitado título de *Geógrafos* –, do interesse de uma *visão integrada da realidade terrestre*, considerada nas várias escalas, que vão do *lugar* (ou paisagem directamente observável) ao conjunto do Globo. Pode pensar-se que esta visão já é a de alguns dos chamados *Ecologistas...*, mas apenas dos que baseiam a sua luta para a preservação do Planeta em *estudos aprofundados e abrangentes*, o que me parece ser pouco frequente. Tivemos a sorte de conhecer muito bem um ecologista com essa categoria, Pierre Dansereau (1911–2011), grande naturalista, amigo dos geógrafos e provido “d’une volonté très forte de décloisonner les savoirs”, o autor de *La Terre des Hommes et Le Paysage Intérieur*, Montreal, 1971, 2010.<sup>18</sup>

### **3. Qual o contributo da Geografia para a compreensão dos problemas do Mundo actual?**

Para tentar responder a esta pergunta, é preciso saber primeiro o que se entende por *Mundo actual*. O Mundo está a mudar tão rapidamente que o Mundo actual não é, com certeza, o que conheci na minha juventude, nem mesmo aquele em que decorreram as independências africanas e a democratização de Portugal, que acompanhei durante

<sup>17</sup> Ver a nota de Orlando Ribeiro, “A Geografia esquartejada pela UNESCO”, *Finisterra*, 22, 1976: 317–318.

<sup>18</sup> Suzanne Daveau, “Pierre Dansereau em Portugal”, em *Ecologia Humana. Ética e Educação. A Mensagem de Pierre Dansereau*, Porto Alegre, Florianópolis, 1999: 629–637.

decénios. Quanto a saber os problemas que a Geografia (tal como eu a entendo? ou como ela é geralmente praticada hoje?) pode ajudar a resolver ... é difícil proferir a este respeito mais do que banalidades.

É evidente que, quanto melhor for conhecida a evolução actual da vida mundial, menos difícil será escolher as soluções mais adaptadas ou, pelo menos, evitar os erros piores. Ora, o que me parece inquietante, relativamente a Portugal, é que a leitura das produções geográficas mais “recentes”, desde a grande *Geografia de Portugal* dirigida por Carlos Alberto Medeiros (2005), até à actualidade – produções sobretudo vistas através da *Finisterra* e de algumas outras publicações que alguns colegas fazem o favor de me comunicar –, me parece mostrar que os actuais geógrafos dedicam o essencial dos seus estudos a *aspectos muito parcelares* da realidade (o que penso ser o resultado nefasto de uma excessiva especialização), em vez de se dedicarem ao conhecimento dos principais aspectos motores e aos resultados da sua rapidíssima evolução (o envelhecimento da população; o esvaziamento das regiões interiores; o crescimento rápido e a necessária reorganização funcional dos três focos de acumulação de actividades: a região metropolitana de Lisboa, o Noroeste do país, o litoral algarvio).

Dada a falta geral de colaboração entre a maioria dos núcleos universitários de geógrafos ou “ordenadores do território” existentes em Portugal, seria muito desejável que os seus responsáveis tentassem voltar a entender-se, quer para colaborar, quer para dividir entre eles o trabalho. O recente *Colóquio Ibérico de Geografia*, ocorrido durante 3 dias de novembro de 2014 em Guimarães, com cerca de 400 comunicações propostas por quase 2000 comunicantes, parece-me testemunhar mais da crescente pulverização dos estudos realizados do que de qualquer organização ou planificação a nível geral.

Não posso dizer muito mais do que isto a este respeito.

#### **4. Qual terá sido o contributo dos sucessivos períodos da *minha vida profissional* para a afirmação da Geografia?**

Uma das características da minha vida profissional foi, sem dúvida, a *falta de continuidade na sua implantação espacial*, o que não me parece, *a priori*, ter sido um defeito para uma geógrafa que desejou sempre entender o melhor possível o conjunto do Mundo, e não apenas um dos seus recantos. Mas convém *distinguir* claramente o que foram os meus lugares de estudo ou de investigação, dos meus lugares de ensino e de transmissão do saber.

*Investiguei* de maneira aprofundada em 3 espaços muito diferentes:

1. *A fronteira entre a França e a Suíça*, onde me dediquei sobretudo a temas de Geografia humana (políticos, históricos, sociais, económicos).

2. A *África ocidental*, onde teria gostado de prosseguir o mesmo tipo de investigação sobre o papel das fronteiras (o problema do enclave da Gambia britânica, atravessando o território senegalense, teria sido um tema aliciante, mas verifiquei rapidamente que ele era demasiado “quente” para se prestar a um estudo cientificamente sereno). Como os meus colegas Pélissier e Seck estavam ambos a preparar teses, o primeiro de Geografia rural, o segundo de Geografia urbana, e que tínhamos de “inventar” um ensino novo, adaptado às realidades africanas ainda quase desconhecidas na altura, era natural que eu me consagrasse sobretudo à investigação em *Geografia física* e à sua variante a Geomorfologia, de mais fácil acesso por existir já então um mínimo de informação cartográfica (na escala de 1: 200 000, mais algumas medíocres fotografias aéreas herdadas do exército americano), que já tinha, aliás, praticado durante alguns meses, inventando à medida a maneira de proceder, por ter tido pouca formação anterior (apenas as noções teóricas contidas no *Traité* de De Martonne, e por ter participado em 2 ou 3 excursões em França, com Pierre Birot e André Guilcher). Portanto, prolonguei o estudo do tema da minha segunda tese: depois da Escarpa de Bandiagara, passei a estudar as outras *grandes escarpas* que acidentam o escudo africano. A correr as vastas e diversificadas regiões que elas atravessam, ia evidentemente fazendo também observações em Geografia humana.

3. Quando, por razões pessoais, decidi *voltar para França*, solicitei e obtive um *lugar em Besançon* em 1964, com a ideia de, sem abandonar os meus estudos de Geografia física africana (então sobretudo orientados para a Mauritània), aprofundar os meus anteriores estudos jurassianos. Mas este duplo projecto teve de ser rápida e profundamente modificado, pela decisão, tomada de repente, de casar e de viver em Portugal. Voltei, a seguir, a passar *um ano escolar em França* em 1967-68, encontrando então um lugar de ensino em Reims, mas não passou, outra vez, de um ano de transição e de um período demasiado curto para conseguir implantar a sério um projecto de investigação, ou começar a formação de discípulos.

4. A partir do verão de 1965, consagrei o essencial da minha investigação a *Portugal*, em estreita colaboração com Orlando Ribeiro. No entanto, tentei *continuar a investigar em África*, quer na Mauritània, onde dirigi ainda durante dois anos um Projecto de Investigação interdisciplinar sobre o Quaternário, do *Centre National de la Recherche Scientifique*, e também em Angola, Moçambique e Cabo Verde, aqui de modo mais superficial. Foi então que descobri os *textos dos antigos viajantes portugueses*, os quais, depois da evolução que tinha sofrido a minha tese jurassiana<sup>19</sup>, contribuíram para me virar cada vez mais para uma visão histórica das realidades humanas.

Se esta sucessão de campos de trabalho distantes (mas todos, afinal, situados numa mesma faixa longitudinal do Velho Mundo ocidental – com excepção de

<sup>19</sup> Por ter rapidamente verificado que o passado recente da zona fronteiriça submetida à ocupação alemã era ainda demasiado “quente”, para se poder estudar em boas condições científicas.

Moçambique a única abertura que tive para o mundo do Oceano Índico) me parecer ter sido muito benéfica para o alargamento e a maturação da minha própria reflexão geográfica, o facto de ter ficado pouco tempo a ensinar como Professora, tanto em Besançon (2 anos, mais 1), como em Dakar (onde fiquei 7 anos, mas com a interrupção de um ano de destacamento no CNRS), foi, sem dúvida, inconveniente no campo da implantação e do enraizamento da minha influência científica.

Em Besançon, a despeito da minha curta reaparição em 1964-65, fui rapidamente esquecida. A minha tese (impressa apenas em 1959 e mal difundida) teve pouca influência e os temas que tinha começado a estudar não foram retomados por ninguém. A minha tese estava à venda numa livraria de Besançon, que acabou por fechar. Será só muitos anos mais tarde que alguns curiosos a procuraram e me contactaram. Tendo sido o meu trabalho considerado de “Geografia regional” e, portanto, desdenhado pelos jovens colegas que seguiam novas vias, voltou pouco a pouco a ser procurado pelos investigadores locais, sendo hoje usado sobretudo como fonte histórica, para mostrar o que era a montanha do Jura num passado prolongado até ao pós-guerra. Bastantes exemplares foram, pouco a pouco, difundidos através das pessoas da família que vivem na região. Há muito pouco tempo, ouvi dizer que um colega da Universidade de Besançon considera a minha tese uma base para os estudos que realiza hoje com os seus alunos. Ainda bem..., mas não consegui ainda estabelecer nenhum contacto directo com ele. Se há, normalmente, uma fase de “purgatório” depois da aposentação ou da morte de qualquer investigador, esta fase foi evidentemente mais precoce para quem, como eu, *emigrou* e foi, portanto, mais cedo e mais facilmente esquecida.

Um fenómeno do mesmo tipo ocorreu em Dakar, onde estive pela última vez, em companhia de Orlando Ribeiro, em dezembro de 1967, por ocasião de um *Congresso Panafricano de Pré-história*. No entanto, graças à generosidade dos colegas Paul Péliissier, Pierre Michel e Jean Devisse, que continuaram durante muitos anos a investigar e a dirigir ali jovens investigadores, mantive com África muito melhores contactos do que com o Jura. Fiz parte do júri de doutoramento de Charles Toupet em 1972, co-dirigi a tese de Maria Eugénia Moreira (1979) ... e tive ainda, há pouco, ocasião de participar, por escrito, na homenagem que foi dirigida em Dakar ao nosso colega Assane Seck<sup>20</sup> e, em Santiago de Cabo Verde, a Orlando Ribeiro<sup>21</sup>. O corte com a minha fase de investigação africana não foi, portanto, tão drástico como em relação ao Jura. Talvez por existir na África menor densidade de investigadores e, logo,

<sup>20</sup> “Aux origines de l’Université de Dakar. Quelques souvenirs de mes années dakaroises avec Assane Seck », *Mélanges offerts au Professeur Assane Seck*, Nouvelles Éditions Africaines., Dakar, 2010 : 63-71. Ver também o artigo de Paul Péliissier, “Aux origines de l’Université de Dakar : Assane Seck et l’essor de la Géographie Ouest-Africaine », *Mélanges offerts au Professeur Assane Seck*, Nouvelles Éditions Africaines, Dakar, 2010 : 27-40.

<sup>21</sup> Suzanne Daveau “Tributo a Orlando Ribeiro” in *História da Geografia e Colonialismo*, coord. Jacobo García Álvarez e João Carlos Garcia. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 2014: 43-47.

menor *concorrência* consciente ou inconsciente. Talvez, também, pela importante orientação africanista que sempre existiu na “Escola geográfica” de Lisboa.

Além das minhas *investigações próprias*, da difusão e do impacto que lhes consegui dar, outro aspecto muito importante da minha *afirmação profissional* foi, sem dúvida, a *formação de discípulos*. Ora, neste campo, a duração de permanência num local universitário é um factor muito importante. Em Besançon e em Reims, fui Professora durante apenas um ano escolar e ficou muito rapidamente claro que me não ia implantar ali.

Seria apenas em Lisboa que encontraria *condições favoráveis a uma durável implantação* e à criação de relações duradouras para a orientação de numerosos jovens investigadores – e isto, praticamente desde a minha chegada, dada a quase total ausência que então ali havia de docentes experientes, tendo sido os anteriores doutorados, Mariano Feio, Raquel Soeiro de Brito e Francisco Tenreiro, obrigados a sair da Faculdade, por impossibilidade de aí serem colocados. Por outro lado, eu própria tinha já então suficientemente amadurecido a capacidade de ensinar e dirigir eficazmente os jovens, ao praticar desde os anos 1950 ensino e investigação na Europa e na África. Encontrei em Lisboa condições de trabalho *excepcionalmente boas*: uma colaboração estreita e enriquecedora com um dos grandes geógrafos do Mundo, um pequeno grupo de jovens investigadores vivos e prometedores, o aparecimento repentino de uma inesperada e excelente fonte de financiamento, a então jovem e ainda entusiasta Fundação Gulbenkian. Devo, enfim, a uma ilustre colega historiadora, Virgínia Rau, o benefício de não ter tido logo de ensinar oficialmente e de poder gozar de liberdade durante dois anos. Isto foi possível graças às suas sábias manobras que, se me fizeram perder uma choruda bolsa da NATO, me facultaram numerosos meses de total liberdade intelectual, durante os quais consegui assimilar suficientemente a língua e os modos de ser da sociedade portuguesa.

No campo do *ensino*, quais terão sido as minhas iniciativas e inovações? Destacaria em particular a iniciação dos alunos às *técnicas de expressão gráfica* (que aprendi sobretudo com Georges Chabot, que Orlando praticava pessoalmente com esmero, mas que nunca tinham sido ensinadas metodicamente em Lisboa) e ao uso de *novos instrumentos de investigação*, como as *fotografias aéreas* e, mais tarde, as *imagens de satélite*, estes primórdios da *teledetecção*. Quanto ao computador e ao tratamento estatístico da informação, estas técnicas já foram sobretudo introduzidas por investigadores mais jovens, não tendo eu ultrapassado a fase da *regra de calcular*, que acabava então de substituir a da *máquina de calcular*, que Orlando manejava.

Não vou aqui tentar estabelecer a lista dos *meus numerosos e queridos discípulos portugueses*, mas vou citar alguns outros, brasileiros (Aldo Paviani, Regina Mousinho), franceses (Geneviève Coudé-Gaussen, François Guichard) e o alemão (Bodo Freund), que vieram então investigar em Portugal. Ao acompanhar a preparação das suas teses, aprendi muito, em variadíssimos campos da Geografia. Com efeito, a raridade dos doutores – Orlando, eu e Ilídio do Amaral (Doutor em 1965, Professor agregado

em 1967) –, fez com que cada um de nós tivesse de se adaptar à muito desejável variedade de temas e métodos empregues pelos futuros doutores.

Decidi, muito cedo, *partilhar* com outro investigador de formação diferente e experimentado, a orientação das teses que me competiam, por me parecer que esta maneira de fazer, ainda que tenha sido uma novidade raramente praticada, era muito benéfica, tanto para os jovens investigadores, como para os próprios *directores* de tese. Os jovens mais adiantados, como Carminda Cavaco, Jorge Gaspar ou Carlos Alberto Medeiros<sup>22</sup>, já não foram propriamente meus discípulos, ou por terem já encetado as suas investigações ou por terem escolhido outro orientador, mas mantive com quase todos os jovens, em Lisboa, Coimbra e no Porto, profícuas relações profissionais, trocando ideias, participando em trabalhos de campo conjuntos, ajudando-os a publicar os seus resultados. Tivemos também visitas repetidas de colegas espanhóis, franceses, belgas, italianos, brasileiros, antigos condiscípulos de Orlando ou meus, acompanhados ou não pelos seus alunos, com os quais fizemos muito trabalho de campo. Também ajudei, em muitos casos, na difusão dos resultados obtidos por eles, quer através da *Finisterra* e de outras publicações do CEG, quer escrevendo prefácios ou resenhas<sup>23</sup>.

Relativamente ao ensino que dispensei, tive o cuidado de o sintetizar em dois pequenos livros de larga difusão, *O Ambiente Geográfico Natural* (1976, 4.<sup>a</sup> ed. 1998) e *Portugal Geográfico* (1995, 2.<sup>a</sup> ed. 1998), para condensar e difundir certos aspectos mais pessoais do ensino que dei em Portugal, durante muitos anos. As minhas ideias relativas à chamada *Geografia Regional*, tão discutida e ignorada, encontram-se reunidas num espesso caderno policopiado, que elaborei para a Cadeira de Geografia Regional, leccionada por mim em 1985-86 (e 1986-87). Ao relê-lo agora não me parece ter perdido a utilidade e talvez constitua uma útil descoberta para alguns jovens geógrafos.

Mantive *relações interdisciplinares frutuosas* com muitos geólogos, principalmente com Galopim de Carvalho, colaborador do Centro de Estudos Geográficos, com António Ferreira Soares, grande e generoso conhecedor da região da Lousã – e mais tarde com o seu “sucessor”, Pedro Proença Cunha – e, em geral, com os que se especializaram no estudo do Quaternário<sup>24</sup>. Também com diversos arqueólogos<sup>25</sup>, com historiadores, como José Mattoso<sup>26</sup> e Borges Coelho<sup>27</sup>. Penso ter tido uma colaboração útil e eficaz nestes variados intercâmbios.

<sup>22</sup> A excepção foi António de Brum Ferreira, a pedido do Orlando Ribeiro.

<sup>23</sup> Por exemplo, e para citar apenas alguns textos recentes, para *O Golfo Iberico-Marroquino* de Vanney (2004 e 2007), sobre a Geografia de Portugal dirigida por C. A. Medeiros (2008), *O Gerês* de R.F. Moreira da Silva (2011) ou um livro de Claude Bataillon (2011).

<sup>24</sup> Prepararam-se juntamente vários Colóquios e publicações.

<sup>25</sup> Foi a pedido de Vítor Gonçalves que publiquei em 1980, na *Clio*, 2, o artigo “Espaço e Tempo”, destinado aos pré-historiadores, talvez o meu artigo que teve mais feliz e largo impacto metodológico.

<sup>26</sup> Publicámos, em colaboração com Duarte Belo, *O Sabor da Terra*, em 13 fascículos em 1998 e um volume em 2010.

<sup>27</sup> Em colaboração com J. C. Garcia e O. Gama, publicámos, em 2002, a *Descrição do Reino de Portugal* de Duarte Nunes do Leão.

Quais foram os meus *principais contributos*? Não sou eu que posso dizer... Posso apenas fazer notar que pratiquei sempre, e o mais possível, uma colaboração activa e aberta com todos os que se interessavam em trocar ideias com os geógrafos.

## **5. Grau de *interdependência* da prática e do conceito da Geografia por Orlando Ribeiro e por Suzanne Daveau**

Muita gente, hoje, e já desde há bastante tempo, pensa que eu fui *uma discípula de Orlando Ribeiro*. Provavelmente por causa da nossa diferença de idades e, também, por eu ser *mulher* e ter sido *a sua esposa*! Mas a realidade é muito diferente.

Eu fui discípula de geógrafos da geração de Orlando que, como ele, o tinham sido de De Martonne e de Demangeon e, indirectamente, de Vidal de La Blache. Ora, o que é talvez difícil de entender pelas gerações mais novas, estes discípulos, que foram os meus Mestres, não eram *rebeldes*, não pensavam ter inventado o pensamento, e continuavam a reverenciar os próprios Mestres. Porquê? Talvez, em parte, porque a evolução da sociedade era então muito menos rápida do que durante os últimos decénios e também porque as gerações dos meus e dos seus Mestres tinham conhecido, fora da Universidade, uma vida muito dura. Estes homens (eram ainda só homens) tinham sobrevivido quer à Primeira quer à Segunda Guerra mundial, tinham sofrido muitos anos de cativo, de combates ou de deportação, e vários deles tinham sido gravemente feridos, tinham-se tornado órfãos, ou tinham perdido filhos. Como toda a gente, ao sair da Guerra, esperavam um futuro melhor. O que os dividia mais, nesta altura, era a sua posição política, pro- ou anti-comunista. Mas devo dizer que nunca notei que isto tivesse influenciado, se não o seu ensino, pelo menos, a apreciação escolar do trabalho dos seus alunos.

Conheci Orlando em 1960, num Congresso Internacional de Geografia, sendo já ambos, então, dois “Prof” de Fac” com uma importante obra publicada. Nunca Orlando me considerou e me tratou senão como *uma colega*, com a qual ele podia falar num plano de igualdade dos nossos muitos interesses comuns<sup>28</sup>. Nos momentos em que queríamos acreditar que conseguiríamos um dia viver juntos, ele cedo admitiu que eu o ajudaria a escrever a tão sonhada *Geografia de Portugal* ou, mesmo, que eu a escreveria, com a ajuda dele. Por isso, levou-me logo a percorrer quase sistematicamente Portugal, cada vez que eu conseguia passar uns dias neste país.

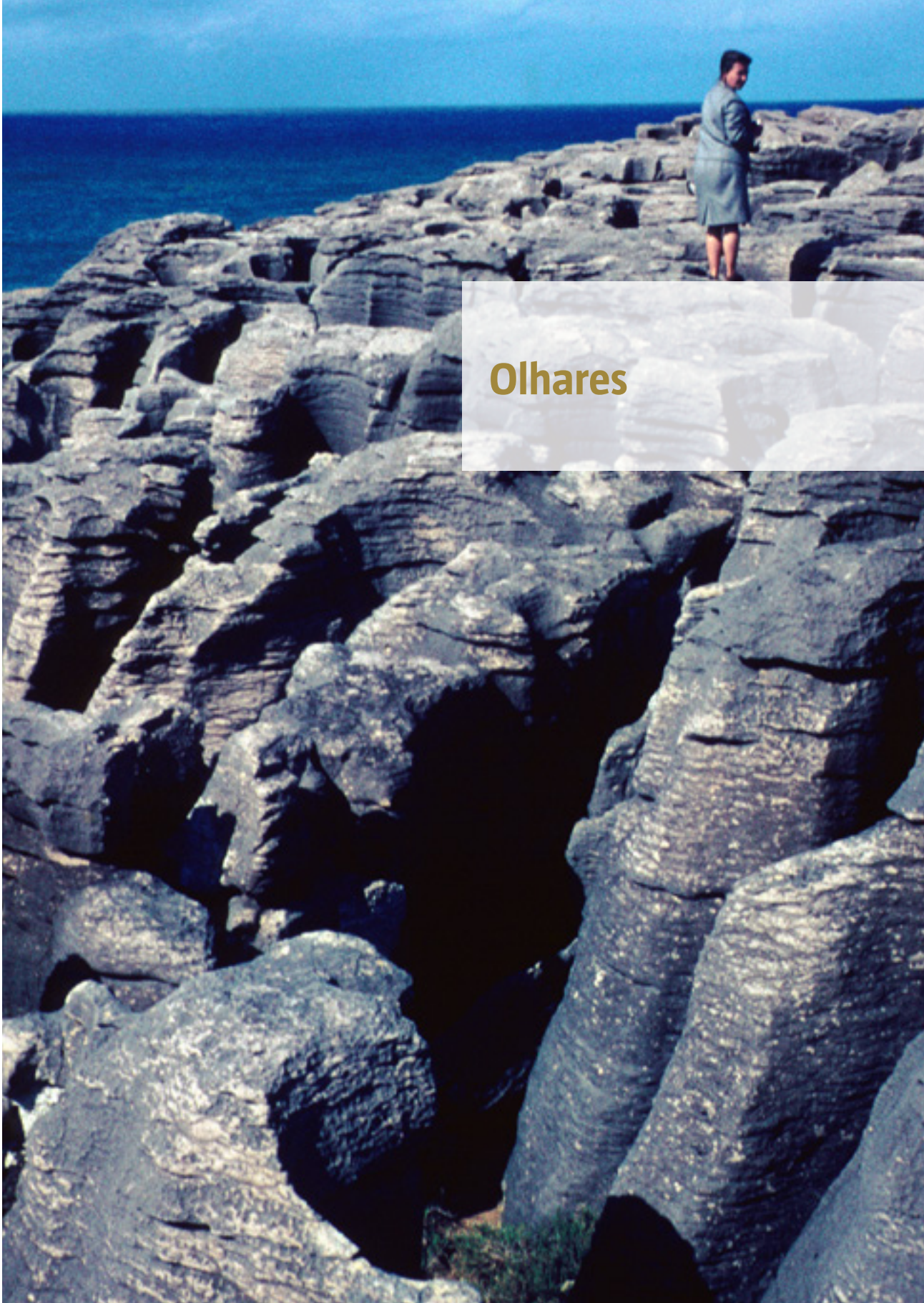
O nosso conceito da Geografia foi sempre muito próximo. Como já disse, a diferença de idades, e também o facto de o Orlando não ter visão binocular, fez com que eu dominasse certas técnicas de estudo que lhe eram inacessíveis. Mas a nossa maneira de trabalhar era a mesma: percorrer o campo munidos de mapas, obser-

<sup>28</sup> Um tipo de relação intelectual que ele antes apenas tinha conseguido ter com Mariano Feio durante alguns anos, até este se afastar, depois do doutoramento.

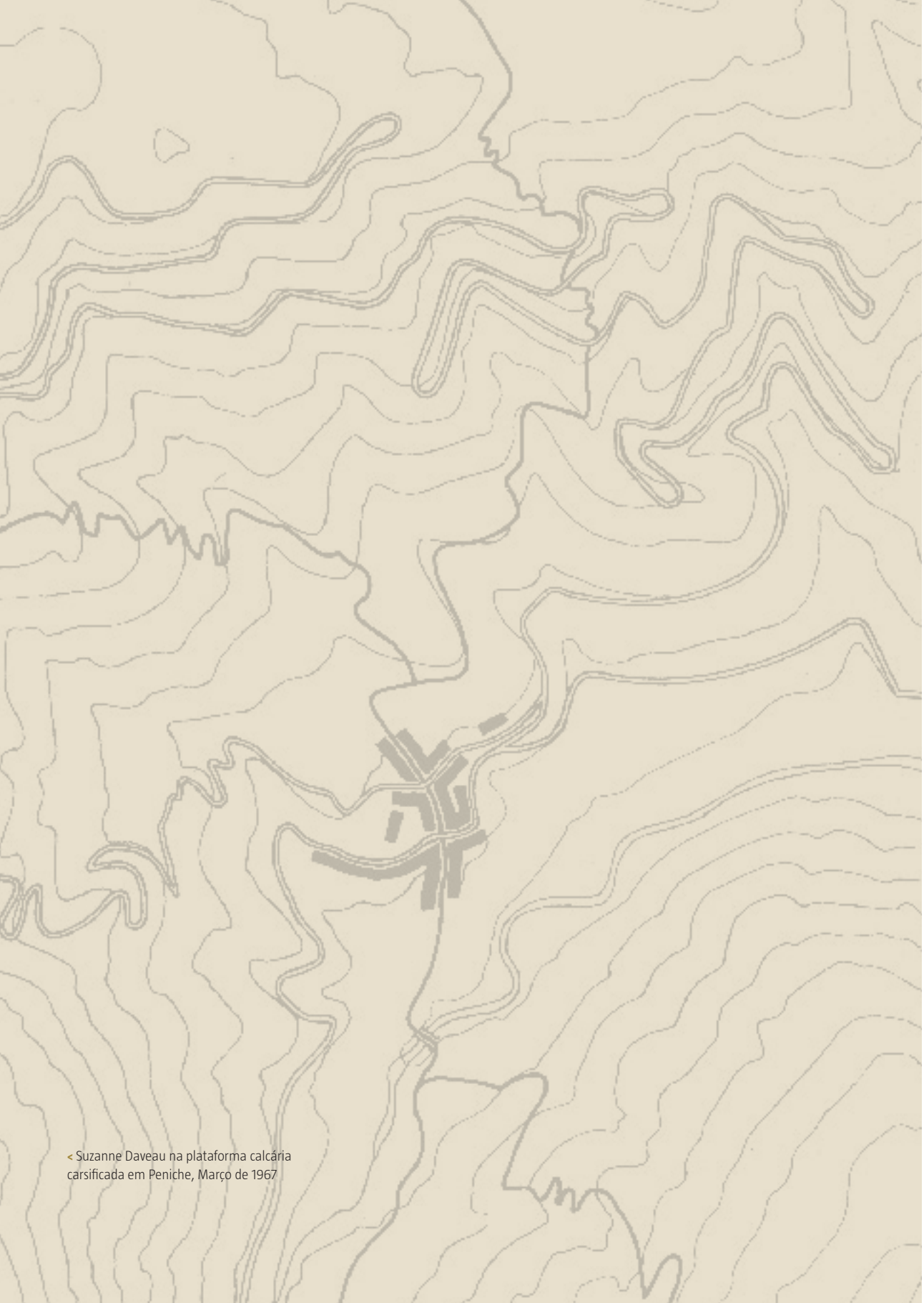
var, fotografar, desenhar, tirar apontamentos em cadernos, ler o que era publicado sobre o assunto... Uma diferença residia em que, sendo eu muito mais tímida do que o Orlando, tinha mais dificuldade em conversar com as pessoas que encontrávamos, de modo que a minha maneira de captar os traços da sociedade provinha mais da observação do que de conversas. Mas, devo dizer que tinha consciência desta limitação, e que ela constituiu uma das razões para ter escolhido, nos anos 1950, preparar uma tese de Geografia *humana*. Essa escolha foi mesmo destinada a dominar esta maldita timidez de juventude – o que em parte acabei por conseguir....

É evidente que não adquiri, mesmo hoje, a profunda impregnação de cultura portuguesa que o Orlando tinha, por a ter adquirido na juventude e no ambiente muito favorável do bairro lisboeta onde cresceu. Em compensação, eu trouxe-lhe uma cultura francesa adquirida sobretudo no liceu, de que ele tinha uma visão bastante boa mas forçosamente limitada, a despeito dos anos passados em Paris de 1937 a 1940. Neste aspecto, conseguimos um enriquecimento mútuo que nos foi, a ambos, muito aprazível, mas que permaneceu bastante exterior às nossas atividades de geógrafos.

Não tenho nenhuma consciência de me ter *distanciado* da Geografia praticada por Orlando. Trabalhámos sempre lado a lado, trocando ideias e dúvidas, mas não me lembro de nenhuma *discordância*. Será que a memória repele os momentos menos felizes? Conhecemos, sim, alguns momentos difíceis, sobretudo quando foi preciso recusar ou afastar algumas pessoas de menor nível, mas tomámos sempre estas cruéis decisões em perfeito acordo.



**Olhares**



< Suzanne Daveau na plataforma calcária  
carsificada em Peniche, Março de 1967

# Recordações da nossa infância

FRANÇOISE RENTZSCH

## 1. Instalação da família em Belleville

Eram quatro os filhos de Denise Robert e de Henri Daveau: Pierre, Suzanne, Françoise, Bernard.

O nosso avô materno, Charles Carlier, instalou-se em Belleville, Paris, em 1868 como droguista. Teve como empregado Léon Robert, nosso futuro avô materno, através do casamento em 1981 com a segunda filha de Carlier, Gabrielle.

Este jovem casal, que continuou a viver em Belleville, teve duas filhas: Madeleine, nascida em 1892, e Denise, a nossa mãe, nascida em 1896. Denise e o marido, Henri Daveau, tomaram conta da droguaria em 1925 e mantiveram-na até à reforma do nosso pai, em 1957.

A velha droguaria conservou o mesmo aspecto até aos anos 1950, com pequenas alterações na montra. Mais tarde seria alugada a uma companhia de seguros e depois transformar-se-ia num animado café de bairro, que sobrevive até hoje.



FIG. 1 A droguaria da família na Rue de Belleville, Paris

## 2. As férias em família

Tantos locais, tantas recordações: a floresta de Fontainebleau, para onde durante muitos anos fugíamos aos domingos, tentando aproveitar de uma liberdade que Paris não oferecia, Batz na Bretagne, Chamonix na Haute-Savoie.



FIG. 2 Na praia de Batz em 1938



FIG. 3 A gruta descoberta num passeio na floresta de Fontainebleau, meados de 1930



FIG. 4 A gruta de gelo, no glaciar de Bossons, Chamonix, 1939

## 3. O fim da uma infância feliz: Setembro de 1939, declaração de guerra

O início da guerra começou por ser bastante calmo (chamámos-lhe a “drôle de guerre”). Apesar disso, o receio de bombardeamentos sobre Paris levou os nossos pais a deixar-nos durante 6 meses em casa de uns tios, na pequena povoação de Saint-Florentin, na Bourgogne. O nosso irmão mais velho, Pierre, regressou a Paris com o pai.

## 4. O êxodo: Junho de 1940

Partimos de Paris (onde tínhamos entretanto regressado), numa primeira etapa em direcção à casa dos nossos familiares em Saint-Florentin. Como o avanço dos ale-



FIG. 5 A família em fuga de Paris no Delage



FIG. 6 Vários carros sobrecarregados de bagagem e de pessoas, numa estrada perto de Limoges

mães era cada vez mais inquietante, continuámos para Sul tentando alcançar Limoges, no Limousin. Tínhamos esperança de que o essencial fosse atravessar o Loire. No percurso pernoitámos onde pudemos. Na segunda noite ficámos numa quinta, dormindo sobre fardos de feno. O velho carro do nosso pai, um Delage, na imagem, tem um colchão no tejadilho. Já perto de Limoges, resolvemos ficar numa quinta abandonada, afastada da estrada. Permanecemos aí até ao armistício, quando foi dada autorização para o regresso a Paris.

## 5. Finais de Agosto de 1940: regresso a Paris, cidade ocupada

Reunidos os documentos necessários pudemos voltar a Paris. No entanto, foi longa a espera para ultrapassar a linha de demarcação. Nesta noite tivemos que dormir ao relento, no chão.

Em Paris a vida era difícil. Tudo faltava: alimentos, vestuário, aquecimento, etc. Os bens essenciais eram assegurados por senhas, que se conseguiam na câmara, mas davam acesso a poucas coisas. Formavam-se longas filas quando se sabia que alguma comida estava à venda. Entretanto, tínhamos de sobreviver e de continuar a estudar, muitas vezes com fome e com frio. Nada se deitava fora; tudo era aproveitado ou transformado. Foi assim que nos tornámos peritos a reciclar e a fabricar aquilo de que precisávamos.



FIG. 7 Suzanne e Françoise costuram os seus vestidos na mesa da sala de jantar



FIG. 8 Suzanne estuda numa mesa, aconchegada a um canto

## 6. Junho de 1944: enfim, desembarque na Normandia

Depois de uma semana de insurreições várias, Paris é libertada no dia 25 de Agosto de 1944. Nas ruas tinham sido erguidas barreiras, para impedir a passagem das tropas alemãs, em deslocação para Leste.



FIG. 9 A fachada da drogaria enfeitada, no dia 25 de Agosto de 1944



FIG. 10 Barricadas, na esquina entre a Rue de Belleville e a Rue des Pyrénés

## 7. Regresso à normalidade possível

Uma vez terminada a guerra procuram-se os sítios de que se guardam boas memórias, principalmente os Alpes. Depois, cada um vai à sua vida. Suzanne lecciona, primeiro

em Gap depois em Besançon, a seguir em Dakar no Senegal. Bernard continuará a estudar em Lille, seguindo depois para Fontainebleau onde cumpriu o serviço militar. Mais tarde, depois do casamento, regressará a Paris. Enfim eu, Françoise, casar-me-ia em 1951 e ficaria em Belleville até 1967.



FIG. 11 Nos Alpes, Suzanne ensina Geografia ao pai e aos irmãos

# Café-géo em Belleville

SYLVIE RIMBERT<sup>1</sup>



- As agências de viagens encarregam-se disso muito bem.
- Nem por isso.
- Não conhece provavelmente os bons guias, álbuns de fotografias, textos jornalísticos que pululam. Para quê geógrafos?
  - Os operadores turísticos e comerciantes de imagens só mostram aquilo que pensam poder espantar ou agradar aos clientes. Na melhor das hipóteses trata-se de uma Geografia poético-financeira.

<sup>1</sup> Directora de investigação honorária do CNRS em Geografia e Cartografia. E-mail: sylvie.rimbert@orange.fr

– E os romancistas não mostrarão o resto? Pensemos por exemplo em *La Fée Carabine*, de Daniel Pennac<sup>2</sup>, que não precisou de geógrafos para nada.

– De maneira nenhuma. Os romancistas não mostram tudo o resto. Pennac não explica porque é que Malaussène vivia em Belleville e não em Lodz. E não reparou que à volta de *La Fée Carabine* não há qualquer paisagem? Ela habita em nenhures. A Geografia pode ajudar-nos a habitar.

Há muitas maneiras de conceber a Geografia: a Geografia descritiva, a Geografia sistémica, a Geografia das simulações.

A primeira diz respeito aos inventários e dá enorme importância à observação. Quando o geógrafo consegue preparar um protocolo de dados numéricos, com registos das observações feitas, pode a seguir inseri-los numa base de dados e fazer com eles múltiplas representações analíticas ou sintéticas.

A segunda procura relações de causa-efeito no quadro de estruturas percorridas por fluxos de energia, susceptíveis de retroacções, o que é característico de um sistema. A Geografia, nesse caso, dá prioridade aos processos que dão origem às formas da superfície terrestre, ou aos tipos de ocupação do solo.

A terceira utiliza Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e modelos para simular as novas distribuições espaciais, em função de uma determinada questão, ou de um objectivo previamente definido. Os modelos servem não só para fazer previsões mas, sobretudo, para testar hipóteses de evolução e passar da descrição à experimentação. A introdução da teoria e do método experimental pode levar a Geografia de um *status* de disciplina literária a uma verdadeira ciência da superfície terrestre.

Quando dizia que a Geografia diz respeito a tudo o que pode ser cartografado, somos confrontados com vários problemas. Seria fundamental cartografar as relações que dão origem a fluxos entre diversos lugares: fluxos de comunicações telefónicas, fluxos financeiros, aéreos, de massas de ar à volta do globo, fluxos migratórios no próprio globo. Mas ainda não existe representação gráfica, fixa ou em movimento, verdadeiramente satisfatória. Quando muito conseguem-se cartografar algumas redes. É por isso que, já em 1969, Haggett e Chorley<sup>3</sup> mostraram tanto o interesse da análise de redes em Geografia, como a dificuldade em as identificar.

– Tudo isso me parece bastante académico e situar-se num tempo em que as universidades pretendiam ser centros de disputas intelectuais. Há pouco tempo entrei numa Faculdade Geografia (sic) e vi lá um grande cartaz que dizia “Arquitectura das Formações”<sup>4</sup>. Na licenciatura, como no mestrado ou no doutoramento, propõe-

<sup>2</sup> PENNAC, Daniel (1987, reed. 2013) – *La Fée Carabine*, Coll Folio n° 2043, Ed. Gallimard, Paris, 340 p. Este romance policial passa-se no bairro de Belleville.

<sup>3</sup> HAGGETT, Peter; CHORLEY, Richard (1969, reimpr. 1972) – *Network Analysis in Geography*, Edward Arnold Ltd., London, 348 p.

<sup>4</sup> PSAUME, ver: <http://geographie.unistra.fr> – em Architecture des Formations.

-se muito Planeamento, Urbanismo, Desenvolvimento do Território. Soube mesmo de um belo mestrado que se chamava PSAUME, isto é, Projecto de Sociologia de Planeamento [*Aménagement*], Urbanismo, Mediações e Meio [*Environnement*]. Percebia-se a intenção de profissionalizar o ensino, orientando os alunos para lugares na administração municipal ou regional, com o objectivo de fornecerem suportes aos decisores políticos. Hoje em dia há, portanto, uma Geografia administrativa, cujo papel se arrisca a ser o de proteger os decisores, quando eles fazem escolhas erradas. É mais fácil contradizer um empregado, do que respeitar um estudo encomendado a um reputado professor, a um engenheiro agrónomo, etc., o que não impede que os políticos ignorem essas recomendações, se os “lobbies” a elas se opuserem.

– É verdade. As universidades sofrem agora a concorrência de novas escolas especializadas, cujos diplomados são muito procurados.

As universidades andam à procura de novos caminhos e, pelo menos em França, ainda não repensaram a sua função. Querem copiar as escolas profissionais, arriscando-se a sacrificar a pesquisa teórica e fundamental. Num contexto de rápidas mudanças técnicas e políticas, mais do que copiar, deviam propor actualizações de bom nível, através de cursos de formação contínua, abertos a pessoas de todas as idades, acompanhados por estudos de casos concretos.

– Tudo isso implica riscos. Voltemos ao caso da Geografia descritiva. A observação depende, antes de mais, do observador. Por exemplo, quando a partir da minha longínqua região procurei documentar-me sobre Belleville, eis o que consultei:

Primeiro, o meu velho *Guia Michelin* de Paris, edição de 1963<sup>5</sup>. Nem no índice alfabético, nem na própria obra, Belleville é mencionada. Este bairro está omissa.

Só na página 3, numa mini carta de Paris, é figurada uma colina cinzenta, com 128 metros de altitude, chamada Belleville, onde termina a velha cerca fortificada de Thiers. Os historiadores precisavam desta referência. Na página 7, noutro pequeno mapa, é localizado o 20.º bairro (Belleville).

Na edição de 2013 do mesmo guia, Belleville tem direito a uma estrela e a 5 páginas, onde se descreve “o encanto do insólito e do anacrónico... e também o exotismo da miscelânea de comunidades”. O que se terá passado entretanto?

Também em cartas geográficas administrativas aparecem em Belleville ZUS (Zonas Urbanas Sensíveis), CUCS (Contractos Urbanos de Coesão Social) e ainda “Bairros sob vigilância”. O 20.º bairro aparece subdividido em 7 territórios, um dos quais se chama Belleville. Como serão essas paisagens?

Claro que muitos dos habitantes de Belleville não percebiam nada desses mapas e resolveram fazer a sua própria “Carta das faixas violentas e das faixas sensíveis”, onde

<sup>5</sup> MICHELIN. PARIS. *Guide Vert 2013*. Belleville: pag. 542-546. Coleção editada por Anne Teffo, Boulogne-Billancourt, 651 pag. Na edição de 1963, a 13.<sup>a</sup>, Belleville está referenciada num mapa (com indicações sobre lojas de confecção, molduras, ferragens, oficinas, oculistas). Nada mais.

se explica o que são afinal as ZUS: presença de gangues mais ou menos activos. Em 2013 era preciso ter cuidado com os bandos de Rebeval e de Orillon, desconfiar dos de Ramponeau, da rua Piat e do Télégrafo. “Há outras bandos mes (sic) não são bandos cidadãos ou de bairros, iço (sa) pode ser o território de gangue, ect. (sic), pelo que não os incloía (*mettrais*)“, explica o autor dessa carta de faixas vulneráveis a riscos.

Isto mostra que a percepção de Belleville está dependente de o habitante pertencer aos Amandiers, à Polícia ou à Administração, ou de ter conhecimentos de História ou de histórias. A *Fée Carabine* não nos diz absolutamente nada sobre as paisagens urbanas ou agrestes que a rodeiam: ela só se preocupa, e com razão, acerca de eventuais maus encontros multiétnicos. De facto, a convivência entre judeus, africanos e asiáticos, que precisam uns dos outros, resulta numa mistura explosiva. Aliás, ela aconteceu duas vezes: em 2007 houve um violento confronto entre judeus e magrebinos e, em 2010, entre asiáticos e negros. A polícia calculou que seriam 8.500 pessoas, sem contar com os roubos e brutalidades cometidas por negros, o que deixa adivinhar um número bem maior.

A integração desta diversidade cultural no miolo francês da nossa República parece frágil. E no entanto...

– Justamente, não se poderá pensar que o ensino da História e da Geografia pode ajudar a criar uma consciência cidadã? A História ensina que temos uma herança a preservar, e que ela deve tornar-se profícua; a Geografia ensina que é preciso proteger as riquezas do planeta, que não são inesgotáveis.

– Com certeza. Mas se uma nova população chega a um dado local, despojada de tudo, a viver em alojamentos não licenciados como é o caso, o que é que se passará?

– É preciso observar como se comportam os imigrantes face aos locais. Samuel Huntington<sup>6</sup> interrogou-se muitas vezes acerca da identidade americana (dos habitantes dos Estados Unidos). Concluiu que eles não ficam muito apegados às terras onde vivem, que mudam de casa facilmente e que, apesar disso, existe uma identidade nacional. Nos Estados Unidos, o protestantismo, a democracia, a língua inglesa (com a concorrência do espanhol), o poder económico e, ainda, o receio do comunismo e, depois do 11 de Setembro, também do terrorismo, ajudaram a cimentar uma nação heterogénea mas potente.

– Ainda que em Belleville haja também uma “Chinatown”, como em Nova Iorque, e que, além disso, exista aqui uma “Igreja Reformista Chinesa”, a Belleville multicultural não me faz pensar em Manhattan. Porque será?

– Porque Paris é como uma Nova Iorque ao contrário: em Manhattan é muito mais caro habitar nos quarteirões do centro do que nos da periferia, porque aqui rentabilizaram o centro ao máximo, construindo aí arranha-céus para escritórios e empurrando

<sup>6</sup> HUNTINGTON, Samuel P. (2004) – *Qui sommes-nous? Identité nationale et choc des cultures* (trad. da versão americana), Ed. Odéli Jacob, Paris, 397 p.

as habitações de preço médio para os arredores, enquanto em Paris as torres de escritórios foram afastadas para a Défense e os imóveis de apartamentos ficaram no centro.

– É por isso que os alojamentos parisienses são muito caros, o que pôs em marcha um movimento de êxodo intra-urbano. Já reparou que, ao lado dos judeus, dos vietnamitas, dos chineses de Cholon<sup>7</sup>, dos negros do Mali, dos tunisinos, dos argelinos e dos habitantes da antiga Jugoslávia, que se acotovelam em *La Fée Carabine*, há outros recém-chegados que ocuparam antigos edifícios artesano-industriais, à maneira dos novos nova-iorquinos dos anos 70 que compraram *lofts* no East-Side? Aliás, o verdadeiro motor do romance de Pennac é Ponthars-Delmaire, um arquitecto autóctone, especulador, que se desembaraça dos anciãos de Belleville para se apoderar, a preços baixos, dos seus escritórios, entrepostos, oficinas, hangares e os converter em *lofts* para *bobos* (burgueses boémios) parisienses. Em 1989 alguns destes apreciadores de pequenos apartamentos a preços acessíveis fundaram o Atelier dos Artistas de Belleville (AAB) que está agora muito activo.

– Um novo Montparnasse?

– Seja como for, trata-se daquilo a que os geógrafos modernos chamam “gentrificação”, isto é, o aburguesamento de um bairro, o que não tem nada a ver com a “British Gentry” (Gentry = pequena burguesia camponesa ou afdalgada). De facto, em Belleville, trata-se de “misturas de *bobos*”, que apoiam o entrecruzamento social, os quais não devem ser confundidos com os “*bobos* aburguesados”, nem os “*chobos*” (*bobos* desempregados)<sup>8</sup>.

– Este aburguesamento pode servir para ilustrar o que é um sistema geográfico: a estrutura é o conjunto de velhos edifícios, abandonados pelos industriais que usavam técnicas desactualizadas. O fluxo de energia é a diferença de potencial criada pelo contraste entre os preços de terrenos, muito elevados em Paris, e os preços quase suburbanos do 20º bairro, que levaram à migração de uma classe média, os *bobos*. A retroacção é a procura por estes da renovação deste bairro esquecido, que acabou por desencadear um fluxo de neo-turismo.

– Mas afinal o que é esse neo-turismo, de que não falava ainda o guia Michelin de 1963?

– Paradoxalmente o neo-turismo baseia-se no passado. Numa época em que as sociedades mudam rapidamente, a maneira de viver do antigamente tornou-se curiosidade. Apresento-vos os Merovíngios, os quais, tanto quanto se sabe, tiveram aqui o seu poiso, para não recuar senão até 1789, data da criação da comuna de Belleville<sup>9</sup>. Em Geografia recorre-se à História quando ela deixa traços na paisagem, como é o caso. No fim do século XVIII, dada a falta de meios para reformular a estrutura monárquica, a cidade de Paris aumentou o montante do *octroi*, isto é, do imposto sobre a entrada de mercado-

<sup>7</sup> Cholon é um bairro da cidade vietnamita de Ho Chi Minh (antiga Saigão), onde é forte a influência chinesa.

<sup>8</sup> WATRIN, Laure; LEGRAND, Thomas (2014) – *La République bobo*, Ed. Stock, Paris, 272 p.

<sup>9</sup> *ATLASHISTORIQUEDEPARIS*. Na Internet ver GALLICABIBLIOTHEQUENUMERIQUE da Bibliothèque nationale de France e ainda: <http://paris-atals-historique.fr/> ou <http://clioweb.free.fr/carto/plansParis.htm>



FIG. 1 As fortificações parisienses na área de Belleville

rias na cidade, criando uma taxa sobre as mais rentáveis, como o vinho, o azeite, o açúcar, o café<sup>10</sup>. Esta contribuição existia desde o século XII mas, ela duplicou em 1790, a partir do *Mur des Fermiers Généraux*” (ver mapa das fortificações) onde existiam 57 postos aduaneiros<sup>11</sup>. Este poderoso muro fiscal acentuou a “diferença de potencial” entre certas aquisições em Paris e em Belleville: o

bairro da Basse Courtille<sup>12</sup> aproveitou dos fluxos de parisienses que vinham consumir vinho, local e proveniente de fora, a preço mais convidativo do que nas *guinguettes*<sup>13</sup> que então se multiplicaram. Esta primeira forma de turismo económico desapareceu em 1860, quando Belleville foi anexada a Paris, tornando-se o 20º bairro da cidade. Quanto ao imposto sobre as mercadorias, empurrado para fora das fortificações de Thiers a partir de 1860 (ver mapa das fortificações), só foi suprimido em 1943.

Nas encostas de Belleville existiram vinhedos: ainda se vêem vestígios nalgumas das parcelas mais alongadas do actual cadastro. Como recordação, em 1992 o parque de Belleville ainda conservava 143 cepas de Pinot e de Chardonnay. Num dos mapas vêem-se os sucessivos limites de Paris, até Belleville ser englobada, e no outro mapa a utilização do solo em 1860.

A antiga vantagem fiscal de Belleville que queria ombrear com o rico mercado parisiense<sup>14</sup>, não só deu vantagens aos proprietários das “*guinguettes*”, como aos fazendeiros locais (o último dos quais desapareceu em 1953), acolhendo migrantes rurais,

<sup>10</sup> O equivalente das portagens para as pessoas.

<sup>11</sup> O “*Mur des Fermiers Généraux*” era uma das muralhas envolventes de Paris, construída pouco antes da Revolução de 1789. O objectivo deste muro, com cerca de 24 km de extensão, era o de facilitar a cobrança de um imposto sobre as mercadorias que entravam em Paris, num dos 57 postos de colecta. Uma parte dessa muralha, na margem esquerda do Sena, recobria o boulevard de Belleville.

<sup>12</sup> A Courtille, que começou por ser a sede de uma exploração agrícola, tornou-se um local de recreio dos parisienses. Ficava próximo da zona de Belleville, a sul da actual rua de Belleville e a norte da rua de Faubourg-du-Temple. Este local foi dividido em Alta Courtille e Baixa Courtille. A primeira ficava no exterior do “*Mur des Fermiers Généraux*” e a Baixa Courtille já em Paris. Na Alta Courtille, ou simplesmente Courtille, foram abertos muitos estabelecimentos onde as pessoas podiam beber, comer e divertir-se, chamados “*guinguettes*”, e sobretudo sem pagar l’octroi, o imposto sobre a entrada de mercadorias em Paris, que era cobrado à entrada da cidade “nas barreiras” como se dizia.

<sup>13</sup> O termo “*guinguette*” diz respeito a uma espécie de cabaret popular que existia nos subúrbios de Paris e que funcionava também como restaurante e lugar para dançar. A origem provável do termo é a palavra *ginguinet*, um vinho branco, barato e um pouco ácido, produzido na Île-de-France.

<sup>14</sup> MARCHAND, Bernard (1993) – *Paris, histoire d’une ville. XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles*. Ed. du Seuil, Paris, 306 p.

tanto franceses provenientes da província, como estrangeiros. Entre os migrantes havia muitos artesãos; entre eles estava a família alsaciana de Sébastien Erard, o célebre construtor de pianos, que apreciava a música de Franz List, e que instalou a sua oficina na parte norte de Belleville, onde é hoje o 19º bairro, já que o núcleo central de Belleville foi dividido ao meio em 1860.

Teriam as autoridades políticas já então receio de uma população relativamente instruída e empreendedora, de origem popular? Daquela população que iria fundar a Comuna de Paris de 1971, deixando-se massacrar pelas tropas de Versailles? Uma população com reputação de libertária, anarquista, proletária e cosmopolita começou a instalar-se neste bairro, sendo depois reforçada não só com os Apaches (delinquentes do bairro), como foi notícia com o caso Casque d'Or<sup>15</sup> em 1902 e, ainda, com uma forte imigração da Europa de Leste, da Itália e da Tunísia, a partir de 1920, e nos anos 1970, imigrantes provenientes das antigas colónias francesas da Argélia e da Tunísia. Mais tarde ainda, nos anos 1980, com imigrantes provenientes da China do Sul. O primeiro restaurante “chinês” (na realidade de Cholon, no Vietname) abriu em Belleville em 1978. A revista *Quartiers Libres* (n.º 166, 2008) assinala a recente instalação de pintores iranianos. É também no 20º bairro, na Serpoullet que se situam os escritórios do “Jornal irresponsável” *Charlie Hebdo*, continuando, por um lado, a tradição das impressoras artesanais e do espírito libertário. Este espírito persiste na actualidade. Veja-se, na imagem, o que está afixado numa parede.

É verdade que se trata da parede de uma pequena casa, à qual foi dado o nome de “Espaço Louise Michel”<sup>16</sup>. Este lugar pertence agora a Lucio Urtbia que, à semelhança das edições Ludd<sup>17</sup> de Angèle Soyaux, fundou em 2007 uma casa de edições sociais, a que deu o nome de “Rue des Cascades”, onde contava com a colaboração de um impressor artesanal. As cascatas a que o nome se refere eram alimentadas por corren-



FIG. 2 A ocupação do solo em 1850

<sup>15</sup> BECKER, Jacques (1952) – *Casque d'Or* (Filme realizado por Jacques Becker em 1952, sobre a verdadeira tragédia de Amélie Elie e os seus ‘Apaches’, ou seja delinquentes do bairro, que se passa em 1902. Este bando actuava não só em Belleville, mas também em Montmartre, Bastille, La Villette).

<sup>16</sup> MICHEL, Louise (1830-1905) foi professora, militante anarquista, activista da Comuna de Paris. Em sua honra foi dado o seu nome a uma estação de metro de Paris.

<sup>17</sup> As edições Ludd (nome que provém de uma revista genovesa de crítica social, dos anos 1960) foram criadas em 1985 por Marc Tomsin e por Angèle Soyaux, que se encarregava da maquetagem dos livros e assegurou os últimos 5 anos da editora. Deixaram de existir em 1998, mas em 2007 foi fundada no mesmo local uma nova editora chamada “Rue des Cascades”.



FIG. 3 O Espaço Louise Michel

tes provenientes do planalto de Belleville-Menilmontant. Elas são agora invisíveis, mas dantes ligavam-se a um sistema hidráulico bem concebido, sucessivamente modernizado, para assegurar o consumo parisiense.

– Mas porque é que as cidades crescem muito mais do que os campos?

– Têm muito mais empregos. É por isso que nas cidades se encontram ecos das crises e guer-

ras dos dois últimos séculos, e que elas conseguem expulsar migrantes arruinados que tinham vindo na esperança de encontrarem actividades lucrativas. Mas não só: as cidades, muito mais do que os campos, têm uma dinâmica de auto-organização<sup>18</sup>. Actualmente, por exemplo, os municípios tentam combater os constrangimentos do tráfego automóvel com fortes taxas sobre os automóveis e o estacionamento, ou criando ruas só para peões, sem que os transportes públicos consigam dar conta de todas as necessidades dos cidadãos. Como consequência, vemos deslocarem-se para coroas urbanas cada vez mais afastadas muitas das actividades que servem grandes clientelas – hospitais, oficinas de reparações de vários tipos, sedes sociais de empresas, arquivos, estádios de futebol, etc. Os centros das cidades continuam a chamar a atenção dos consumidores através das suas montras luxuosas, dos museus e, por vezes, até pelos seus sítios mais lúgubres.

– E em Belleville continua a falar-se francês?

– E que outra língua poderia ser falada, se o árabe, o polaco, o iraniano e o cambodiano não têm nada em comum e a nova clientela *bobo* é francófona?

Admitamos agora que queríamos livrar-nos desta Belleville. Podíamos fazê-la desaparecer, seja transformando-a num belo bairro mundano cheio de futuro, seja livrando-a dos seus estrangeiros para vender, a seguir, as pobres parcelas dos seus locais de habitação, transformando-as em caros terrenos de construção. Como se sabe existe o receio, em toda a França, de que as famílias numerosas dos imigrantes extra-europeus acabem por exceder em número os autóctones e assim a nossa civilização. É a Teoria da Substituição, apresentada em 2013 por Renaud Camus<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> LEPETIT, Bernard; PUMAIN, Denise (1993) – *Temporalités Urbaines*. Ed. Anthropos, Coll. Villes, Paris, 306 p.

<sup>19</sup> CAMUS, Renaud (2013) – *Le Grand Remplacement*. Ed. David Reinhac, Neuilly S/Seine, 76 p.

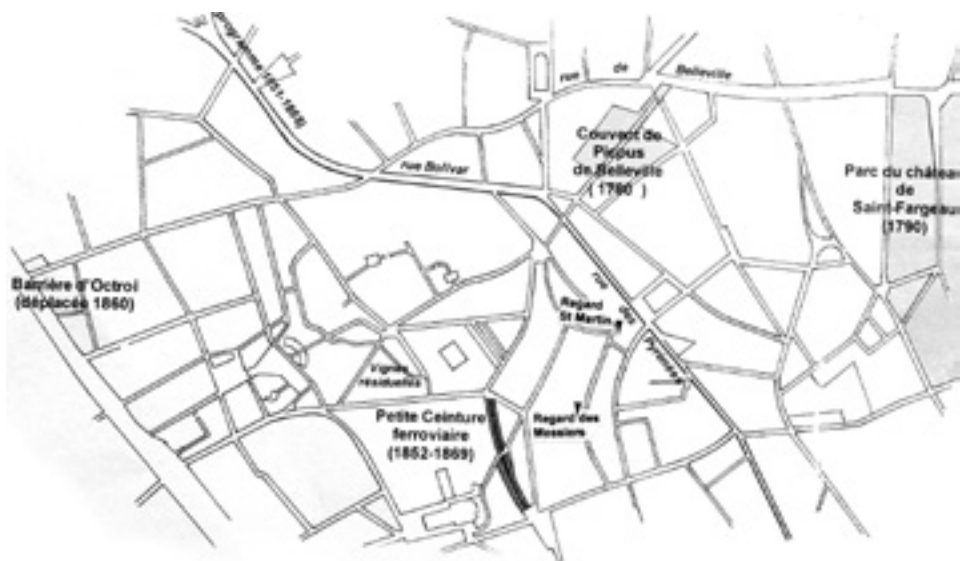


FIG. 4 A área de Belleville no século XVIII

– Seria uma pena obrigar a fugir as pessoas que conseguiram animar este bairro, tanto tempo esquecido. O que propõe afinal Camus para se ver livre delas?

– Nada. Claro que não tem essa ousadia, embora fosse fácil. Primeiro meter-lhes medo, ameaçando de repatriamento os menos desejados. Depois, foram criadas umas 153 taxas para incomodar os comerciantes e 137.219 artigos de decretos que inventariam normas a respeitar, o que permitiria encontrar facilmente alguma que eles não respeitam<sup>20</sup>. Mas, acima de tudo, bastaria reduzir ou suprimir a Segurança Social para os estrangeiros e a França perderia imediatamente a sua principal vantagem atractiva face aos Estados Unidos. A Alemanha deve a sua existência à Segurança Social, o que lhe permitiu criar uma federação com os antigos principados germânicos. Bismark fez da Prússia um Estado-Providência (segurança social em 1883, seguros para acidentes de trabalho em 1884, fundos especiais para reformados por invalidez em 1889). Esta foi, e ainda é, uma das melhores ferramentas para a integração. Evidentemente que isso é caro, mas é cobrado a outros, não aos franceses.

– E agora vamos deambular.

– Vê esta rede atrás de nós? São as ruas de Belleville por onde iremos caminhar. Na verdade trata-se de várias redes sobrepostas, no tempo e no espaço, que deram resposta a várias confrontações económicas, técnicas e políticas, muitas das quais desapareceram. É o tipo de plano histórico-espontâneo, que um urbanista, crente no racionalismo de uma dada época, seria incapaz de conceber (ver o mapa onde se assinalam algumas ruas de Belleville).

<sup>20</sup> ELIAKIM, Philippe (2013) – *Absurdité a la française. Enquête sur ces normes qui nous tyrannisent*. Ed. Robert Laffont, Paris.

Há ruas com traçados relíquias, herdados dos limites de grandes propriedades do século XVIII (Parque de St-Gergeau, Convento de Picpus, por exemplo), dos seus sistemas hidráulicos (vestígios) e dos caminhos dos vinhateiros e fazendeiros. Esses traçados têm, ou tiveram, interesse local: as canalizações de água remontam à Idade Média e foram reunidas no século XVIII para abastecer Belleville e Paris. Há traçados imperiais que se ligam à capital (por exemplo as ruas Bolivar e Pyrénées, abertas em sedimentos anteriores). Há vias que se ligam a caminhos-de-ferro (La Petite Ceinture tinha a função de assegurar a ligação entre várias gares parisienses, elas mesmo pontos de contacto com a província e com o estrangeiro). Esta Petite Ceinture ignora totalmente o bairro de Belleville, atravessado por meio de um túnel. Deste modo sobrepõem-se várias redes para formar um emaranhado que diz respeito ao encaixe sucessivo de escalas diferentes, estilos e finalidades. Constituirá isso uma unidade espacial? Quando se trata de pensar em formas de terreno, ou em traçados, entramos verdadeiramente em domínios da Geografia.

– Enfim! E agora a caminho do rasto de uma nova rede, a dos turistas, ou dos amantes de velhos bairros históricos, que se visitam por nostalgia quando se é francês, ou por curiosidade quando se vem das Américas.

É possível. Mas confesse que é difícil encontrar Orlando Ribeiro em Belleville e aí escrever *La Zone Intertropicale Humide* (1973). Para assinar esta importante obra geográfica Suzanne Daveau precisou da ajuda de uma vista oceânica.

*Eis-nos na Rue Piot.*

*À nossa frente o Parque de Belleville, com uma vista soberba sobre Paris.*

*Atrás de nós uma « Carta Subjectiva de Belleville » em cerâmica, que mostra 67 tesouros do bairro.*

*Como são muitos, podíamos contentar-nos com itinerário aconselhado pelo Guide Vert de Paris (2013) que nos recorda o nascimento de cantores célebres como Giovanna Gassion, no n°72 da rue de Belleville, ou de Maurice Chevalier, não muito longe.*



# Cinquenta anos de visitas a Portugal – cinquenta anos de laços amigáveis com Suzanne Daveau

BODO FREUND<sup>1</sup>

## Portugal – antecedentes e primeiras impressões

Na primeira metade dos anos 1960, no departamento de Geografia da universidade de Frankfurt houve duas grandes linhas de investigação, uma sobre fenómenos cársicos sob várias condições climáticas (professor Herbert Lehmann), outra da evolução de paisagens agrárias na Europa central, pesquisas dirigidas pela professora Anneliese Krenzlin. Tendo sido contratado por ela como *studentische Hilfskraft* (assistente estu-dantil), sabia que ela esperava que me especializasse na sua temática preferida e que preparasse uma tese de doutoramento num raio de 150 km à volta da cidade.

Mas isso não me apetecia; pesquisas deste tipo, preferia fazê-las além-fronteiras, por exemplo em Espanha, já que tinha conhecimentos desta língua. Com essa inten-ção consultei a literatura geográfica espanhola no departamento e na biblioteca uni-versitária, ou proveniente de bibliotecas de Hamburgo e Berlim especializadas na Península Ibérica. E de facto, encontrei publicações que suscitaram o meu interesse<sup>2</sup>.

No decorrer destas consultas, detectei por acaso publicações relativas a Portugal, algumas em francês e fáceis de ler<sup>3</sup> outras em português, portanto de compreensão difícil<sup>4</sup>. Os autores espanhóis e portugueses relatavam elementos de organização económico-social nalguns sítios da Península Ibérica pouco influenciados pela vida moderna, fenómenos que consideravam antiquíssimos, ou mesmo arcaicos, mas

<sup>1</sup> Prof. Dr. Bodo Freund, Ferdinand Brütt-Weg 3, D-61476 Kronberg. E-mail: Freu.kro@t-online.de

<sup>2</sup> Cabo Alonso (1956) “El colectivismo agrario en la Tierra de Sayago”, *Estudios Geográficos*, vol. 17: 593-658; Joaquín Costa y Martínez (1898) *Colectivismo agrario en España*, Madrid, Sales e Buenos Aires 1944, Ediciones Americales

Adela Gil Crespo (1958) “Campos abiertos en la Península”, *Las Ciencias*, vol. 23: 109-130.

<sup>3</sup> Jorge Dias (1949) *Minho, Tras-os-Montes, Haut-Douro*, Guide des Excursions du Congrès International de Géographie, Lisbonne; António A. da Rocha Peixoto (1908) “Survivances du régime communautaire en Portugal”. In *Anais Científicos da Academia Politécnica do Porto*, III, 4: 205-221.

<sup>4</sup> Jorge Dias (1948) *Vilarelho da Furna, uma aldeia comunitária*, Porto, Instituto para a Alta Cultura [München 1944, Dissertação] e (1953) *Rio de Onor. Comunitarismo-Agro-Pastoril*, Porto, Instituto de Alta Cultura; Vergílio Taborde (1932) *Alto Trás-os-Montes*, Coimbra.

nem sempre utilizavam termos inequívocos, pois as distinções entre comunalismo, comunitarismo, colectivismo e comunismo eram bastante ambíguas.

Segundo as fontes portuguesas, as áreas ao longo da fronteira norte eram de interesse especial. A questão que se colocava era saber se ainda era possível encontrar vestígios de um comunismo primitivo, escondido em partes montanhosas e de acesso difícil em Trás-os-Montes, especialmente no Barroso. No clima intelectual de Frankfurt, pouco antes de 1968, isso parecia muitíssimo atraente. Frau Krenzlin, pessoa conservadora, com pesquisas sérias e seguras em questões da sua especialidade, e com interesses focados na Europa central e do sudeste, concedeu-me liberdade de agir a meu próprio risco.

No semestre de inverno 1964/65 matriculei-me num curso de português para principiantes, e logo depois da passagem do ano, integrei-me no grupo do curso médio. Aconteceu então um segundo acaso: os dois leitores de espanhol e de português, Jaime Ferreiro Alemparte e João José da Silva Duarte, proporcionavam aos estudantes uma excursão de autocarro através da Península Ibérica. Para mim era uma oportunidade excepcional participar numa viagem relativamente barata e ficar em Portugal para fazer sondagens em Lisboa e visitar o Barroso.

Para nós, estudantes de disciplinas distintas, em princípio apenas juntos pelo interesse em aprender português ou espanhol, o longo percurso através de França e de mais dois países sem auto-estradas tinha um ar de férias, de descoberta e aventura. Os dois leitores filólogos, preparados para mostrar os monumentos das suas pátrias – em Burgos e em Santiago de Compostela, na Batalha e em Lisboa – permaneceram calados durante a longa travessia de paisagens muito diversas, que eu olhava com fascínio, especialmente nas regiões do norte de Espanha que já conhecia pela literatura geográfica. Depois de algumas observações espontâneas minhas os leitores ficaram tão contentes que me permitiram usar o microfone para mostrar o que se podia ver lá fora. Evidentemente estava já marcado pelas muitas excursões obrigatórias do currículo de Geografia.

Depois de deixarmos a Galiza, terra de Don Jaime, as primeiras impressões de Portugal foram de um país exótico. Numa praia minhota estavam homens ao lado de montes de sargaço. No interior, por trás de muros de pedra solta e de vinhas de enforcado, viam-se espigueiros redondos cobertos por colmo. Para o motorista alemão, às vezes era difícil ultrapassar carros arcaicos, puxados por bois munidos de chifres de dimensão inquietante, animais com jugos em madeira talhada como filigranas gigantescas.

O primeiro almoço constituiu o cartão de visita de um país de delícias, com excelente comida nunca saboreada na Alemanha: menu completo com sopa, prato de peixe, prato de carne, pão e vinho à discrição, doces e fruta para sobremesa, sem esquecer o café e o vinho do Porto. Acostumados a refeições escassas, ficámos com óptima disposição.

Não me recordo que a pobreza fosse tema de conversa, apesar da miséria visível em toda a parte; é possível que não tivesse sido registada pelos turistas académicos

que estavam a visitar um país simplesmente considerado “diferente”. Hoje, olhando para a fotografia das crianças de Braga que admiravam o moderno autocarro com juventude estranha, fico pensativo e um pouco melancólico. Fora de Lisboa e do Algarve, durante anos e anos, turistas estrangeiros permaneciam gente estranha, mirada com curiosidade.

Continuando a viagem reparei em coisas que me surpreenderam, normais no Portugal da época. No Porto, em Coimbra e em Lisboa, todas as casas pareciam antigas, pois tinham mais de vinte anos. Isso era muito diferente de Frankfurt, cidade reconstruída após uma destruição de quase 70 % do efectivo imobiliário, onde muita gente vivia em novos blocos de habitação social, separados uns dos outros por espaços verdes. Aquelas casas urbanas tinham ascensores com aspecto histórico, pelo menos a casa com cúpula na esquina da Av. da Liberdade com a Rua Alexandre Herculano onde o grupo foi alojado na Pensão Aviz, no 5.º andar. O mesmo acesso confortável existia noutra pensão da Rua Castilho. Na minha cidade natal, nem os edifícios antigos nem as casas novas tinham ascensor, ainda que tivessem cinco pisos. Os lisboetas, evidentemente, gozavam de mais comodidade.

O dono da pensão era goês, talvez vindo depois da ocupação da sua terra, 4 anos antes. Durante passeios no centro, reparei que viviam mais indianos na capital. Mas onde estavam os africanos das Províncias Ultramarinas deste Estado que se estendia por três continentes, sem barreiras raciais de acordo com as informações difundidas além-fronteiras? Para mim, que tinha visitado Londres e passado uma semana numa residência de estudantes em Paris, entre muita gente das ex-colónias africanas, esta capital de um império multirracial parecia-me assombrosamente “branca”.



FIG. 1 Excursão de estudantes de geografia alemães a serem observados na Costa Nova em Aveiro, Setembro de 1974



FIG. 2 Crianças olhando os estudantes alemães à porta do autocarro em Braga, Março de 1965

Mas encontrei duas excepções: num percurso de eléctrico em direcção à Assembleia Nacional, que abrigava na altura o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, avistei num troço da Rua de São Bento, pouco antes da viragem na Rua dos Poiais de São Bento, um grande grupo de cabo-verdianos, evidentemente alojados em casas estreitas e gastas. Depois encontrei homens do mesmo tipo, imigrantes pioneiros, na altura uma minoria, mas muito mais visível que os italianos e os turcos na Alemanha. Estavam a labutar perto da Casa dos Bicos, ainda sem o andar sobreposto que hoje lhe dá outro aspecto, decorando o passeio de calçada à portuguesa. Um trabalho parecido, mas mais impressionante, foi visto na visita ao Palácio Nacional de Mafra. Na vasta escadaria exterior estava espalhado um rancho de mulheres, de joelhos e com faquinhas nas mãos, a extrair as plantas daninhas das fendas da calçada.

Quando o grupo de excursionistas estava pronto a prosseguir em direcção a Espanha, despedi-me para ficar em Lisboa, a sondar as possibilidades de pesquisa. No dia 31 de Março desloquei-me ao Centro de Estudos Geográficos (CEG). Conhecia o director, Orlando Ribeiro, pela leitura de “Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico” (1963). Foi uma surpresa que esta importante personagem da Geografia portuguesa me recebesse logo no seu gabinete. Mostrou interesse no meu projecto de fazer um estudo no Barroso, prontificou-se a dar-me conselhos e a ajudar-me se fosse necessário. No final da conversa, trouxe os primeiros três livrinhos da série “Chorographia” onde acabei por anotar essa data memorável. É muito provável que tivesse também encontrado no mesmo dia Suzanne Daveau, sem imaginar quem era essa senhora de nome francês, na altura professora da Universidade de Besançon e colaboradora do CEG.

No Ministério da Agricultura, situado na ala ocidental dos edifícios que rodeiam a Praça do Comércio, fiquei impressionado com certos aspectos de funcionamento: o porteiro chamou um contínuo, tipo de funcionário para mim desconhecido, que me acompanhou pelos longos corredores, onde vi pela primeira vez escarradores. Depois de alguns minutos de espera, fui recebido por um funcionário com uma unha do dedo mindinho muito cuidada, que depois vi mais vezes em contactos em escritórios. O amável senhor remeteu-me para a Junta de Colonização Interna (JCI), com sede na Rua Rodrigo da Fonseca, conselho muito útil sob dois aspectos: na biblioteca deste organismo, na Rua do Salitre n.º 66, existia uma dezena de cadernos respeitantes às actividades no Barroso e, por sorte, na sede da rua Rodrigo da Fonseca n.º 41, contactaram um representante da JCI em Vila Real, que ficou encarregado de me mostrar o Barroso, logo na segunda-feira seguinte.

Como chegar lá? Claro, de combóio. Não podia imaginar que em Portugal existissem autocarros de grandes distâncias. Na Alemanha, esse tipo de tráfego era desconhecido até 2014. Não se concediam essas licenças, para proteger a densa rede de caminhos-de-ferro. Só existiam concessões para tráfego internacional, até ao Irão, utilizados por muitos estudantes deste país. Portanto, fiz “o normal”: viajei de combóio via Porto e Peso da Régua, onde tomei a linha do Corgo. Lembro-me deste último trajecto, por ter sido o mais impressionante. Uma fileira notável de carruagens abertas subia lentamen-

te a via reduzida, de maneira que pude ver grande parte dos outros vagões nas curvas estreitas. Aliás, espantou-me encontrar uma menina que falava bem alemão – regressava a Chaves de um curso de línguas em Munique.

Em Vila Real, cidade que me fascinou pela posição sobranceira à garganta do Rio Corgo e pela beleza da praça central, decidi aproveitar o domingo para ter uma primeira impressão das montanhas que separam Trás-os-Montes do Minho.

Tomei um táxi, que subiu uma “estrada” de terra batida em direcção a Muas. Quando o veículo não pôde continuar pela encosta da Serra do Alvão, continuei a pé por um trilho através de blocos de granito, acompanhado por um homem até à aldeia de Lamas do Olo. Evidentemente, o país apresentava contrastes estranhos, também no interior profundo: de um lado, perto da capital de distrito um trilho para os pobres camponeses; do outro, viagem a Munique de uma menina, certamente de casa abastada.

Na segunda-feira encontrei o representante da JCI que me levou num Volkswagen “carocha” à minha futura área de estudo. No início do percurso falava da grandeza de Portugal, único país com vastos territórios ultramarinos, quando todas as potências europeias tinham perdido as suas colónias. Quando se avistaram as primeiras aldeias do Alto Barroso, o seu semblante mudou de repente e surpreendeu-me com a expressão “grande merda”.

Chegados à vila, apresentou-me ao engenheiro agrónomo Fernando Gusmão, director dos serviços agrícolas e do posto experimental. Este excelente homem deu-me muitas informações, e cedeu-me mesmo um gabinete para trabalhar, nunca deixando de me prestar ajudas várias.

Alojei-me por um mês numa pequena pensão, instalada no primeiro andar de um edifício de pouca aparência, sem tabuleta, com loja em baixo, na esquina da Rua Direita com a Rua dos Ferreiros. Com sete quartos, não podia haver muitos hóspedes: eram geralmente pessoas de passagem, em negócios. Um dia, na sala de jantar, vislumbrei duas pessoas fora do normal: as costas de um senhor com vestuário urbano, de certa idade, com uma menina franzina de cabelo preto e pele muito clara; evidentemente não eram pai e filha. De facto era Orlando Ribeiro, com a então estudante Paula Bordalo Lema, de passagem para preparar a sua tese de licenciatura sobre a aldeia raiana de Tourém<sup>5</sup>.



FIG. 3 Trilho de Muas a Lamas do Olo na Serra de Alvão, Abril de 1965

<sup>5</sup> Paula Bordalo Lema (1978) *Tourém. Uma aldeia raiana do Barroso*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Geográficos.

Pouco depois, nas férias de Verão de 1965<sup>6</sup>, fiz nova viagem a Lisboa e ao Barroso, desta vez com um amigo que tinha carro. Trouxe comigo uma credencial escrita pelo professor Matznetter<sup>7</sup>, que mantinha bons contactos com a Sociedade de Geografia de Lisboa, organismo que talvez me pudesse ser útil. Chegado à Rua das Portas de Santo Antão, fui recebido de maneira muito altiva, nada amistosa, praticamente rejeitado. O mesmo fracasso no Instituto de Alta Cultura, numa bela moradia na



FIG. 4 Microfilme produzido e enviado para a Alemanha pela Biblioteca Nacional

Praça do Príncipe Real. Este tratamento contrastava fortemente com o de Orlando Ribeiro e a ajuda recebida em duas instituições importantíssimas para a exploração de documentos históricos e publicações inacessíveis na Alemanha.

No Arquivo Nacional da Torre do Tombo os funcionários traziam-me os volumes manuscritos das Memórias Paroquiais, com descrições das freguesias segundo um inquérito de 1758. Na Biblioteca Nacional, instalada juntamente com a Escola das Belas Artes no antigo Convento

de São Francisco, o empregado que recebia os verbetes de requerimento era muito prestável para tentar arranjar livros e artigos raros, que não existiam nas bibliotecas alemãs. Teve mesmo a amabilidade de me enviar microfilmes para o meu endereço na Alemanha.

Na Basílica da Estrela, onde funcionava o Serviço Geográfico e Cadastral, vi na entrada um mapa indicando o estado dos levantamentos. Um funcionário confirmou que não existiam plantas cadastrais de quase toda a parte norte do país. Quanto a mapas na escala 1: 25 000 e fotografias aéreas remeteram-me para o Serviço Cartográfico do Exército, então na Rua da Escola Politécnica, 61, onde não tive acesso sem declaração da Embaixada da República Federal da Alemanha.

Mas permitiram-me requisitar folhas da carta topográfica na escala 1: 25 000 e fotografias aéreas. Foi uma experiência que me parece tipicamente portuguesa, ainda que também alemã. Pude comprar os “Mapas Militares de Portugal”, guarnecidos por

<sup>6</sup> No fim do mês de Abril parti para uma viagem com muitas estações: Vila Real, Peso da Régua, e linha do Douro até Salamanca (com muito poucos passageiros), depois Madrid, Barcelona, e finalmente o autocarro de longo curso para Frankfurt, com noitada em Lyon incluída.

<sup>7</sup> Originário de Viena, há dois anos catedrático de Geografia económica na Faculdade de Economia e Ciências Sociais em Frankfurt, tinha publicado artigos sobre os territórios africanos de Portugal.

carimbo vermelho indicando “Para uso exclusivo de” e, inserido à mão no rectângulo, “Sr. Bodo Armin Freund”. O tenente Loureiro, senhor idoso, de cabelo prateado, cortês e sociável, depois de ter falado das suas boas recordações dos soldados alemães na Flandres, informou-me que a preparação das fotografias aéreas levaria alguns dias. Uma semana depois, ainda não estavam prontas – era preciso paciência. Dias depois, o amável tenente pediu desculpa. Mais tarde percebi: uma espera sem fim é a maneira delicada de recusar um requerimento. E o jovem peticionário, furioso e sem verdadeira esperança, voltou mais uma vez para implicitamente fazer saber: nós, alemães, somos realmente persistentes e estamos habituados a respostas claras e fundamentadas. Creio, no entanto, que o meu interlocutor ficou com a impressão que o pobre alemão era um pouco lento de compreensão.

Estúpido não era, mas ingénuo. A explicação provável para esta experiência lamentável, quase catastrófica para o meu projecto, surgiu-me depois. No passaporte que tinha de entregar para a inscrição do meu nome nos mapas, estava um carimbo grande, a vermelho, da Embaixada da Jugoslávia, aposto em 1960 para entrar nesse país, onde tinha feito férias com a família<sup>8</sup>. Para alemães ocidentais era completamente normal fazer férias na Jugoslávia, que não fazia parte do bloco de leste, e era mais barata do que a Itália. Lembre-se que todos os países comunistas criticavam ferozmente as guerras coloniais na ONU e prestavam ajuda de uma forma ou outra aos movimentos de libertação; por isso a Jugoslávia era naturalmente considerada inimiga.

Que fazer em Lisboa nos fins-de-semana? Ler livros emprestados pelo CEG sim, mas não durante o dia inteiro. Explorar a cidade, sim, mas não como turista; ir antes de carro, ou a pé, para as partes da cidade que se faziam notar na planta por estruturas interessantes ou enigmáticas. Foi assim que cheguei ao Bairro da Madre de Deus, e entrei depois no labirinto das azinhagas a leste e norte de Chelas, voltando pela Av. Almirante Gago Coutinho. Passando ao longo de muros compridos e altos, com poucas aberturas que permitissem olhar para o que se escondia por trás, detectei espaços cheios de barracas, e algumas pessoas assombrosamente bem vestidas. Perto do Aeroporto outro contraste: moradias sumptuosas ao lado de bairros de lata nas encostas.

Das impressões variadíssimas, contrastantes e mesmo contraditórias do ano de 1965 pude tirar algumas conclusões. O rancho de mulheres em Mafra era sinal de excesso de mão-de-obra, mas os trabalhadores cabo-verdianos em Lisboa mostravam o contrário. Portugal era um país de disparidades enormes, tão evidentes à escala do território nacional como à escala local em Lisboa. Aqui, uma frota de táxis pretos e verdes, todos Mercedes; ali, burros e carros de bois. Na perspectiva do estrangeiro, observavam-se sinais de atraso e estagnação, por exemplo na lavoura e no parque

<sup>8</sup> Como nessa altura a antiga República Federal ainda não tinha relações diplomáticas com este país comunista, a embaixada da Suécia servia como intermediário para se conseguir a licença.



FIG. 5 Perspectiva do acesso à “Ponte Salazar” em Lisboa, Abril de 1966

imobiliário. Chocante era a presença de bairros de lata na capital, dispersos por toda a parte fora do núcleo compacto, mesmo no acesso à “Ponte Salazar” ainda inacabada, e isto num país sem extensos bombardeamentos de habitações<sup>9</sup>

A estranheza foi reforçada pela riqueza bem patente, ao lado de uma pobreza que bradava aos céus. Parece que neste país, os ricos não davam conta disso, e os pobres evidentemente não se revoltavam. Existia uma sociedade extremamente hierarquizada, aparentemente tradicional, uma estrutura ao que parece geralmente aceite e estável. Tais condições eram completamente desconhecidas na Alemanha, não só historicamente, mas especialmente por causa dos efeitos da guerra e da reforma monetária de 1948, com efeitos na miscigenação, nivelação económica, dinâmica de recuperação e ascensão generalizada.

Aquela estratificação muito pronunciada reflectia-se naturalmente nas atitudes: uns mandavam com dominação ostensiva ou discreta, outros obedeciam com um automatismo “naturalmente” interiorizado, ou mesmo com submissão. Para um estrangeiro sem posição social clara e sem muitas capacidades linguísticas, a comunicação e as relações sociais não eram fáceis.

<sup>9</sup> Bodo Freund (1979) *Portugal*, Stuttgart, Klett.

## **Anos de trabalho intenso e começo da “integração”**

Em Março de 1966 parti para Portugal num Volkswagen comprado em segunda mão. O carro era-me absolutamente necessário para fazer inquéritos nas 183 aldeias dos concelhos de Montalegre e Boticas, assim como para me deslocar rapidamente a bibliotecas e arquivos em Braga, Porto e Lisboa. Em cada aldeia inquiri o presidente da junta de freguesia, ou o seu substituto local, o cabo de polícia. Mas nem sempre tudo correu bem. Houve um domingo em que foi particularmente fácil encontrar as pessoas, de maneira que consegui mais inquéritos do que nunca. Todos foram muito hospitaleiros, oferecendo-me um copo de vinho, presunto, um bocado de bom pão de centeio, mais um copinho, e mais outro, o que durou o dia inteiro.

Quando voltava, já de noite, numa curva perto de Montalegre, que tinha sido reparada e coberta de saibro, perdi o controlo do carro. Consegui não escorregar para o lado direito, encosta abaixo, e virar para o lado esquerdo, onde o carro bateu nas rochas. Tive uma sorte enorme, pois quase não fiquei magoado. Na Alemanha, o carro teria ido para a sucata. Mas em Portugal não foi assim. O veículo foi transportado em cima de um carro pesado, de Montalegre para Braga, onde ficou a ser reparado durante quase dez dias.<sup>10</sup>

Outra aventura aconteceu também num domingo. Aproximando-me da aldeia de Beça, vi um homem em frente de uma obra de alvenaria, em construção fora do casario. Parei e perguntei-lhe onde me devia dirigir para encontrar o presidente da junta. O homem mostrou interesse em saber o motivo da minha vinda, e disse que ele próprio me podia explicar tudo como o presidente. Eu recusei, pois teria sido um inquérito anulado. Então ele fez-me saber que era da polícia secreta, da PIDE, e obrigou-me a entrar na casa inacabada e isolada para me fazer o seu “inquérito”. Findo o interrogatório, deixou-me ir embora. Por causa do susto dirigi-me logo a outra aldeia.

Já de noite, regressado à pensão, onde nos fins-de-semana era geralmente o único hóspede, entrei na sala de jantar e tive novo susto: o meu inquiridor presidia numa mesa a um grupo de homens, talvez colegas. E não só: tinham ocupado todos os outros quartos da pequena pensão. Passei uma noite inquieta. Muito cedo fiz a mala, paguei a conta e fui-me embora precipitadamente.

Estes encontros assustadores não tiveram consequências. Anos depois, soube que o colega Karl Hermes, que tinha registado as funções das casas no centro de Viseu, tinha sido obrigado a passar três noites na cadeia. Reflectindo bem, não era possível naquela época fugir de Trás-os-Montes num Volkswagen azul claro com matrícula alemã<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Fui informado que não se pode deixar um carro no país sem imposto de importação, mesmo muito danificado.

<sup>11</sup> Na periferia de Vila Real, num cruzamento de estradas, vi numa cabina um “polícia de tráfego” e fiquei receoso. Meses depois em Montalegre, não falei a ninguém do acontecido, embora acreditasse que muita gente soubesse.

O problema dos levantamentos pormenorizados da utilização do solo nos termos das aldeias, que considerei característicos depois do reconhecimento integral da minha área de estudo, persistia. Munido de uma carta da directora do meu departamento, referindo que precisava de uma recomendação da Embaixada para os trabalhos de campo, dirigi-me ao Campo dos Mártires da Pátria. Aí tive de apresentar o meu passaporte que, logo na primeira página, tinha dois carimbos cinzentos, quase ilegíveis, com letras cirílicas da Bulgária. Na realidade, tinha participado pouco antes, como assistente auxiliar, numa grande excursão estudantil à Bulgária, atravessando a Hungria<sup>12</sup>. O representante do adido cultural, olhando o passaporte, reagiu com grande desconfiança e altivez. Para minha grande perplexidade, disse logo, significativamente, que Portugal era um Estado amigo e membro da OTAN, como se tivesse descoberto um espião. A despeito da sua relutância óbvia, a carta de recomendação ficou pronta na tarde do dia seguinte, como prometido. Na verdade, tinha sido redigida de uma forma tão “diplomática” que um funcionário minimamente inteligente a podia interpretar ao contrário do desejado.

No decurso de uma conversa com Orlando Ribeiro em 1966 mencionei a desgraça de não dispor dos elementos imprescindíveis para elaborar mapas pormenorizadas da utilização do solo<sup>13</sup>. A sua reacção foi surpreendente: fez-me saber que o CEG tinha uma colecção de fotografias aéreas e mandou que me emprestassem as que cobriam a área barrosã. Tinham sido tiradas pela *US Air Force* em 1958, e reproduzidas a preto e branco na escala aproximada em 1: 16 000, portanto com uma representação extremamente deficiente da pulverização fundiária, que era praticamente invisível nas partes homogéneas dos terrenos cultivados em afolhamento colectivo. Em todo o caso, era interessante levá-las comigo para fazer comparações *in situ*.

Durante a estadia no Barroso ocorreu-me acrescentar uma lente adicional à máquina fotográfica, que normalmente me servia para fotografar flores, e tentar depois fazer boas cópias. De regresso a Frankfurt, o pessoal da oficina fotográfica da Universidade revelou o filme e produziu grandes ampliações dos termos que considerei representativos dos vários tipos de utilização agrária, imagens logicamente pouco claras. No departamento coloquei por cima folhas em plástico transparente e assinelei a rede de caminhos, do parcelar e de marcas na paisagem. No ano seguinte *in loco* corriji e copletei os desenhos, produzindo uma espécie de plantas cadastrais, nas quais indiquei a utilização exacta de cada parcela. Pude assim preparar à mão folhas para a impressão de plantas a cores.<sup>14</sup> O leitor de português, Silva Duarte, tinha sugerido nos fins de 1966 que fizesse um pedido de subvenção à Fundação Gulbenkian,

<sup>12</sup> A viagem organizada por Krenzlin, que se especializara no SE da Europa, em cooperação com docentes do país.

<sup>13</sup> Como os que foram sucessivamente publicados no atlas das paisagens agrárias alemãs: Erich Otremba (ed., 1962-1971) *Atlas der deutschen Agrarlandschaften*, Wiesbaden, Steiner.

<sup>14</sup> Bodo Freund (1970) “Siedlungs- und agrargeographische Studien in der Terra de Barroso / Nordportugal”, *Frankfurter Geographische Hefte*, 48, Frankfurt am Main, Verlag Waldemar Kramer. Orlando Ribeiro tinha-me prestado sem saber uma ajuda inestimável e decisiva para a execução do meu projecto.

juntando ao pedido uma recomendação sua. Foi-me concedida uma bolsa de metade do custo de viagem e três meses de estadia, depois prolongada para quatro<sup>15</sup>.

O mês de Março do ano de 1967 foi de importância transcendente para o início dos meus laços com várias pessoas do CEG e uma certa “integração” na comunidade geográfica do país. No âmbito de um Seminário Internacional de Geografia, Orlando Ribeiro tinha planeado duas excursões, uma de um dia à Serra da Arrábida, outra logo a seguir, de quase duas semanas, na Estremadura e no Portugal central. Quando apareci no Centro, o director e organizador das viagens convidou-me a participar; claro que aceitei sem hesitar.

O percurso foi feito num Land Rover, conduzido pelo amável motorista Feliciano, além do mestre e de Suzanne Daveau como guias. Entre os professores participaram Jean Dresch (1905-1994), geógrafo francês, e Pierre Dansereau (1911-2011), botânico e ecologista canadiano. Dos novos investigadores estiveram A. de Brum Ferreira e Carminda Cavaco.

Suzanne Daveau, entretanto casada com Orlando Ribeiro e directora de investigação do CEG, apresentou a maioria esmagadora do programa geomorfológico. Como os fenómenos cárscicos tinham sido enfatizados na pesquisa e no ensino do meu departamento, um dos pontos que mais suscitou o meu interesse foi o modelado cárscico de pormenor na plataforma de Peniche. Dedicou também grande energia à apresentação dos depósitos de tipo *raña*, na área de Arganil – Folques – Avô, e na discussão de problemas com eles relacionados. Na altura, ela estava no início de um grande estudo, cujos resultados foram publicados em 1986. Ponto culminante da viagem foi a Torre, com a apresentação de vestígios da glaciação da Serra da Estrela, cujos estudos publicou em 1971.

Na Cova da Beira e nas planícies da Beira Baixa, Suzanne Daveau teve oportunidade de falar sobre pediplanação e inselbergues, aproveitando da sua experiência durante os muitos anos de pesquisa geomorfológica na África Ocidental Francesa. Orlando Ribeiro apresentou aspectos da geografia agrária, histórica e da vegetação. Mencionou algumas dúvidas quanto à interpretação histórica de fenómenos comunistas no sul do país por



FIG. 6 Suzanne Daveau na plataforma calcária carsificada em Peniche, Março de 1967

<sup>15</sup> Ao contrário do que é costume hoje, não era hábito subvencionar doutorandos. Todos os colegas que conhecia, a fazer estudos na Itália, Grécia e Espanha, financiavam os seus projectos com dinheiro dos pais, ou com trabalho próprio. Em muitos casos, como no meu, o salário de assistente estudantil constituía a base.



FIG. 7 Da direita para a esquerda: Jean Dresch, Suzanne Daveau, A. de Brum Ferreira. Em primeiro plano à esquerda Orlando Ribeiro (sentado)

Albert Silbert (1966), de interesse especial para mim<sup>16</sup>. Compreende-se que o mestre fosse o meu interlocutor principal, devido ao seu conhecimento do país e à sua predileção pela Geografia humana.

É natural que numa viagem com um grupo pequeno num carro que era grande apenas de aparência, levasse a familiaridade e convivência agradável. Do ponto de vista científico, o efeito a longo prazo foi a aquisição de conhecimentos valiosos, utilizados até 2006 em oito excursões a Portugal, com estudantes de Frankfurt e Berlim.

Até à homogeneização dos currícula na Europa, nos cursos de Geografia da Alemanha (ocidental), além de muitas excursões “curtas”, era obrigatória uma “grande” viagem, em Frankfurt com pelo menos 14 dias, quase sempre passados no estrangeiro. A primeira grande excursão, na prática guiada por mim, decorreu em Setembro de 1967. Como Krenzlin ainda não tinha visitado a minha área de estudo, ocorreu-lhe combinar essa observação com uma excursão estudantil. Oficialmente, o seminário de preparação e a viagem eram da sua responsabilidade mas, de facto, a viagem foi organizada por mim. O grupo de 15 estudantes viajou com a professora, dois assistentes, um assistente auxiliar e eu próprio<sup>17</sup>.

Nos anos seguintes mantive e intensifiquei os contactos com Mariano Feio, engenheiro, geógrafo e agricultor com dedicação à pesquisa, inicialmente por causa de estudos de geografia humana nas terras além Guadiana<sup>18</sup>. Só posteriormente soube que ele tinha também laços estreitos com Olivier Balabanian, e ainda mais intensos e duradouros com Suzanne Daveau.

Durante a preparação do doutoramento, que apresentei em 1968, tinha já verificado que a sociedade do Barroso não era de maneira nenhuma igualitária. A organização em comum de fainas de campo, do pastoreio, da utilização dos baldios,

<sup>16</sup> Albert Silbert (1966) *Le Portugal méditerranéen à la fin de l’Ancien régime. XVIIe -début du XIXe siècle: contribution à l’histoire agraire comparée*, 2 vols. Paris: S.E.V.P.E.N.

<sup>17</sup> Durante a preparação consultei os livros-guia do Congresso Internacional de Geografia de 1949. Tendo utilizado também o texto de Mariano Feio e contactado com o autor, fomos convidados a visitar o seu Monte do Outeiro em Canhestros. O dono falou em alemão sobre a climatologia agrícola regional, os ensaios com diversas culturas e técnicas de produção e mostrou os campos de tomate (para concentrados ou fabrico de sementes qualificadas). Passou em revista a história e a política agrárias e comentou o Plano de Rega do Alentejo, para ele com dois defeitos: os custos de transformação estrutural das explorações não estavam suficientemente tomados em consideração e não havia comparação com a rentabilidade de investimentos semelhantes na industrialização do país.

<sup>18</sup> Bodo Freund (1972) “Zur Agrarlandschaftsentwicklung im Transguadianaland (Portugal)”, *Erdkunde*, 26: 252-256.

nada disso era excepcional na agricultura tradicional em muitas regiões europeias. Em pesquisas histórico-geográficas ficou provado que na Alemanha o afolhamento “colectivo” se tinha desenvolvido e expandido a partir da Alta Idade Média. A forma trienal (intensiva) existia até aos anos de 1950 nas montanhas Taunus, perto de Frankfurt. A ideia de que o “colectivismo” era mais antigo em Portugal foi fomentada pelo aspecto da paisagem e pela cultura arcaica, visível em toda a parte.

## O ano lectivo de 1974-1975 em Lisboa

Na sequência da pesquisa completei a leitura de todos os documentos das Memórias Paroquiais respeitantes às freguesias de Trás-os-Montes, e apresentei os resultados da investigação na *Conférence Européenne Permanente pour l'Étude du Paysage Rural (PCSRL)* em Perugia no ano 1973<sup>19</sup>.

Entretanto mantinha contactos pessoais, forçosamente esporádicos, com o casal Ribeiro-Daveau e Mariano Feio. Sempre que visitava Portugal, o mestre arranjava encontros com investigadores alemães radicados no país, pessoas com certa proximidade à Geografia<sup>20</sup>.

Depois do doutoramento fui primeiro assistente, e depois *Akademischer Rat*<sup>21</sup> A seguir surgiu uma oportunidade inesperada. Num concurso público em 1973, com perto de 32 anos, fiquei professor de Geografia na universidade de Frankfurt, que tinha um entre os mais de 50 departamentos ou secções de Geografia das univer-

<sup>19</sup> Bodo Freund (1975) *Les Mémoires Paroisseaux comme source d'information sur les paysages agraires du Nord-Est Portugais au 18<sup>ième</sup> siècle*, In Henri Desplanques (ed.), *I Paesaggi Rurali Europei*, Perugia: 215-223.

<sup>20</sup> Em 1970, por exemplo, visitei a especialista em pré-história, Vera Leisner (1885-1972), vinda à Península Ibérica pela primeira vez com o seu marido, também arqueólogo, em 1930, instalada definitivamente em Portugal em 1943, depois do bombardeamento da casa. Provavelmente no mesmo ano estive no Penedo de Colares, na casa do professor de românicas Joseph Piel (1903-1992), nascido na Lorena (Mörchingen / Morhange) e leitor de alemão. Na altura, não perguntei o motivo de se terem enraizado em Portugal, mas recentemente descobri que não poucos cientistas se tinham trasladado para Espanha, e alguns para Portugal, devido às condições subsequentes à Primeira Guerra Mundial. Na Alemanha da “República de Weimar” (1918-1933), havia não só uma vida intelectual extremamente intensa, mas também inflação horrenda, convulsões políticas, milhões de desempregados, e bloqueio à interacção científica internacional pelas forças vencedoras, estrangulamento hoje esquecido. Por exemplo, geógrafos alemães e austríacos não foram admitidos ao *Congrès International de Géographie de Paris* (1931). O único alemão que fez uma comunicação foi Alfred Rühl (1882-1935), por ter boas relações pessoais com os organizadores, E. de Martonne e Albert Demangeon. Nestas circunstâncias desfavoráveis, jovens cientistas de muitos ramos dirigiam-se a Espanha que, por ter conservado a neutralidade em 1914-1918, se mostrou acolhedora. Ofereceu terreno de pesquisa a mais de uma dúzia de geógrafos conforme regista a bibliografia do livro sobre a Península Ibérica de Hermann Lautensach (1964) *Iberische Halbinsel*, München, Keyserische Verlagsbuchhandlung. Para este autor, a oportunidade de ir a Portugal foi aberta por laços familiares. Aliás, neste contexto, é de sublinhar que Orlando Ribeiro convidou alemães para o Congresso Internacional de Geografia de 1949. Por problemas financeiros apenas um entre nove pode fazer a viagem: o seu amigo Lautensach, com quem tinha percorrido Trás-os-Montes e a Serra da Estrela em 1943. Hermann Lautensach 1949, *Der internationale Geographenkongress zu Lissabon*, *Petermanns Geographische Mitteilungen*, 83: 81-82.

<sup>21</sup> Posto vitalício com obrigações de ensino e de administração e liberdade de pesquisa.

sidades do espaço linguístico alemão, não contando com a República Democrática Alemã<sup>22</sup>.

Um ano depois, surgiu mais outro feliz acaso, a oferta de substituir, como professor convidado, o catedrático Orlando Ribeiro durante o seu ano sabático em 1974/75, juntamente com Jorge Gaspar. Depois de ter encontrado quem me substituisse pude aceitar essa oportunidade extremamente atraente.

Tendo acontecido o 25 de Abril, nascido a primeira filha, arrendado um apartamento mobilado em Cascais, parti em Outubro para Lisboa, como um emigrante num grande carro, embora não novo, cheio até ao tecto de roupa e de utensílios diversos. Mal entrado em Portugal por Vilar Formoso, tive um susto: Rebentou nova revolução? Poucas semanas antes, em Setembro, durante a segunda grande excursão a Portugal, já tinha experimentado um clima de alta tensão na grande Lisboa e no Alentejo. Agora via homens com espingardas à beira da estrada, fenómeno nunca visto no meu país. Afinal a explicação era simples: tinha aberto a época de caça.



FIG. 8 Controlo do autocarro dos estudantes alemães em Setembro de 1974 (o autocarro é português)

Antes de começar o ensino, Orlando Ribeiro avisou-me que os estudantes portugueses não eram tão assíduos e aplicados como os alemães – manifestação de um preconceito positivo. Mas, posso jurar que foram os mais agradáveis estudantes da minha carreira, sendo os do primeiro ano muito curiosos, diligentes e sempre prontos a executar as tarefas, e os finalistas entusiasmados e activos. Findo o ano, alguns dos que tinha contratado, como M. Júlia Ferreira e M. Rosário Martins Alves, ainda mandaram trabalhos bem acabados para a minha casa na Alemanha. Isabel Canavilhas lembrou-se de uma excursão à cooperativa agrícola “Estrela Vermelha”, com estranhos voluntários estrangeiros, e mandou-me diapositivos de outra cooperativa.

Apenas posso fazer suposições sobre os factores desta frutuosa cooperação. Não há dúvida que um docente estrangeiro tem influência nos comportamentos. Estou certo que a minha própria juventude também teve efeito, pois lembro-me das relações em Frankfurt, antes e depois do ano em Portugal. É muito provável que o conteúdo das aulas tenha espantado os alunos, pois obras muito recentes do espaço anglo-saxónico serviram de base para a introdução à Geografia, aula aparentemente

<sup>22</sup> Ser nomeado na sua própria universidade, era excepcional, para contrariar a formação de “escolas” locais e promover experiências noutras sítios.

revolucionária<sup>23</sup>. Tendo em conta outras impressões ao longo da minha vida universitária, penso que a disposição mental geral tem grande importância nas atitudes dos estudantes. Havia uma vontade generalizada de começar algo de novo, de adoptar inovações.

Conservo lembranças boas e bastante precisas dos estudantes, particularmente dos que depois entraram no serviço universitário, por causa de encontros agradáveis posteriores. No seminário de finalistas participaram João Ferrão e Júlia Ferreira<sup>24</sup>. Entre os muito novos do 1º ano encontravam-se M. Rosário Martins Alves, Isabel André, Lucinda Fonseca, Patrícia Pedro, José Manuel Simões e Diogo de Abreu. Este foi o único que participou na grande excursão organizada para os finalistas à Alemanha Ocidental e Berlim-Oeste, aproveitando de uma vaga. Júlia Galego foi membro do grupo que fez uma aula prática em Caneças, actividade suspeita de criminosa por certos moradores: alguns estudantes dispersos, notando a dimensão e utilização das casas e o uso do solo em plantas cadastrais, foram presos por homens armados e entregues à polícia de Loures, onde tive de explicar as suas actividades para serem libertados.

O ensino absorveu-me muito tempo, especialmente por causa de novas leituras e da preparação numa língua que não era a materna. Por isso participei menos do que o desejável no convívio do Centro. Por intervenção de Ilídio do Amaral dispus de uma subvenção para estudar inovações no sector agrário, a saber, a expansão da cultura de tomate para uso industrial no Alentejo e as novas plantações de lúpulo em áreas restritas dos concelhos de Braga e Bragança<sup>25</sup>.

Regressado a Frankfurt, logicamente não devia descurar a região onde fazia serviço. Da Geografia agrária com pendor histórico, iniciada sob influência da professora Krenzlin, realizei uma viragem para a Geografia das estruturas agrárias periurbanas, muito diferenciadas e dinâmicas, na grande Região Reno-Meno à volta de Frankfurt, com relevância para o planeamento regional.

Mas nunca desisti de me dedicar a Portugal. Os meus conhecimentos facilitavam a redacção de artigos relacionados com as estruturas agrárias além Guadiana, a reforma agrária, o desenvolvimento urbano, as mudanças demográficas e sociais, e, afinal, de uma monografia do país onde, ao contrário da concepção tradicional para este tipo de livros, não se encontram capítulos de Geografia física<sup>26</sup>.

<sup>23</sup> Com autores como Richard L. Morrill (1974) *The Spatial Organization of Society*, North Scituate, Massachusetts, Duxbury Press; Kevin R. Cox (1972) *Man, Location, and Behavior. An Introduction to Human Geography*, New York, London, etc., John Wiley & Sons, Inc.; Ronald Abler; John S. Adams; Peter Gould (1972) *Spatial Organization. The Geographer's View of the World*. London, Prentice Hall International, Inc.

<sup>24</sup> Foi estimulada a apresentar com V. Almeida: M. Júlia Lopes Ferreira; M. Virgínia Ferreira de Almeida (1976) *Áreas Sociais da cidade de Setúbal, Estudos para o Planeamento Regional e Urbano*, 2, Centro de Estudos Geográficos.

<sup>25</sup> De facto fiz viagens demoradas para inquéritos com agricultores e adquiri conhecimentos valiosos sobre redes de contactos. No entanto, de regresso à Alemanha tive tantos afazeres que não pude rever logo os elementos recolhidos e redigir um artigo. Acabei por desistir, o que lamento ainda hoje.

<sup>26</sup> Bodo Freund (1979) *Portugal*, Stuttgart, Klett.

A este respeito, pode-se salientar uma diferença fundamental do “Portugal Geográfico” de Suzanne Daveau, publicado 16 depois (1995). Será devido à falta de conhecimentos do autor? Ou mesmo desprezo? Nada disso. É uma abordagem na perspectiva da Geografia humana. O do ambiente físico está quase escondido, mas sempre detectável quando tem relevância económica ou social. Folheando uma outra *Länderkunde* minha, sobre o estado federal de Hesse<sup>27</sup>, nota-se mais uma especificidade: os grandes capítulos são dimensionados conforme a importância dos territórios sob aspectos económicos, demográficos e sociais, portanto exclusivamente de Geografia humana, sem consideração da área e especificidade física.

A concepção dos livros sobre Portugal e o Hesse foi influenciada por factores específicos no contexto alemão. Primeiro, no congresso alemão de Geografia em Kiel no ano de 1969, a *Länderkunde*, Geografia regional de estados ou de territórios políticos além e aquém dessa categoria, foi declarada ultrapassada, “morta”. Foi recusada por não ser pesquisa pormenorizada, analítica, mas “compilação”. Foi especialmente criticada a ordem das matérias, começando com capítulos de Geografia física. Argumentou-se que isso implicava tacitamente um geodeterminismo, visão de que se abusou na geopolítica expansionista antes de 1945.

Confesso que li com muito proveito e admiração o “Portugal Geográfico” de Suzanne Daveau, onde ela apresenta elementos da Geografia física até à data não tratados em obras deste tipo. Em parte são resultados da sua própria pesquisa, especialmente quanto a elementos da climatologia, sem dúvida relevantes para a Geografia humana. Folheando “Hesse” e “Portugal Geográfico”, pode-se descobrir que os autores têm uma tendência comum: o gosto por figuras fora do convencional, o que é reconhecível logo nas primeiras páginas do livro de Suzanne Daveau.

## Os difíceis anos de contactos e a recuperação

Pouco depois do regresso a Frankfurt, Orlando Ribeiro comunicou-me que durante o ano sabático nem sempre se tinha sentido bem. Mas continuava a fazer viagens. Nos anos de 1978 e 1984, o casal Ribeiro-Daveau passou alguns dias na Alemanha. Orlando gostava de visitar, em Bonn, pequena capital de 300 mil habitantes da antiga Alemanha Federal, o departamento de Geografia e lançar um olhar ao gabinete e ao arquivo do colega Carl Troll (1899-1975). Este geógrafo tinha reputação mundial pelas obras de ecologia e climatologia, salientando, entre outros factores, o decorrer diário de fenómenos meteorológicos. Sabendo isso, podem lembrar-se estudos de Suzanne Daveau quase desconhecidos no país até aos anos setenta, nomeadamente quanto à nebulosidade, nevoeiro, chuvas muito fortes, tipos e irregularidades de tempo. Além disso, vale a pena consultar vários capítulos do *Portugal Geográfico* (1, 2, 3, 6-1).

<sup>27</sup> Bodo (Freund 2002) *Hessen, Gotha e Stuttgart*, Klett-Perthes.

A partir de 1986, o estado do marido obrigou Suzanne a reduzir drasticamente as viagens. Mas, no Outono de 1989, veio ao Congresso Internacional de Geomorfologia em Frankfurt, com a sua equipa de jovens investigadores: António de Brum Ferreira, Ana Ramos Pereira, M. Luísa Rodrigues, José Luís Zêzere, Fernando Costa. A família Freund, na altura com cinco membros e uma *fille au pair* inglesa, teve o prazer de ver a casa de Kronberg bastante animada.

Apesar de investigações diversas na Alemanha, é verdade que conservava grande interesse por assuntos portugueses, mas não iniciei pesquisas que obrigassem a viagens longas ao país para fazer trabalho de campo. A base dos estudos respeitantes à indústria, à irrigação e à Geografia eleitoral foi principalmente constituída por estatísticas e literatura. Além disso, os meus interesses e viagens espalharam-se pela vasta região mediterrânea, da Península Ibérica até à Península Anatólica, de Marrocos até à Síria<sup>28</sup>.

De 1983 até 1990 fui avaliador do programa de investigação “A Europa e a ampliação sulista” da Fundação Volkswagen, que financiou também investigadores portugueses. Com apoio da Fundação Reimers em Bad Homburg, organizei entre 1984 e 1990 quatro encontros internacionais para sociólogos, politólogos, geógrafos, historiadores e etnólogos de língua alemã, interessados em pesquisas sociais na Península Ibérica. Participaram americanos, ingleses, franceses (Olivier Balabanian), e, naturalmente, portugueses bem conhecidos. Entre estes pode salientar-se o jovem Durão Barroso e os geógrafos João Ferrão e Carminda Cavaco.

Depois da morte do marido em 1997, os rumos da Suzanne Daveau e os meus divergiram ainda mais. Ela dedicou-se ao enorme espólio de Orlando Ribeiro, à edição e reedição de obras dele, à pesquisa em cartografia antiga. Eu dediquei-me a temas que não têm nada a ver com o meio natural. Nas minhas publicações, de temáticas muito variadas, regista-se uma certa concentração nos estudos de migração e segregação, centrados em estrangeiros altamente qualificados. Além disso, continuei a ter olhos para a comunidade portuguesa na Alemanha, constituída a partir de 1964, data do protocolo de contratação de trabalhadores<sup>29</sup>.

Como catedrático na Humboldt-Universität em Berlim (1993-2006) fui coordenador do programa Sócrates para a Geografia. No âmbito do intercâmbio vieram Jorge Gaspar e José Alberto Rio Fernandes. Quanto a estudantes, o alvo principal, alguns alemães foram para Lisboa, mas no sentido contrário, creio que veio só um (Miguel Geraldès).

A partir de fins de 1990, as antigas relações de amizade intensificaram-se. Durante uma viagem de carro para visitarmos Mariano Feio no Verão de 1998, a pri-

<sup>28</sup> Bodo Freund (2008) “The Mediterranean in the German research tradition” In: *Europa Regional*, 15,2: 56-78; (2012) “Germany, Europe, and the Southern Mediterranean: Geography and Geopolitics”. In Teresa Pinheiro, Beata Cieszyńska, José Eduardo Franco (eds.), *Ideas of/for Europe*, Frankfurt, Peter Lang: 577 – 590 e

<sup>29</sup> Bodo Freund (2003) “A comunidade portuguesa na Alemanha”, *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*. Universidade do Porto, I série, XIX: 129 – 140. e (2009) “Portugiesische Restaurants und Cafés in Hamburg. Beginn eines ethnischen Gewerbes?” In Teresa Pinheiro (ed.) *Portugiesische Migrationen*, Wiesbaden, VS Verlag für Sozialwissenschaften: 133 – 150.



FIG. 9 Bodo Freund em Pinhal Novo, em Agosto de 1998

meira paragem foi em Pinhal Novo, onde a junta da freguesia tinha decidido dar o nome de Orlando Ribeiro a uma nova rua. No regresso, parámos nas antigas instalações portuárias de Porto d'El Rei no baixo Sado, sítio atraente para Suzanne Daveau pelo seu interesse pelas vias históricas. Posteriormente, os nossos passeios ficaram-se por sítios mais próximos de Vale de Lobos<sup>30</sup>.

Em contrapartida, ela esteve na Alemanha por causa do “Códice de Hamburgo”, base para a reconstituição do mais antigo mapa corográfico de Portugal, e para visitar a sua irmã, que vive na região Reno-Meno. Como geógrafo atraído pelo trabalho de campo, tive sempre muito gosto em apresentar essa conurbação com muita suburbanização e intervalos de aspecto agrário. Assim, Suzanne e a irmã Françoise visitaram nos 10 anos mais recentes Frankfurt

e a cidade vizinha de Wiesbaden e as paisagens bem diferenciadas à volta. O último passeio (2014), foi a Darmstadt (150.000 hab.), centro de pesquisa e alta tecnologia, onde está situado o *European Space Operation Centre* (ESOC) e onde trabalhou até 2009 o estimado professor José Luís Encarnação, inventor de fama mundial nas técnicas de computação, enraizado na Alemanha desde 1959<sup>31</sup>.

Em retrospectiva aos meus primeiros contactos com Suzanne Daveau, reconheço que eramos ambos estrangeiros em Portugal, mas muito diferentes em vários aspectos. Ela era já uma cientista em plena maturidade, com 15 anos de experiência no ensino; eu estava no início das minhas pesquisas de campo. Ela trabalhava na Universidade de Lisboa, portanto numa instituição estatal; eu tinha um título de permanência limitada, controlado pela PIDE, nos anos 1960 concedido num grande edifício desagradável na Rua António Maria Cardoso, e em 1974 num edifício na esquina da Av. Fontes Pereira de Melo com a António Augusto de Aguiar, actualmente um barracão à espera que lá se construa novo edifício.

Cinquenta anos depois, sabemos que já antes havia alguns paralelismos nas nossas vidas. Nascemos em famílias urbanas da classe média, passámos alguns anos de

<sup>30</sup> Por exemplo Torres Vedras, onde a professora me falou de riscos ambientais, ou o litoral junto a Magoi-to, sítio com necessidade de protecção da natureza.

<sup>31</sup> Estudou na Alemanha e trabalhou em diversas universidades técnicas. A Universidade de Darmstadt foi a última. Foi chefe de um departamento da universidade, de um centro de pesquisa paraestatal e de uma firma privada. No total chefiou à volta de 300 empregados.

guerra em regiões montanhosas dos países respectivos, ela numa aldeia meio despovoada do Maciço Central, eu numa de pobres camponeses-operários do Maciço Xistoso Renano. Os nossos estudos estavam inicialmente orientados para o sistema educativo anterior à Universidade. Pelas vidas científicas de cada um os ideários divergiram, construindo percepções diferentes do mesmo ambiente.

O cientista natural está à procura de regras permanentes do meio físico, ou de invariáveis durante milénios, séculos ou, pelo menos, mais de uma geração. Por isso, pode-se considerar consequente que Suzanne Daveau, ao olhar para fenómenos de Geografia humana, tenda a enfatizar os efeitos do meio natural, os resultados a longo prazo, as continuidades. Na perspectiva da Geografia humana, tudo o que constitui o meio físico, sem intervenção humana, ou com alterações já acumuladas, interessa principalmente como objecto de percepção e de valorização social. Isto implica certa relatividade histórica e mesmo actual, conforme os grupos sociais, do nível local ao mundial.

Essa relatividade está condicionada por inúmeros factores que se podem classificar. Alguns, de índole técnica, são logo evidentes, como mostram os efeitos das inovações nos meios de laboração do solo e de outros recursos naturais, aplicáveis ou não, assim como nos meios de transporte. O emprego de fertilizantes e protectores químicos e de técnicas de conservação influenciam também profundamente a utilização do solo e, portanto, a variabilidade histórica das paisagens agrárias, aspectos de que muitos não têm consciência, para já não falar dos factores invisíveis como os débitos alfandegários, as subvenções, licenças, quotas em vigor em diversos territórios, bem como as alternativas de emprego da população rural fora do sector primário. O abandono em massa dos espaços rurais de Portugal, a renúncia a uma política com tendência autárquica e a inserção do país no espaço de política agrária comum tiveram efeitos profundos na utilização dos recursos físicos, não só em Portugal<sup>32</sup>.

Apesar das divergências na visão ao mundo, é possível detectar concordâncias, com certeza devidas à instrução universitária numa época em que a unidade da Geografia era mais acentuada e vivida pelos professores. Dessa formação permanecem conhecimentos fundamentais em todos os ramos da disciplina, bem como o interesse pela síntese, sob qualquer forma literária.

Enquanto os mais novos, especialmente os interessados pela Geografia humana, desistem cada vez mais das representações gráficas, nós consideramos essa forma de expressão essencial nas publicações geográficas, e cultivamo-la na sua diversidade possível. Saliente-se ainda o comum interesse histórico, provavelmente devido a vários factores. Na tradição francesa, há bastante mais proximidade no ensino de

<sup>32</sup> Durante uma excursão à planície do graben do alto Reno, atravessámos um trecho com solos ligeiros, desenvolvidos em areias arrastadas do leito do rio e levadas pelo vento na época peri-glaciária sem cobertura vegetal. Na história contemporânea, estes terrenos foram utilizados para pinhais, cultura de centeio e batata, espargos, milho, ou deixados em abandono. Não é de admirar que os degraus de declive e o clima local estejam igualmente sujeitos a variações históricas de valorização, seja na Serra de Lousã, seja nas montanhas de Rhön e Vogelsberg como se mostrou em Bodo Freund (2002) “Hessen. Gotha e Stuttgart: Klett.

Geografia e história do que na Alemanha. Já nos anos setenta, Suzanne Daveau manifestava interesse pela Geografia histórica, interesse fomentado pelos doze anos em que o estado do marido a impediu de fazer trabalho de campo.

Pela minha parte, a aposentação e a perda consequente de colaboradores obrigaram-me a alterar as formas de trabalho, favorecendo o interesse pelos fenómenos históricos. Comecei com a elaboração de uma monografia sobre Alfred Rühl (1882-1935), representante da Geografia económica com ideias inovadores, especialmente quanto aos efeitos da religião na psicologia económica, o que demonstrou em livros sobre Espanha, Argélia e Estados Unidos da América<sup>33</sup>. O meu estudo elucidado por um lado, as influências do pensamento sociológico e etnológico anterior, e mostra, por outro lado, a recepção em diversos países e especialmente o abuso de o autor ser considerado como o “precursor de uma Geografia económica comunista”, o que se deve à necessidade de encontrar precursores e à ideologia que reinou na República Democrática Alemã.

Em 2014 publiquei um artigo com elementos de uma comparação histórico-geográfica entre Portugal e Alemanha, essenciais para a compreensão mútua<sup>34</sup>. Nos fins do mesmo ano acabei um artigo sobre o Portugal dos anos 1908 a 1914, na percepção de estrangeiros (Miguel de Unamuno, Aubrey Bell, Angel Marvaud, Gustav Diercks), e outro sobre 50 anos da comunidade portuguesa na Alemanha, com elementos da história contemporânea.

## O país transformado

Reflectindo sobre as mudanças de meio século, lembro-me provavelmente de fenómenos diferentes daqueles que recordam os nacionais<sup>35</sup>. Em primeiro lugar vem a rede hidrográfica com as suas múltiplas alterações. No Verão de 1965, um pouco a jusante da Régua, o Douro apresentava-se como riozinho num leito de rochas expostas ao sol; no Verão de 2015 pode-se gozar um passeio em navio turístico numa comprida toalha de água. No Verão de 1965, podiam ver-se da ponte de Coimbra os camiões parados nos bancos do Mondego, para serem carregados de areia e saibro; agora, na mesma estação, vêm-se pequenos barcos de recreio como num lago. Antigamente, viajando de Reguengos de Monsaraz em direcção leste, a estrada atravessava o Guadiana por

<sup>33</sup> Bodo Freund (2010) “Der Wirtschaftsgeist – von Alfred Rühl bis heute”. In Bernhard Nitz; Hans-Dietrich Schultz; Marlies Schulz (eds.) *200 Jahre Geographie in Berlin* (Berliner Geographische Arbeiten, 115). Berlin, Geographisches Institut der Humboldt-Universität zu Berlin: 177 – 217.

<sup>34</sup> Bodo Freund (2014) “Portugal e Alemanha: elementos de uma comparação histórico-geográfica”, In Luísa Coelho (coord.), *Encontros por Contar. Alemanha e Portugal*, Bruxelles, Orfeu: 19 – 58.

<sup>35</sup> Nos anos 2005-2006 Carlos Alberto Medeiros publicou *Geografia de Portugal*, 4 vols. Círculo de Leitores, com capítulos de muitos especialistas, coordenados por cinco experientes geógrafos lisboetas. Magnificamente ilustrados com esboços, esquemas, mapas e fotografias documentam a variedade, intensidade e actualidade da pesquisa, assim como as rápidas mudanças recentes no país, especialmente desde a adesão à CEE (1968) e actual UE.

uma pequena ponte à entrada de Mourão; hoje atravessa-se uma parte da albufeira do Alqueva por um trecho considerável. No baixo Guadiana, em 1956 tinha acabado o transporte de pirite; desde 1989, o *embalse del Chanza* do lado espanhol proporciona outro caudal, e há novamente navios de passageiros, como existiam há cem anos, mas agora de lazer. Portanto, em muitas partes do país a água abundante no Verão diminui o aspecto mediterrâneo. Com certeza, as alterações quantitativas e no ritmo anual têm conduzido a modificações do clima local.

A fuga das áreas rurais e as alterações da concorrência e portanto de rentabilidade devidas à política agrícola comum modificaram profundamente as paisagens. Nos planaltos do leste transmontano, antigamente estendiam-se largas áreas de cereais; hoje os terrenos estão abandonados. No sul, desapareceram culturas como o cártamo e outras expandiram-se, visivelmente em grande escala e sob formas modernas, como as vinhas e os olivais, estes com pequenas oliveiras densamente plantadas e irrigadas gota-a-gota.

Nas áreas de pequena propriedade e policultura é difícil notar as mudanças, e mesmo os moradores afirmam que tudo está igual. Porém, quando se comparam mapas pormenorizados do uso do solo, fica-se pasmado com as profundas transformações<sup>36</sup>.

Revedo algumas povoações do interior visitadas há cinquenta anos, nota-se a implosão demográfica. A excursão guiada por Orlando Ribeiro e Suzanne Daveau em 1966 passou por Idanha-a-Velha, então vila histórica com 1.200 habitantes aproximadamente; hoje não chega a 200. Onde antigamente pululavam crianças, vê-se agora um grupinho de velhos sentados ao sol.

Não obstante, existem também casos de crescimento urbano no interior. Capitais de distrito como Vila Real, Bragança e Guarda, cidades minúsculas pré-industriais nos anos sessenta, expandiram-se miraculosamente, de que resultou, aliás, grande desfiguração. São centros urbanos isolados, em vastas regiões de esvaziamento populacional e económico.

Quando se entra nas pequenas vilas, percebem-se imediatamente os investimentos camarários, especialmente no embelezamento do espaço público por rotundas decoradas, criação de espaços pedonais com calçadas à portuguesa, repuxos, monumentos, novos parques. Como faltam investimentos produtivos parece que, em desespero de causa, as autarquias investiram na estética para aumentarem a atractividade das vilas e fixar população.

Em contrapartida, a região metropolitana de Lisboa (como a do Porto) expande-se e densifica-se por suburbanização. Além disso, nota-se imediatamente que se alterou a composição da população, de forma mais visível do que na Alemanha, devi-

<sup>36</sup> Bodo Freund (2014 a) *Langfristige Effekte der Arbeitsmigration in der südeuropäischen Peripherie. Das Beispiel Barroso; Nordportugal*. Leipzig, Leibniz-Institut für Länderkunde.



FIG. 10 Estudantes em Lisboa, Maio de 2004

do ao historial migratório. Basta tomar a linha de Sintra ou visitar alguns bairros nas freguesias em volta da capital.

Os efeitos do turismo são múltiplos. No Verão de 1965, a pequena vila de Albufeira tinha três hotéis minúsculos com 36 camas; nesta povoação, que agora é cidade, são inúmeros, para não falar das torres com centenas de apartamentos, só habitados na estação de férias. Logo na minha primeira visita (1965), a aldeia piscatória de Palheiros de Mira parecia inalterada quando comparada com a planta de 1959<sup>37</sup>. As casas dos moradores permanentes e os armazéns de que precisavam para a pesca, eram todos em madeira, e as barracas sobre estacaria, alinhando-se ao longo da praia, estavam geralmente ainda cobertas de colmo de estorno. Há muito, o nome está transformado em Praia de Mira. Numa visita recente, lembranças da estrutura antiga quase só se podem descobrir no pequeno museu local.

Pela presença contínua ou frequente, as pessoas habituem-se às modificações e não se dão conta das mudanças acumuladas a longo prazo. É pena que na Geografia humana do país não seja costume fazer levantamentos pormenorizados do uso do solo agrícola e das formas e funções do património edificado, o que torna difícil documentar as diferenças. Fotografias antigas, datadas e tiradas de um ponto identificável são a alternativa possível.

Numa comparação histórico-geográfica interessam também os fenómenos passageiros e mesmo “invisíveis”. Nos anos sessenta, notara manifestações de distâncias sociais que não se encontravam na Alemanha. No Alentejo, assisti a uma cena em que jovens de uma classe superior tratavam um pobre bêbedo com extremo desdém. Na excursão de 1967, admirei-me da atitude de servilismo de um camponês para com a gente vinda da universidade de Lisboa.

Naquela altura, os peões tinham de pôr-se a salvo dos automobilistas; nos anos recentes notei que estes mostram geralmente muito cuidado e até cortesia. Quando se entrava numa tasca, por exemplo no cais de Cacilhas, os estudantes alemães ficaram

<sup>37</sup> Raquel Soeiro de Brito (1960) *Palheiros de Mira*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos Geográficos.

chocados com o chão coberto de papéis, cigarros, fósforos e outro lixo. Entretanto, mesmo os homens pouco cultos têm deixado de atirar tudo para o chão, com aquele gesto típico de descuido intencional. Conclusão: novas atitudes e formas de vida têm sido assimiladas.

Há aspectos no espaço e dados estatísticos que indicam que Portugal “ultrapassou” a Alemanha. Existe mais liberalismo no que diz respeito ao urbanismo, por exemplo, quanto à localização e às formas de construção, à localização e ao funcionamento de centros comerciais, ou à criação de condomínios fechados, que não existem na Alemanha. De certo modo, a expansão universitária é também um efeito da liberalização. Quando cheguei para ensinar em 1974, existiam em Lisboa praticamente só duas universidades, pois a Nova apenas foi fundada em 1973. Actualmente Lisboa é sede de dez universidades – o que é inconcebível para os alemães.

Se pudessem consultar as estatísticas portuguesas, os alemães ficariam espantados ao verificarem que as taxas de casamentos não religiosos, de divórcios, de nascimentos fora do casamento, bem como o endividamento são mais altos neste país que consideram tradicionalista.

### Nota final: a juventude académica

Teria gostado de manter mais contactos com colegas e estudantes portugueses<sup>38</sup>. A minha função de coordenador do programa Sócrates permitiu-me ajudar estudantes portugueses com estadias em Berlim ou Frankfurt. Aos colegas de Lisboa e do departamento de Geografia do Porto sugeri várias vezes que incitassem os alunos

<sup>38</sup> Com Olivier Balabanian, colega de Limoges que tinha estudado a agricultura do Alentejo e da Estremadura espanhola, cultivei durante mais de 20 anos um intercâmbio de excursões. Com estudantes franceses e alemães, fizemos visitas mútuas de 7-10 dias, para conhecer várias regiões dos países respectivos. Fizemos isso por nossa iniciativa, aproveitando duas vantagens: as subvenções do *Office franco-allemand de la jeunesse* (OFAJ) / *Deutsch-französisches Jugendwerk* (DFJ) e a independência das obrigações curriculares e de subvenções universitárias. Infelizmente o OFAJ / DFJ é uma instituição singular, devido aos conflitos históricos, sem paralelismo em Portugal.



FIG. 11 Um camponês de Penha Garcia na Beira Baixa mostra mel em atitude humilde, Março de 1967

a aproveitar essa oportunidade, pois teriam um interlocutor local, mas a sugestão foi feita em vão. Os argumentos eram sempre os mesmos: dificuldade da língua, custo de vida alto. Mas assim é inexplicável que haja actualmente na Alemanha 33.000 estudantes turcos, 31.000 chineses, 14.000 russos, 10.000 indianos, 9.000 ucranianos, já para não falar de 6.000 camaroneses. Na Europa, a Alemanha é o país preferido por estudantes pouco afortunados; os de famílias ricas podem pagar estudos nos países anglo-saxónicos.

Actualmente há apenas cerca de 2.000 estudantes com passaporte português na Alemanha, dois terços dos quais conseguiram acesso a universidades como membros da pequena comunidade portuguesa que não chega a 130.000 pessoas (2014). O total é pequeno quando comparado com os mais de 7.000 estudantes da Grécia, com uma população quase igual à portuguesa, dos quais menos de metade são filhos de imigrantes. Da Bulgária, com muito menos população, estudam também na Alemanha 7.000, quase todos sem origem migratória.

Desconheço os indicadores sobre estudantes portugueses fora da pátria. Provavelmente têm preferências por espaços linguísticos ingleses e franceses. Não há dúvida que estudar aí é bom e proveitoso, embora grande selectividade implique um estreitamento de horizontes. Não registei atitude semelhante no intercâmbio com outros países demograficamente pequenos, como os nórdicos, os bálticos, os do sudeste europeu e da Holanda.

Não pretendo advogar que os estudantes portugueses dêem prioridade à Alemanha. No entanto, não me parece oportuno perder de vista o maior espaço linguístico da UE, a maior potência económica entre os 28 membros, um mercado de exportação e de trabalho a não menosprezar, a origem de investimentos em Portugal.

Seja como for, passar alguns semestres fora do país natal, mesmo num noutro espaço linguístico de dimensão reduzida (Suécia, Holanda, etc.) parece-me aconselhável. Estabelecer contactos por essa via será bom para Portugal e frutuoso do ponto de vista individual. Acumulam-se experiências para toda a vida, seja com relevância para a carreira profissional, seja para a formação da personalidade e para lembranças futuras.

Os portugueses com funções oficiais gostam de falar nos seus discursos dos descobrimentos dos antecessores. Seria bom que quinhentos anos depois falassem dos descobrimentos dos filhos.

# Os mapas antigos de Suzanne Daveau

JOÃO CARLOS GARCIA<sup>1</sup>

Terminada a Guerra, a jovem Suzanne Daveau iniciava a sua licenciatura no Institut de Géographie de Paris. Na Sorbonne, Emmanuel de Martonne conseguira do Governo de Vichy uma temporária e parcial autonomia da Geografia face à História, constituindo-se um grupo específico de disciplinas para os alunos interessados no estudo da Terra: uma Geografia Geral, uma Geografia Regional e uma Cartografia, leccionadas por A. Cholley e J. Tricart, J. Chabot, e A. Libault e Grilhot, respectivamente. Suzanne Daveau tenta esta nova hipótese curricular e nas referidas disciplinas recorda a importância da Cartografia e a utilização de mapas históricos, como o mapa de França dos cartógrafos Cassini (1756-1815), e as plantas cadastrais das paróquias francesas, elaboradas a partir do período napoleónico. A eles Suzanne Daveau recorrerá tanto para o trabalho final de licenciatura, como para a sua tese de Doutoramento.

Obtido o Diplôme d'Études Supérieures (1948) e a Agrégation en Géographie (1949), Suzanne Daveau iniciou a sua carreira profissional, primeiro no ensino secundário, depois no superior, na Universidade de Besançon. Os meados da década de 1950 foram passados na preparação de uma dissertação de Doutoramento “ès Lettres”, sobre a fronteira franco-suiça – *Les Régions Frontalières de la Montagne Jurassienne* –, que defendeu na Universidade de Paris, em 1957, partindo para o Senegal a integrar a nova Universidade de Dakar. Aí permaneceu como professora da Faculdade de Letras e Ciências Humanas, entre 1957 e 1964.

Nestas primeiras etapas de investigação científica pouca atenção foi dada às fontes históricas cartográficas, atendendo às vertentes mais cultivadas da Geografia: a Geografia regional e a Geomorfologia das regiões tropicais, ainda que na primeira, o factor tempo estivesse sempre presente na evolução das paisagens, tendo em conta imagens cartográficas sobre o povoamento ou o cadastro rural, e na segunda, o trabalho de campo se desenvolvesse muitas vezes em equipas com geólogos, arqueólogos e historiadores. Alguns dos trabalhos elaborados em Dakar foram posteriormente publicados num volume editado em 1999: *A Descoberta da África ocidental. Ambiente natural e sociedades* (Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa).

<sup>1</sup> Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centro Interuniversitário de História das Ciências e da tecnologia. E-mail: garciajcs@hotmail.com

A vida, o ensino e a investigação em Dakar tem para Suzanne Daveau um momento de mudança em Agosto de 1960: o Senegal, que no ano anterior formara com o Sudão francês a Federação do Mali, e abandonara a tutela francesa, torna-se finalmente independente, enquanto a geógrafa se encontrava em Estocolmo, no Congresso da União Geográfica Internacional, e onde conheceu Orlando Ribeiro, com quem casará cinco anos depois. O interesse de ambos pela África ocidental faz com que desde então os temas portugueses passem a fazer parte da bibliografia consultada, entre literatura de viagens, crónicas e roteiros náuticos, e cartografia histórica.

Suzanne Daveau recorda-se de ver então na Biblioteca da Secção de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Dakar, os grandes volumes dos *Portugaliae Monumenta Cartographica* (1960-1962) de Armando Cortesão e A. Teixeira da Mota, oferta do Presidente Leopold Senghor, do presente que lhe fora feito pelo Governo Português. Uma fonte de referência para “Géographie de l’expansion portugaise” (*Les Cahiers d’Outre-Mer*, 16, Bordeaux, 1963: 313-318), um primeiro texto sobre o novo mundo a que vai dedicar o resto da sua vida científica: a Geografia portuguesa.

Em 1966 fixa-se em Portugal, iniciando desde logo a sua colaboração com o Centro de Estudos Geográficos (CEG), em Lisboa, como Directora de Investigação da Fundação Calouste Gulbenkian. A partir de 1970 é Professora Catedrática convidada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde desempenhará funções docentes e de investigação por quase um quarto de século.

Em França, nos finais da década de 1960, entre as novas áreas de conhecimento que fortemente contribuem para o desenvolvimento dos estudos geográficos, contam-se a Teledetecção e a Cartografia temática, onde pontifica Jaques Bertin e a sua *Semiologie Graphique* (1967). O movimento continuará a crescer nos anos 70. Em Paris, no Centre Georges Pompidou, organizou-se a grande exposição *Cartes et Figures de la Terre*, em 1980, com a participação de todos os grandes nomes da Geografia, da Cartografia e da História da Cartografia francesas: Jacques Bertin, Serge Bonin, Numa Broc, Christian Jacob, Yves Lacoste, Mireille Pastoureau, Monique Pelletier, Claude Raffestin. A exposição será um marco no modo de conceber e analisar a Cartografia em geral mas também a História da Cartografia.

Suzanne Daveau será pioneira no estudo e divulgação destas matérias em Portugal. Em 1976/1977 organizou no Centro de Estudos Geográficos um seminário de final de licenciatura sobre Expressão Gráfica em Geografia Física e Regional, que teve largas repercursões nas carreiras científicas de vários dos participantes, como Maria Eugénia Moreira, Maria João Alcoforado, Maria Helena Dias e Maria Fernanda Alegria. A Expressão Gráfica em Geografia passará a ser disciplina obrigatória na Licenciatura em Geografia, a partir do ano lectivo seguinte, e nela, como um dos pontos a desenvolver, a História da Cartografia. Os grandes volumes dos *Portugaliae Monumenta Cartographica* também existiam na mapoteca do CEG, utilizados para impressionar os aprendizes de geógrafos.

No seminário como na disciplina curricular, os mapas antigos eram apresentados como importantes fontes históricas para o estudo da evolução da organização dos espaços, fosse em casos mais estritamente ligados à Geografia física, como os de Geomorfologia, quer nos de Geografia humana, como os relacionados com o povoamento ou a rede de transportes, mas sempre alvo de cuidadosa análise crítica. Assim já os utilizara Suzanne Daveau e continuaria a utilizar nos seus estudos de Geografia histórica, como é o caso de dois trabalhos datados de 1986: “La barque de passage et les ponts de Coruche, du XVe au XVIe siècle” (*Estudos em Homenagem a Mariano Feio*, Lisboa: 177-188) e “Conhecimento actual da História da Geografia em Portugal”, em colaboração com Orlando Ribeiro (*História e desenvolvimento da Ciência em Portugal*, vol. II, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa: 1041-1060).

O grupo de investigadores reunido na Linha de Acção de Geografia Regional e Histórica, criada no CEG, em 1981, sob a sua coordenação e de Orlando Ribeiro, desenvolveu vários temas dentro dessas ideias orientadoras, no quadro da Geografia histórica, particularmente Maria Fernanda Alegria, que publicara em 1977, “Cartografia Antiga de Portugal Continental” (*Finisterra*, XII, 24, Lisboa: 169-210), um estudo pioneiro entre os geógrafos portugueses. Suzanne Daveau divulgará em 1988: *La Géographie dans les Roteiros Portugais du XVème et XVIème siècle* (Caderno da Linha de Acção, n° 9), onde são analisados alguns mapas e plantas das cidades quinhentistas portuguesas no Oriente.

Um primeiro texto colectivo sobre História da Cartografia portuguesa será redigido por Suzanne Daveau, Maria Fernanda Alegria, Maria Helena Dias e João Carlos Garcia, em 1989: “As duas edições do Atlas de Portugal de A. de Amorim Girão” (*Biblos*, 65, Coimbra: 11-33). Uma análise detalhada do processo de elaboração do primeiro atlas de Cartografia temática publicado em Portugal, em 1941, e o seu enquadramento nas correntes internacionais da Cartografia contemporânea.

Um decisivo momento de viragem nos temas de investigação da Linha de Acção de Geografia Regional e Histórica ocorreu em 1991, quando dois dos seus membros (Maria Fernanda Alegria e João Carlos Garcia) participaram no seminário “La Cartografia de la Península Ibérica i la seva extensió al Continent Americà”, organizado em Barcelona, pelo Institut Cartogràfic de Catalunya, estabelecendo uma ligação com os investigadores catalães dedicados aos mapas antigos. Os Seminários de História da Cartografia, contemplando outras escolas além das ibéricas, prolongaram-se por uma década, permitindo o estabelecimento de uma rede de contactos europeia que influenciou os passos seguintes da investigação do grupo. Um deles foi a colaboração com bibliotecários, arquivistas e, particularmente, cartotecários.

O interesse de Suzanne Daveau pelos universos cartográficos existentes nas bibliotecas e arquivos portugueses prova-se através de textos seus em catálogos de exposições cartográficas ou carto-bibliográficas. Em 1992, no âmbito do VI Colóquio Ibérico de Geografia, organizado pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, decorreu na Biblioteca Pública Municipal do

Porto uma mostra em torno dos tesouros geográficos existentes na instituição. Além da proposta do sugestivo título do evento – “A Pintura do Mundo” – inspirado em D. João de Castro, a autora contribuiu para o pequeno catálogo com “Algumas leituras para uma exposição” (in *A Pintura do Mundo. Geografia Portuguesa e Cartografia dos séculos XVI a XVIII. Catálogo da Exposição*, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto: 11-20), onde além da apresentação das peças levanta interessantes hipóteses

de trabalho a partir das fontes a criticar: “(...) os mapas transmitem, com a mesma facilidade os erros e as verdades, e não são, infelizmente, sempre os melhores mapas que têm mais aceitação em determinada época.” E termina: “Pena é que parte significativa das peças que apresenta a Exposição, mapas ou livros, não tenha ainda sido objecto de estudo algum pelos geógrafos, muitos dos quais ignoram completamente as enormes riquezas conservadas nos arquivos e bibliotecas do seu País”. O contributo de Suzanne Daveau em exposições cartográficas repetir-se-á noutras instituições, como a Biblioteca Nacional, a Biblioteca Pública de Évora e a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Em 1986 fora criada pelo Governo Português a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses (CNCDP), que dedicou desde logo uma particular atenção à Geografia e à Cartografia da Expansão

Ultramarina dos séculos XV a XVII. Suzanne Daveau participou numa das primeiras reuniões científicas, dedicada a “Bartolomeu Dias e a sua época”, na Universidade do Porto, em 1988, com a comunicação: “Organização do espaço de Arguim à Serra Leoa e a sua progressiva descoberta pelos portugueses na segunda metade do século XV”. São as suas antigas investigações iniciadas em Dakar que regressam, com a leitura de novas fontes e novos contributos de Cartografia temática.

Em 1993, sob os auspícios da CNCDP publicará uma reflexão de conjunto sobre as fontes geográficas quinhentistas: “Os geógrafos portugueses e os Descobrimientos” (in *A Universidade e os Descobrimientos. Colóquio promovido pela Universidade de Lisboa*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa: 45-69). Do mesmo ano data o estudo “O Tratado da Esfera atribuído a Dom João de Castro: dúvidas e significado” (*Cadernos Históricos*, Lagos, 5: 153-156). É a partir de então que, claramente, Suzanne Daveau aprofunda o seu interesse pela Ciência Geográfica portuguesa dos séculos XV e XVI: o contexto cultural, as sociabilidades científicas, as descrições geográficas e os mapas terrestres.



FIG. 1 Capa de *A Pintura do Mundo*...

Este contexto temático explicará a sua decisão de responder ao desafio lançado em 1994, pelos organizadores do livro de homenagem a Sylvie Rimbart, professora de Cartografia da Universidade de Estrasburgo, sua amiga e colega de licenciatura na Sorbonne – “Dessine-moi une carte”. O seu contributo terá por título: “Une carte-image du début du XVIe siècle” (in *Dessine-moi une carte... quelques explorations cartographiques pour Sylvie Rimbart*, Presses Universitaires de Strasbourg, Strasbourg: 8-9), um comentário ao mapa de África inserto no *Itinerarium Portugalsium* (Milão, 1508), testemunho divulgador da viagem de Vasco da Gama à Índia: “(...) précoce exemple de l’usage du croquis simplificateur, instrument efficace de démonstration et de rêve, apparaît déjà chargé de ses graves et presque inévitables contradictions. Facilement lu et mémorisé, le croquis transmet avec la même aisance vérité et mensonge: il enseigne et il trompe.”

Maria Helena Dias, que trabalhara com Sylvie Rimbart em Strasbourg, organizava então um volume colectivo sobre a Cartografia portuguesa, onde paralelamente se divulgavam sínteses históricas e novos contributos teóricos e metodológicos. A obra foi publicada em 1995 e nela Suzanne Daveau participou com dois capítulos: um em colaboração com Júlia Galego – “Difusão e ensino da Cartografia em Portugal” –, o outro como única autora – “A Cartografia Portuguesa moderna: os mapas temáticos” (in *Os Mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da Cartografia*, Cosmos, Lisboa: 85-123 e 159-181). Dois pontos da situação da Cartografia contemporânea portuguesa, onde a evolução histórica dos processos é necessariamente analisada, através de numerosos exemplos e com uma preocupação particular sobre a difusão e a leitura dos mapas: “Sabe-se já bastante sobre a produção dos mapas em Portugal, mas ignora-se ainda quase tudo relativamente à utilização deste precioso instrumento de conhecimento e à sua função social.” Encontramos assim, uma primeira tentativa de inventariação comentada sobre a recepção do documento cartográfico ao longo do tempo, no quadro da relação entre o texto e o mapa histórico, seja em exemplares de Cartografia de base, seja de Cartografia temática.

Em 1997, a CNCDP, sob a direcção de Joaquim Romero Magalhães, organizou em Lisboa a XVII International Conference on the History of Cartography, com decisivas consequências para a comunidade científica portuguesa interessada neste campo do saber. Vários membros do grupo do CEG foram chamados a participar e a colaborar com a CNCDP prolongou-se até à sua extinção, em 2002.

Como membro da Comissão Científica daquela reunião científica Suzanne Daveau coordenou, com Isabel Cid, uma exposição de mapas antigos na Biblioteca Pública de Évora, publicando no respectivo catálogo o texto: “Lugares e Regiões em mapas antigos” (in *Lugares e Regiões em mapas antigos. Catálogo* (CNCDP, Lisboa: 13-44). Pela primeira vez, vários dos tesouros cartográficos da instituição tiveram um enquadramento e cuidada leitura geográfica, e desde então, graças a essa leitura, têm sido justamente rerepresentados e valorizados.



FIG. 2 Capa de *Lugares e regiões em mapas antigos*

Em 1998, Joaquim Oliveira Caetano coordenou na Biblioteca Nacional uma importante exposição sobre História da Gravura, convidando Suzanne Daveau a participar. Deste novo trabalho resultou o estudo de vários espaços geográficos, particularmente o continente africano, na evolução da Cartografia impressa: “O novo conhecimento geográfico do mundo” (in *Gravura e Conhecimento do Mundo. O Livro impresso ilustrado nas colecções da BN*, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa: 125-197). Nesta mostra apologética do universo gráfico impresso como difusor de uma nova visão da Terra, a geógrafa deixa um alerta: “O mapa gravado constiuíu, sem dúvida, um instrumento muito eficaz de difusão do conhecimento do Mundo, mas não se pode negar que teve, correlativamente, consequências menos

felizes. Com efeito, o desenho do cartógrafo não

transmite apenas os factos exactos; é também um meio de difusão e, pior, de fixação durável dos erros, tanto os de localização como os de desenho. Constitui assim uma perigosa ferramenta de imobilização ou, eventualmente, de retrocesso do conhecimento. Mais grave ainda, o seu forte poder de evocação visual faz com que os mapas se prestem excelentemente à manipulação dos factos e das ideias por propagandas políticas ou económicas enganadoras.”

A colaboração de Suzanne Daveau com a Biblioteca Nacional já anteriormente existira. Bastaria recordar o estudo complementar da edição fac-similada dos mapas regionais setecentistas de Portugal, de Carpinetti, elaborado em 1993: “Os Mappas das Provincias de Portugal, de J. S. Carpinetti, na História da Cartografia Portuguesa” (in *Mapas das Provincias de Portugal, novamente abertos e estampados em Lisboa*, de João Silvério Carpinetti, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Lisboa: 1-3). Essa colaboração prolongou-se até hoje, particularmente com a Área de Cartografia e Iconografia.

Uma outra exposição de Cartografia antiga ocorreu em 2003, organizada pelo Instituto de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra, no âmbito da iniciativa “Coimbra Capital Nacional da Cultura”, com base na valiosa colecção do Professor Carlos Alberto Nabais Conde, hoje depositada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. A convite dos coordenadores, Suzanne Daveau redigiu um dos textos de apresentação do catálogo: “Conhecimento atual da representação corográfica de Portugal no século XVI” (in *Olhar o Mundo. Ler o Território. Uma viagem pelos mapas*

[*Colecção Nabais Conde*], coord. A. Campar de Almeida *et al.*, Instituto de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra: 33-37), uma retrospectiva do então “estado da arte” sobre os estudos da Geografia histórica e da História da Cartografia do Portugal quinhentista.

Desde 1999 que no campo da História da Cartografia, Suzanne Daveau se dedica inteiramente à Cartografia terrestre de Portugal, primeiro em torno do mapa de Portugal de Fernando Álvares Seco, de 1561, depois na reconstituição de um mapa anónimo que o precede, de c. 1525.

Os resultados parcelares vão sendo publicados. Já em 2000, “A rede hidrográfica no mapa de Portugal de Fernando Álvaro Seco 1560” (*Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 69: 11-38); em 2007-2008, “O fragmento de mapa corográfico de Portugal da Real Academia de la Historia de Madrid. Fases de realização e de utilização” (*Cadernos de Geografia*, Coimbra, 26-27: 3-17), em muito semelhante à imagem de Portugal no Atlas do Escorial, de meados do século XVI. Novos dados sobre o cartógrafo quinhentista e o seu mapa são então divulgados, não só com base em novas fontes e bibliografia recente, como pelo confronto das versões de Álvares Seco com exemplares da Cartografia coeva.

Estes estudos sobre os “cartógrafos terrestres” do século XVI não se reportam apenas às produções de escala nacional. Duarte Darmas e as suas vistas de vilas e cidades são revisitados em 2000, no contexto das praças marroquinas portuguesas: “A propósito das ‘pinturas’ do litoral marroquino incluídas no Esmeraldo de Situ Orbis” (*Mare Liberum*, 18-19, Lisboa: 79-132), onde se inventariam as imagens que terão feito parte da obra de Duarte Pacheco Pereira e se comparam com as correspondentes, publicadas por Braun e Hogenberg em *Civitates Orbis Terrarum* e noutras colectâneas de vistas e plantas de cidades editadas posteriormente.

Mas, a obra maior de Suzanne Daveau para a História da Cartografia Portuguesa é, sem dúvida, a reconstituição do mapa de Portugal de c. 1525, a partir do chamado códice de Hamburgo, uma detalhada lista manuscrita de mais de um milhar e meio de topónimos do território português e respetivas coordenadas geográficas, da primeira metade do século XVI. Com base numa minuciosa reconstituição histórica do contexto de produção do manuscrito, é feita uma proposta de autoria e de datação e, sobretudo, descodificado o complexo método de notação dos valores das coordenadas geográficas, e reconstituído o primitivo mapa, a partir do qual a informação terá sido retirada.

As duas partes da obra – O Códice 136 in scrinium de Hamburgo e O primeiro mapa corográfico de Portugal – correspondem a esses dois grandes objectivos do trabalho. Como esclarece a autora: “( ) o tema revelou-se de tratamento bastante complexo, por ter sido preciso associar constantemente, em todos os passos da morosa investigação, a leitura interpretativa do único documento disponível (um pequeno índice toponímico) e a reconstituição hipotética de um documento puramente virtual (o mapa a partir do qual o índice foi elaborado).” À lógica sequencial encontrada

correspondem os seis capítulos do volume: Características, conteúdo e história do Códice; O Sistema de notação das coordenadas geográficas; A laboriosa preparação do índice toponímico; Quem terá oferecido um mapa corográfico de Portugal ao Cardeal Infante D. Afonso?; O ambiente histórico da elaboração do mapa e As características do mapa corográfico reconstituído.

A primeira divulgação do trabalho em curso foi feita em Madrid, em 2001, na XIX International Conference on the History of Cartography: “À propos de la première carte chorographique du Portugal“. O volume com o texto final e anexos estatísticos e cartográficos, correspondente a uma década de aturado trabalho, foi publicado em 2010: *Um antigo mapa de Portugal (c. 1525). Reconstituição a partir do Códice de Hamburgo*. Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.

Além de várias recensões da obra em revistas científicas da especialidade, como a de Bodo Freund em *Imago Mundi* (64, 1:123-124), a própria autora divulgou ao público

francofono, as principais conclusões do estudo, em 2012: “Technique d’élaboration d’une carte chorographique du Portugal du début du XVI<sup>e</sup> siècle“ (Cartes et Géomatique, *Revue* du Comité Français de Cartographie, 214 : 7-18).

Nos últimos anos do século XX o grupo de investigadores do CEG interessados no estudo dos mapas antigos fora contactado pelos coordenadores do projeto editorial da University of Chicago Press, “History of Cartography”, para a redacção de um capítulo dedicado à Cartografia Portuguesa do Renascimento, a incluir no volume III da obra em curso. O projecto iniciara-se ainda nos anos 70 e contara com a colaboração de A. Teixeira da Mota e depois com a de Max Justo Guedes, sem muita continuação. O 1.<sup>o</sup> volume da *History of Cartography* publicara-se em 1987, sob a coordenação de J. B. Harley e David Woodward, e revolucionou decisivamente, desde então, as

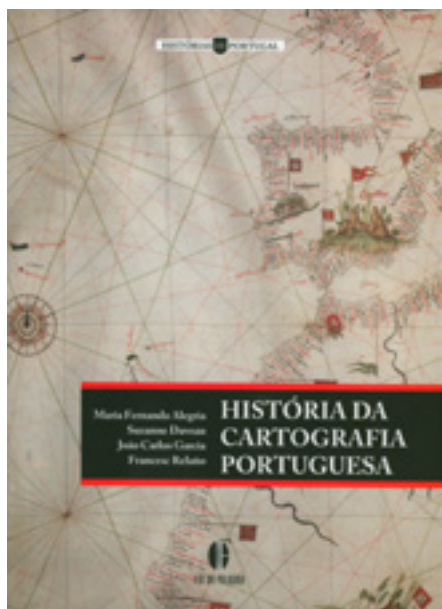


FIG. 3 Capa de *História da Cartografia Portuguesa*

teorias e as práticas deste campo científico. O mapa era agora desconstruído e analisado como um texto e estudado como um produto cultural. O seu papel de testemunho de prioridades coloniais e glórias científicas, no quadro da historiografia tradicionalista fora finalmente ultrapassado.

O grupo formado por Maria Fernanda Alegria, Suzanne Daveau, João Carlos Garcia, a que se juntou o geógrafo catalão Francesc Relaño, planeou e elaborou durante vários anos, uma nova síntese da História da Cartografia Portuguesa, para os séculos XV a XVII. O texto só foi publicado em 2007, sob o título: “Portuguese Cartography in the Renaissance” (in *The History of Cartography*, David Woodward,

org., vol. 3, part I, University of Chicago Press, Chicago: 975-1068). Nela colaborou activamente Suzanne Daveau, a quem se ficam a dever, em particular, os capítulos sobre a Cartografia terrestre em Portugal e nas várias regiões do seu império ultramarino, e a divulgação dos novos conhecimentos geográficos da expansão europeia através da Cartografia impressa estrangeira.

Uma versão desenvolvida e actualizada da obra, foi divulgada em volume autónomo e em português, em 2012 – *História da Cartografia Portuguesa. Séculos XV a XVII* (Fio da Palavra, Porto) –, como corolário de duas décadas de trabalho dedicado a esta área científica, por parte do grupo de investigação coordenado por Suzanne Daveau.

Com a sua habitual modéstia diz Suzanne Daveau em *Lugares e Regiões em Mapas Antigos*: “As singelas notícias (...) resultam da leitura rápida dos mapas, apoiada na consulta da bibliografia mais acessível, mas sem que tenha sido possível realizar nenhuma investigação aprofundada. Mesmo assim, já se conseguiu rectificar diversas atribuições cronológicas e de autoria, e sugerir algumas pistas novas de investigação. Não sendo a autora, de modo nenhum, especialista de História da Cartografia, ficará feliz se as suas anotações despreziosas acordam a curiosidade de investigadores capazes de desvendar os muitos tesouros ainda ocultos nos velhos mapas de Portugal.” É o que tem acontecido graças ao seu saber e ao seu exemplo.



# ÍNDICE DE FIGURAS

## I. França: família e formação

<b>FIG. 1</b> Lugares de França frequentados pela mãe, Denise Robert, e sua família (esboço de Suzanne Daveau) . . . . .	18
<b>FIG. 3</b> Vinhedos de Argenteuil em 1788 . . . . .	18
<b>FIG. 2</b> Limites de Paris em 1911 . . . . .	18
<b>FIG. 4</b> Áreas parisienses que Denise Robert frequentava: 1. Belleville; 2. Pl. de la Chapelle; 3. Montmartre; 4. Etoile; 5. St. Denis; 6. Argenteuil; 7. Ivry. . . . .	19
<b>FIG. 5</b> Os pais de Suzanne Daveau em Belleville, 1911. . . . .	20
<b>FIG. 6</b> O tio Jules Daveau . . . . .	20
<b>FIG. 7</b> Papel timbrado da drogaria da família Daveau . . . . .	20
<b>FIG. 8</b> Denise Robert passeando na neve . . . . .	21
<b>FIG. 9</b> Locais nos Alpes frequentados pela mãe, Denise Robert: F. Foncine; Ch. Chamonix; A. Aoste; Z.: Zermatt. . . . .	21
<b>FIG. 10</b> Suzanne, Pierre e Françoise Daveau . . . . .	21
<b>FIG. 11</b> A família Daveau na praia em Batz, 1938. . . . .	23
<b>FIG. 12</b> Caderneta escolar com as notas do fim do 1.º ano da escola primária, 1930-31 . . . . .	23
<b>FIG. 13</b> Percurso de Paris a Samöens, refúgio durante a guerra (esboço de Suzanne Daveau) . . . . .	24
<b>FIG. 14</b> Esboço do êxodo em 1940 feito por Suzanne Daveau . . . . .	24
<b>FIG. 15</b> O despido quarto das crianças na casa dos Corbeaux em Rilhac-Rançon . . . . .	25
<b>FIG. 16</b> A cozinha da casa dos Corbeaux pintada por Suzanne Daveau. . . . .	25
<b>FIG. 17</b> Barricadas perto da residência familiar (esboço de Suzanne Daveau). . . . .	27
<b>FIG. 18</b> Depois da libertação de Paris, aguardando Charles de Gaulle . . . . .	27
<b>FIG. 19</b> Pierre Daveau com 21 anos . . . . .	28
<b>FIG. 20</b> Perfil de Autigny na Suíça, realizado por Suzanne Daveau em 1946. A parte inferior continua o desenho de cima . . . . .	31
<b>FIG. 21</b> Paisagem argilosa de Gap, pintada por Suzanne Daveau em 1950 . . . . .	32
<b>FIG. 22</b> Localização de Gap e de Besançon locais detrabalho de Suzanne Daveau . . . . .	32
<b>FIG. 23</b> Localização do Jura na fronteira franco-suíça, preparado por Suzanne Daveau . . . . .	33
<b>FIG. 24</b> Suzann Daveau no Jura em 1952 . . . . .	34
<b>FIG. 25</b> Participantes na excursão à Alsácia, 1946 . . . . .	35
<b>FIG. 26</b> Suzanne Daveau à esquerda numa excursão em Libault, 1947. . . . .	35

<b>FIG. 27</b> Participantes na excursão interuniversitária à Bretanha de 1948. Suzanne Daveau está no primeiro plano à esquerda e Sylvie Rimbert ao centro . . . . .	35
<b>FIG. 28</b> Suzanne Daveau (no último plano) com amigas em Chamonix, 1957. . . . .	35
<b>FIG. 29</b> Pintura da costa da Bretanha por Suzanne Daveau. . . . .	36
<b>FIG. 30</b> Suzanne Daveau no Jura, estudando depósitos de vertente da Aiguille, 1957. . . . .	37

## II. O ciclo africano

<b>FIG. 1</b> O autocarro dos excursionistas ao Sahara em 1954 . . . . .	41
<b>FIG. 2</b> Acampamento no Hoggar em 1954, vendo-se à esquerda a traseira do autocarro. . . . .	41
<b>FIG. 3</b> O pedregoso Hoggar e na base as tendas dos viajantes, 1954 . . . . .	41
<b>FIG. 4</b> Imagem de Ghardhaia em 1954 . . . . .	41
<b>FIG. 5</b> Edifício do IFAN em Saint Louis, 1956 . . . . .	42
<b>FIG. 6</b> Bairro dos pescadores em Saint Louis . . . . .	42
<b>FIG. 7</b> M'Bow na companhia de senegaleses, 1956 . . . . .	42
<b>FIG. 8</b> Habitantes de Dembaréné em 1956 . . . . .	42
<b>FIG. 9</b> Aldeia de Dembaréné, Senegal oriental, 1956 . . . . .	43
<b>FIG. 10</b> Celeiros de Bandiagara com telhado cônico, Mali 1956 . . . . .	44
<b>FIG. 11</b> Festa Dogon vendo-se ao fundo europeus, 1956 . . . . .	44
<b>FIG. 12</b> Subida ao telhado da casa do falecido que se homenageia, 1956. . . . .	44
<b>FIG. 13</b> Um grupo de rapazes Dogon em Bandiagara, 1956 . . . . .	45
<b>FIG. 14</b> Construção de casa circular em Bady no Senegal, 1957 . . . . .	45
<b>FIG. 15</b> Aspecto da escarpa de Bandiagara, 1956. . . . .	46
<b>FIG. 16</b> Suzanne Daveau com acompanhantes em Bandiagara . . . . .	46
<b>FIG. 17</b> Locais percorridos e estudados por Suzanne Daveau na AOF (esboço da própria) . . . . .	47
<b>FIG. 18</b> Aldeia piscatória de Cayar, perto de Dakar, 1958 . . . . .	48
<b>FIG. 19</b> Pescadores regressam do mar, 1958 . . . . .	48
<b>FIG. 20</b> Vista aérea da Península de Dakar, 1960. . . . .	48
<b>FIG. 21</b> Aspecto da Universidade de Dakar em 1964 . . . . .	48
<b>FIG. 22</b> Partida para uma excursão com alunos da Universidade de Dakar, 1957 . . . . .	49
<b>FIG. 23</b> Excursão com alunos e Pélissier, 1959 . . . . .	49
<b>FIG. 24</b> Casamance, casa de feiteiro, 1958 . . . . .	49
<b>FIG. 25</b> Pélissier ensina os rapazes a descascar batatas numa excursão em 1956 . . . . .	50

<b>FIG. 26</b> O duro trabalho de preparação do solo para o arroz, 1956. . . . .	50
<b>FIG. 27</b> Celeiros no Senegal do Sul, 1958 . . . . .	50
<b>FIG. 28</b> Raparigas trabalham no campo, 1958 . . . . .	50
<b>FIG. 29</b> Mulheres com arroz à cabeça em aldeia mandinga de Casamance, 1958 . . . . .	50
<b>FIG. 30</b> Casa Basil em Casamance, 1958 . . . . .	51
<b>FIG. 31</b> Moendo o cereal numa aldeia mandinga em Casamance, 1960 . . . . .	51
<b>FIG. 32</b> Piroga com bicicletas no Rio Songrougrou, Casamance 1960 . . . . .	51
<b>FIG. 33</b> Locais visitados por Suzanne Daveau no continente africano . . . . .	52
<b>FIG. 34</b> Mulheres a desfilar o algodão e a fiar no Senegal oriental, 1963 . . . . .	53
<b>FIG. 35</b> Aldeia Kerkon no Burkina Faso na base da escarpa de Banfora, 1959 . . . . .	53
<b>FIG. 36</b> Suzanne Daveau em Banfora no topo de uma escarpa em Banfora . . . . .	54
<b>FIG. 37</b> Numa excursão ao Assabe em 1960 vê-se atrás, com chapéu, a jovem francesa que acompanhou Susanne Daveau a Banfora . . . . .	54
<b>FIG. 38</b> Raparigas do Burkina Faso a transportar sorgo para a aldeia, 1959. . . . .	54
<b>FIG. 39</b> Mercado onde se faz comida para venda no Burkina Faso, Banfora, 1959. . . . .	54
<b>FIG. 40</b> Aldeia de Bancumana na região de Segou no Níger, 1959. . . . .	54
<b>FIG. 41</b> Casas cónicas em Badiar com espaço exterior abrigado do sol e sebes para o gado, Guiné 1959. . . . .	55
<b>FIG. 42</b> Caçador da Guiné Conakri, 1963 . . . . .	55
<b>FIG. 43</b> Desembarque de mercadorias dos navios que se vêem ao fundo, antes de construído o porto, Ghana 1959 . . . . .	56
<b>FIG. 44</b> Estrada através da floresta tropical no Ghana, 1959. . . . .	56
<b>FIG. 45</b> Na estrada do Burkina Faso para o litoral do Ghana, transporte de um barco escavado num só tronco, 1959 . . . . .	56
<b>FIG. 46</b> Aldeia de Somona no Mali, 1959 . . . . .	57
<b>FIG. 47</b> Homens a jogar uma espécie de xadrez, com peças improvisadas e furos no chão . . . . .	57
<b>FIG. 48</b> Mulheres a trabalhar numa horta, Mali, 1959 . . . . .	57
<b>FIG. 49</b> Vista do Adrar na Mauritânia, 1958. . . . .	59
<b>FIG. 50</b> Partida para uma expedição arqueológica a Tegdahoust, 1963 . . . . .	59
<b>FIG. 51</b> Jean Devisse carregando o camião numa expedição à Mauritânia em 1960 . . . . .	59
<b>FIG. 52</b> Dunas no Tagant na Mauritânia em 1965 . . . . .	60
<b>FIG. 53</b> Aldeia na região de Assaba na Mauritânia, 1960 . . . . .	60
<b>FIG. 54</b> Um burro carrega materiais de construção no Tangant, 1963 . . . . .	60
<b>FIG. 55</b> O gado aguarda pacientemente a vez de beber em Tuidermi, Mauritânia, 1965 . . . . .	60
<b>FIG. 56</b> Estocolmo, na Suécia em 1960 . . . . .	61
<b>FIG. 57</b> Honningsverg na Noruega, 1960 . . . . .	61
<b>FIG. 58</b> Fábrica de papel de Kemir na Finlândia, 1960 . . . . .	61

<b>FIG. 59</b> O porto de Moçâmedes (actual Namibe), Angola 1961 . . . . .	62
<b>FIG. 60</b> <i>Welwitschia Mirabilis</i> , espécie que só existe no deserto do Namibe, Angola . . . . .	62
<b>FIG. 61</b> Inselbergue na região de Nampula em Moçambique, 1961 . . . . .	62
<b>FIG. 62</b> Uma rua arborizada na Ilha de Moçambique, 1961 . . . . .	62
<b>FIG. 63</b> Aldeia de Vila Cabral, Moçambique, 1961 . . . . .	63
<b>FIG. 64</b> Maxime Lamotte, à esquerda, na aldeia de Bénékoro da Serra Leoa, 1963 . . . . .	64
<b>FIG. 66</b> Aldeia de Keimadougou na Serra Leoa, 1953 . . . . .	64
<b>FIG. 65</b> Os carregadores da bagagem na deslocação aos Montes Loma . . . . .	64
<b>FIG. 67</b> Perto do rio Denkalé na Serra Leoa, 1963 . . . . .	64
<b>FIG. 68</b> Os Montes Loma vistos de Keimadugu, 1963. . . . .	65
<b>FIG. 69</b> Meninos na aldeia de Ait Oufilla no médio Atlas, 1960 . . . . .	66
<b>FIG. 70</b> O Palácio Real marroquino em Fez, 1960 . . . . .	66
<b>FIG. 71</b> Aldeia de Zaouia Sidi Abbelali na encosta sul do Atlas, 1960 . . . . .	66
<b>FIG. 72</b> Garganta em formações calcárias no Atlas marroquino . . . . .	66
<b>FIG. 73</b> Capa do livro de Suzanne Daveau sobre a África Ocidental . . . . .	67

### III. Portugal: investigação e ensino

<b>FIG. 1</b> Trabalhando na cultura do arroz no vale do Sorraia, 1965. . . . .	69
<b>FIG. 2</b> O Aqueduto das Águas Livres na área de Alcântara, 1964 . . . . .	70
<b>FIG. 3</b> O porto de Sines, 1965 . . . . .	70
<b>FIG. 4</b> Vista dos telhados da baixa de Lisboa, 1963. . . . .	70
<b>FIG. 5</b> Vista da Ribeira no Porto, 1965. . . . .	71
<b>FIG. 6</b> Cabeçudos, no Alentejo, com Orlando Ribeiro, 1965. . . . .	72
<b>FIG. 7</b> Vista de Elvas, 1966 . . . . .	72
<b>FIG. 8</b> Uma rua de Campo Maior, 1966 . . . . .	72
<b>FIG. 9</b> Campo florido no vale do Sorraia, 1965 . . . . .	72
<b>FIG. 10</b> Socalcos em Monchique, 1964 . . . . .	72
<b>FIG. 11</b> Loriga, na Serra da Estrela, 1966 . . . . .	73
<b>FIG. 12</b> Suzanne Daveau na Serra da Estrela em 1966 . . . . .	74
<b>FIG. 13</b> Autocarro de emigrantes, Melgaço, 1976 . . . . .	75
<b>FIG. 14</b> Casas de granito, Lamas, S.º Antão, 1974 . . . . .	75
<b>FIG. 15</b> Rua comercial em Viseu . . . . .	76
<b>FIG. 16</b> Cabo de S. Vicente, 1983. . . . .	76
<b>FIG. 17</b> A margem atlântica da Península Ibérica . . . . .	77
<b>FIG. 18</b> Bloco diagrama da Torres Vedras . . . . .	78
<b>FIG. 19</b> Vertente na Serra da Lousa, área pesquisada nos anos 70 . . . . .	79
<b>FIG. 20</b> Tipos de Inverno . . . . .	81
<b>FIG. 21</b> Tipos de Verão . . . . .	81
<b>FIG. 22</b> Evolução holocénica da bacia do Tejo. . . . .	82
<b>FIG. 23</b> Capa Cartes et Géomatique . . . . .	82
<b>FIG. 24</b> Capa História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal . . . . .	82
<b>FIG. 25</b> Igreja românica, em Alfaiate, 1967 . . . . .	83
<b>FIG. 26</b> Casas de Montemuro, 1981 . . . . .	84
<b>FIG. 27</b> Na Sª da Lousã abrindo caminho para o jeep . . . . .	85
<b>FIG. 28</b> Garganta na livraria do Mondego. . . . .	85

<b>FIG. 29</b> Pormenor de uma latada a NW de Guimarães	85
<b>FIG. 30</b> Plataforma de abrasão no Magoito	86
<b>FIG. 31</b> Suzanne Daveau com João Garcia e Luís Amaral em Trás-os-Montes 1986(?)	87
<b>FIG. 32</b> Capa de Portugal Geográfico	87
<b>FIG. 33</b> Capa do livro Douro de Portugal I – O sabor da Terra	87
<b>FIG. 34</b> Capa de Ambiente Geográfico Natural	87
<b>FIG. 35</b> Caderno de Documentos de Geografia Regional I, 1979	89
<b>FIG. 36</b> Página manuscrita sobre o relevo no Caderno de Documentos de Geografia Física, 1984-85	90
<b>FIG. 37</b> Tipos de modelado e relevo, no <i>Caderno de Documentos de Geografia Física</i> , 1983	90
<b>FIG. 38</b> Catálogo da Exposição Comemorativa do nascimento de Orlando Ribeiro, BNP, 2011.	93
<b>FIG. 39</b> Orlando Ribeiro, Caderno de campo da Guiné, 2010	93
<b>FIG. 40</b> Correspondência entre Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro, 2011.	93
<b>FIG. 41</b> Orlando Ribeiro, Universidade, Ciência e Cidadania, 2014.	93
<b>FIG. 42</b> Portugal – o Sabor da Terra, 2010	95
<b>FIG. 43</b> O relevo de Portugal, 2004	95
<b>FIG. 44</b> O Códice de Hamburgo, 2010.	95
<b>FIG. 45</b> Temas de investigações de Suzanne Daveau nas regiões onde trabalhou (1950-2013)	96
<b>FIG. 46</b> Número de publicações de Suzanne Daveau por grandes áreas (1950-2014).	97
<b>FIG. 47</b> Na descida da Ilha de Tarquina no Lago Titicaca um grupo de crianças observa a Professora a desenhar, 2005	98
<b>FIG. 48</b> Suzanne Daveau toma notas no Perú, enquanto Christine-de-Roo, a observa curiosa, 2005	98
<b>FIG. 49</b> Em Monsarraz com a irmã Françoise em 2012	99
<b>FIG. 50</b> Suzanne Daveau perto de Ghadames, na Líbia, 2008.	99
<b>FIG. 51</b> Com um grupo de amigos na sua residência em Vale de Lobos, 2012.	100
<b>FIG. 52</b> Na varanda da casa de Vale de Lobos com Sylvie Rimbart, 2013.	100
<b>Anexo 3 – Esboços de viagem de Suzanne Daveau</b>	
<b>FIG. 1</b> Desenho de campo de Monument Valley, Estados Unidos, 1965	108
<b>FIG. 2</b> Esboço da área de Calecute, Angola, 1969	108
<b>FIG. 3</b> Karnak, Egipto, 2000	109
<b>FIG. 4</b> Fotografia e esboço de Karmrakat na Arménia, 2002.	110
<b>FIG. 5</b> Cúpula de gelo, glaciar e lago de Grey, Chile, 2004	110
<b>FIG. 6</b> O Potala em Lhasa no Tibete, 2005	111
<b>FIG. 7</b> Casas tibetanas trapezoidais, 2005	111
<b>FIG. 8</b> O mosteiro de Terdron no fundo de uma garganta, Tibete, 2005	112
<b>FIG. 9</b> Machu-Pichu no Perú, 2005	112
<b>FIG. 10</b> Ollantaytombo, Perú, 2005	112
<b>Recordações da nossa infância</b>	
<b>FIG. 1</b> A droguaria da família na Rue de Belleville, Paris	133

<b>FIG. 2</b> Na praia de Batz em 1938	134
<b>FIG. 3</b> A gruta descoberta num passeio na floresta de Fontainebleau, meados de 1930	134
<b>FIG. 4</b> A gruta de gelo, no glaciar de Bossons, Chamonix, 1939.	134
<b>FIG. 5</b> A família em fuga de Paris no Delage	135
<b>FIG. 6</b> Vários carros sobrecarregados de bagagem e de pessoas, numa estrada perto de Limoges	135
<b>FIG. 7</b> Suzanne e Françoise costumam os seus vestidos na mesa da sala de jantar	135
<b>FIG. 8</b> Suzanne estuda numa mesa, aconchegada a um canto.	135
<b>FIG. 9</b> A fachada da droguaria enfeitada, no dia 25 de Agosto de 1944	136
<b>FIG. 10</b> Barricadas, na esquina entre a Rue de Belleville e a Rue des Pyrénées	136
<b>FIG. 11</b> Nos Alpes, Suzanne ensina Geografia ao pai e aos irmãos	136

### Café-géo em Belleville

<b>FIG. 1</b> As fortificações parisienses na área de Belleville	142
<b>FIG. 2</b> A ocupação do solo em 1850.	143
<b>FIG. 3</b> O Espaço Louise Michel	144
<b>FIG. 4</b> A área de Belleville no século XVIII	145

### Cinquenta anos de visitas a Portugal – cinquenta anos de laços amigáveis com Suzanne Daveau

<b>FIG. 1</b> Excursão de estudantes de geografia alemães a serem observados na Costa Nova em Aveiro, Setembro de 1974	149
<b>FIG. 2</b> Crianças olhando os estudantes alemães à porta do autocarro em Braga, Março de 1965.	149
<b>FIG. 3</b> Trilho de Muas a Lamas do Olo na Serra de Alvão, Abril de 1965	151
<b>FIG. 4</b> Microfilme produzido e enviado para a Alemanha pela Biblioteca Nacional	152
<b>FIG. 5</b> Perspectiva do acesso à “Ponte Salazar” em Lisboa, Abril de 1966	154
<b>FIG. 6</b> Suzanne Daveau na plataforma calcária carsificada em Peniche, Março de 1967	157
<b>FIG. 7</b> Da direita para a esquerda: Jean Dresch, Suzanne Daveau, A. de Brum Ferreira. Em primeiro plano à esquerda Orlando Ribeiro (sentado)	158
<b>FIG. 8</b> Controlo do autocarro dos estudantes alemães em Setembro de 1974 (o autocarro é português)	160
<b>FIG. 9</b> Bodo Freund em Pinhal Novo, em Agosto de 1998	164
<b>FIG. 10</b> Estudantes em Lisboa, Maio de 2004.	168
<b>FIG. 11</b> Um camponês de Penha Garcia na Beira Baixa mostra mel em atitude humilde, Março de 1967	169

### Os mapas antigos de Suzanne Daveau

<b>FIG. 1</b> Capa de <i>A Pintura do Mundo...</i>	174
<b>FIG. 2</b> Capa de <i>Lugares e regiões em mapas antigos</i>	176
<b>FIG. 3</b> Capa de <i>História da Cartografia Portuguesa</i>	178

